BSB Bayerische StaatsBibliothek
MDZ Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 2

Lisboa (1786)
Port. 36 m-2
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020055-7

Fort 36 m

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS;
OFFERECIDA
Á RAINHA NOSSA SENHORA
D. MARIA I.

POR
DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO II.

LISBOA,
Na Typografia Rollandiana.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO IV.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Succeſſos da Luſitania no primeiro Seculo depois de Jeſu Chriſto.

COM o Naſcimento de Jeſu Chriſto acabou no Tomo precedente a *Hiſtoria Antiga*, e nelle deixamos o Reino de Portugal, e toda Heſpanha ſugeitos aos Romanos, que os dominavaõ, e os inſtruiaõ. Com o meſmo Naſcimen- Ann. antes da éra vul. 1

Ann. antes da éra vul. I

to augusto teve principio a *Historia Moderna*, e as Monarquias Novas formadas das desmembrações do grande corpo do Imperio Romano, quando para os altos designios da Providencia já naõ era necessaria a unidade de tantas Nações debaixo do dominio de hum só Chéfe para maior, e mais facil commodidade dos Operarios do Evangelho, que anunciáraõ a todo o Mundo, a maior parte delle dominado entaõ pelos mesmos Romanos.

Naquella Época feliz principiou o Tempo Historico a ser muito mais luminoso, a brilhar a verdade com explendores mais radiantes, os juizos com illuminaçaõ mais clara, como encaminhados pelas luzes de outros Mestres. Nós porém para a narraçaõ da nossa Historia Portugueza desde o ponto da dita Época, até ao fim do Governo do Conde D. Henrique, Tronco dos nossos Soberanos, aonde ha de acabar este Segundo Tomo, entramos a sondar hum abysmo de incertezas, a vadear hum pégo de esquecimentos; e por isso naõ só resalvaremos a verdade, e verosimi-

li-

lidade com repetir *ſendo como dizem*, ou *ſegundo ſe preſume*; mas uſaremos de huma brevidade em partes com tal rapidez, que a preſſa da carreira ſeja hum indicio, de que deſejamos fugir dos tropeços, em que muitos cahíraõ pelo demaſiado vagar com que andáraõ conduzidos por guias pouco práticas. Ann. antes da éra vul. 1

Deſde o principio deſte primeiro Seculo depois de Jeſu Chriſto, que eu vou a tratar, até a invaſaõ dos Alanos, e Suevos, ſe entaõ em Heſpanha naõ era tudo ſilencio, o que ſe percebia naõ paſſavaõ de humas vozes tartamudas, ou taõ balbucientes, que até hoje fazem nos ouvidos delicados bem pouca harmonia, que lhes ſeja deleitavel. Depois diſto, a falta de Monumentos daquellas idades confunde as memorias, e a ferocidade das Naçõeſ barbaras, que nos dominaraõ, eſmagou debaixo de ſi, e do ſeu pezo todos os ſoccorros neceſſarios para a ſubſiſtencia das lembranças. A valentia dos Godos, que tanto eſtrondo fez no Mundo, ella tinha por injúria, que as Letras a auxiliaſſem, e que as pennas

ſe

Ann. antes da éra vul. 1

se uniſſem ás eſpadas. O furor dos Mouros, depois de aſſolar Heſpanha, fez perder a Luſitania, com os ſeus antigos limites, as mais illuſtres memorias.

No principio pois deſte Seculo gozava o Mundo o beneficio da paz geral de Auguſto, de que a Luſitania era participante, e nos aſſeguraõ, que neſta feliz tranquillidade, ella antepunha o amavel ſocego ao deſejo anciofo da ſua appetecida liberdade. Tudo entre os Luſitanos eraõ idéas pacificas, tudo harmonia taõ concorde, que ſabiaõ vencer a violencia para moſtrarem, que viviaõ ſatisfeitos debaixo do mando dos Legados, e Pretores Imperiaes Quadrato, e Tito-Flavio Claudiano, que por elles foraõ obſequiados com Inſcripçõeſ honroſas de longa duraçaõ na Luſitania.

Era vulg. Quatorze annos depois da vinda de Jeſu Chriſto imperou Auguſto Ceſar, que adoptou para ſeu Succeſſor a Tiberio; que fez acçõeſ muito grandes; que conſeguio para os homens vantagens naõ vulgares; mas com a ſua mor-

te

te eſpirou a felecidade do ſeu tempo. Era vulg. 14
Os Luſitanos, como dizem as noſſas Choronicas, fizeraõ entaõ públicos os extremos da ſua dor, ſenſiveis á gratidaõ, como ſem ſentimento na perda da antiga liberdade. Logo ſe eſqueceo a primeira, e renovou a memoria da ſegunda com o novo Governo de Tiberio, que fomentando a cubiça do ſeu Proconſul Vivio-Sereno, eſtimou mais os holocauſtos do noſſo ouro, que lhe liſongeavaõ a avareza, do que os ſacrificios dos noſſos coraçõẽs offerecidos para lhe mover a vontade. Por iſſo elle impedio aos Luſitanos, que a ſua peſſoa, e a de ſua mãi Livina levantaſſem hum Templo, aonde os cultos de Deidade podiaõ atar as mãos para naõ acceitarem outras victimas além das da fidelidade, e amor.

Dizem, que por eſtes tempos a 37
fama de Tito-Livio obrigára muitos Luſitanos a fazer a jornada de Roma para ſe moſtrarem á illuminada Curia, que elles tinhaõ tanta inclinaçaõ ás Letras, como propenſaõ para as armas. Segundo a opiniaõ de Plinio, outros

Lu-

Era vulg. Luſitanos paſſáraõ a Roma como Embaixadores dos ſeus Póvos mandados a Tiberio, para lhe darem parte do homem marinho, que apparecêra na cóſta de Lisboa: monſtros, que naõ podemos duvidar ſe criaõ no mar ſem derrotarmos authoridades taõ grandes, como ſaõ as de Damiaõ de Goes, de Luiz Vives, de Alberto Magno, e de outros ſemelhantes, que cita o *P. Feijó no VI. Tomo do ſeu Theatro Critico*, aonde trata da real exiſtencia deſtes monſtros.

41 Com pouca differença nos genios vio Roma em Caligula outro Tiberio. Elle para uſurpar a Deos a independente Soberania, mandou collocar a ſua Eſtatua no Templo de Jeruſalem. Soube a ſua induſtria eſcolher tempo, em que lhe era conveniente cobrir as inclinaçõeſ com arte; mas com maior facilidade elle rompia a violencia com petulancia ſem forçar a condiçaõ. Foi Caligula hum Principe, que deſprezou a Homero, a Virgilio, a Tito-Livio, e que criou Sacerdotes para o ſeu culto:

to: eſtravagancias a que deo fim o Tribuno Cherea, tirando-lhe a vida. Era vulg. 4

Já por eſte tempo a voz dos Apoſtolos tinha ſido ouvida por toda a terra, e nelle gozou Luſitania a ſua maior felicidade com a boa nova do Evangelho, que lhe foi anunciada pelo Apoſtolo Sant-Iago, primeiro nella, e com Galliza, que em outra alguma parte de Heſpanha. Nas noſſas Regiões, até entaõ barbaras, e idolatras, foi conhecido o Deos Verdadeiro, e Jeſu Chriſto que elle mandou, como Inſtrumento Divino da Reconciliaçaõ, tantos Seculos deſejada, já felizmente conſeguida.

Entaõ foraõ lançados os fundamentos á Igreja Primacial de Braga, a mais antiga de todas as Sés de Heſpanha, aonde Sant-Iago deixou por primeiro Prelado a S. Pedro de Rates, que era hum dos Diſcipulos, que em Galliza regenerára com o leite racional da doutrina Apoſtolica. Nove Diſcipulos havia elle eſcolhido em Heſpanha, e quando teve de voltar a Jeruſalem levou comſigo ſete, que depois foraõ

os

Era vulg. 41

os condutores do ſeu bemaventurado corpo para Compoſtela em Galliza, aonde jaz honrado até hoje com a frequencia das viſitas, e cultos dos Fieis das partes mais remotas da terra. Além de S. Pedro de Rates, que ficou em Braga, o Santo Apoſtolo deixou nomeado a Torcato, outro dos ſeus nove Diſcipulos, por Biſpo de Citania, que era huma Cidade illuſtre, de que apenas ſe conſerva a memoria do lugar junto ao Ave, entre Braga, e Guimarães.

Foraõ eſtes nove homens os felices Protomartyres da ſua Provincia, que tiveraõ por companheiro na ventura hum numeroſo eſquadraõ de Luſitanos, que na grandeza dos prodigios, no paſmoſo da conſtancia, e no número das peſſoas igualmente ſe confunde: milagres em fim de huma Fé robuſta nos tyrocinios de huma Religiaõ nova; mas verdadeiramente divina, divinamente promulgada.

Aſſegura-ſe, que correndo eſtas idades fora Herodes deſterrado para Heſpanha, e viera para o lugar de Rodio

dio em Luſitania, aonde diz a Vene- Era vulg.
ravel Maria de Agreda, que por or-
dem de Deos lhe tiráraõ os Demonios
a vida com os exquiſitos tormentos,
que mereciaõ as ſuas enormes malda-
des.

Havia o Senado Romano approva- 54
do a eleiçaõ de Claudio, que na fra-
queza das armas participou dos quime-
ricos triunfos de ſeu ſobrinho Caligu-
la. Elle deſterrou de Roma todos os
Judeos, e Chriſtãos, que lhe parecê-
raõ conformes nos ſentimentos deſi-
guaes aos do gentiliſmo, e deixou em
ſeu enteado Néro, filho de Agrippi-
na, o perſeguidor mais inexoravel dos
ſegundos. No governo deſte Impera-
dor principiou Luſitania a enviar para
o Ceo em eſquadrões numeroſos as
primicias dos ſeus Martyres, que ſa-
crificáraõ as vidas a Deos, honraraõ a
Patria com o ſeu ſangue, que taõ bem
rubricou o teſtemunho da verdadeira
Fé, que haviaõ profeſſado.

Foraõ aquelles Eſquadrões acom-
panhados na marcha pelo ſeu Capitaõ
S. Pedro de Rates, primeiro Arcebiſ-

po

Era vulg. 54

po de Braga, a quem seguirão as suas Ovelhas Susana, Torcato, e Cocufate todos irmãos, o Bispo Silvestre, e o menino Victor. Nas praias de Sines arrojárão as ondas ao corpo do Romano S. Torpes, que antes de ser amigo de Deos, tinha sido intimo privado de Néro. Passos semelhantes aos deste Tyranno tinha dado Herodes em Jerusalem, aonde antes dera deshumana morte ao Apostolo Sant-Iago, que coroou os seus merecimentos com a aureola gloriosa do martyrio.

Agora foi o seu corpo trazido a Hespanha pelos seus sete Discipulos, de que ha pouco fizemos memoria, e que em seis dias navegárão os vastos mares, que vão de Jope a Galliza: Milagres estupendos, e innumeraveis obrou Deos com a vinda destas Reliquias preciosas, contando-se por hum dos maiores abrandar a dureza, e obstinação da idolatra Rainha Loba, ou Luparia, que convencida pela efficacia da doutrina, e pela evidencia dos prodigios, deo a Cidade de Compostella pa-

para o mais memoravel de todos os Santuarios de Heſpanha. Era vulg. 54

Quando a conſtancia, e Fé dos Luſitanos confundiaõ a impiedade, as proezas do ſeu nacional Diocles eraõ neſtes annos as admiraçõ̃es de Roma. Elle nas arêas dos ſeus Amfitheatros, e Circos, com differente número de carros, e cavallos da quadrilha, e facçaõ Ruſata, alcançou victorias a centos, que podiaõ̃ perder a eſtimaçaõ̃ por vulgares, ſobre os mais robuſtos Athletas de todas as outras quadrilhas, e facçõ̃es.

Néro já namorado da formoſura de Popea, para gozar o ſeu amor ſem ſuſtos, e deſenfrear o brutal appetite, que taõ̃ deſeſtrado fim traçou a Popea, mandou governar a Luſitania por ſeu marido Otho Silvio. A brandura, e affabilidade com que Otho ſe conduzio entre os Luſitanos, como meios os mais efficazes de attrahir os ſeus genios ferozes, elles lhe pagáraõ̃ os obſequios com os effectivos concurſos, que deraõ̃ para obter o Diadema Imperial; que a gratidaõ̃ aos beneficios

foi

Era vulg. foi ſempre o caracter eſpecial dos Luſitanos.

66 Por eſtes tempos já Néro naõ parecia, como no principio do ſeu governo, pai da Patria, Principe perfeito, Diſcipulo de Seneca. Elle ſe moſtrava por todos os modos meſtre de abominaçõeſ, homem bruto, verdugo do povo. A impiedade deſenfreada até aos dezatinos o arraſtou a dar deshumana morte a ſua propria mãi, a ſeu Meſtre Seneca, a ſeu amigo Burrho, a por fogo a Roma, para que imputando eſte crime aos Chriſtãos, ſobre elles cahiſſe derramada a crueldade. Na perſeguiçaõ, que elle lhes moveo, perdêraõ a vida os Principes doś Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, muitos homens de virtude conſummada, e pela Luſitania, aſſim como pelas mais Provincias do Imperio, corrêraõ rios de ſangue, que ſervíraõ de copioſo rego para maior producçaõ da ſemente da palavra Divina.

69 Matou-ſe a ſi meſmo Néro, verdugo de tantas vidas, e entaõ foi, que facçõeſ differentes fizeraõ acclamar

mar Imperadores a Galba, Vitellio, Vespasiano, e Otho, que foi auxiliado pelos Lusitanos como fica dito. Entre elles adquirio grande gloria nestas desavenças Emilio Pacense, natural de Beja, que então se chamava Cidade Pacense, merecendo, que Roma lhe premiasse o esforço com a dignidade Tribunicia. Era vulg. 69

Vespasiano fazia então a guerra em Judéa, que deixou encarregada a seu filho Tito, e veio adiantar as ventagens, que o seu partido levava sobre os dos outros inaugurados Cesares. Elle poz a Roma em socego, e Lusitania, que tanto lhe deveo, conseguio delle felicidade semelhante. Com obras magnificas a illustrou Vespasiano. As muitas com que illuminou, e fez então brilhante a Villa de Chaves, a obrigarão a tomar delle em reconhecimento o nome de Aguas Flavias. Longos seculos se conservarão em Lusitania memorias de Vespasiano no monte, que se chamou Giresio pelo celebre giro, ou caminho circular de quinze leguas, que hia de Braga a Orense, aonde se rom-

Era vulg. romperaõ aſperas, e intractaveis fragoſidades.

75 Breve alegria deraõ ao mundo as muitas virtudes mettidas em uſo por Tito, filho, e Succeſſor de Veſpaſiano; morto com veneno na flor dos annos por ſeu irmaõ Domiciano o famoſo triunfante de Judéa, muitos Seculos antes de ſer homem dado a conhecer pelo nome de Capitaõ futuro, como inſtrumento deſignado pelo Ceo para a aſſolaçaõ perpetua da Jeruſalem Deicida. Era entaõ Queſtor em Heſpanha Plinio, o grande indagador dos ſegredos da natureza, que vio fazer na Luſitania a repartiçaõ das trez Comarcas, que reconheciaõ por ſuas capitaes a Merida, Beja, e Santarem. Além deſtas Comarcas, eraõ na Luſitania muitas as Colonias, e Municipios Romanos, maior de todas a de Braga, que em vinte, e quatro Cidades com ſeus deſtrictos, dizem que contava cento, e ſetenta, e cinco mil viſinhos.

81 Nada de memoravel nos deixou Domiciano ſenaõ a ſua crueldade, em

que

que foi ſegundo Néro, e aſſaſſinado por tyranno. Nerva, e Trajano ſeus Succeſſores ſe conduzíraõ por modos bem differentes, ſendo ambos juſtos, e bem afortunados. O primeiro ſe ſatisfez com viver pacifico: o ſegundo ampliou o Imperio com conquiſtas glorioſas. Trajano, como ſe aſſegura, era de naçaõ Heſpanhol, e moſtrou em grandes obras a ſua inclinaçaõ á Patria. Huma dellas he a célebre ponte de Alcantara ſobre o Téjo, chamada de Trajano, e ainda que conſtruida a expenſas de muitos Póvos da Luſitania, e concluio as de Chaves, que Veſpaſiano deixára incompletas. Era vulg. 96

Succeſſos memoraveis ſe affirma acontecêraõ por eſſes tempos na Luſitania. Entre elles ſe faz memoria do Luſitano Luſo, que com a ſua corage abafou a rebelliaõ dos Judeos de Cirene, que exterminou da Ilha de Chypre, e mais partes do Levante. Mas quando Luſitania grata a Trajano lhe fazia obſequios, e levantava padrões, a inſolencia dos ſeus Governadores atiçava nella incendios difficultoſos de

Era vulg. 96

apagar. Quaſi geral ſe fez nella a ſediçaõ, que obrigou Trajano a mandar quatorze Legiões para repararem o golpe, que ſe temia deciſivo. Como os Romanos queriaõ atemorizar, derramáraõ o furor, que foi inſtrumento de ruinas lamentaveis. Muitos golpes levaráraõ a garganta dos Póvos, grandes Cidades ficáraõ reduzidas a cinzas, e entre ellas ſe fez ſenſivel o eſtrago da de Lamego, entaõ de alta conſideraçaõ na Luſitania. Outros lugares, que tiveraõ a fortuna de ſervirem os ſeus patricios nas Legiões Romanas, por ſua intervenſaõ evitáraõ os deſtinos fataes dos ſeus viſinhos. Dizem, que Evora deveo beneficio ſemelhante ao ſeu natural Lucio Voconio Paulo, que por ella foi honrado com Eſtatuas, e Inſcripções cheias de louvor, e magnificencia.

Naõ ſe ſabe o anno preciſo deſta rebelliaõ da Luſitania; mas conjecturaſe, que ella ſuccedeo já completo o primeiro Seculo depois de Jeſus Chriſto. Nella ſe entende, que teve origem a Villa de Moura, que derivaõ do nome

me daCidade de Arouce a nova, pro- Era vulg.
xima á dita Villa. Ella parece, que ti-
nha intendencia no governo de Arouce
a velha, ſituada entre Caçala, e Alanis.
No meio do referido tumulto eſtas Re-
públicas ſuſtentáraõ a paz por hum
effeito da prudencia de Marco Atterio
Paulino, Cidadaõ de Arouce a nova,
que o honrou com Eſtatua taõ ſober-
ba, como a que os ſeus antigos mora-
dores haviaõ levantado a Hercules The-
bano, ou como a Protector da Cida-
de, ou por ſerem elles originarios da
grande Thebas do Egypto.

Em fim, no anno 114 do ſegundo 114
Seculo morreo Trajano, e foi admi-
ravel a ſua morte por ſer dada por Deos
immediatamente ſem concurſo dos ho-
mens, como a dos ſeus Predeceſſores.
Taõ pouco ſe reſpeitava naquellas ida-
des o primeiro Diadema do mundo,
que qualquer vapor o offuſcava, qual-
quer maõ ſe lhe atrevia. Mas ſe pela
razaõ referida parece admiravel a mor-
te de Trajano, mais admiravel foi de-
pois della o ſucceſſo da ſua alma. He
conſtante, que laſtimada a caridade

Era vulg. 114

do grande Papa S. Gregorio, de que pela falta da Religiaõ verdadeira ſe condemnaſſe hum Principe taõ juſto, elle com as ſuas orações, como que apertára de ſórte a Deos, que ſem reſiſtencia a ellas, condeſcendêra com os rógos de Gregorio, e ſalvára a Trajano. Se iſto aſſim foi, e o modo por que podia ſer, decidaõ-no os Theologos, que a mim ſó me pertence dizer, qne com a morte de Trajano principiou a decair a gloria do Imperio Romano: grandeza deſmarcada, que naõ ſó eſtava chamando pela ſua ruina; mas que já era deſneceſſaria para os Operarios Evangelicos ſem dependencia de outras Nações ſeparadas girarem pelo mundo univerſo, aonde já tinhaõ ſoado as trombetas da eterna verdade.

Era vulg.

CAPITULO II.

Succeſſos da Luſitania até a entrada das Nações Barbaras no ſeu Continente.

CORRIA o Seculo ſegundo depois de Jeſu Chriſto quando ſubio ao Throno do Imperio Adriano, digno do emprego pelas qualidades herdadas, mais pelas adquiridas. Elle abandonou as conquiſtas de Trajano para ſe empregar na guerra contra os Parthos, deſterrou os Judeos da Paleſtina, reedificou Jeruſalem, que fez chamar Ælia Capitolina, e porque a Luſitania lhe deveo attenções, ella conſervou a ſua memoria, e a de Imperatriz Sabina, que as promovêra. 117

Depois do feliz Governo de Antonino Pio, entráraõ a perturbar o Imperio, e o Mundo as deſordens de Marco Aurelio, e de Lucio Vero. Entaõ ſe ſubleváraõ os Parthos, e os Marcomanos, outros barbaros devaſtáraõ os Imperio, e pela Luſitania entrou 161

Era vulg. 162

trou huma innundaçaõ tal dos rebeldes da Mauritania, que deſde o Promontorio Sacro até a Foz do Douro tudo era ſangue, pilhagem, e incendios. O repente da invaſaõ naõ previſta abafou o valor dos Luſitanos, os brios Romanos ſe abattêraõ á viſta do horror dos eſtragos, e no tropel das confuſões, naõ ſe podia ſoffrer, nem remediar tanto mal.

Aſſegura-ſe porêm, que Lisboa, pela fortaleza do ſitio, ſe defendêra com valor deſtes rebeldes ao Imperio; que o Porto lhes comprára a liberdade por alto preço; que vindo novas Legiões Romanas, unidas aos Luſitanos já recobrados do primeiro ſuſto, corrêraõ todos, ou a fazer mais geral o eſtrago, ou a reprimir o impeto furioſo dos Barbaros. A noticia deſta marcha baſtou para os Mouros ſe embarcarem, ſe medroſos, muito ricos. No Algarve junto ao ſitio, aonde eſteve a famoſa Cidade de Oſſonoba, que hoje ſem diſputa he o lugar de Eſtoi, pelos Monumentos, e Inſcripçõens ha bem pouco tempo deſcobertas nas

pe-

pedras das muralhas da Cidade de Fá- Era vulg.
ro, ſe achou huma, que marcava o
valor, com que o Luſitano Lucio
Quintilio Galiaõ livrára a Patria no
meio dos mais perigoſos conflictos.
Nada reſpectivo a Luſitania nos 260
fornece a Hiſtoria no governo dos de-
ſanove Imperadores, que ſe ſeguíraõ
deſde os que ficaõ nomeados, até ao
tempo do cruel, e covarde Gallieno.
Entaõ ſe dividio o Imperio entre trin- 262
ta Tyrannos, que o reduzíraõ a eſta-
do triſte, e deraõ muito que fazer aos
Imperadores futuros. Entaõ corrêo o
ſangue dos Chriſtãos por todos os am-
bitos do meſmo Imperio. Entaõ Gal-
lieno, fraco, e com as delicias corru-
pto, interpôz o reparo depois do gol-
pe lhe romper a cabeça. Finalmente
entaõ mandou ſuſpender a perſeguiçaõ
contra os Chriſtãos, na qual haviaõ
apoſtado os Biſpos Marcial de Mérida,
e Baſilides de Aſtorga. Contra elles,
e a favor da Fé, que abandonáraõ fra-
geis, ſe poz em campo com corage
Eliano, Diacono de Mérida. Elle con-
vocou o Concilio nacional, em que ſe
achá-

Era vulg. acháraõ os Biſpos Luſitanos, e em que foraõ condemnados, e depoſtos os dous Apoſtatas.

Eſtes dous homens, ſem verdadeira dôr no coraçaõ, ſe moſtráraõ exteriormente arrependidos ao Papa S. Eſtevaõ; mas o Concilio conſultando em Carthago a S. Cypriano, ſe conformou com o ſeu zeloſo parecer, que foi o de ſuſtentar com vigor a juſta pena impoſta pela primeira Sentença. Quando eſte ſucceſſo affligia a piedade dos Luſitanos, o mundo opprimido de trabalhos, ſoffria o flagello de huma peſte quaſi univerſal, a que augmentáraõ os effeitos eſquadrões innumeraveis de Alemanha, talando as Provincias do Imperio com tanta furia, que nem ás pedras perdoava a cólera. Como eſtes homens antes eraõ ladrões, que ſoldados, naõ buſcando domicilio nos Paizes conquiſtados, o que naõ liſongeava a cobiça, dava-ſe de barato ao fogo. Naõ ficou a Luſitania illeza deſta invaſaõ, que ſepultou nas ruinas muitas das ſuas Povoações mais illuſtres.

Nos

Nos governos de Claudio II., e de Aureliano, que ſe ſeguíraõ a Gallieno, principiáraõ a moſtrar ao mundo a ſua ferocidade os Godos, Oſtrogodos, Herulos, e Gepidos. Os ſuſtos que lhes deviaõ cauſar tantas gentes confederadas para arruinar o Imperio, naõ lhes impedio ſoltarem as mãos á crueldade para atacarem como homens abominaveis aos perſeguidos Chriſtãos. Innumeraveis foraõ na Luſitania os que cingíraõ a coroa do martyrio, e entre elles brilhaõ no Ceo como Foſforos luzidos as noſſas Princezas Santa Quiteria, Liberata, e as outras ſete irmãs, que Authores amigos de couſas raras, ſobre lhes darem a fraternidade, que naõ tiveraõ, as repreſentaõ naſcidas de hum ſó parto: Por ſua mãi he nomeada Cagia, mulher do poderoſo Regulo, ou Principe Cathelio, que reinava em huma parte da Luſitania, repreſentado impio pai, e barbaro verdugo, perſeguidor de nove innocentes victimas. Ellas, que a irmandade, que lhes negou a natureza, a conſeguíraõ pela caridade, e pelo mar- Era vulg. 268

Era vulg. martyrio, fugindo, como dizem, á tyrannia do imaginado pai por varias partes de Heſpanha, encontráraõ miniſtros da crueldade, que lhes deraõ pela Fé a deſejada morte.

284 Todo o noſſo continente eſtava dominado por impíos algozes, que naõ conſentiaõ refugio aos opprimidos Chriſtãos. Depois de cinco Imperadores, que ſuccederaõ a Aureliano, ſobio ao Throno em Diocleciano hum monſtro inſaciavel na ſede de ſangue humano. Os ſeus poderes tinha elle delegado em Heſpanha a Daciano, que naõ foi neceſſario ſer muito illuminado interprete para entender nas inſtrucçõẽs a interna intençaõ de ſeu amo. Conforme a ellas tirou Daciano da eſpada para encher o Ceo de triunfos. Quaſi que ficou eſgotado o ſangue da Luſitania aos repetidos golpes do cutelo deſte verdugo, que depois de tirar a vida em Saragoça a Santa Engracia, e a muitos Luſitanos illuſtres, que acompanhavaõ eſta Princeza na jornada de França, aonde hia caſar, paſſou a repreſentar no noſſo theatro multiplicadas

ſce-

ſcenas, a Luſitania laſtimoſas, para o Ceo plauſiveis. Era vulg.

Chegou a Evora a fatal perſeguiçaõ; Cidade, aonde entre muitos ſugeitos robuſtos na Fé, floreciaõ em virtudes, nutridos com a muniçaõ dos fortes na guerra S. Vicente, e ſuas irmãs Sabina, e Criſteta, que podêraõ fugir da prizaõ por lhe eſtar preparada em outro lugar a gloria do martyrio. Avila em Heſpanha ſe enobrece tanto com as ſuas mortes, como Evora na Luſitania com os ſeus naſcimentos. Parece, que com pouca differença de tempo conſeguíraõ felicidade igual em Lisboa os Martyres S. Veriſſimo, e ſuas irmãs Maxima, e Julia, Patronos deſta grande Cidade ſua Patria.

Vinha chegando o tempo predefenido, e guardado nos impreſcrutaveis ſegredos da Providencia para ceſſar a tyrannia, reſpirar a innocencia opprimida, e para a humildade da Cruz, que era patibulo infame dos delinquentes, paſſar a ſer honra da Coroa dos Soberanos. Succedeo no Imperio o bravo, piedoſo, e grande Conſtantino, 306

fi-

Era vulg. filho de Conſtancio Cloro, e da Imperatriz Santa Helena, Princeza de Inglaterra, quadrageſſimo nono na ordem dos Imperadores Romanos. Até
311 ao anno 311 governou elle juntamente com Galerio Armentario, que lhe confirmou o caracter de Ceſar. Oppoz-ſe a eſta reſoluçaõ o covarde, e cruel Maxencio, que ſe fez acclamar Imperador em Roma, e com vã porfia tiveraõ o meſmo projecto Severo, e Licinio.

Por morte do Armentario ficáraõ dominando o Imperio em Pronvincias differentes Conſtantino, Maxencio, e Licinio; mas as tyrannias do ſegundo tocáraõ com tanta ſenſibilidade a Conſtantino, que o obrigáraõ a buſcar na força das armas o ultimo direito dos Principes. Elle marchou de França para entrar em Italia, e ſe arroſtar com Maxencio. Já neſte tempo Conſtantino formava no ſeu interior altas idéas da pureza da Religiaõ Chriſtã, que abominando a multiplicaçaõ de Divindades, a que tambem ſe naõ acommodava o dictame da ſua razaõ natural il-

lu-

luminada, rendia cultos a hum ſó Deos, Era vulg.
Trino nas Peſſoas. Agora foi mais illuſtrado pelo Ceo, que lhe moſtrou no ar, para inſtrumento da ſua victoria, a Inſignia Sagrada da Redempçaõ, a Santa Cruz, que daqui em diante começou a tremolar luminoſa no triunfante Labaro de Conſtantino.

Fortalecido com o ſoccorro divino, continuou elle a marcha até Turim, aonde o eſperava hum poderoſo exercito, que logo foi feito em poſtas. Elle rendeo tudo ſem oppoſiçaõ até Verona, e na célebre batalha do ſeu nome, Conſtantino paſſou á eſpada a maior parte das trópas, que mandava Pompeiano. Em fim, elle appareceo á viſta de Roma, donde ſahio Maxencio para o receber; mas atacado, roto, e affogado no Tibre, Conſtantino entrou triunfante naquella Capital do Mundo conhecido.

Aqui deixou elle ver os primeiros enſaios do ſeu Chriſtianiſmo occulto; mas ſem poder evitar de todo algumas ceremonias públicas do gentiliſmo. Novidades introduzidas em ma-

te-

Era vulg. terias de Religiaõ, quando em hum Povo eſtaõ caſados os máos habitos, he neceſſario que a prudencia os vá depondo com a moderaçaõ circunſpecta, que ſabe evitar os tumultos. Com tudo o Imperador atento, e fervoroſo, mandou levantar Cruzes pelos lugares públicos; promulgou Decretos favoraveis aos Chriſtãos, e abrogou os jogos populares do paganiſmo.

313 Naõ pode Maximino diſſimular a firme fortuna de Conſtantino. Contra elle moveo as armas do Oriente, aonde reinava; mas por toda a parte atacado, e ſempre vencido por Licinio, para naõ cahir no poder deſte ſeu competidor, ſe matou deſeſperado com veneno. Licinio, ſoberbo com as victorias, abandonou a amizade de Conſtantino, e traçou nos triunfos a ſua ruina. Duas vezes desbaratado, elle com a vida perdeó o Imperio, ſempre ſuperſticioſo, e cruel. Entaõ ficou Conſtantino unico Chefe dominante, e com authoridade plena, a que peſſoa alguma podia reſiſtir, protegeo a

Re-

Religiaõ Catholica, edificou Templos, Era vulg.
e reſplandeceo em piedade.

Eu fiz eſta breve digreſſaõ reſpectiva a Conſtantino para ſabermos quem foi o grande Principe, que dominando tanto mundo, Heſpanha, e Luſitania lhe devêraõ atenções particulares. Elle fez ſocegar as muitas perturbações deſtes Eſtados; reprimio em peſſoa o impeto das Nações barbaras, que já neſte tempo inquietavaõ a Galliza, e Andaluzia; mandou celebrar hum Concilio em Toledo, aonde ſe acháraõ muitos dos Biſpos Luſitanos. Neſta Aſſemblea ſe tratáraõ muitos pontos concernentes á diſciplina Eccleſiaſtica, eſpecialmente a diviſaõ das Igrejas Metropolitanas, e a das que haviaõ obedecer como ſuffraganeas a cada huma dellas, como nos querem perſuadir.

Nada que mereça as noſſas atten- 378
ções encontramos na Hiſtoria os annos, que ſe ſeguíraõ até ao Governo do Imperador Valente, famoſo promotor das hereſias do ſeu tempo, e perſeguidor façanhoſo de muitos dos Santos Padres Gregos. Entaõ foi eleito Papa o gran-

de

Era vulg. de S. Damaſo, filho illuſtre da Villa de Guimarães, a pezar das pertenções de Madrid, que pertendeo com todos os esforços fazer-nos o roubo deſta naturalidade, ſe virtuoſo, injuſto. He verdade, que a diſputar-ſe ella, ſó o podem fazer com juſtiça Braga, e Guimarães.

O Breviario Bracarenſe, com Officio proprio, celebra a Damaſo por Santo; e fazendo nós reflexaõ neſta, e outras circunſtancias, podemos deſcobrir, que antigamente em Braga houvera hum bairro, a que chamáraõ Guimarães; e porque nelle poderia naſcer S. Damaſo, ſeria eſta a razaõ de eſcreverem alguns Authores, que elle era natural da Villa, naõ do bairro de Guimarães em Braga. Mas como quer que iſto ſeja, tenha mais força huma, ou outra opiniaõ, ſempre S. Damaſo he Santo Luſitano de Naçaõ. Elle deo grande credito á ſua Patria, e a toda a Igreja pelo zelo ardente, com que ajudado pelo ſeu grande Secretario Saõ Jeronymo, deſempenhou as obrigações de Vigario de Jeſu Chriſto, com que

por

por meio dos Concilios, abateo a alta cerviz dos teimosos Arrianos; e com que reprovou o Sciſma de Priſcilliano, que teve contra ſi por adverſarios invenciveis aos illuminados Biſpos Itacio do Algarve, e Urſacio de Mérida, montantes da verdadeira Fé. Era vulg. 392

Como os inimigos eſtranhos já naõ perſeguiaõ a Igreja, os domeſticos nas hereſias lhe moviaõ muitos generos de perſeguições. Neſtes tempos calamitoſos, em que parecia dominava o erro, neceſſitava ella de hum Protector tal, como o grande Conſtantino. O ſeu Chéfe inviſivel, que naõ deixa, nem deixará nunca prevalecer contra ella as portas do Inferno, ſuſcitou em Theodoſio, de Naçaõ Heſpanhol, e ſua mulher Placila natural de Mérida, como dizem alguns Eſcritores, hum Imperador pio, grande como Conſtantino no ardor, e zelo.

Depois que elle derrotou as idéas, e as forças do tyranno Maximo, que ſe havia levantado com huma parte do Imperio, a Luſitania participou do ſocego das outras Provincias. Eſta tran-

Era vulg. quillidade teve origem nas victorias, que Theodosio ganhou sobre os Sarmatas, Alemães, e Godos, que já corriaõ soltos pelas terras do Imperio: tranquillidade, que foi como a do mar em calma, que se naõ faz soar, para depois nas tempestades dar bramidos, que atroem; porque morto Theodoro, e sobindo aos Thronos Imperiaes do Oriente, e Occidente seus filhos da natureza, naõ do valor, Arcadio, e Honorio, principiou a ser o Mundo confundido, e o Imperio desmembrado pelas bravas Naçoes do Nórte, como nós vamos a ver pelo que nos pertence no Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

Successos da Lusitania até a entrada dos Godos em Hespanha.

393 DOus annos antes da morte do Imperador Theodosio foi seu filho Honorio augurado Cesar do Imperio Occidental; mas como naõ herdou com os Estados as virtudes do pai, na sua fraque-

queza teve origem a decadencia delles, Era vulg.
e a formaçaõ das Monarquias novas.
Do Seminario da geraçaõ humana, como foraõ chamadas as Regiões do Nórte Gothia, Suecia, e Noruega, havia sahido por estes tempos huma innundaçaõ de homens, que como torrente rápida, com o seu número espantou a Europa, com o seu valor a dominou.

Em quanto Honorio, entregue ao 406
ocio indigno da Magestade, se esquecia das obrigações do cargo, os seus bravos Capitães, criaturas da disciplina do grande Theodosio, triunfavaõ de Radagaso, Rei dos Godos, que com duzentos mil homens invadíra a Italia. Alarico, Rei dos Visi-Godos, e sobrinho de Radagaso, despicou as injurias feitas ao tio com vantagens maiores, que ellas. Com a viseira baixa se apresentou Alarico diante dos muros da soberba Roma, até entaõ formidavel ao Mundo, e depois de a render o valor, a saqueou a cubiça.

Honorio se retirou para Ravena 412
quasi sem Imperio; porque os Visi-Godos ficáraõ senhores de Italia; os

Era vulg. Godos com o ſeu Rei Ataulfo ſe eſtabelecêraõ em Heſpanha ; França ſe ſujeitou aos Wandalos , Suevos , e Alanos ; os Capitães de Honorio Marco , e Graciano ſe levantáraõ com Inglaterra , aonde ſe fizeraõ acclamar Imperadores pelos ſoldados , que com eſte titulo authoriſáraõ a morte , que ſucceſſivamente lhes deraõ. Conſtancio novamente eleito pelos meſmos ſoldados, para evitar hum fim igual ao dos dous infelices , fugio para França. Aqui ſoube elle ganhar as vontades das novas gentes eſtabelecidas , ſem levar comſigo mais recommendaçaõ , que a de ſer rebelde a Honorio. Elle formou o alto projecto de conquiſtar Heſpanha , e acompanhado de ſeu filho Conſtante , cobrindo trópas numeroſas , chegou aos Pyreneos.

O deſcuido de Heſpanha ſim prometia felicidades á grande idéa de Conſtancio ; mas os dous irmãos Dimo , e Verinino , que dizem eraõ parentes de Honorio , e naturaes de Placencia , marcháraõ da Luſitania , aonde andavaõ occupados , para impedi-

direm a Conſtancio a paſſagem dos montes. A ſua fortuna a conſeguio, naõ ſem trabalho. Dentro da Luſitania os dous irmãos lhe detiveraõ muitos paſſos, mas os invaſores eraõ tantos, que com a multidaõ os opprimíraõ. O groſſo do exercito era compoſto de Suevos, e Alanos, que foraõ ſeguidos dos Wandalos, e Selingos, que ficáraõ em França, e agora conquiſtadores ſe eſtabelecêraõ em varias partes de Heſpanha, e Luſitania. Daqui em diante a ferocidade barbara de tantas gentes incultas principiou a engroſſar o ar de civilidade, e os eſtylos curiaes, com que os Romanos haviaõ inſtruido aos Heſpanhoes, e Luſitanos. Era vulg.

Na torrente de tantas calamidades teve Honorio duas fortunas, que foraõ a cauſa de naõ perder todo o Imperio. A primeira conſiſtio em caſar ſua irmã Placidia com Ataulfo, guerreiro formidavel, que lhe impedio vaſtas idéas com as meiguices de eſpoſa. A ſegunda foi a de gozar os mais bravos Capitães do ſeu Seculo para fa-

zer

Era vulg. zer ſemblante algumas vezes carregado a tantos inimigos poderoſos, e valentes. Entre todos he memoravel o famoſo Conſtancio, que no anno de 421 foi eleito ſeu adjunto, e a quem deo por mulher a Placidia, já viuva de Ataulfo. Eſte bravo Principe diſſipou grande número de revoltoſos, expulſou os Godos das Gallias, e fizera outras acçõẽs cheias de gloria ſe a morte naõ as atalhára.

Com Reis differentes viviaõ os Eſtrangeiros em Luſitania, e Heſpanha juntos, e conformes. Os Wandalos obedeciaõ a Gunderico, os Suevos a Hermenerico, os Alanos a Reſplandiano. Antes que elles ſe eſtabeleceſſem, foi horrenda a ſua invaſaõ, que ſoltando a corrente nos Pyreneos, alagou innumeraveis Póvos; e penetrado o Paiz, os Wandalos, e Selingos eſcaláraõ a Provincia Betica, que delles foi chamada Wandaluzia, os Suevos, e Alanos leváraõ em preza a Galliza, e Luſitania: Regiões por onde pereceo a maior parte dos ſeus moradores a ferro, a fome, a peſte. Em Lisboa,

boa, Mérida, e Idanha se soffrêraõ os mais pezados golpes. Idolatras, e Arrianos eraõ os novos hospedes, por isso fizeraõ maiores assolações nos Monumentos Sagrados. Para conservar intacta a pureza da Fé, e salvar as reliquias dos Santos, o Arcebispo Pancracio convocou hum Concilio em Braga. Entaõ a constancia christã dos Bispos Lusitanos foi mais poderosa, que todos os esforços das potencias heretica, e gentilica. Era vulg.

Dous annos esteve descarregado este flagello da indignaçaõ Divina sobre os Póvos das Hespanhas. No fim delles, pensando os barbaros, que as ruinas causadas pelo seu furor nas terras conquistadas, e nos provimentos dos moradores, tambem os comprehendia a elles, e que estabelecidos no Paiz faziaõ o mal commum: resolveraõ-se a repartir os campos, e dar aos paisanos as mesmas isenções, que antes gozavaõ. Daqui em diante entráraõ os Lusitanos a gostar mais da sociedade dos Barbaros, que da companhia dos Romanos. Entre elles viviaõ com li- 414

ber-

Era vulg. berdade, que he o maior bem dos homens, e a iſençaõ dos tributos, que he outro igual bem, lhes fazia ſuave o pezo do dominio.

Naõ conſummada eſta conquiſta, morreo Reſplandiano, Rei dos Alanos, e Ataces ſeu Succeſſor regulou com os outros Principes a demarcaçaõ dos confins. Elle ficou com grande parte da Luſitania; com huma porçaõ da Provincia Carthagineza, que ſe eſtendia até ás viſinhanças de Toledo, e elegeo para ſua Corte a Cidade de Mérida. Alguns dos Wandalos, e dos Selingos occupáraõ a Andaluzia. Outros das meſmas Naçõeſ, com os Suevos, dividíraõ entre ſi a Galliza, e o reſto da Luſitania; tudo regulado de maneira, que Lisboa, e a terra, que corre pela cóſta maritima até ao Minho, era dos Suevos. O reſtante dos Wandalos ficou dominando a Caſtella a velha; e ſegundo ſe preſume, as Aſturias, Biſcaia, e algumas terras de Galliza ſe ſuſtentáraõ firmes na fé, e obediencia ao Imperio Romano até á ſua to-

total expulsaõ pelos Godos em dura, e dilatada guerra. Era vulg.

Quando pareciaõ mais unidos os naturaes, e estrangeiros, a ambiçaõ que destempera toda a boa harmonia, perturbou a que se ouvia deleitavel entre estas gentes. Ataces, Sectario da doutrina Arriana, que se deixou dominar daquelle monstro indigno das Coroas, assaltou com rapidez a Celtiberia, e Carpentania. Elle se mostrou com semblante triste ao Rei dos Suevos Hermenerico sobre Lisboa; tomou-lhe algumas das suas terras, e arrasou até aos fundamentos a que entaõ era memoravel Colimbria, hoje chamada Condexa. Quiz Ataces perpetuar a memoria da sua conquista, em que entendeo que o seu valor obrára esmeros gentís oppondo-se a huma resistencia animosa. Elle escolheo as margens do Mondego para fundar na illustre Coimbra hum Colosso immortal para gloria das suas façanhas. Obra logo no principio feita com magnificencia; mas impiamente traçada, por serem assentadas as pedras na cal molhada com

Era vulg. o ſuor dos Biſpos, e Sacerdotes, cativos pelo Rei herege nas correrías paſſadas.

Hermenerico era muito bizarro, e muito valente para ſoffrer calado o injuſto rompimento de Ataces. Elle, confederado com Gunderico, marchou com baſtantes forças a impedir a obra, em que achou occupado ao valeroſo Alano. Sem largar de huma maõ as ferramentas, tendo na outra as armas, Ataces atacou os Colligados com tanta corage, que lhe fez o exercito em poſtas. Como vencedor aguerrido, elle ſoube proſeguir a victoria, e recolher della vantagens. Ataces eſtimou por huma das mais grandes recolher-ſe á ſua nova Cidade acompanhado da virtuoſa Cindaſunda, filha de Hermenerico, que lha deo por mulher, acabando a guerra em alliança feliz, que deo origem ás illuſtres Armas da Cidade de Coimbra.

Taõ grande ecco fez o eſtrondo das proezas de Ataces, que chegou aos ouvidos de Honorio em Ravena. Quando elle ſentia o eſtabelecimento de Conſtancio em França; o de Ataul-

fo

fo na Gallia Narbonenſe; os cuidados ſe lhe augmentáraõ com a noticia das invasões de Ataces nas terras, que em Heſpanha ſeguiaõ a voz do Imperio. Neſta ſituaçaõ critica Honorio tomou o expediente de ordenar ao Principe Conſtancio, em que acabei de fallar, que marchaſſe com forças correſpondentes a reprimir os inſultos commettidos em França, e Heſpanha. A primeira expediçaõ do grande Conſtancio foi em França contra o Tyranno do ſeu meſmo nome, que elle ſitiou na Cidade de Arles. Perdeo a corage o uſurpador, e preſumio ſalvar a vida trocando a Toga Imperial por huma cogula de Religioſo; mas naõ lhe valeo a invençaõ para eſcapar á violencia da juſta, e merecida morte. Era vulg.

Desbaratado, e morto o pai, Conſtancio vencedor determinou dar o meſmo fim a ſeu filho Conſtante. Quando contra elle movia as armas, foi avizado como o Capitaõ Geroncio, tambem rebelde a Honorio, e que pelo defunto Conſtancio ſuſtára em Heſpanha a Carpentania, e Celtiberia, ha-

Era vulg. havia tirado a vida a Conſtante em Vienna do Delfinado. Eſta morte facilitou a Geroncio fazer acclamar por Imperador em Heſpanha a ſeu amigo Maximo ; e querendo teimoſo ſuſtentar-lhe o titulo , os ſoldados Romanos zombando delle , e da ſua covardia , lhe derrotáraõ o projecto com a perda da vida. Eſmaiou Maximo com a falta do ſeu Protector mais induſtrioſo , que valente , e para evitar fim ſemelhante, antes que huma morte de eſtrondo , eſcolheo huma vida miſeravel , occulto , deſconhecido , e pobre , mas ſem ſuſtos , no interior de Heſpanha.

Juſtamente fiava Honorio do famoſo Conſtancio o complemento da ſua felicidade á viſta do modo facil com que elle havia diſſipado a rebeliaõ de França , e reſtituido a Provincia de Inglaterra. Encarregou-lhe o Imperador a guerra contra ſeu cunhado o Godo Ataulfo , que atacado por Conſtancio, foi obrigado a abandonar a Gallia Narbonenſe , e a entrar em Heſpanha pelo Ruiſelhon. Em Catalunha fez Ataulfo o ſeu aſſento ; elegeo por Corte a

Bar-

Barcelona; foi adiantando as conquiſtas até dominar Heſpanha, como irá moſtrando á noſſa Hiſtoria. Era vulg.

Taõ deſmedido era o valor, e dexteridade de Conſtancio, que obrigou o dos Godos a ſuſpender a ferocidade, a reſpeitarem o ſeu nome, a admitirem propoſtas de paz com o Imperio. O Rei dos Alanos Ataces teve por indecoroſo ſeguir eſte exemplo, e ſendo grande o ſeu poder, como ſenhor da maior parte da Luſitania, e de outros muitos Eſtados, fiado nelle, naõ foi continuando as conquiſtas ſobre as Cidades Romanas; mas tratando as Nações Wandala, e Sueva com mageſtade de Soberano, ſendo todos companheiros, A arrogancia, e a ambiçaõ de Ataces aſſim foraõ ao longe traçando a ſua ruina pelos meſmos meios, por onde elle ſe diſpunha para avançar os intereſſes, e a gloria. Toda Heſpanha principiou a arder com o fogo da guerra, que elle atiçou para devorar aos Selingos, e Wandalos, como ſe aos vexados pela iniquidade podeſ-

ſem

Era vulg. ſem faltar amigos, que os livraſſem das mãos da injuſtiça.

418 Entaõ ſe alliou Conſtancio com Walia, Rei dos Godos, que do tempo de Ataulfo ficáraõ dominando em Catalunha, para repararem o golpe, que podia ferir a ambos nos Eſtados reſpectivos. Os bravos campos eſtimulados ſe atacáraõ nos contornos de Mérida, hum empenhado em ganhar terras alheias, outro reſoluto em ſuſtentar as proprias. Largas horas abyſmáraõ as gentilezas de Ataces a corage dos Romanos, e dos Godos em huma batalha, aonde mais que o valor, brigava, e ſe batia huma emulaçaõ com outra. Para naõ ganhar a victoria, parece que foi neceſſario perder Ataces a vida, e ſó eſta perda foi origem de todo o eſtrago. Abandonáraõ a campanha as reliquias deſtroçadas; humas buſcando em Galliza o amparo de Gunderico, que pouco antes haviaõ tratado como inimigo; outras acháraõ refugio entre os Suevos de Lisboa. Conſtancio naõ recolheo em Heſpanha os frutos da victoria pelo chamar a Italia

lia

lia a rebeliaõ de Tertulo, que apertava os eſpiritos de Honorio. Antes de partir encomendou elle a guerra a ſeu amigo Walia, que paſſava com deſembaraço pelas terras mais eſcabroſas de Heſpanha. Era vulg.

CAPITULO IV.

Principio das invasões dos Godos na Europa até ſe fazerem ſenhores de Heſpanha.

DEPOIS que os bravos Godos ſahíraõ das Regiões Septentrionaes, que foraõ o berço commum de tantas Nações intrepidas, e com feliz atrevimento circuláraõ a Europa toda: Elles, deixando nas margens do Viſtula entregue aos Gepidos o ſeu Paiz natural, ſe eſtabelecêraõ nas Gallias, donde transferíraõ o dominio para Heſpanha. O primeiro que entre elles ſe reconhece Rei he Ataulfo, ainda que na meſma Heſpanha tiveraõ muita authoridade Atanarezo, e Alarico no Governo do Imperador Honorio. Eſte

So-

Eta vulg. Soberano, atemorizado com os rápidos progreſſos de Alarico, lhe cedeo as Gallias, e a Heſpanha por conſelho de Stilicon ſeu privado, com condiçaõ, de que naõ moleſtaria as outras Provincias do Imperio.

Acceitou Alarico os partidos; mas Stilicon ſem palavra intentou com exercito poderoſo impedir-lhe a paſſagem dos Alpes. Juſtamente eſcandaliſado da perfidia o magnanimo Godo, elle talhou em peças as tropas de Stilicon, e voltou á Lombardia para moſtrar o ſeu reſentimento a toda Italia. Eſte projecto lhe levou o reſto da vida, e naõ ſendo elle do noſſo aſſumpto, nos voltamos para Ataulfo, ſobrinho, e Succeſſor de Alarico, que continuou
413 a vingança do tio ſobre Stilicon em Italia, até ao eſcalamento de Roma, aonde fez priſioneira a Placidia Galla, irmã de Honorio, que elle recebeo por mulher, e depois o foi do grande Conſtancio, como fica dito. Em Ataulfo pois teve principio o Reino dos Godos em Heſpanha, que lhe foi dada em dote pelo Imperador ſeu cunhado.

El-

Elle muito poderoſo com a uniaõ dos Eſtados de Italia, que herdára de Alarico, ao novo dominio de Heſpanha, quiz proſeguir contra o meſmo Imperador as idéas de Alarico; mas os rogos de Placidia, que elle amava com extremo, obrigáraõ a ſuſpender as armas. Os ſoldados porém, que na falta da guerra, ſentiaõ a dos deſpojos, tiráraõ a vida a Ataulfo, e a alguns dos ſeus filhos. O meſmo ſuccedeo a Sigerico ſeu Succeſſor, porque intentou conſervar a paz. Walia, ainda que tinha as meſmas idéas pacificas, como a confederaçaõ com Conſtancio, em que acabei de fallar, o obrigou a pegar nas armas, os vaſſallos ficáraõ ſatisfeitos, elle goſtoſo com a victoria ganhada ſobre o Rei Ataces, e reſoluto na auſencia de Conſtancio para Italia a continuar a vantajoſa guerra em Heſpanha. Era vulg. 416

Os Alanos derrotados com Ataces na batalha referida viviaõ em ſoccego na ſociedade dos amigos, que os recebêraõ, quando Walia atacava aos Wandalos, e Selingos de Andaluzia.

Era vulg. Perſeguidos eſtes de inimigos taõ poderoſos, ſe offerecêraõ, para lhe augmentarem as forças, ao Rei Gunderico, que os recebeo mais com politica, que com caridade. Os Alanos que antes hayiaõ procurado a protecçaõ do meſmo Principe, elles ao contrario ſoffriaõ mal a ſugeiçaõ, e rogados pelos Wandalos, e Selingos Andaluzes taõ opprimidos pelos Godos, negáraõ a vaſſalagem promettida a Gunderico, pegaraõ das armas, e recobráraõ furioſamente as ſuas terras da Luſitania, e da Provincia Carthagineza.

Muito tempo eſtiveraõ eſtas gentes ſem Rei, governadas pelos ſeus Capitães, e reconhecendo o Imperio Romano com alguns tributos, que entenderaõ meios neceſſarios para a conſervaçaõ da ſua liberdade, e ſocego. Dizem que com o favor de Hermenerico, Rei dos Suevos de Lisboa, fundáraõ elles a Villa de Alenquer ſobre as ruinas da antiga Jerabrica, ſe he que eſta Cidade naõ tinha a ſua ſituaçaõ no lugar, aonde eſtá agora Povos. Elles lhe pozeraõ o nome de Alenkerkana,

que

que no ſeu idioma Germanico queria dizer Templo dos Alanos. Era vulg.

Por eſte modo Luſitania, e Galliza vieraõ a ficar na ſugeiçaõ de Hermenerico, de Gunderico, e dos Alanos; mas entre todos os Eſtados florecia com vantagem o de Hermenerico, e os Luſitanos ſe davaõ por muito ſatisfeitos, porque tinhaõ livre o exercicio da ſua Religiaõ, e eraõ admittidos a todos os cargos honroſos da Monarquia. Eſta bella harmonia os unio tanto, que naõ ſe diſtinguiaõ Luſitanos de Suevos; todos tinhaõ o meſmo nome, que conſervãraõ largo tempo, ainda debaixo do dominio de outras Naçõeſ, naõ lhes fazendo alguma injuria a ignorancia popular, ou huma emulaçaõ advertida, que chamava Sevoſos aos Luſitanos.

Neſta tranquillidade viviaõ elles, quando Gunderico, ambicioſo por ſugeitar aos Alanos da Luſitania, e aos Selingos de Andaluzia, declarou a guerra a Hermenerico. Elle ſuppoz, que vencido eſte Principe, tudo o mais lhe ficava facil; que o logro de todos os

Era vulg. projectos seria consequencia de hum só triunfo. Muito pelo contrario do que pensava o Rei Wandalo foraõ os successos da guerra, em que o Suevo o abateo de maneira, que sem honra, e sem dominio foi obrigado a refugiar-se nas Ilhas de Maiorca, e de Minorca. Depois sim sahio elle destas Ilhas a devastar Hespanha: assolou Carthagena; mas quando ganhou Sevilha, e quiz saquear a Igreja do Martir S. Vicente, ha quem assegure, que o Demonio o affogara entre as suas portas. Succedeo no Reino a Gunderico seu irmaõ Genserico, que dizem ser bastardo, e que foi hum Principe digno do Imperio senaõ manchasse as suas bellas qualidades com a infame nodoa da apostasia.

423 Já havia dous annos, que o grande General Constancio era fallecido, e neste que vamos tratando pagou o Imperador Honorio o mesmo tributo da mortalidade: Perda de duas vidas para trazerem, e reduzirem o Imperio Romano a tal abatimento, que daqui em diante os Successores de Honorio pareciaõ, antes que Soberanos, huns per-

tendentes do Dominio. Aſſim o principiou a ver o Mundo em Valentiniano III., ſobrinho, e Succeſſor de Honorio, em nada filho do memoravel Conſtantino. Entaõ alagado o Imperio por Naçõeſ ferozes, naõ ſe podia remediar, nem ſoffrer tanto mal; elle por toda a parte ſentindo ruinas iguaes cauſadas por armas differentes. Era vulg.

Na carreira deſtes annos entráraõ os Wandalos em Africa, que deſde entaõ principiou a perder o explendor luminoſo das Sciencias, e dos grandes homens, que a illuſtráraõ, além das enormes crueldades, que nella executáraõ aquelles hoſpedes deshumanos: os Francos com o ſeu Rei Faramundo 423
na frente, invadíraõ as Gallias, donde foraõ expulſando os Godos: os Pictos accomettêraõ a Graõ-Bretanha: os Lombardos inveſtíraõ a Italia: os Godos como nós vamos referindo andavaõ ſenhores de Heſpanha. Pouco depois o formidavel Attila, chamado o *Açoute de Deos*, com os ſeus Huños, Oſtro-Godos, Cepos, Rugios, e outras Naçõeſ bellicoſas, vencida a Lombardia,

ap-

Era vulg. appareceo eſpantoſo ſobre Roma, donde o fez retirar como vencido a ſagrada preſença, a força ſem reſiſtencia da veneravel Peſſoa do Papa S. Leaõ.

Quando morreo Honorio era Rei dos Godos, e Succeſſor de Walia, Theodorico, que deo elegantes próvas do ſeu valor em muitas occaſiões de honra. Depois de obrar proezas grandes, e de dilatar as conquiſtas, elle morreo glorioſamente com as armas na maõ na memoravel batalha, que elle, Meroveo, Rei de França, e Gundicaro, Rei de Borgonha, deraõ a Attila nas campinas de Orleans. No meio pois de tantas perturbações da Europa, parece naõ podiaõ gozar completo o deſejado ſocego Heſpanha, e Luſitania.

Principiava o reinado de Genſerico, irmaõ de Gunderico, Rei dos Wandalos, quando Ecio, General do Imperio, em plena marcha vinha com grande exercito para reprimir a furia dos Alanos, e tomar ſatisfaçaõ dos damnos, que Gunderico fizera nas terras ſugeitas ao meſmo Imperio. Os Alanos o eſperáraõ com excellente igual-

da-

dade de valor, e formatura; e Ecio, Era vulg.
vendo a fortaleza do campo, ſe retirou, ou circunſpecto, ou medroſo. Caſtino, que lhe ſuccedeo no cargo, como de Africa viera em ſeu ſoccorro o prudente, e valeroſo Bonifacio, Caſtino logrou algumas vantagens em quanto obrou pelos ſeus conſelhos. Deſtruida porém a boa harmonia entre ambos, auſente o Conde Bonifacio para o ſeu governo de Africa, e morto o Imperador Honorio os negocios do Imperio entráraõ a ſentir em Heſpanha a meſma decadencia das outras Provincias, que eu deixo referido.

Recolhido Bonifacio ao Governo 427
de Africa, elle ſe declarou rebelde cõtra o Imperador Valentiniano. Para ſuſtentar a revolta com maiores forças, elle perſuadio a Genſerico, entaõ perſeguido por Theodoredo, Rei dos Godos, quizeſſe paſſar áquelles Paizes com os ſeus Wandalos, e alguns Alanos, que nelles achariaõ terras para eſtabelecer hum dominio, occaſiões para acreditar o valor. Acceitou Genſerico a offerta, e deſta ſua paſſagem a Africa re-

Era vulg. reſultou nella a célebre perſeguiçaõ Wandalica, que aſſolou as ſuas Regiões, e naõ he do meu aſſumpto.

Como a retirada de Genſerico deixava o campo livre ao Rei Hermenerico para dilatar os ambitos da ſua Monarquia, elle a ampliou pelas partes de Galliza, e com todo o dominio do Reino Luſitano quaſi pelos meſmos confins, que tem hoje. Em contrapoſiçaõ as idéas de Hermenerico, o Imperador Valentiniano entendendo do retiro de Genſerico lhe ſeria facil a reconquiſta da meſma Luſitania, habitada pelos Suevos, e Alanos; mandou contra elles dizem que ao ſeu General Sebaſtiano, que ganhou Lisboa aos primeiros, Mérida aos ſegundos. Mas os Chéfes Romanos como eſtavaõ no Seculo de ſer rebeldes a ſeus Amos, Sebaſtiano entrou no número delles; tomou o titulo de Rei ſobre os Eſtados de Heſpanha, que lhe durou pouco tempo pelo privarem da vida, e da dignidade os meſmos que lha conferíraõ. Com a ſua morte reſtituíraõ os Alanos, e Suevos as precedentes perdas, e pozeraõ o ſeu

Eſ-

Eſtado no explendor antigo com faça- Era vulg.
nhas novas.

Porém o Rei Hermenerico, já cançado de trabalhos, opprimido com o pezo dos annos, e de huma grande moleſtia, elle entregou o Reino a ſeu filho o feliz Rechila, que recolheo do pai maior herança no exemplo, que no Eſtado. De hum, e outro tirou elle forças para exercitar virtudes moraes, e ganhar victorias illuſtres. Para o combater o buſcava Andebalo, General do Imperio, e Rechila lhe poupou o caminho, ſahindo-lhe ao encontro nos campos do Xenil, aonde em ſanguinolenta batalha lhe tirou a vida. Huma victoria taõ completa teve por conſequencia o rendimento de toda a Andadaluzia, de Mérida, da Luſitania; mas 446
ella foi contrapezada com a morte de Hermenerico; ſe ſe póde chamar morte a de hum Pai, que deixa no filho a imagem viva das virtudes, e qualidades. Na Villa de Bretonio, junto á de Vianna de Caminha, acabou eſte bom Rei com ſaudade dos Vaſſallos, dos eſtranhos com inveja, bem reputado de todos.

Rei

Era vulg. Rei ao meſmo tempo bellicoſo, e politico ſe moſtrava Rechila a todo o Mundo, duro em combater, illuminado para conſervar. Elle quando triunfante, advertio, que valia mais governar bem, que ampliar o Imperio; e tendo o ſeu muito dilatado, reſolveo-ſe a deſmembrallo para melhor o reger. Elle largou aos Romanos as Provincias Carthagineza, e a Carpentania, e confederado com elles, conſervou em Reino grande reputaçaõ ſublime.

448 Sómente oito annos ſobreviveo a ſeu pai, e tambem na morte naõ teve que ſentir, por deixar em Riciario hum filho no valor, e talentos igual, na Religiaõ, e virtudes chriſtãs muito mais feliz.

Achou Riciario hum Reino dilatado; mas inquieto pelos eſpiritos intrigantes, que trabalbaõ por todas as maneiras para fazer proprio o que pertence, e ſó deve pertencer ao commum. Inſpirou-lhe a ſua politica, que para pôr o Eſtado em ſegurança, foſſe dando morte a todos em ſegredo, com eſpecialidade aos ſeus parentes, que ſe

ti-

tinhaõ deixado dominar do meſmo eſ- Era vulg.
pirito revoltoſo. Oppoſto aos ſenti-
mentos de ſeu Pai, e longe de conſer-
var as ſuas allianças, pegou das armas,
e naõ queria conſentir, que dos Pyre-
neos a eſta parte houveſſe, nem veſ-
tigios de Romanos. Por Navarra prin-
cipiou elle a guerra, e depois de der-
ramar o terror por toda Heſpanha, naõ
ſe poupou a trabalho, naõ houve em-
baraço, que naõ venceſſe para entrar
em França a ver ſeu Sogro Theodore-
do, Rei dos Godos.

Com ſoccorros, e brios novos 451
voltou Riciario para Heſpanha, aonde
foi exterminando Romanos, ganhando
Cidades, e Provincias; os ſoldados
enriquecendo-ſe com deſpojos; elle fa-
zendo-ſe reſpeitavel pela multidaõ dos
triunfos, até vir deſcançar, e depôr
o pezo delles na Luſitania para ſó el-
la celebrar os meſmos triunfos, em
que os ſeus naturaes tiveraõ a melhor
parte. No apogêo da felicidade eſpirou
para Riciario a fortuna com a morte de
ſeu Sogro Theodoredo, que trouxe
comſigo a deſuniaõ, e rotura de Ricia-

rio

Era vulg. rio com ſeu cunhado Theodorico. Elle o ameaçou ſem razaõ, de que havia marchar a França tomar-lhe miudas contas das ſuas offenſas, talvez imaginadas. O bravo Godo ſe adiantou em ilhas vir dar em Heſpanha, e junto a Aſtorga tiveraõ o encontro, taõ pezado para Reciario, que ficou eſmagado debaixo do valor do Godo, juntamente com as antigas glorias da Naçaõ Sueva, á qual o ſeu Rei tranſportado da muita fortuna, traçou a maior deſgraça.

456 Deſamparado de todos, mal ferido, e conſternado chegou Riciario á Cidade do Porto; mas como já lhe faltavaõ os apparatos da mageſtade; como era olhado hum ſimulacro de independencias; como o viaõ Rei ſem fazer mercês, nem ter que dar; elle foi logo prezo, e entregue a Theodorico, que ſó lembrado da injuria, ſem lhe fazerem eſpecie as razões de ſangue, com deshumanidade lhe mandou cortar a cabeça. Com eſta vida acabou a illuſtre geraçaõ dos Reis Suevos, deſcendentes de Caiano, Pai de Hermeneri-

co,

ço, e com ella eſpirou a mageſtoſa grandeza Luſitana, que muitos ſeculos depois naõ reſtituio perda taõ ſenſivel. Era vulg.

Theodorico victorioſo de hum Rei taõ bravo, ſugeitou com forças, e induſtrias as gentes até entaõ indomaveis; e abafando algumas rebeliões, ficáraõ os Suevos dominados pelos Godos, taõ afflictos pelas ruinas da Patria, que depoſta a inclinaçaõ das armas, ſó deſejavaõ receber da maõ de Theodorico hum Chéfe natural, que os governaſſe. Sempre os eſpiritos Luſitanos, ainda no abyſmo dos ſeus abatimentos, ſuſpiravaõ por ter a Mageſtade no ſeu Throno. Os Biſpos tomáraõ eſte negocio á ſua conta, eſpecialmente Idacio de Lamego, que na teſta de outros paſſou a França, e obtendo licença de Theodorico para a nomeaçaõ, elegêraõ Rei a Maſdra. A nobreza porém, que naõ eſteve preſente á ſua inauguraçaõ, acclamou a Franta, ambos os Principes com ſubordinaçaõ a Theodorico, que eſtimou a diviſaõ para conſervar melhor a ſuperioridade.

Por

Era vulg. Por eſtes tempos a céga paixaõ, que o Imperador Valentiniano tinha pela mulher de Maximo, eſtimulou eſte Tyranno, que ſe quiz moſtrar honrado, deſaggravando a injúria com o parricidio do ſeu Soberano. Como ninguem ſe lhe oppunha, elle ſe fez acclamar Ceſar, e recebeo por mulher a viuva Imperatriz Eudoxia. Ella mais ſenſivel á morte do primeiro Eſpoſo, que tocada das ternuras do ſegundo, chamou para vingador do ſeu ſangue a Genſerico, que reinára na Luſitania, e veio de Africa com os Wandalos deſaggravar Eudoxia, matar a Maximo, e lançar o ſeu cadaver no Tibre.

CAPITULO V.

Do que ſuccedeo na Luſitania depois da diviſaõ entre os Reis eleitos Madraſta, e Franta.

A DIVISAÕ em que deixamos a Luſitania entre os dous Reis Maſdra nomeado pelos Biſpos, e Franta eleito pela Nobreza, ella naõ tardou muito tem-

tempo em produzir os ſeus vulgares ef- Era vulg.
feitos. Em guerra inteſtina entrou a conſumir-ſe hum meſmo Povo, e já quentes os animos, ella naõ ſe acabou com a vida dos dous Rivaes, ambicioſos competidores. A Maſdra ſuccedeo ſeu filho Remiſmundo, Frumario a ſeu Pai Franta, e ambos herdeiros da pertençaõ, e do odio, aggravãraõ o mal, obſtinãraõ a porfia, e todas as nodoas, que a ambiçaõ lhes deixava nas purpuras, eraõ lavadas com ſangue. 464

Prevaleceo o partido de Remiſmundo por desfalecer o de Frumario com a ſua morte. O Rei já em paz ſe temeo da grandeza, em que achou o Reino, naõ pelo Reino; mas pelo ciume, que cauſaria a Theodorico, que com viſta pezada olharia eſſa grandeza prejudicial aos ſeus intereſſes em Heſpanha. Mas Remiſmundo, fino politico, quando as maiores forças lhe facilitavaõ os meios para ſacodir o jugo dos Godos; elle com ſubmiſſaõ mais reverente repreſentou a Theodorico, que ſería Rei em quanto elle quizeſſe, bem entendido, que a ſugeiçaõ ao ſeu

Im-

Era vulg. Imperio era para Remiſmundo a maior vantagem.

Tanto ſe fez Theodorico ſenſivel a eſta igualmente affectada, e humiliante repreſentaçaõ, que naõ ſó confirmou o Reino em Remiſmundo; mas para ſublime marca, e real deviſa da ſua eſtimaçaõ para com elle, lhe mandou de França huma filha ſua para eſpoſa. O apparato magnifico com que a Princeza entrou em Heſpanha, foi outra demonſtraçaõ evidente da complacencia de ſeu Pai. Grande, brilhante foi eſta alliança; mas nella veio á Luſitania hum grande mal. Remiſmundo, e o ſeu Povo profeſſavaõ os Dogmas Catholicos: a Princeza ſeguia os erros de Arrio: ella nas caricias do thalamo communicou a hereſia ao Principe, elle o veneno ao Povo no exemplo.

490 Aſſegura-ſe, que cem annos eſtiveraõ as noſſas gentes infecionadas deſte ſcíſma, e por outros tantos he ignorada a ſucceſſaõ dos Reis Suevos. Parece que o cuidado, que teve ſempre a Providencia na pureza da Fé Luſi-

sitana, a determinou a castigar com o esquecimento a perfidia destes Principes. Sim ha quem se lembre dos nomes de Theodulo, Varamundo, Miro, Faramiro, e outros; mas sem acçaõ digna de Reis até Theodemiro, que deo fim ao scisma como diremos em seu lugar. Outro golpe descarregou a indignaçaõ divina sobre Hespunha na entrada, que fez nella Euarico, Rei dos Godos, que principiando por Lusitania as suas emprezas, dominou, e levou á escala grande parte della. Era vulg.

Dizem-nos, e nos affirmaõ como verdade constante, que naquelles annos calamitosos confortava Deos entre nós a sua Fé com hum milagre annual indeffectivel. Em hum Templo, que entaõ havia, fundado no termo da Villa de Offel ás margens do rio Cambra, de que nos asseguraõ, que naõ ha muito tempo se conservaõ vestigios, estava hum tanque em forma de Cruz, todo o anno secco: Que nos dias da Semana Santa, tempo destinado para o bautismo dos mininos, que 494

Era vulg. naſciaõ naquelle anno, os Prelados fechavaõ as portas até ao Sabbado Santo: Que neſte dia entrava o Povo no Templo, e ſe via o tanque naõ ſó cheio de agua; mas com hum alto, e prodigioſo cogûllo, que naõ ſe derramava por fora das paredes: Que o benzia o Biſpo com o Chriſma, e que bautizado o primeiro minino, ſe abatia o cogûllo, e ficava o tanque razo: Que continuava a ceremonia, e acabada ella, de repente ſe ſeccava o tanque, como ſe nunca nelle tiveſſe havido agua. Depois de muitos exames prudentes, e obſervaçõ̃es circunſpectas, que dizem ſe fizeraõ para qualificar eſte milagre, tida a verdade por conſtante, ella confundia huns dos Arrianos obſtinados, convertia outros de eſpiritos flexiveis.

Os trabalhos que nas idades que tratamos, moleſtavaõ Heſpanha, os mais ſenſiveis tocavaõ aos Romanos, aſſim nella, como em muitas outras Provincias do ſeu Imperio abatido. Todas as Naçõ̃es eſtabelecidas, e derramadas por Heſpanha atacavaõ as ſuas

Ci-

Cidades, e levavaõ em preza aos seus campos. Genserico com os seus Wandalos fazia o mesmo na Italia, e ainda que o Imperador Maioriano o venceo, e expulsou da Campania, aonde andava despotico, obrigando-o a recolher-se para Africa: quando Maioriano se preparava para na mesma Africa ir descarregar sobre elle mais pezado golpe; o traidor Ricimero, General das suas tropas, o obrigou a despir a purpura, e lhe mandou dar deshumana morte. Era vulg.

Seguíraõ-se a ella novas calamidades no Governo do seu Successor Severo Libio, já entaõ como esquecidos os negocios Romanos na Hespanha, e Lusitania, e reputada como presagio dos ultimos arrancos do Imperio a invasaõ de Bioco, Rei dos Alanos, ou Alemães, que metteo a saco, talou, consumio as mais florecentes Provincias. Ricimero sim despicou tantas injurias, e estragos, tirando a vida a Bioco, e fazendo-lhe o exercito em postas na batalha sobre o Lago Benaco, que agora se chama da Guarda.

Era vulg. Mas eſta vantagem, e todas as mais glorias do Imperio por todos os Eſtados delle ficáraõ abafadas debaixo da inacçaõ, e indolencia dos Imperadores Anthemio, Olibrio, Glicerio, Julio Nepos, até ao deſgraçado, e infeliz Auguſtulo, que ſobio ao Throno no anno de 475, e no ſeguinte foi lançado delle por Odoacro, Rei dos Herulos, que o prendeo em hum Caſtello de Napoles, e carregou de pezados grilhões a todo o Imperio.

Entaõ ficou elle debaixo do dominio dos Reis Herulos, e Oſtro-Godos, governado noventa, e dous annos por nove daquelles Principes deſde Odoacro até Teya. Eſta invaſaõ dos Oſtro-Godos, e Herulos em Italia foi ſolicitada pelo Imperador Julio Nepos, que ſendo deſthronado por Auguſtulo, quando pedia o favor dos eſtrangeiros para o ſeu reſtabelecimento, metteo no Imperio os inſtrumentos da ſua ultima ruina. Odoacro ſim uſou com moderaçaõ da victoria; mas como he raro o jugo eſtranho, que ſeja leve, os Romanos, ainda que bem tratados, ſe

ſentiaõ opprimidos. Era Odoacro incançavel nas armas, que moveo ainda quentes contra os moradores das viſinhanças do Baltico, aonde fez priſioneiro a Feletho, Rei dos Rugios. Era vulg.

A favor deſte Principe infeliz entrou por Italia Theodorico, Rei dos Godos, que no Paiz de Veneza derrotou a Odoacro, e o ſitiou em Ravena. Depois de dous annos de dura reſiſtencia, elle foi obrigado a pedir paz a Theodorico, e a repartir com elle o Imperio com grandes vantagens para os Godos, que naõ foraõ de muita duraçaõ em França. Com Amalaſſunta, filha deſte Theodorico, Rei dos Godos em Italia, caſou Alarico, filho de Euarico, que o era dos Godos em Heſpanha, e Arriano de profiſſaõ. Clovis, Rei de França, que havia abraçado a Religiaõ Catholica, para a ſuſtentar, e promover, para defender, e ampliar o ſeu Eſtado, elle rompeo com Alarico, e lhe tirou a vida na célebre batalha de Poitiers. Com eſta victoria perdêraõ os Godos quaſi todos os Dominios, que tinhaõ

em

Era vulg. em França, ſem lhes reſtar mais Praça forte além da de Septimania, que haviaõ recebido da maõ dos Romanos.

507 Amalarico ficou de tenra idade por morte do Pai, e da ſua menoridade ſe aproveitou Gelaſio, irmaõ baſtardo de Alarico, para lhe uſurpar o Reino com o eſpecioſo pretexto, de que o fazia para vingar nos Francezes a morte, que tinhaõ dado a ſeu irmaõ. Affectando eſte deſignio, elle contrahio huma alliança com o ſobredito Theodorico, Rei de Italia, e campeou victorioſo na

511 Gaſcunha, e Languedoc. Porém Theodorico mais juſto, que elle, conhecendo os intentos de Gelaſio, o expulſou de Heſpanha para reſtituir Amalarico ao Reino, de que era legitimo ſenhor. Eſte Principe ſoberbo, e cruel herege, foi taõ pertinaz no erro, que até o arraſtou a tratar impiamente a ſua Eſpoſa a virtuoſa Clotilde, irmã de Childeberto, Rei de França, criada com as ſantas doutrinas de ſua mãi Clotilde. Soffreo ella as injurias em quanto da peſſoa naõ paſſáraõ ao caracter, e á Religiaõ; mas deſprezado

tu-

tudo pelo Principe cego, ella ſe queixou a ſeus irmãos, que pia, e generoſamente eſtimulados, vieraõ a Heſpanha, e com hum golpe vingáraõ da Religiaõ os ſacrilegios, da Mageſtade os deſacatos. Era vulg.

Foi morto Amalarico, e lhe ſuccedeo Theudis, que desfez os Francezes, e os empatou na paſſagem dos Pyreneos, que naõ poderaõ romper ſem lhes abrir as portas com chaves de ouro. Childeberto naõ pode ſoffrer eſta affronta ſem deſpique; e voltando a Heſpanha com eſtimulos novos, o furor ſe converteo na maior felicidade para o Paiz atacado. Elle o empregava todo em obrigar os Póvos a reabraçar a Religiaõ Catholica, acabados de reduzir pelo exquiſito milagre de ficarem as ſuas trópas immoveis, quando quizeraõ no dia de Domingo atacar huma das Cidades dos Romanos. Sahíraõ eſtes da Praça para diſſiparem as que pareciaõ eſtatuas; mas ellas tivêraõ agilidade nos pés para acelerada fugida, ſem a perda de hum ſó homem. 531

Theu-

Era vulg. 548

Theudiſilo ſuccedeo a Theudis, que foi morto por hum ſoldado, que entrou no ſeu gabinete fingindo-ſe louco. Foi Theudiſilo taõ cruel, que os meſmos vaſſallos para o aſſaſſinarem o convidáraõ em Sevilha para huma cea; e a eſtas calamidades dos Godos em Heſpanha reſpondiaõ como ecco as dos Godos em Italia. Naõ podendo Athalarico pela ſua apreſſada morte pôr em execuçaõ as altas idêas, que lhe inſpirára ſua mãi Amaſſunta, filha de Theodorico, e Regente do Eſtado: ella sobrevivendo a ſeu filho, collocou no Throno ao ingrato Theodato, que lhe pagou o beneficio com o deſterro para a Ilha do Lago de Bolſena, e conſentio que os ſeus inimigos lhe tiraſſem a vida.

O Imperador Juſtiniano tomou á ſua conta o deſaggravo deſta Princeza, e mandou a Italia ao famoſo Belizario, prodigio de conſtancia em ambas as fortunas, que perſeguio por toda a parte a Theodato. Elle rendeo Napoles, e Sicilia; acantonou-o em huma pequena parte do Eſtado, e o poz em conſ-

conſternaçaõ de fazer acclamar Rei ao Capitaõ Vitigo, que era muito amado dos Godos; mas elle mandou aſſaſſinar a Theodato, para que foſſe hum traidor verdugo de outro traidor, ambos infames. Neſte reinado de Vitigo ſe fez Belizario abſoluto ſenhor de Italia: ſugeitou Roma, que Vitigo pertendeo reſtaurar ſem effeito, e ſempre perſeguido, o ſitiou, e fez priſioneiro em Ravena com toda a Familia Real, que mandou para Conſtantinopla. Era vulg.

A Hildebaldo, e a Evarico, Succeſſores de Vitigo, ſervio o Throno de cadafalço, a Purpura de mortalha. Porém o memoravel Totila com multiplicados triunfos renovou a abatida corage dos Godos. Depois de ganhar muitas batalhas, de conquiſtar Cidades, e Reinos, tambem ſe fez ſenhor de Roma, aonde eſqueceo a politica da guerra arraſtado de hum furor barbaro. O Imperador Juſtiniano ſe laſtimava dos trabalhos de Italia, e ordenou ao ſeu General Narſes, que na teſta de muitas trópas vieſſe ter maõ no desbocado enxurro das ſuas oppreſsões. Variáraõ

os

Era vulg. os ſucceſſos com a mudança de Cabo, e Totila até entaõ formidavel, principiava a ſer huma irriſaõ da fortuna, ſe a morte naõ lhe atalhára as deſgraças.

Deſte modo corriaõ aquelles annos em ſucceſſos jornaleiros até ao Governo do ultimo Rei Teya, quando declinou de todo o Imperio dos Godos em Italia. Como elle era ſoldado de muito valor, Narſes, ainda que de eſpirito ardente, reſolveo-ſe a obrar reportado, para que a confiança indiſcreta naõ malograſſe nos triunfos a gloria, que ſe adquire com a circunſpecçaõ bem regulada. Elle caminhava a paſſo lento; mas innundando a Italia com huma torrente de victorias, que tiveraõ por conſequencia a reſtauraçaõ de Roma, e a conquiſta de muitas Provincias. Occupada parte das ſuas trópas em ſitiar a Cidade de Cumas, Narſes empenhado em ſuſtentar o ſitio, Teya em ſoccorrer a Praça, traváraõ o ultimo conflicto, que decidio a cauſa contra os Godos. Hum dia inteiro durou a horroroſa batalha, e morrendo nella o bravo Teya, ainda os ſeus ſoldados a re-

renováraõ no ſeguinte : mas faltando- Era vulg.
lhes o eſpirito generoſo, que os animava, houve de ceder o caprixo, já cançada a obſtinaçaõ. Aſſim acabou o Imperio dos Godos em Italia depois de competir tantos tempos com o Imperio formidavel dos Romanos, e paſſou a fazer alta figura em Heſpanha até ao Reinado do infeliz Rodrigo, como irá moſtrando a Hiſtoria.

LIVRO V.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuaçaõ do Reinado dos Godos, contraido a Heſpanha, deſde Agila até ao Catholico Rei Recaredo.

Era vulg. 549

QUANDO em França, e Italia aconteciaõ aos Godos os ſucceſſos, que acabo de referir; Agila era Rei, e governava aos Godos de Heſpanha. Elle ſe embaraçou com os Cordovezes; controverſia, de que tirou taõ poucas vantagens, que vencido, e roto, teve de buſcar o refugio das terras de Luſitania. Nellas refez as forças para marchar contra Atanagildo, que levantando-ſe com Sevilha, e ajudado do favor, e trópas do Imperador Juſtiniano havia tomado o titulo de Rei de Heſpanha. Agila foi taõ infeliz neſta expediçaõ, que ás mãos de Atanagildo perdeo a vida, e nellas lhe deixou o Reino.

Atanagildo, que influio os Vaſſallos do ſeu competidor para em Merida lhe darem a morte, agora o reconheceraõ todos ſenhor do Dominio dos Godos em Heſpanha, que ampliou com o da Luſitania deſde a foz do Téjo, até ao Promontorio Sacro ou Cabo de Saõ Vicente. Como porém aos uſurpadores a enormidade do crime naõ os deixa ſocegar com remorſos, a Atanagildo entráraõ a cauſar ſuſtos os meſmos Romanos ſeus auxiliares, que a tom de amigos ſe hiaõ apoderando das Cidades. Era vulg. 554

Faz-ſe Atanagildo lembrado na Hiſtoria por dizerem os Ataides de Portugal, que trazem delle a origem, e por ſua filha Bruniquilda, mulher de Sigeberto, Rei de Auſtraſia, e depois de Meroveo, filho de Chilperico, Rei de França. Mais que ſevéra, he triſte a critica, que contra eſta Princeza eſcrevêraõ as penas do Monge Aymonio, de Fredegario, e do Abbade Jonas. Ellas a pintaõ a todo o mundo hum receptaculo de avareza, de ambiçaõ, de ira, de perfidia, de crueldade, em

fim,

Era vulg. fim, hum ſeminario de luxuria, e im-
pudicicie. Mas a ſeu favor ſe pozeraõ
em campo os dous Santos Gregorios
Magno, e Turonenſe, que com a ſua
authoridade alimpáraõ a immundicie,
que nas correntes puras da Hiſtoria lan-
çáraõ aquellas trez fontes infectas para
manchar a reputaçaõ, e a purpura de
huma Rainha.

564 Já por eſtes annos tinha eſpirado
o Seculo do Sciſma, que inficionou os
noſſos Suevos, e ſobre elles reinava
Theodemiro. Elle tinha a ſua Corte
em Braga, e profeſſava o Arrianiſmo;
mas veio a abjurallo tocado do mila-
gre com que S. Martinho Turonenſe lhe
curou hum filho já deſamparado das
forças da natureza, e dos ſoccorros da
arte. Agradecia Theodemiro a graça
ao ſeu ſanto bemfeitor com mandar vir
de França entre os apparatos de pom-
pa brilhante huma Reliquia ſua. Deos,
que paga as boas intenções além do que
ellas merecem, quando o Rei eſpera-
va hum pedaço do corpo de S. Marti-
nho morto. Elle lhe mandou na ſua
companhia outro S. Martinho vivo,

e

e inteiro, mandado pelos ſeus impulſos ſuperiores deſde a Grecia para aniquilar o Arianiſmo na Luſitania. Foi eſte ſegundo S. Martinho Biſpo na Igreja de Dume, que o Rei Theodemiro levantou com a invocaçaõ do primeiro. Era vulg.

Elle diſſipou as denſas nuvens da hereſia, e reſtituido o Povo Luſitano á ſua antiga crença, tratou o Rei com o Arcebiſpo de Braga Lucrecio, de convocar hum Concilio na ſua Igreja, que foi o primeiro, aonde houveraõ definiçoes de Fé, refórma de coſtumes, com a repartiçaõ, e termos das juriſdicçoes de cada Dioceſe: tudo regulado, e diſpoſto com tal acerto, que o Rei Wamba nada innovou na repartiçaõ geral, que depois fez. Com a gloria de ter conſeguido eſtes triunfos, tanto mais eſtimaveis, quanto ſaõ mais fortes os inimigos da alma, que os do corpo, morreo o catholico Rei Theodemiro; e além della, com a conſolaçaõ de deixar em Ariamiro hum Succeſſor, que ſendo filho de milagre, mereceria a eſpecial protecçaõ do Ceo para fazer feliz o ſeu governo. 570

Dous

Era vulg. Dous annos antes da morte de Theodemiro havia eſpirado em Italia o Reino dos Godos, como diſſemos, e ſobre a ſua ruina ſe fundou o dos Lombardos, como vamos a ver. O Imperador Juſtiniano, moſtrando a peſſoa ingrata, ou a mageſtade eſquecida, entrou a tratar a Narſes depois de vencedor com tanta aſpereza, que ſe eſqueceo da fidelidade ſó para lembrar a injuria, mudando para perfidia a que ſó devêra ſer dor. Elle chamou em ſegredo a Alboino, para que vieſſe a Italia, menos a ſoccorrello, que a deſpicallo. Com huma poderoſa armada entrou nella o novo hoſpede, e levando tudo a ferro, ſangue, e fogo, ſómente eſcapáraõ da ſugeiçaõ, e do eſtrago Roma, Ravena, e poucas das Cidades maritimas.

Godos, e Romanos ficáraõ quaſi dous Seculos dominados pelos Reis Lombardos deſde Alboino até Deſiderio, que no anno de 774 foi deſthronado pelo esforço do Imperador Carlos Magno. Povoáraõ os Lombardos, ou Longobardos, aſſim chamados em razaõ

zaõ das ſuas barbas longas, ou compridas, a Gallia Ciſalpina, que delles tomou o nome de Lombardia; e entráraõ a fazer-ſe temidos dos viſinhos, célebres entre os diſtantes, de todos reſpeitados. Naõ tardáraõ elles muito em querer exterminar o Governo Real, e para iſſo elegêraõ trinta Capitães, que chamáraõ Duques, e tiveraõ ſuprema authoridade ſobre o Povo por eſpaço de doze annos. Eſtes Principes, aberto o caminho de Arimino, com huma corrente prodigioſa de victorias, dominados os Godos, e Romanos, tomáraõ a Umbria, parte do Piceno até ao Apenino, a Regiaõ dos Marſos, Pelingos, Samnitas, toda a Campania, excepto Napoles, e o mais Paiz até Roma; ficando o reſto do Reino de Napoles, menos o Ducado de Benevento, na ſugeiçaõ do Imperio do Oriente. Era vulg.

Quando os Godos, e Romanos participavaõ das deſordens de Italia, huns, e outros nos Dominios reſpectivos conſervavaõ o explendor em Heſpanha. O dos Godos ainda ſe fez mais

Era vulg. luminoſo com a extinçaõ do Reino dos Suevos, a que nos vai conduzindo a Hiſtoria. Com felices auſpicios havia Ariamiro ſobido ao ſeu Throno, por applicar os primeiros cuidados de Rei aos negocios da Religiaõ. Imitador dos exemplos de ſeu Pai Theodemiro, convocou o ſegundo Concilio Bracarenſe, conſultando primeiro a S. Martinho de Dume, que tinha ſuccedido
577 a Lucrecio no Arcebiſpado. Preparado com o zelo, que moſtrou pela Igreja Santa, pegou Ariamiro nas armas contra os Póvos Rucones, que alguns entendem ſer os Aragonezes, outros os Navarros, e com guerra terrivel os deixou domados.

Perturbou a Ariamiro o goſto das victorias o herege Godo Leovigildo, que ſeu irmaõ Liuva, Rei dos Godos da Gallia Narbonenſe, elegêra por companheiro, e Succeſſor nas terras de Heſpanha, e que com grande poder appareceo nas fronteiras de Ariamiro, bem deſcuidado de ſemelhante viſita. Depois de muitos eſtragos, de impoſſibilitado o Rei para a reſiſtencia,

el-

elle teve de pedir huma paz, que mo- Era vulg.
deraſſe a ambiçaõ de Levigildo, e di-
ctados os Artigos, ſenaõ pelos eſpiritos
do valor, pelos apertos da neceſſidade.

De ſua primeira mulher Theodo-
ra, filha de Severiano, Duque de Ca-
labria, tinha já Leovigildo aos dous
Principes Recaredo, e Hermenegildo,
fructos eſpecioſos de roim arvore, fi-
lhos merecedores de melhor Pai. Am-
bos, como elle, eraõ entaõ ſectarios
de Arrio, ambos por ſua mãi ſobri-
nhos dos Santos Doutores Leandro,
Fulgencio, e Iſidoro, elles depois il-
luminados por luzes taõ brilhantes, que
inflamáraõ hum para dar a vida pela
Fé, e illuſtráraõ o outro para ſer o
Apoſtolo dos ſeus vaſſallos. Hermene-
gildo nos ſeus deſpoſorios com Ingun-
da, filha de Sigeberto, Rei de Auſ-
traſia, recebeo della os primeiros ele-
mentos da Religiaõ Catholica, dote
para elle o mais precioſo, para ſeu
pai o da mais baixa valia. Deſenfreou-
ſe o furor do herege Leovigildo con-
tra ſeu filho ſanto, e entrou a perſe-
guillo como verdugo barbaro.

Era vulg. Elle ſem amparo entre os ſeus, buſcou a protecçaõ do Rei Ariamiro, que o recebeo com entranhas de Catholico, e o abandonou depois com maximas de Politico. Na primeira reſoluçaõ bem ponderada expoz Ariamiro o Reino por defender hum Principe fiel; na ſegunda mal advertida, pelas razões de Eſtado perſeguio o meſmo Principe com infidelidade indigna em hum Soberano. Como Hermenegildo ſe retirou para Sevilha, ſeu Pai o ſitiou neſta Cidade, acompanhando-o com as ſuas tropas o Rei Ariamiro, que tendo combatido a favor de Hermenegildo muitas vezes, agora o atacava, ſendo o meſmo Principe, a cauſa a meſma.

Debaixo dos muros da Praça ſobreveio a Ariamiro a ultima enfermidade, que lhe cauſou a morte, e naõ he deſacordo, nem facil credulidade attribuilla a caſtigo do Ceo pela perſeguiçaõ, que movia a hum Juſto como Hermenegildo. Seu Pai rendeo a Sevilha, e elle fugio para Cordova, aonde o prendêraõ, e enviáraõ ao Pai, im-

impio, e deshumano, que furioso até aos desatinos, com horror da natureza, e escandalo da razaõ, lhe tirou a vida; este Heróe duas vezes filho de Leovigildo, huma do seu amor na geraçaõ, outro do seu odio no martyrio. Nesta que eu chamo segunda filiaçaõ, naõ teve Leovigildo ao filho por pedaço da alma, nem podia ser parte da alma do Pai herege o espirito do filho Catholico, que todo era de Deos. Era vulg.

Ficou Eburico de tenra idade, e entregue por Ariamiro á tutoria de seu amigo Leovigildo, que havia governar por elle os Reinos de Lusitania, e de Galliza. Os poucos annos do novo Rei, a tutoria de hum Principe occupado por Hespanha em grandes negocios, foraõ circunstancias, que alentáraõ a ambiçaõ de Endeca para aspirar á Coroa, sendo hum simples, e particular Fidalgo. Com muitos modos insinuantes, e incentivos bisarros soube elle ganhar vontades, entre ellas a da Rainha, que naõ duvidou dar-lhe a maõ de espoſa, quando elle se ensaiava para Rei. O matrimonio de Se- 583

segunda

abrio

Era vulg. abrio o paſſo a Endeca para correr ao Throno ſem encontrar tropeço. Elle affectou zelo tutelar; parecia que reſpeitava muito ao orfaõ Principe, em ſeu nome tomava poſſe das Praças, e entrou a ganhar reputaçaõ com tanto de ferocidade, como antes as vontades com brandura. De todas as ſimulações ſe deſcartou Endeca, quando ſe vio rodeado de criaturas das ſuas induſtrias, de muitas forças alliſtadas por todos os modos, e tanto que chegou a eſte eſtado, declarou-ſe Rei, e obrigou Eburico a tomar o habito de Monge no Moſteiro de Dume.

Naõ poderia o uſurpador conſiderar-ſe feliz na poſſe dos ſeus deſejos, por atacado dos ſuſtos, dos remorſos, dos temores, que ſempre atacaõ aos injuſtos poſſuidores do alheio. Elle temia, e devera temer, que Leovigildo, como tutor altivo, alliado poderoſo, amigo obrigado empregaſſe o poder, e os esforços para o lançar do Reino, e o reſtituir ao ſeu pupilo. Aſſim ſuccedeo em parte, e aconteceria no todo, ſe a ambiçaõ naõ foſſe o primeiro,

e

e mais efficaz dominante de Leovigil- Era vulg.
do. Elle ſe moſtrou a Endeca taõ te-
mivel, que o fez eſconder no meſmo
Moſteiro de Dume em habito de Mon-
ge, e eſtado de Sacerdote; mudanças,
que lhe aproveitátaõ para lhe naõ ſer
tirada a vida. Leovigildo ſe ſatisfez 585
com o mandar deſterrado para Beja;
mas como elle injuſto, quando caſti-
gava hum intruſo, elle ſe declarou
Tyranno. No moſteiro de Dume dei-
xou Monge a Eburico; uſurpou o Rei-
no dos Suevos, que unio aos ſeus Eſ-
tados, e já ſem oppoſiçaõ em Heſpa-
nha, ficou nella eſtabelecido o Domi-
nio dos Godos.

Por eſtes tempos eraõ os Luſitanos perfeitos, e zeloſos Catholicos, o ſeu novo Rei Leovigildo hum cégo, e obſtinado herege. Com os ſentimentos encontrados em materias de Religiaõ ſejaõ os maiores males das Repúblicas: Leovigildo taõ oppoſto nelles aos do ſeu Povo, entrou a depôr os Biſpos veneraveis, a perſeguir os homens de probidade, recommendaveis por le-
tras, e virtudes. Entre eſtes ſe faz eſ-

pe-

Era vulg. pecial memoria de Joaõ, Abbade de Valclara, que foi desterrado para Barcelona, aonde fundou hum Mosteiro do seu nome, célebre naquellas ida-
586 des. Finalmente, completo o número dos dias, e das maldades de Leovigildo, elle acabou com morte de impio, e deixou em Recaredo I. hum filho justo, bem parecido irmaõ do Santo Hermenegildo, retrato pela especiosidade o mais disforme de taõ horrivel Pai, ao Irmaõ mui semelhante.

CAPITULO II.

Trata-se da successaõ dos Reis Godos depois de Recaredo I., em que elles domináraõ toda Hespanha.

FELICES os Godos nas suas expedições em Hespanha, já elles naõ tinhaõ quem nella lhes fizesse semblante além de algumas Cidades dos Romanos, que do tempo de Recaredo, e de outros dos seus Successores entráraõ a ser atacados com mais vigor, assim como o eraõ por estes tempos em Italia pe-

lo

lo esforço dos Lombardos. Depois dos seus trinta Duques, em que eu fallei, e aos quaes precedêra no governo o Rei Calef, agora lhes succedeo nelle o Rei Hutaris, filho do mesmo Calef. Sobre os Romanos, e Godos de Italia se mostrou elle bravo homem na conquista da Istria, nos sustos que causou a Roma, e Ravena, e nas muitas victorias que ganhou ao Imperador Mauricio com gloria immortal do seu nome. Elle o fez mais recommendavel com a célebre coluna, que levantou no Faro de Messina, e em tudo sería o seu Reinado feliz, se com a impiedade das doutrinas de Arrio naõ molestasse a Igreja. Era vulg.

A gloria de dessipar os seus erros entre os Lombardos, assim como Recaredo entre os Godos, a Providencia a tinha guardado para Agilulfo, Successor de Hutaris depois de Theodolindo, que foi assumpto languido na Historia. Agilulfo, porém, ainda que nos triunfos condescendente com as demasias, e liberdades licenciosas dos soldados; elle era taõ inclinado á religiaõ,

Era vulg. e piedade, que para abjurar os erros de Arrio, e ſe fazer Miſſionario do ſeu Povo, baſtáraõ as perſuasões inſinuantes de ſua mulher a Rainha Theodolinda, alto objecto a quem o grande S. Gregorio Papa dirige os ſeus elegantes Dialogos.

Mas deixando eſta digreſſaõ, que tocamos pelo que tem de reſpectiva aos Godos, e Romanos de Italia, e voltando para os de Heſpanha, e Luſitania; eſtes Eſtados reſpiráraõ das ſuas oppreſsões, recobráraõ novos alentos na elevaçaõ ao Throno do feliz, e Catholico Rei Flavio Recaredo. A ignorancia do erro, que ſucára com o leite, ou o temor do barbaro Leovigildo, que ſe fazia verdugo dos filhos, que naõ eraõ Arrianos como elle; tudo concorreria para Recaredo ſe conſervar imitador do Pai, em quanto naõ foſſe Rei. Agora que já o era, e que a vida, e morte de ſeu Irmaõ o Santo Martyr Hermenegildo lhe faziaõ tinir ambos os ouvidos; tambem perſuadido, e cathequiſado por ſeu tio S. Leandro, Biſpo de Sevilha, elle naõ

ſó

ſó abjurou os erros, e abraçou os ſen- Era vulg.
timentos ortodoxos da Igreja Santa; mas por toda Heſpanha exercitou o miniſterio de Apoſtolo dos ſeus vaſſallos.

Quizera Recaredo ſem demora convocar hum Concilio; mas a inquietaçaõ dos eſpiritos nos ſectarios, que elle acabava de depôr dos empregos, o obrigáraõ a ſuſpender o ſeu projecto para melhor conjuntura. Elle deixou lavrar o exemplo para recolher copioſos fructos, como quem ſabia ſer elle nos Principes imperio ſublime, authoridade taõ ſuave, que já mais teve rebeldes. Naõ ſe deſcuidou o Inferno em obſtar os deſignios ſantos de Recaredo, que pela muita guerra, que lhe fazia, elle moveo a Boſſo, General de Gunterano, Rei de França, para que a vieſſe fazer a Recaredo. Com ſeſſenta mil homens entrou Boſſo em Heſpanha; mas Recaredo, ſem ſe inquietar, como quem punha toda a ſua confiança no Deos dos Exercitos, ordenou a Claudio, novo Gedeaõ Luſitano, que com trezentos homens da

ſua

Era vulg. ſua Naçaõ marchaſſe contra os inimigos, e os enterraſſe em Heſpanha ſem os enxotar para além dos Pyreneos, e tornarem a gozar da Patria. Aſſim ſuccedeo na realidade, porque encontrando-os Claudio junto a Carcaſſona, dizem dera taõ boa conta dos Francezes, que nem hum ſó eſcapára com vida.

Huma victoria taõ milagroſa encheo o mundo de eſpanto, e em muitas partes delle ſe fez temido o nome, e a reputaçaõ de Recaredo. O Papa S. Gregorio derramou louvores, bençãos, e beneficencias ſobre o General Luſitano. Proporcionou eſta victoria a conjuntura feliz, em que o Rei coberto de gloria, obrando já com o exemplo, e com a eſpada, todos rendidos á efficacia do primeiro por naõ
589. experimentarem, e ſentirem os golpes da ſegunda; póde ſem receios ajuntar o terceiro Concilio Toletano, aonde deo o ultimo arranco á porfia Arriana, que tantos Seculos corrompêra as Nações, e que ſe jactava, de que ella eſtava ſenhora de todo o mundo, der-

rotada a universalidade, que só he dis- Era vulg.
tintivo, e caracter indeffectivel da Igre-
ja Catholica Romana.

Naõ tem lugar na brevidade com 601
que vou tratando esta Historia as mui-
tas, e heroicas acçõnes do Rei Reca-
redo, que alguns dos nossos Historia-
dores, e outros de Hespanha com me-
lhores Monumentos que os meus, es-
crevêraõ mais ao largo. Eu só farei
memoria da sua guerra contínua contra
os Romanos, que ainda residiaõ em
Hespanha, em que ganhou victorias
sublimes com que foi abysmando hum
poder, e Dominio, que tinhaõ nella
as raizes taõ fundas. Todas arrancaria
Recaredo senaõ lhe atalhasse os desi-
gnios a sua preciosa morte succedida
em Toledo com saudade dos vassallos,
do mundo Catholico com inveja; mas
sensivel pela perda.

He verdade, que contra taõ bom
Rei se traçou huma arriscada conjura-
çaõ em Mérida, que lhe foi descober-
ta por Witerico hum dos co-reos da
mesma conjuraçaõ, que por esta ma-
nifestaçaõ conseguio da clemencia de

Re-

Era vulg. Recaredo o perdaõ da vida. Eſte rebelde, e perfido Witerico, ingrato á memoria do Rei, quando ſeu filho Liuba,
603 ou Liuva II. apenas tinha dous annos de Soberano dos Godos, Witerico o deſpojou do Throno, e lhe cortou a maõ direita. Elle ſe fez ſenhor do Reino de Heſpanha; e como hum abyſmo chama para outro, ao da uſurpaçaõ quiz Witerico ajuntar o do reſtabelecimento do Arrianiſmo. A firmeza, que elle encontrou no Povo o obrigou a uſar da ſimulaçaõ, que he proprio caracter dos traidores. Fingio-ſe Witerico bom Catholico para com o fingimento, e com o tempo ganhar as vontades, que lhe poderiaõ promover as intenções.

Elle ſe entregou ás armas, em que era deſtro ſem ſaber vencer; com corage em as deſembainhar, timido ao deſcarregar os golpes. Todos os ſete annos da ſua intruſaõ gaſtou elle em continúa guerra com os Romanos ſem honra, nem lucro, como quem empregava as armas na fórma, que acabo de dizer, valeroſo no que emprehendia,

dia, covarde no que executava. Os parentes de Liuba o aſſaſſináraõ; que he uſo vulgar nas Tragedias da tyrannia repreſentarem os Tyrannos o ultimo auto. O ſeu cadaver foi com deſprezo arraſtado pelas ruas; que eſta he outra vulgaridade dos repreſentantes intruſos lavarem o Theatro com o ſeu ſangue em pena do muito, que derramáraõ. Era vulg. 609

Apenas reconhecido Rei Flavio Gunderano, que ſó reinou tres annos, elle zeloſo nos cultos da Religiaõ, aſſiſtio ao Concilio de Toledo, aonde arbitrariamente fez lavrar o Decreto, em que ſe declarou a ſua Igreja por Metropolitana de toda a Provincia Carthagineza, primeiro enſaio para ſe lhe fazer o meſmo na primazia ſobre todas as da Heſpanha. Todo o reſto da ſua vida breve empregou Gunderano na guerra contra os Romanos, ganhando victorias, e tomando Cidades, que hiaõ ampliando a generalidade do Dominio dos Godos em Heſpanha. Os ſeus Capitães governavaõ entaõ as Provincias da Luſitania, e alguns dos ſeus

Con-

Era vulg. Condes, que eraõ neſtas idades muito raros: Titulo grande, que ſó recahia ſobre grandes merecimentos, e ſobre façanhas muito além das vulgares.

612 Como Flavio Gunderano naõ deixou Succeſſor para o Reino, os Biſpos, e Grandes elegêraõ hum grande Rei em Siſebuto. A menor das qualidades, que o illuſtravaõ, era o valor, e arte militar. Eraõ nelle ſublimes os dotes da alma, ſabio, pio, clemente, moderado, e juſto. Deveo-lhe a Luſitania muitas affaveis condeſcendencias, e entre as ſuas Cidades attendidas, foi a de Evora a mais beneficiada. O Ceo favorecia ſenſivelmente as ſuas empreZas militares contra os Romanos, que por elle foraõ lançados de Biſcaya; ganhou-lhes outras Provincias, e obrigou os Judeos, ou a abraçarem o Chriſtianiſmo, ou a deſpejarem Heſpanha. Oito annos governou eſte bom Rei, que teve huma morte écco coreſpondente á vida; morte, de que podia dizer Heſpanha, eis-aqui como morre o juſto, e ninguem o conſidera.

Ra-

Raros Eſcritores fazem memoria de Recaredo II., filho de Siſebuto, que apenas reinou tres mezes, e por eſte motivo ataõ o fio da ſucceſſaõ em Flavio Suintila, que naõ era filho de Siſebuto, como penſou Manoel de Faria e Souſa; mas Reliquia do Santuario do Rei Recaredo I. Elle era muito valeroſo, e aguerrido pelo continuo uſo, que déra ás armas, ſendo General de Siſebuto contra os Romanos, e Vaſcões, que ſentiraõ bem a violencia dos ſeus golpes. Contra os meſmos inimigos renovou elle a guerra no inſtante de reconhecido Rei, para que as armas ainda quentes naõ tiveſſem tempo de criar ferrugem. Glorioſamente conſeguio elle expulſar por huma vez aos Romanos de Heſpanha, e ficar reconhecido Dominante Soberano de toda ella. Com eſta expulſaõ conſeguio Suintila fazer-ſe grande, e eſtabelecer a reputaçaõ, ſenaõ por emprehender as meſmas acções, que os Predeceſſores intentáraõ, por haver conſummado, e dado fim áquellas, que elles naõ lográraõ. Era vulg. 621

Era vulg. Fragil a humana natureza, ella arraſtou a Suintila para manchar as virtudes do principio com vicios maiores, ſobre todos o da tyrannia. Ella abominavel aos Godos, elles ambicioſos de gloria, e lembrados de Siſebuto, quando aos reflexos dos ſeus acertos ſe deixavaõ ver mais enormes os deſmanchos de Suintila, (laſtima grande depois de tantas acçõeſ heroicas) elles tratáraõ de pôr no Throno huma Mageſtade exemplar. Com o favor de Dagoberto, Rei de França, foi acclamado Siſenando, que tem a ſeu favor mais opiniões de ſer hum grande Senhor do Reino, do que filho de Suintila, como eſcreve hum Hiſtoriador Heſpanhol. O miſeravel depoſto, abandonado de todo o mundo, ſem Reino, nem vaſſallos, depois de dez annos de governo com alternativa de virtudes, e vicios, de felicidades, e deſgraças, ſe retirou para Galliza, aonde morreo taõ infeliz, que nem aos naturaes mereceo laſtima, nem aos eſtranhos compaixaõ, como ſimulacro de independencia. Poucas ſaõ as memorias, que temos

mos do Rei Siſenando, além do Concilio, que fez ajuntar em Toledo composto de ſetenta, e dous Biſpos, em que ſe tratáraõ muitas materias reſpectivas aos coſtumes, e diſciplina Eccleſiaſtica. O meſmo fez ſeu Irmaõ, e Succeſſor Chintila, que na dita Cidade convocou em dous annos ſucceſſivos o quinto, e ſexto Concilio, nos quaes, além de outros pontos concernentes á Igreja, tambem ſervio nelles de aſſumto a ſucceſſaõ do Reino dos Godos para embaraçar a vulgaridade das uſurpações com o terrivel reſpeito dos anathemas, e authoridade tocante da Religiaõ, de que ſe ſervio. Era vulg. 636

Para depois ſer maior a dor dos vaſſallos, elles pozeraõ no Throno com ſumma complacencia ao piiſſimo Tulga, que com laſtima maior víraõ pouco depois paſſar para o tumulo: Principe de tanta piedade para com Deos, de tanta beneficencia para com os homens, com caracter para ſi meſmo taõ brilhante, que nas pennas de grandes Santos tem louvores, que parecem encarecimentos. Na flor dos an-

Era vulg. 642 nos cortou a morte a Heſpanha as eſperanças de colher em Tulga ſazonados os frutos da felecidade nas ſuas muitas virtudes, eſpeciaes entre ellas as do culto de Deos, e zelo da ſua Igreja.

649 Sim deſejou imitallo nellas o Rei Chindaſuindo, que naõ obſtante fazerſe ſenhor do Reino ſem mais direito, que o das armas; elle governou com juſtiça, e prudencia o Eſtado, que adquirio com uſurpaçaõ, e tyrannia. Com ambas as virtudes reformou as antigas Leis dos Godos, e muito ſenſivel á da Religiaõ, no ſexto anno do ſeu Reinado fez ajuntar o VII. Concilio de Toledo, neceſſario, e util ao explendor da Igreja de Heſpanha. Tambem era muito brilhante o que antes, agora, e no reſto do Governo dos Godos gozava a da Luſitania até ao Reinado triſte do infeliz Rodrigo, e invaſaõ dos Mouros. Para darmos huma breve noticia do Eſtado da noſſa Igreja nos ditos tempos, concluindo eſte Capitulo com a morte do Rei Chindaſuindo na meſma Cidade de Toledo, naõ ſem ſuſpeita de veneno, antes de en-

entrarmos no Reinado do ſeu Succeſſor Recelvindo, eu paſſo a tratar o que he reſpeictivo á Igreja, e Prelados da Luſitania deſde o principio do ſeu eſtabelecimento até a entrada dos Africanos em Heſpanha com hum pouco de trabalho para me naõ deſviar da verdade nas noticias de idades taõ remotas, e de noticias taõ eſcuras. Era vulg.

CAPITULO III.

Eſtado da Igreja Luſitana, e Prelados, que nella floreceraõ depois do ſeu eſtabelecimento até a invaſaõ, e dominio dos Mouros em Heſpanha.

NAõ ha dúvida, que no Governo dos Reis Godos brilháraõ as Igrejas das Heſpanhas com explendor luminoſo, e alguns delles tiveraõ tal zelo, e ardor nos cultos da Religiaõ, que naõ queriaõ conſentir nos ſeus Exercitos ſoldado, que naõ foſſe Catholico. Outros mandavaõ eſculpir nas ſuas Coroas os nomes dos homens juſtos, que era hum modo ſignificante, e hum premio bem

eſ-

Era vulg. eſtimavel para ſe avançarem as virtudes, e tomar forças a probidade. Foſſe deſte exemplo dos Reis, foſſe do ardor dos Biſpos, ou foſſe da inclinaçaõ dos Póvos, ou de tudo junto, he bem certo, que a Igreja de Heſpanha no tempo dos Godos ſe fazia recõmmendavel ás Naçõẽs pias, que bem a podiaõ tomar para exemplar das ſuas pelo ſeu zelo Apoſtolico.

Pelo que reſpeita á Igreja Luſitana, nós ſem diſputa a achamos eſtabelecida pelo Apoſtolo Sant-Iago em Braga, e eleito ſeu Diſcipulo S. Pedro de Rates primeiro Arcebiſpo no anno 37 depois de Jeſu Chriſto. Mas no precedente de 35 S. Manſos, hum dos 72 Diſcipulos deſte Senhor, fundou, e foi o primeiro Biſpo de Evora, e no ſeguinte de 36 tambem foi primeiro Prelado regionario, e fundador da Igreja de Lisboa, como refere o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, que nomeia eſte Santo Biſpo, e os mais que lhe ſuccedêraõ no Capitulo XVI., e ſeguintes do ſeu Catalogo, ainda que ha quem diga, que S. Manſos naõ fundára Igre-

jas,

jas, nem fora Biſpo, ſenaõ humilde criado de hum Judeo recem convertido; mas taõ zeloſo Chriſtaõ, que glorioſamenre dera a vida por Jeſu Chriſto ſendo Martyr invicto. Era vulg.

Neſta fórma irei eu tratando a ordem do eſtabelecimento das Igrejas ſegundo as ſuas antiguidades, e principiando pela de Evora fundada hum anno antes da de Lisboa, e dous da de Braga; nós diremos, que depois de S. Manſos, anno de 35, até S. Jordaõ Martyr, anno de 300, naõ ha noticia alguma com certeza conſtante, de quem foſſem os Biſpos de Evora. Depois de S. Jordaõ pelos annos de 305 teve a ſua Dignidade S. Briſſos Martyr, Heróe de eſpirito taõ ſublime, que derrotou as idéas impias do Tyranno Maxencio, até dar a vida por Jeſu Chriſto. Em 312 foi ſeu Succeſſor Aurino, que teve o prazer, de que no ſeu tempo ſe moderaſſe a perſeguiçaõ, que tanto ſangue derramára na Luſitania. Em 320 governou Panuncio, que teve outra complacencia em ver executado o Decreto da diviſaõ das Igrejas, que evi-

tou

Era vulg. tou a confuſaõ em todas as Dioceſes das Heſpanhas.

He memoravel no anno de 320 a eleiçaõ do Biſpo Quinciano por ſer elle o fundador da magnifica Sé de Evora, a que lançou os primeiros fundamentos no meſmo ſitio, em que hoje a vemos. Por outro principio em 378 he muito recommendavel Itacio; porque entrando no ſeu tempo muitos Arrianos em Heſpanha, elle affugentou do ſeu Biſpado eſtes indomitos Hereges, que já entaõ traziaõ avaſſallado muito mundo. Em 385 Gamelo, que havia ſido ſoldado do Imperador Theodoſio, alliſtado nas bandeiras de Jeſu Chriſto mereceo pelas ſuas virtudes ſer Succeſſor de Prelados taõ ſantos. Imitador de todos Grimaldo, de 448 em que foi eleito até o anno de 456, em que lhe ſuccedeo ſeu ſobrinho Calidio, ſublimou a Igreja a hum alto eſtado de reputaçaõ.

Em 460 floreceo o memoravel Feliciano, que ſupportou trabalhos grandes na perſeguiçaõ dos Arrianos, que conſeguiraõ dos Principes ſeus Sectarios

ſer

fer elle deſterrado do Biſpado. Mas Co- Era vulg.
loniondo, que com o meſmo titulo lhe
occupou, e encheo o lugar, até ao an-
no de 532, intrepido combateo aquelles
Hereges, e conſeguio conſervar no
Biſpado intacta a Religiaõ Catholica.
Como o zelo de Coloniondo em con-
juncturas taõ criticas neceſſitava de ou-
tro ſemelhante, a altos clamores do
Clero, e do Povo foi eleito para ſeu
Succeſſor Juliano, que no Inſtituto da
Ordem de Santo Agoſtinho, de que
era filho, ſe fez participante do fervor
de eſpirito de ſeu grande pai. O ſeu
Succeſſor Miceno do anno de 566 em
diante ſoffreo grandes trabalhos na per-
ſeguiçaõ, que lhe moveo o herege Rei
Leovigildo, que naõ perdoando impio
ao proprio filho Hermenegildo, nenhu-
ma compaixaõ lhe podiaõ merecer os
imitadores das ſuas virtudes.

Daqui em diante, e principiando
a reinar Recaredo I., até ao governo
do infeliz Rodrigo, os Prelados em
paz, com muitos exemplos edificantes
foraõ ſublimando a Igreja Luſitana a
hum alto tom de magnificencia. Aſſim

Era vulg. o conſeguio em Evora Zozimo com as ſuas muitas letras, e virtudes do anno de 652 até o de 664, em que lhe ſuccedeo Pedro, que ſe achou na congregaçaõ dos Biſpos de Heſpanha para a demarcaçaõ dos ſeus Biſpados. A reputaçaõ em que elle deixou a ſua Igreja, e os conhecidos talentos de Fructemundo, que ſe lhe ſeguio, levaraõ eſte bom Prelado a aſſiſtir nos tres Concilios Toletanos, que foraõ celebrados nos annos de 681, 684, e 688. Depois delle, Arconcio, e Mentelio, o primeiro eleito em 689, e o ſegundo em 700, ambos ſe acháraõ no XVI., e XVIII. Concilios de Toledo, neſte Mentelio, e naquelle Arconcio. Juſtino, eleito em 711, regia a Igreja Eborenſe quando os Mouros conquiſtáraõ Heſpanha, e opprimida deſtes barbaros dominantes eſteve a cefala até ao anno de 1166, em que tornou a ſer reveſtida da ſua dignidade pelo Rei D. Affonſo Henriques.

A Igreja de Lisboa foi fundada, como dizem, pelo meſmo S. Manſos no anno de 36, hum depois delle ter

ſun-

fundado a de Evora, ſendo Biſpo de ambas, como fica dito. No eſquecimento, e falta de noticia certa da Succeſſaõ dos ſeus Prelados, até ao anno de 308, em que foi eleito S. Gens, Diſcipulo de Sant-Iago, Evora, e Lisboa correm igual parelha. Depois de S. Gens foi eleito Januario, que era Biſpo de Salacia: em 348 S. Olympio, e em 380 Pontamio gozáraõ a paz, que á Igreja concedeo o Imperador Conſtantino. Os mais Biſpos, que teve Lisboa até a entrada dos Mouros, foraõ Paulo em 589; Goma, ou Gomarelo, que mandou aſſiſtir no Concilio Tarraconenſe a Fructuoſo Diacono, e foi eleito em 610: Viarico, ou Diadico, em 633, que ſe achou no Concilio IV. de Toledo: em 646 Neufrido, que por Chriſpino Abbade mandou ſobſcrever no VII. Concilio Toletano: em 656 Ceſario, que ſobſcreveo no X. Concilio da meſma Cidade: em 666 Theodorico, que ſe achou no de Mérida: em 683 Ara, que aſſiſtio, e ſobſcreveo no XIII. Concilio de Toledo; e em 688 Landerico, que aſ-

Era vulg.

ſi-

Era vulg. ſignou o XV. Concilio da meſma Cidade. Depois delle ſuccedeo a invaſaõ dos Mouros, que foi a cauſa de Lisboa naõ ter mais Prelados, até que o Rei D. Affonſo Henriques a conquiſtou, e nomeou o primeiro no anno de 1147.

A Igreja de Braga, na razaõ de Arcebiſpado, he a mais antiga das Heſpanhas, fundada no anno de 37 depois de Jeſu Chriſto por S. Pedro de Rates, grande, e primeiro Apoſtolo, invicto Martyr das meſmas Heſpanhas, e Diſcipulo de Sant-Iago. Elle teve por Succeſſor no anno de 45 a S. Baſilio, tambem Diſcipulo do Santo Apoſtolo. Em 95 foi eleito Santo Ovidio, Romano, que além do goſto, que lhe cauſou a conſtancia, com que as ſuas ovelhas davaõ a vida pela Fé, elle ſe lhe ſublimou a prazer extremoſo pelos glorioſos triunfos, que vio conſeguir ás Martyres invenciveis Guiteria, e ſuas oito irmãs, ſe acaſo o foraõ. Do anno 130, em que S. Polycarpo alcançou o tempo do Imperador Adriano, até o de 245, florecêraõ exem-

pla-

plares no zelo Severiano, e S. Fabiaõ. Era vulg.
O meſmo podemos dizer em 260 de S. Felix Grato, natural de Athenas; em 273 de S. Secundiano, ou Secundo; em 268 de S. Narciſo, que foi Apoſtolo dos Póvos Rhecios, natural de Santarem, havendo-lhe precedido, ſem ſabermos em que anno depois de S. Secundo, Caledonio, que era hum homem de Africa muito illuminado, e aonde tinha ſido Biſpo de Carthago.

Em 275 illuſtrou Paterno a ſua Igreja com as muitas letras, e virtudes, de que era dotado, e em 290 naõ deixou ſentir a ſua falta S. Salomaõ, que poſto em campo contra os ſectarios de Paulo de Samoſiata, famoſo herege, os fez em pó com o pezo da doutrina Orthodoxa. No anno de 300 ſentio Sinagrio, ou Sinagio a perſeguiçaõ das ſuas ovelhas, conſolado ao meſmo tempo pela firmeza com que S. Vitorio, Suzana, e outros Martyres rubricáraõ a Fé com o ſeu ſangue. Foi ſeu Succeſſor S. Leoncio, que ſe achou no Concilio Ecumenico de Niccéa, eleito em 314, ao qual ſe ſeguio

Era vulg. guio Appollonio, que foi hum dos noſſos Prelados aſſiſtente á diviſaõ das Igrejas de Heſpanha. Como neſtas idades já mereciaõ eſtimações muito além das vulgares a Igreja, e Arcebiſpos de Braga, Domiciano eleito em 347, foi convidado para o Concilio Sardienſe, e o ſeu Succeſſor Idacio, nomeado em 359, para o célebre de Rimini.

Zampadio, Arcebiſpo em 380, ſe achou no Concilio de Saragoça, e em outro Concilio na meſma Cidade aſſiſtio o ſeu Succeſſor S. Paterno, ou Patruino eleito em 392. Como Santo Agoſtinho já tinha no mundo muitos filhos do ſeu Inſtituto, creaturas da ſua doutrina, S. Profuturo, que era huma dellas, veio em o anno de 400 illuſtrar o Arcebiſpado de Braga com as ſuas nobres qualidades, que em 410 ſoube imitar Pancracio, que convocou, e foi o Chéfe no primeiro Concilio de Braga. Seguiraõ-ſe em 412 Balconio: em 449 Valerio I.: em 456 Idacio de Naçaõ Suevo, que fora Biſpo em Lamego: em 494 Caſtino, Legado Apoſtolico do Papa Hormiſda:

em

em 524 Valerio II.: em 525 Profoturo, que tinha ſido Arcebiſpo de Tarragona: em 526 Santo Ausberto de Naçaõ Flamengo: em 534 Juliano, que foi Arcebiſpo de Toledo: Eleutherio, que teve a complacencia de ver entrar na Luſitania a S. Martinho de Dume, vindo da Grecia, de Naçaõ Hungaro, e acompanhando as reliquias de S. Martinho Turonenſe, como já diſſemos. Era vulg.

Como o catholico zelo daquelle Santo ſe empenhava tanto na extirpaçaõ da Hereſia dos Suevos, Lucrecio para ſe conſeguir eſte glorioſo fim, depois de ſer creado Arcebiſpo em 353, congregou hum Concilio em Braga, e eſte triunfo do erro deo explendores novos á pureza da Fé Luſitana, e ao luminoſo das ſuas Igrejas. Tudo lhes ſublimou a maior augmento o ſobredito S. Martinho de Dume deſde o anno de 574, até o de 587, em que lhe ſuccedeo no Arcebiſpado Benigno, que ſe achou no III. Concilio de Toledo. Em 589 lhe ſuccedeo Pantardo, e no ſeu tempo brilhou em heroicas vir-

Era vulg. virtudes Santo Eſtevaõ, Abbade de Rates. Seguio-ſe em 612 S. Tobeu, ou Tolobeu, que deixou o nome recomendavel ás memorias, aſſim pelas virtudes, como pela actividade com que concorreo para a fundaçaõ do Convento de S. Toribio da Ordem de S. Bento, ou de Santo Agoſtinho, como preſumem alguns Eſcritores.

De Biſpo de Narbona veio em 631 ſer S. Pedro Juliano Arcebiſpo de Braga; que parece ſe fazia a Providencia Suprema condutora dos homens eminentes para os trazer como luzes, que collocava no candieiro da Igreja Luſitana. No anno de 650 em nada ſe lhe deſigualou Manucino, taõ intoleravel aos genios diſſolutos pelo ardor com que fazia propagar as virtudes, e pela conſtancia com que defendia o Direito da Igreja, e liberdades Eccleſiaſticas, que elles o deſterráraõ do Arcebiſpado; mas eſta perſeguiçaõ nada atemoriſou a Pancracio ſeu Succeſſor para lhe ſeguir os veſtigios: Prelados de corage, que eraõ bem capazes de dizer aos Hereges de grande

ca-

caracter, como o famoso S. Basilio a Perfeito, Ministro do impio Imperador Valente: Vós obrais livre, e fallais solto, porque naõ vistes diante de vós hum Bispo. Era vulg.

Em 652 foi eleito Pontamio, que chamamos o Penitente pelo sabido caso do seu arrependimento por hum peccado público; miserias naquellas idades taõ pouco vistas nos Prelados, que deraõ occasiaõ ao nosso Manoel de Faria e Sousa para dizer com o seu costumado desembaraço: Que entaõ era nos Bispos taõ raro encontrar-se hum vicio, como hoje achar-se-lhes huma virtude: Liberdade solta, bem reprehensivel no Faria, quando sabemos do seu tempo até aos nossos os Prelados, que tem havido edificantes, ornados de muitas, e grandes virtudes ainda sem sairmos da nossa Lusitania. Achou-se Pontamio no VIII. Concilio de Toledo, e no anno de 556 teve por Successor a S. Fructuoso, que era Gallego, da Ordem de S. Bento, e foi eleito no X. Concilio Toletano, aonde as suas virtudes, e talentos bem co-

Era vulg. nhecidos o fizeraõ merecedor da Dignidade. S. Quiricio lhe ſuccedeo no anno de 663, e a eſte S. Leodiciſio em 667 : Liuba em 680, elle aſſiſtio ao Concilio XI. de Toledo: em 688 Fauſtino da Ordem de S. Bento, ou dos Eremitas de Santo Agoſtinho ; e em 713, quando os Mouros havia dous annos que dominavaõ Heſpanha, S. Felix Torcato, Martyr, que ſuppomos ter ſido ás mãos daquelles Barbaros.

O meſmo glorioſo deſtino dariaõ elles ao Martyr S. Victor, da Ordem de Santo Agoſtinho, e Succeſſor de S. Felix no anno de 734. Naõ impedio o dominio dos Mouros a ſuceſſaõ dos Arcebiſpos de Braga até ao reinado de D. Affonſo Henriques ; mas os que ſe ſeguíraõ até ao primeiro nomeado por eſte Rei naõ ſaõ do noſſo aſſumpto ; porque governáraõ a ſua Igreja depois de deſtruido o Imperio dos Godos em Heſpanha, eu naõ farei mais que nomeallos. A S. Victor ſe ſeguiraõ Heronio, e Hermenegildo, que ambos foraõ Biſpos de Saragoça, como

mo tambem Jacobo II.: Fredeſendo, Era vulg.
que governava quando D. Affonſo o Catholico reſtaurou a Cidade de Braga: Arcarico; Odoario; Argimundo, que ſe achou no I. Concilio de Oviedo; Noſtrano, que aſſiſtio ao II. Concilio da meſma Cidade; Dulcidio; Gladila, que vio floreſcer Santa Comba em virtudes; Argimiro, que ſe achou na ſagraçaõ da Igreja de Sant-Iago; Theodomiro, que eſteve em hum dos Concilios de Toledo; Silvano, Prelado Santo, e ſabio; Heros, que aſſinou em huma Doaçaõ de S. Roſendo ao Moſteiro de Cella-Nova; Hermegildo, que aſſinou no Concilio Provincial de Navego, e foi teſtemunha da preciosa vida de Santa Senhorinha de Baſto; Juliano, Arcebiſpo de Toledo; Viſtreo; Juſtrio; Pedro III.; Sigifrido, Abbade do Moſteiro de Fulde em Alemanha; D. Creſconio; D. Pedro IV.: S. Giraldo, Francez da Ordem de S. Bento; D. Mauricio, da meſma Ordem, e Reino, já no tempo do Conde D. Henrique; D. Paio Mendes, primeiro nomeado por El-Rei D. Affonſo

Era vulg. Hênriques : Prelados todos, que pelas ſuas qualidades ſublimes, e virtudes heroicas, ainda hoje merecem, e ſempre ſeraõ dignos das noſſas reſpeitoſas lembranças pela gloria immortal com que deixáraõ enriquecida a noſſa fideliſſima Igreja Luſitana, ſempre iſenta do erro, que inficionou a tantas.

A Igreja do Porto principiou logo a reſplandecer com as luzes do ſeu Fundador S. Pedro de Rates, Arcebiſpo de Braga, que no anno 41 depois de Jeſu Chriſto erigio o ſeu Biſpado, e nelle nomeou primeiro Biſpo a S. Baſileo, que, como elle, era Diſcipulo do Apoſtolo Sant-Iago. Do dito anno de 41 até o de 421, em que reinava na Luſitania Genſerico, Rei dos Wandalos, nós naõ temos noticia mais que de tres Biſpos, que foraõ S. Sylveſtre, S. Eſtevaõ, e Ortigio. No referido anno de 421 achamos memorias de Arisberto, que aſſinou no primeiro Concilio Bracarenſe, e teve por Succeſſor a Symphoſio. Em 561, eleito o Biſpo Timotheo, elle com ardor incrivel, e esforço inimi-

tavel combateo as hereſias do ſeu tempo, eſpecialmente a Arriana, e lacodio do ſeu Biſpado os turbilhões, e nuvens do erro, que pertendiaõ eclypſar nelle as luzes da doutrina pura. Era vulg.

Daqui em diante ſabemos, que até a invaſaõ dos Mouros, illuſtráraõ a Igreja do Porto D. Viator: em 569 Conſtancio: em 589 Argiovitro: em 610 Argeberto: em 633 Anciulfo: em 637 Uzibefo, que eſteve no Concilio IX. de Toledo: em 648 Flavio, que aſſinou no X. Concilio da meſma Cidade: em 675 Froarico, que ſe achou no III. Concilio Bracarenſe: em 693 S. Torcato Felix, que foi Arcebiſpo de Braga. Depois deſte Santo Prelado entráraõ os Mouros em Heſpanha, e nada ſabemos dos Prelados, que ſe lhe ſeguíraõ até ao anno de 876, em que foi eleito Gumeado. Deſte Biſpo até D. Hugo, que tinha ſido Prelado da Igreja de Sant-Iago em Galliza, e alcançou o tempo do Conde D. Henrique, houveraõ dez Biſpos, que foraõ D. Juſto; Hermogio; Gumeado II.; D. Froalengo; Hermogio II.;

No-

Era vulg. Noneco; S. Siſnando, Hugo, Auberto, e Siſinando: Prelados benemeritos, que tanto no tempo dos Mouros, como no governo dos Reis de Leaõ, conſervárao na ſua Igreja incontaminada a pureza da Fé, e a integridade dos coſtumes.

CAPITULO IV.

Proſegue-ſe a meſma materia do eſtado da Igreja Luſitana no tempo dos Reis Godos.

ENTRE os Biſpados antigos, que na Luſitania ſe fazem recommendaveis, aſſim como a grandeza da ſua Cidade naquelles tempos, he o de Lamego. Nós encontramos pela Hiſtoria do fundo das mais remotas idades memorias illuſtres da pureza do ſeu Chriſtianiſmo, e nomes ſoltos de Prelados inſignes, e entre elles Idacio, que abraçou a Religiaõ Catholica em tempo dos Suevos. No dos Romanos, e anno de 203, ſe aſſegura fora ſeu primeiro Biſpo Severo, ſem ſabermos del-

delle mais que o nome. A meſma igno- Era vulg.
rancia nos domina no conhecimento de todos os ſeus Succeſſores, na revo-luçaõ, e invasões de tantas Nações eſtranhas na Luſitania, até ao anno de 1169, em que nos conſta com certeza fora eleito primeiro Biſpo D. Mendo da Ordem de S. Bento, que ſuppomos nomeado pelo Rei D. Affonſo Henriques.

Dominavaõ os Romanos toda Heſpanha, e tinha o grande Imperador Conſtantino já concedido a paz geral á Igreja, quando no anno de 324 foi erecto no Algarve o Biſpado de Oſſonoba, Cidade célebre até ao tempo dos Mouros, donde o Rei D. Sancho I. transferio a Cadeira Epiſcopal para a de Sylves, quando a conquiſtou aos meſmos Mouros: Biſpado taõ brilhante, que o dito Rei, mais attento á antiguidade de Oſſonoba, que tinha florecido, do que á grandeza entaõ de Sylves, que principiava a florecer, diſſe: A noſſa Igreja Sylvenſe, ſita no Algarve, que na antiguidade brilhava famoſiſſima, e riquiſſima.

Fo-

Era vulg. Foraõ varias as opiniões a reſpeito do lugar, aonde eſteve a Cidade de Oſſonoba. Gaſpar Barreiros na ſua Chorografia diz, que era o meſmo Povo, que no ſeu tempo por corrupçaõ ſe chamava Eſtombar. Eſtrabaõ lhe chama Sonoba; Pomponio Méla Onoba; Luiz Marinho de Azevedo na primeira parte das Antiguidades de Lisboa, naõ lhe chama Cidade, nem a tem por Epiſcopal, e a involve como Lugar, ou Aldea juntamente com o Lugar de Olitinge; Antonio Baudrand no ſeu Lexicon Geografico quer, que Oſſonoba ſeja Sylves; Fr. Bernardo de Brito na Geografia da Luſitania affirma, que das ruinas da Cidade de Oſſonoba ſe edificou a Cidade de Fáro, algum tanto apartada do primeiro ſitio, e chegada mais ao mar. Acertou na realidade Brito neſte paſſo, errando tantos na carreira da noſſa Hiſtoria.

Hoje naõ ſó temos probabilidade, mas evidencia, de que a Cidade Epiſcopal de Oſſonoba ſe eſtendia do ſitio, aonde eſtá o Lugar de Eſtoi, até hum campo chamado Milreo, huma legua diſ-

diſtante de Fáro, aonde cada dia ſe deſcobrem veſtigios deſta antiga Cidade, entre elles huma, que parece Hermida, ou Capella toda de miúdos embutidos que eu vi, e examinei muitas vezes. Da meſma ſórte he certo, que das ruinas de Oſſonoba foi fundada a Cidade de Fáro; porque de dous annos a eſta parte ſe tem deſcoberto varias pedras nas ſuas muralhas, que marcaõ haverem ornado edificios de Oſſonoba no lugar referido, como entendo, que brevemente o fará público hum curioſo na deſcripçaõ do Reino do Algarve, que tem compoſto, e a quem eu tambem faço o obſequio da noticia deſta ſua eſtimavel antiguidade. Era vulg.

No anno pois de 324, ſendo os Romanos ſenhores das Heſpanhas, principiou a illuminar o Algarve a Igreja de Oſſonoba na peſſoa do ſeu primeiro Biſpo Vicente, que aſſinou no Concilio Illiberitano. O ſeu Succeſſor Itacio aſſiſtio no Concilio nacional de Saragoça; e Pedro, creado Biſpo em 590, ſendo Rei dos Godos Recaredo I., elle ſe achou no Concilio, que o meſ-

Era vulg. mo Rei convocou em Toledo contra os Arrianos. Duvidaõ alguns, que certo Gregorio foſſe Biſpo de Oſſonoba, e ſaltaõ para o anno de 653, em que reinava ſobre os Godos Receſvindo, e nomeiaõ Prelado a Saturnino, que dizem mandára ao ſeu Arcediago Sagarello aſſiſtir no VIII. Concilio Toletano. Em 666 ſe faz memoria de Exarno, que aſſinou no Concilio Emeritenſe, e em 680 teve por Succeſſor a Pluciano, que foi hum dos Padres do Concilio Ecumenico Conſtantinopolitano III. Belito, eleito em 683, eſteve no Concilio XIII. de Toledo; ao XV. o ſeu Succeſſor Agripo mandou o Presbitero Daniel, e como no ſeu tempo os Mouros ſe fizeraõ ſenhores do Algarve, naõ houvéraõ em Oſſonoba mais Biſpos, até que o Rei D. Sancho I. conquiſtou Sylves, para onde mudou a Cadeira Epiſcopal, que depois ſe transferio para a Cidade de Fáro, aonde agora exiſte.

Memoravel, illuſtre, e taõ antiga, que deſde o primeiro Seculo de Jeſu Chriſto floreceo ſempre brilhante,

te, luminoſa a Chriſtandade, e Igre- Era vulg.
ja da Cidade de Coimbra: Nós nos laſtimamos, de que ſe ſepultaſſem no tumulo do eſquecimento até os nomes dos Prelados dignos, que a regeraõ os primeiros quatro Seculos. No Imperio de Honorio, e anno de 409, quando os Wandalos invadíraõ Heſpanha, ſe nos faz lembrança de Elipando, que podemos eſtimar como primeiro Biſpo de Coimbra. Depois delle nos encontramos com outro vacuo, até o anno de 563, em que reinava Theodemiro ſobre os Suevos da Luſitania, e foi eleito Biſpo Lucencio da Ordem de S. Bento. O Moſteiro de Lorvaõ, que por eſtes tempos era objecto eſpectavel em virtudes, letras, e grandeza, em 630 deo a Coimbra hum benemerito Biſpo na peſſoa do ſeu Abbade Hermulfo, que em 638 teve por Succeſſor a Renato, Monge do meſmo Moſteiro.

No tempo do Rei Godo Receſvindo, que ajuntou tres Concilios em Toledo, e anno de 643, era Biſpo Siſiberto, que ſobſcreveo no VIII. dos

di-

Era vulg. ditos Concilios, e em 666 ſobſcreveo no Provincial de Mérida o ſeu Succeſſor Cantabro. Miro, eleito em 683, fez o meſmo no XIII. Concilio Toletano; e Emilla, que ſe lhe ſeguio em 693, aſſinou o XVI. dos ditos Concilios de Toledo. Depois delle até Servando, que foi eleito em 770, correm 77 annos ſem ſabermos, que Prelados teve Coimbra, eſtando já Luſitania dominada pelos Mouros. Do tempo da invaſaõ deſtes Africanos, e governo do Biſpo Servando, até ao do Rei D. Affonſo Henriques, conſervárao ſem intercadencia o explendor do Biſpado dezaſete Biſpos, que foraõ:

Em 821 Theodemiro, da Ordem de S. Bento: em 873 Nauſtino, ou Nauſto, da meſma Ordem: em 905 Foarengo, da dita Ordem: em 908 S. Gonçalo Oſorio: em 912 Diogo, que confirmou hum Privilegio do Rei D. Ordonho II.: em 914 S. Froalengo II.: em 915 Gromaldo: em 935 Gondeſindo, que confirmou huma Doaçaõ de S. Reſendo ao Moſteiro de Cella-

Nova: em 968 Viliulfo, reinando D. Ramiro III.: em 985 Pelagio no tempo do Rei de Leaõ D. Bermudo II.: em 1064 D. Bernardo: em 1080 D. Pedro, ſendo Governador de Coimbra o Conſul D. Siſnando: em 1082 D. Paterno, da Ordem de S. Bento: em 1088 D. Martinho Simões, primeiro Prior da ſua Sé: em 1092 D. Creſconio, da Ordem de S. Bento: em 1098 D. Mauricio, da meſma Ordem: em 1110 D. Gonçalo, que foi o primeiro nomeado pelo Rei D. Affonſo Henriques: Homens todos, ou pela maior parte, virtuoſos, conſpicuos, e probos, que em idades revoltoſas, e perturbadas conſervárao a ſua Igreja ſem diminuiçaõ na ſua gloria primitiva. Era vulg.

Conſervaõ-ſe na Luſitania memorias da antiga Eminio, que nas ſuas ruinas forneceo materiaes para a fabrica da pequena Povoaçaõ de Agueda no termo da nova Cidade de Aveiro, e a de Eminio illuſtrada na antiguidade pela Cadeira Epiſcopal, que foi erecta em 411, tendo o Imperador Honorio o dominio da Luſitania, e ſendo o ſeu primei-

Era vulg. meiro Biſpo no dito anno Gelaſio, ou Helarſo, que ſe achou no primeiro Concilio Bracarenſe, e naõ ſabemos mais deſtes Biſpos, ſenaõ que Poſſidonio, eleito em 589, aſſiſtíra no III. Concilio de Toledo.

No Reinado de Ariamiro, Rei dos Suevos, e anno de 572, achamos erectos na Luſitania dous Biſpados, hum o de Viſeo, outro o da Idanha, e ſaõ os ultimos, que floreciaõ no tempo dos Godos. O primeiro ſim teve muitos Biſpos antes do referido anno de 572, e tempo dos Romanos em Heſpanha; mas delles naõ ha noticia com certeza, e ſe attende como primeiro a Remiſſol, que ſobſcreveo no II. Concilio de Braga. O ſeu Succeſſor Sunila em 589, era ſectario de Arrio, hereſia que abjurou no III. Concilio de Toledo. A favor do Arcebiſpo deſta Cidade aſſinou o decreto Gundemaro, que ſuccedeo a Sunila no anno de 610. Depois delle, Lauſo em 633; Farno em 638; Parino em 646; Unadila em 643; Reparato em 681; Villiefonſo em 688, e Theudofredo em 693, todos

por

por ſua ordem ſobſcrevêraõ nos Concilios IV. VI. VII. VIII. IX. XV. e XVI. Concilios de Toledo, chamados a elles mais pelas vozes da reputaçaõ, que pela Dignidade do Epiſcopado. Era vulg.

Theodomiro foi hum dos Biſpos, que largáraõ a Igreja de Sant-Iago, e no ſeu tempo abafou o explendor da de Viſeo a innundaçaõ dos Mouros. Mas nas idades deſta oppreſſaõ ſuſtentáraõ nella firme o Chriſtianiſmo os Biſpos Gundemiro, que aſſinou na doaçaõ do Rei D. Affonſo o Grande ao Moſteiro de Sahagum; Anſerico; Dulcidio; Hermenigildo; Iquila; D. Gomes, que ſe achou no Concilio de Coyaça em Oviedo; D. Theodonio, que foi valido do Conde D. Henrique, S. Theotonio, natural do Lugar de Ganfei, e D. Honorio já no tempo do Rei D. Affonſo Henriques.

No meſmo anno de 572, em que ſe erigio o Biſpado de Viſeo, foi fundado, como diſſemos, o da Idanha, Cidade, que para ficar recommendavel na Luſitania, baſtava ſer Patria do Santo Wamba, Rei dos Godos. Nel-

le

Era vulg. le propagou, e floreceo a Chriſtandade, que no dito anno achou com raizes fundas o ſeu primeiro Biſpo Adorico, ou Adorio, que ſe achou no II. Concilio de Braga. Em 597 foi ſeu Succeſſor Licerio, que aſſiſtio no Concilio Provincial de Toledo; Monteſis, que ſe lhe ſeguio em 633, eſteve no IV. Concilio da meſma Cidade, e Monteſis, que foi eleito em 638, no VI. dos ditos Concilios, aſſim como no VII. no VIII. e no XIII. os ſeus Succeſſores Armenio, Selva, e Monofonſo; eleitos o primeiro em 646, e o terceiro em 683.

Ja no tempo do Biſpo Theodomiro, que o foi em 899, os Mouros eraõ ſenhores de Heſpanha, e com confuſas noticias ſe faz memoria dos ſeus Succeſſores Pamerio, Audencio, S. Fulgencio, irmaõ de S. Leandro, Gregorio, e Ageſindo. No Chronicon de Hauberto Hiſpalenſe ſaõ tambem nomeados Biſpos da Idanha Gregorio, Egica, Gregorio II., Licerio II. Athanaſio, Joaõ, Ageſindo, Conſtancio, e Walumboſo; mas todos elles ſaõ

du-

duvidoſos no conceito dos criticos, Era vulg.
que naõ admitem taes Prelados na
Igreja da Idanha. ElRei D. Sancho I.,
que fundou a Cidade da Guarda,
transferio para ella a Sé Epiſcopal,
em que temos fallado, com authori-
dade do Papa Innocencio III., em
1195. Eſtes eraõ os Biſpos, e eſtado
da Igreja Luſitana no tempo dos Go-
dos, e depois delles até a expulſaõ
dos Mouros de muitas das partes da
meſma Luſitania; e do caracter, ze-
lo, e ſantidade dos Biſpos, de que te-
mos dado eſta breve noticia, juſta-
mente podemos inferir a pureza do ſeu
Chriſtianiſmo.

CAPITULO V.

Continuaçaõ do Reinado dos Godos depois da morte do religioſo Tulga, e da do ſeu Succeſſor Chindaſuindo.

NAõ enchugou Heſpanha as lagrimas 649
na immatura morte do ſeu piedoſo Rei
Tulga no Governo de Chindaſuindo,

Era vulg. que lhe ſuccedeo, e o quiz imitar ſendo hum intruſo, como acabamos de ver no fim do Capitulo II. deſte Livro. A reſtauraçaõ daquella perda, e a diminuiçaõ da dor, que ella cauſou, tudo eſtava guardado para a Época feliz do pio, brando, e affavel Receſvindo, que ſuccedeo a ſeu Pai Chindaſuindo. Porque eu tinha de entrar a eſcrever o Reinado de Receſvindo, que ſublimou o Eſtado Eccleſiaſtico de Heſpanha a huma magnificencia eſtrondoſa, eu tratei o que era reſpectivo ao da Luſitania nos dous Capitulos precedentes.

Receſvindo, todo occupado dos ſentimentos da Religiaõ, e que como amigo de Deos, tudo havia de concorrer para o ſeu bem; elle em paz vinte, e tres annos, conſagrou ao Ceo todos os ſeus cultos, e á Igreja Santa a efficacia dos votos. Elle convocou o oitavo, nono, e décimo Concilio de Toledo, e hum em Mérida, todos muito uteis para a pureza da Fé, regularidade dos coſtumes, e credito dos Eccleſiaſticos dos ſeus Dominios. Em hum daquelles Concilios, como diſſemos,

mos, Pontamio o Penitente confeſſou voluntariamente, que elle havia cometido hum peccado de incontinencia, abdicando por eſte crime o Arcebiſpado de Braga, que pela ſua depoſiçaõ foi nomeado em Fructuoſo, que ſe achava no meſmo Concilio; Prelado, que foi da Igreja de Dume, inſigne em ſantidade, e milagres, zeloſo na fundaçaõ de muitos Moſteiros, que conſervaraõ ſeculos as piedoſas memorias de Fructuoſo. Era vulg.

Em tudo brilhante o Governo de Receſvindo, elle ſe faz mais memoravel naõ tanto pela invaſaõ dos Gaſcões em Heſpanha, que foraõ rechaçados com o coſtumado valor pelos Godos; mas pela glorioſa coroa de Martyr, que a Santa Iria, ou Irene, teceo frenetico o amor profano. Britaldo, moço illuſtre, amava a caſta Virgem com tanto extremo, que o amor degenerou em loucura. Iria affavel, com ternuras, e modos inſinuantes, que ſe faziaõ ſentir em ſi meſmos, curou a paixaõ de Britaldo, que ſe conſervou reliquias do amor, elle era puro,

Era vulg. ro, e já de homem com juizo. O Monge Remigio vio obrar a Iria este milagre, que sendo para edificar, a elle servio de o corromper. Cégo o Monge nos transportes de amante, elle muda os colloquios espirituaes com que suavemente entretinha a Iria, e converte em práticas de ternura os severos conselhos de Director. Pasma, assombra-se a Santa, conhece solapado o veneno, e arroja de si, sacode o aspide.

Entaõ o Monge, por desatendido, furioso, sensivel á imaginada injuria prepara o despique em huma bebida de mixtos com virtude de fazer mostrar ventre de mãi á Santa Virgem. Chegou a Britaldo a noticia da fingida prenhez, que suppoz verdadeira. Elle converte em furor o antigo agrado; determina lavar a incontinencia de Iria, e a sua injuria com o sangue da innocente. Vem Britaldo ás margens do rio Nabaõ, aonde estava o Mosteiro, em que a Santa na companhia de suas tias fazia huma vida angelica. Ella he impiamente degollada, e o seu cor-

po

po foi lançado pelos algozes á corren- Era vulg.
te das aguas. Revelou o Ceo eſte ca-
taſtrofe glorioſo ao Abbade Selio, tio
da meſma Santa, que buſca o cadaver
ſepultado pelos Anjos no fundo do Té-
jo. Eſte rio ſe divide, e moſtra paten-
te o theſouro, que occulta, aos olhos
que o buſcavaõ. Os devotos peſquiza-
dores ſe retiraõ contentes, e commo-
vidos, quando víraõ, que o rio torna
a buſcar os limites donde ſe apartára
para deixar o paſſo franco ás ſuas di-
ligencias. He o Téjo o tumulo de Iria,
o ſeu Epitafio Santarem, que entaõ
deixou o nome de Scalabis, e tomou
o de Sant'Irene, depois corrupto em 672
Santarem.

Ignorante da ſerie de muitos ſuc-
ceſſos nos ultimos annos da vida do
Rei Receſvindo, ſabemos as revolu-
çõeſ grandes, e males perigoſos, que
a ſua morte trouxe a Heſpanha. Theo-
dofredo ſeu filho, e Succeſſor, ficou
de inui pouca idade, e os Godos que-
riaõ Rei robuſto, nunca attentos ao
ſangue, ſenaõ ao valor dos ſeus Prin-
cipes. Em genios deſte caracter naõ

po-

Era vulg. podiaõ as idéas para o governo deixar de mover os eſpiritos, cada qual inquieto para o lado, aonde o arraſtava o intereſſe, a ambiçaõ, aos menos o amor da Patria. No meio da geral perturbaçaõ dos animos, dizem fora revelado ao Papa, que na Luſitania havia hum Lavrador chamado Wamba, e que eſte havia ſer o Rei dos Godos. Sahíraõ exploradores a buſcar pelos campos o Rei incognito. Chegáraõ aos da Idanha, e encontráraõ lavrando hum homem, que lhes diſſe ſe chamava Wamba. Elles o auguráraõ Rei da vaſta Monarquia dos Godos, e ſe aſſegura, que Wamba lhes reſpondera, daria credito á boa nova com que o liſongeavaõ, ſe plantada na terra a aguilhada com que lavrava, de repente reverdeceſſe.

Acompanhou Wamba eſtas palavras com a acçaõ de cravar na lavoira a aguilhada, que no meſmo inſtante foi viſta verde, e coberta de folhas. O ſucceſſo verificou a revelaçaõ do Papa, e veio ſer Rei dos Godos o Lavrador do campo da Idanha, novo David achado

do para Rei entre as matas, paſto- Era vulg.
riando os rebanhos de ſeu pai. Sería,
ou naõ o Rei Wamba eſcolhido pelo
Ceo para Soberano dos Godos, e
Iria da paz na geral revolta, que a mor-
te de Receſvindo carretou a Heſpanha.
Mas o certo he, que nós o podemos
crer, attendendo á ſantidade da ſua vi-
da, ao ſeu zelo pela Religiaõ, á ele-
gancia das ſuas acçõeſ, que tudo o
o eſtá inculcando Rei eſpecialmente
dado por Deos a Heſpanha, quaſi co-
mo David a Iſrael.

Com prudencia admiravel pacifi-
cou Wamba os eſpiritos inquietos dos
vaſſallos, depois que em Toledo foi
coroado com magnificas ceremonias.
Como tinha os animos conformes, e
o Ceo propicio, naõ ſe perturbou com
a rebelliaõ dos Navarros, e outros
Póvos confinantes: marchar ſobre el-
les, e domallos, foi huma ſó acçaõ
em Wamba. Se teve algum ſuſto, el-
le moſtrou, que naõ o perturbava ou-
tra revolta, apenas abafada a primei-
ra, com que Hilperico, Conde de Ni-
mes em França, Cidade entaõ do do-

mi-

Era vulg. minio de Hefpanha, pertendeo facodir o jugo dos Godos. Parece que eftes vaffallos mais apartados da Luſitania, ignorantes das qualidades de Wamba, para lograrem os deſignios da liberdade lhes deo corage ouvirem dizer, que empunhava o Sceptro o homem groſſeiro, que acabava de largar a rabixa do arado; como ſe as virtudes da alma tiveſſem alguma dependencia dos chamados dotes da fortuna, e imaginada qualidade do naſcimento.

Wamba para fazer aos rebeldes evidente o nada, que os temia, ſem ſair da Corte, mandou ao ſeu General o Grego Paulo lhes foſſe tomar contas da perfidia. Eſte eſtrangeiro, eſquecido da fidelidade, que devia ao Principe a quem ſervia, ſe unio com elles, e ao ſeu exemplo tornáraõ a revoltar-ſe os Navarros, e junto com elles os Catalães. Entaõ ſe reſolveo Wamba a paſſar os Pyreneos, para onde audaz, e atrevido o deſafiára Paulo. Humas a outras ſe ſeguíraõ as victorias, tantos os combates, quan-

tos

tos os triunfos, a cada golpe de Wamba cortadas muitas palmas. Sobmettido o Paiz, lhe cairaõ nas mãos os rebeldes, que as ſentiriaõ pezadas, ſe foſſem outras. Mas o Rei nada vingativo, todo clemencia, lhes comutou a pena de mórte em prizaõ perpetua para naõ pertubarem antes ao Eſtado, que a elle. Era vulg.

675 A grande reputaçaõ que adquirio Wamba por tantas, e taõ aſſinaladas victorias, o fez gozar ditoſa paz, pelas virtudes amado dos vaſſallos, pelo valor temido dos contrarios. Entaõ convocou elle o XI. Concilio Nacional de Toledo, aonde acabou de ajuſtar a diviſaõ dos Biſpados de Heſpanha, com os limites, e termos das juriſdicçõeſ, pouco alterada a demarcaçaõ primeira, de que deixo dada noticia. Mas por eſtes tempos já os Africanos ſe enſaiavaõ em viſitar as noſſas coſtas maritimas. Elles as inſultáraõ, e ſe preſume, que eſta invaſaõ foi traçada por hum Conde Grego deſterrado pelos Imperadores de Conſtantinopla, chamado Hervigo. Tinha eſ-

te

Era vulg. te caſado com huma ſobrinha do Rei Receſvindo, e eſta alliança junta aos annos avançados, que Egica conſiderava em Wamba, entendeo lhe davaõ direito, e facilidade para ſer Rei dos Godos em Heſpanha.

Por força das armas naõ logrou Hervigo o projecto. Os Barbaros, em que ſe fiava, foraõ feitos em póſtas, naõ ſe diminuindo em Wamba a corage com a velhice. De outros meios todos induſtrioſos ſe valeo Hervigo, e conſeguio ſer adoptado por Wamba, que bem pouco ſenſivel ás glorias do mundo, as enterrou comſigo no Moſteiro de Pampliega entre Burgos, e Valhadolid, para paſſar o reſto da vida na tranquillidade de eſpirito, que naõ he facil gozar-ſe nos bulicios do Seculo. Nelle a acabou com morte precioſa o Rei, que ſempre fez vida de ſanto, e podemos dizer, que com elle eſpiráraõ as felicidades das Heſpanhas; principiando daqui em diante a ter muitas diſpoſiçõeſ antecedentes ás grandes calamidades, que as eſperavaõ no infauſto reinado de Rodrigo; que

he

he huma ordem vulgar da Providencia ſuprema fazer, que precedaõ proemios eſtrondoſos aos grandes caſtigos. Era vulg.

Hervigo intruſo ficou Rei ſem ſobreſaltos depois da morte de Wamba, que lhe deſterrou o ſuſto das contingencias. Com realidade, ou apparencia de religioſo, immediatamente ajuntou dous Concilios, aonde os negocios ſeculares levaraõ mais attenções, que os Eccleſiaſticos; idéas de quem reina ſem direito ás Coroas, para as ſuſtentar na cabeça firmes com as forças reſpeitoſas da Religiaõ. No primeiro daquelles Concilios ſe tratou o modo com que o Rei, e a ſua ſucceſſaõ ſe haviaõ conſervar na Monarquia: no ſegundo foraõ confirmadas todas as determinações do primeiro. Com pouca interpolaçaõ de tempo convocou outra Aſſembléa para ſe reſolver nella, que os Decretos do VI. Concilio Geral Conſtantinopolitano contra os erros de Apollinar, foſſem admittidos em Heſpanha. Depois cuidou de contentar o Povo, entendendo o liſongearia caſando ſua filha Cixilona com Egica, 682 684 685

Era vulg. ca, filho de huma irmã do Rei Wamba, tambem naſcido na Idanha, e ſegundo Monarca Luſitano, que veio a ſucceder no Throno dos Godos.

Sentia neſtes annos Luſitania os effeitos da peſte geral, e eſpantoſa, que ſe aſſegura lhe roubára a terceira parte dos ſeus moradores. Nelles, e nos ultimos do ſeu Reinado, Hervigo, para prevenir os futuros, nada deſejava tanto, nem lhe levava agitações maiores, que trabalhar, para que ſeus filhos ficaſſem no agrado de Egica, que era muito reſpeitado de toda a Nobreza Gothica. Com a meſma idéa cuidou em honrar as Memorias de Wamba na edificaçaõ dos muros da Idanha ſua Patria com grandeza de Principe, e induſtria de Politico. O meſmo empenho tinha em Mérida o Luſitano Sala; occupados ambos em fazer reſpeitavel o nome, e o Reino dos Godos, quando eſtava proximo o Reinado do abominavel Witiſa, que arruinando neſtas paredes, e nas de todas as Praças as forças de Heſpanha, havia fazer perder aos Godos o Reino, e o nome.

Com

Com effeito, depois de Hervigo, Era vulg: 687
Egica, filho de Ariberga, irmã de Wamba, foi acclamado Rei. Entendiaõ os Póvos, que elle era huma emanaçaõ da alma do grande Tio: nos tranſportes do prazer ſe lhes confundia o goſto, e em effeitos differentes era huma, e a meſma a cauſa da alegria. Augmentou-ſe a ſatisfaçaõ, e complacencia dos vaſſallos, quando o víraõ repudiar a filha, que Hervigo lhe dera por mulher, naõ goſtando os Godos de venerar como reliquias Reaes aos filhos de hum Tyranno. Depois 698
convocou Egica varios Concilios ſobre as diverſas materias, que occorriaõ, e vivia ſatisfeito na profunda paz, que gozava.

Naõ ſe poſſuindo eſte bem nas Monarquias, ſenaõ em quanto querem os outros homens perturbadores, ou ambicioſos: a de Egica foi alterada pelo Conde Vitulo de Galliza, que pertendeo uſurpar-lhe o Throno. A rebeliaõ ainda que inquietou aquelle Reino, e as terras de Entre Douro e Minho, ella foi depreſſa abafada, e

reſ-

Era vulg. reſtituido Egica á ſua amada paz. Para evitar com tudo nas meſmas partes outras revoluçõ̃es ſemelhantes ; reconhecendo elle em ſeu filho Witiſa, havido na repudiada Cixilona, qualidades bem proprias para reger, e domar hum Eſtado inquieto, o nomeou Rei do Minho, e de Galliza, e elle ficou com Heſpanha, e a Gallia Narbonenſe.

Witiſa, que naõ herdára as virtudes, e piedade do pai Egica, nem do avô Wamba, fez Corte da Cidade de Braga, e quando o deſtinavaõ para apagar faiſcas de ſediçõ̃es, elle ſervio de atear incendios de diſcordias. Com eſpirito cruel, e animo brutal, Witiſa ſe transformou em Rei dos vicios, em verdugo dos homens, ſem nada de bondade além do reſpeito, que tinha a ſeu Pai, unico freio, que o continha nos deſmanchos para com o deſpotiſmo do dominio naõ dar caracter mais infame ás deſenvolturas.

701 Deixando no mundo taõ máo filho, Egica morreo na Cidade de Tuy, aonde entaõ ſe achava, e Witiſa marchou

lo-

logo a Toledo para ſer acclamado Rei dos Godos. Era vulg.

Precurſor do infeliz Rodrigo eſte homem indigno de ſer Rei, depois de reveſtido da mageſtade arraſtou naõ ſó a cauda, mas toda a purpura; e por todos os modos inſolente; a eſpada, e o ſceptro mais eraõ flagellos de opprimir, que deviſas de o honrar: Elle o Heliogabalo de Heſpanha, que na cultura dos vicios preſumio imprimir alto caracter na reputaçaõ das ſuas gentes: Elle, que na deſenvoltura dos vaſſallos intentou eſtabelecer conſtante a felicidade da Monarquia: Elle a nuvem medonha, que eclypſou todas as luzes brilhantes dos Reis Godos ſeus predeceſſores: Elle verdadeiro Tiçaõ de Heſpanha, que lhe pôz o fogo, e fez lavrar o incendio, que a devorou pelos ſeus dilatados ambitos: Elle, em fim como já diſſe, o Precurſor fatal do infeliz Rodrigo, que pelos caminhos da depravaçaõ aparelhou para as gentes Luſitanas, e Heſpanholas o mais duro cativeiro; homem indecente, vaſio de toda a juſtiça.

Co-

Era vulg. Começou Witiſa a exercitar a crueldade com a Familia Real; a huns dos Principes arrancava os olhos, a outros tirava a vida, eraõ felices os que ficavaõ ſem liberdade. Rodeado de contubernaes, e imitadores das ſuas deſenvolturas, elles lhe forneciaõ os objectos dos appetites torpes, que lhe levavaõ todos os cuidados. O Palacio era hum proſtibulo vil de obſenidades, Witiſa hum Tiberio entre os Godos, que premiava aos inventores de novos modos de luxuria. Para disfarçar os eſcandalos com outros maiores, concedeo o uſo de muitas mulheres aos vaſſallos; e continuando a cobrir a malicia ſem pejo, promulgou huma Lei, em que facultava o matrimonio aos Eccleſiaſticos. Os animos pios á viſta de tanta impiedade ſe enchiaõ de horror ſanto, laſtimados da corrupçaõ da Nobreza, que céga imitadora, e arraſtada do exemplo do Principe, era a mais pervertida.

Eſte ſentimento dos homens bons acabou de deſenfrear as demaſias de Witiſa, que ordenou por hum Decreto

to negaſſem todos os ſeus vaſſallos a obediencia ao Papa ; primeiro paſſo, e bem vulgar arrojo dos Libertinos ſacodir o jugo da Igreja Santa, deprimilla, e ſe podeſſem aniquilalla, para que freio ſuavé, para elles taõ pezado, lhes naõ impediſſe correr deſenfreados, ſoltos, desbocados pelos caminhos da depravaçaõ, e liberdade. Avançando a temeridade, Witiſa para naõ temer os vaſſallos commovidos, mandou arrazar as fortificações de todas as Praças de Heſpanha ; diſpoſições do caſtigo decretado pela indignaçaõ Divina para facilitar a conquiſta dos Mouros, que ella tinha preparado para Salmanaſares, e Nabucos da Meſma Heſpanha. Era vulg.

Os muros da Cidade de Braga eſcapáraõ da ruina geral pelas inſtancias do Arcebiſpo Felix, que conſeguio a graça pelos bons officios do Conde Juliaõ, valido de Witiſa, e depois (com milagre raro) do ſeu Succeſſor Rodrigo, aquelle o verdugo, eſte o cutello da felicidade, e exiſtencia da Patria. Em Witiſa, como temos viſto,

Era vulg. deo ella os primeiros arrancos, elle os ultimos da vida com dez annos de Governo depois da morte de ſeu Pai, e quatro antes della. Naõ ſabemos de que moleſtia morreo eſte Rei, que huns dizem fora natural, outros, que com olhos arrancados, e ella violenta diſpoſta pelo Infante D. Rodrigo, em pena da que elle dera a ſeu Pai. Mas de qualquer modo que Witiſa eſpiraſſe, elle ſempre morreo com o eſtrondo, com que acabaõ os impios; morte peſſima de peccador, que encheo os vaſſallos de goſto, a piedade de laſtima.

LIVRO VI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Do Governo de Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e invaſaõ dos Mouros em Heſpanha.

EU ſou chegado á Época mais triſte de Heſpanha, e entro na narraçaõ de hum dos caſtigos com que Deos quiz moſtrar, que ſendo taõ facil em perdoar peccados aos homens, he muito difficultoſo em diſſimular eſcandalos aos Reis. Elles ſaõ na terra ſeus Lugar-Tenentes, ſeus Sobſtitutos, ſuas Imagens, ſaõ huns Vice-Deoſes, e elle quer que imitem o Prototypo, o Exemplar, que repreſentaõ. Nada, nem ainda as couſas minimas, ſuccedem no mundo por acaſo: tudo, grande, e pequeno, diſpoem a Providencia Divina para o fim dos Santos, e impreſcrutaveis deſignios, que ſó a ella ſaõ ma-

Era vulg. 707

Era vulg. manifestos. Nesta ordem devemos incluir a invasaõ, e conquista de Hespanha pelos Mouros, e tantos trabalhos, que se lhe seguíraõ, devemos julgar por sem dúvida, que foi hum castigo evidente dos enormes peccados dos Godos, a que encheriaõ os do Rei Witisa, e de Rodrigo o número decretado; talvez semelhantes ás quatro maldades de Damasco, que sem remissaõ chamáraõ pela sua ultima ruina.

Tenebrosos os tempos por onde entra a andar apalpando esta Historia, escuras as idades, que rodeiaõ a sua narraçaõ, tudo abafado pela eutrada em Hespanha da barbaridade de Africa, que como hum sopro apagou nella todas as suas luzes: eu encontro a primeira escuridade no Governo do Rei Rodrigo, que alguns Historiadores presumem reinára com seu irmaõ Acosta, ambos filhos do Infante Theodoredo, sem nos dizerem se tinhaõ ambos juntos authoridade no mesmo Estado, se cada hum em Dominio differente. Nesta dúvida continúo dizendo, que depois dos Principes nomea-

meados arrancarem os olhos a Witi- Era vulg.
ſa, e naõ ſabemos ſe tambem lhe ti-
ráraõ a vida : Rodrigo occupou o
Throno dos Godos com goſto grande
dos vaſſallos , que lhes parecia eſtar
vendo nelle huma imagem de ſeu avô
o Rei Chindaſuindo. Mas ella em taõ
pouco tempo ſe moſtrou por tal modo
contrafeita , que a deſconhecêraõ , eſ-
pantou-os , encheo-os de horror , naõ a
quizeraõ ter viſto.

Fizeraõ elles o cotejo dos ſeus
vicios com os de Witiſa, e julgáraõ que
a relaxaçaõ dos coſtumes do Succeſſor
apagava a fealdade das abominações do
Predeceſſor : vantagem de malicia , ou
por mais mal inclinado , ou por emu-
lo infame Rodrigo , que ſe deixou ver
hum dos herdeiros mais faceis em imi-
tar as maldades , que as virtudes dos
Predeceſſores. Com triſtes principios ,
naſcidos da ſua politica corrupta , prin-
cipiou elle a reinar ; e quando enten-
deo , que removia os obſtaculos para
ſe firmar no Throno , elle lhe deo
hum avano taõ forte , que o deixou
em fraqueza para o primeiro impulſo

dar

Era vulg. dar com elle em terra. Sem lhe fazerem a menor efpecie, perſeguio logo aos filhos de Witiſa, privou a ſeu irmaõ Opas do Arcebiſpado de Toledo, mandou-o reſidir no de Sevilha, e ſobre os homens de probidade deixou cahir intoleravel o pezo da Soberania. Os Principes eſcandalizados ſe refugiáraõ em Africa, e em Ceuta os recebeo ſeu parente o Conde Rechila recommendados pelo Conde Juliaõ, que era cunhado de Witiſa, valido de Rodrigo, e como tal o primeiro dos homens em Heſpanha.

Se com indifferença, e ſem eſcolha de qualidades, a gentileza das Damas roubava todos os cuidados, o juizo, a liberdade do Rei Rodrigo; a de Cava, ou Florinda, filha do Conde Juliaõ, formoſura deſgraçada, chamada com propriedade Helena Heſpanhola; ella entre todas a mais eſpecioſa, e a melhor de todas, mal eſcaparia aos rendimentos de hum Rei reſoluto, amante poderoſo. Cativou-ſe Rodrigo da belleza de Cava, e a elegeo para eſpoſa; mas na conjuntura

em

em que os fados lhe hiaõ a miniſtrar outro objecto para novo goſto, que o obrigaria a eſquecer o primeiro. Hum naufragio arrojou na Corte de Rodrigo a Princeza Africana Egilona, ou Eilata, Dama de rara formoſura, mais attendida por eſtrangeira, e por eſte dote logo eſpoſa do Rei, que eſquece a palavra dada, e o amor empregado em Cava: Egilona, Senhora, e Rainha; Cava no Paço com o emprego de Dama, e a dor de repudiada. Era vulg.

O ſentimento dos filhos, e parentes de Witiſa, que o Rei naõ prevenio quando devêra; agora com o ſeu retiro para Africa, lhe dava o cuidado, que merecia a ſua delicadeza; elle hum mal muito critico, que já fazia difficultoſo o remedio. Entendeo o Rei, que ſó o ſeu valido o Conde Juliaõ o poderia applicar efficaz paſſando a Africa em peſſoa; Juliaõ, Pai de Cava, já reſentido do repudio da filha, que por hum lado elle olhava eſpoſa aggravada, por outro Princeza deſattendida. Ordenou o Rei ao

Con-

Era vulg. Conde, ſe he que lhe naõ pedio, quizeſſe paſſar a Africa com o caracter de Embaixador a Muça, que ſó entendeo inſtrumento capaz por poderoſo para moderar o reſentimento dos filhos de Wetiſa; mas eſta auſencia do valido, eſte deſamparar o lado do Soberano, naõ trouxe comſigo, como vulgarmente ſuccede, a perda do valimento no Miniſtro; mas a ruina da Mageſtade no Rei.

Como a eſte lhe durava o amor aos objectos do goſto em quanto naõ fartava o appetite, elle já ſatisfeito na Rainha Egilona, lembrou a Rodrigo a primeira inclinaçaõ de Cava. O retiro do Pai facilitava a renovaçaõ dos intentos; e a paixaõ eſquecida, tornando a lançar faiſcas, ateou tal incendio, que depois de abrazar o Rei, conſummio Heſpanha. Baſtou huma lavareda do appetite inflammado para reduzir a cinzas o Throno dos Godos, que na meſma Heſpanha tivera tantos Seculos a firmeza do bronze. Inſtrumento deſta fatilidade o Conde Juliaõ, antes da ſua partida para Africa, pa-

re-

rece que elle já trazia na idéa concebido o deſpique, que havia traçar contra a Patria, e contra o Rei; aconſelhando-o, que mandaſſe acabar a grande obra, que principiára Witiſa, iſto he, a ruina das fortificações. Elle o fez crêr, que era huma injuria para a reputaçaõ do valor dos Godos entender-ſe, que no ſeu Dominio ſe neceſſitava de Praças fortes; que as arrazaſſe: que era outra affronta preſumir-ſe, que elles para a ſua defenſa haviaõ miſter armas, quando lhes ſobrava para a ſua ſegurança o terror das Naçoes; que as deſtruiſſe. Deſte modo a miſeravel Heſpanha ſem armas, e ſem praças, os homens affeminados, as campanhas abertas, ella ficou diſpoſta para ſer levada em preza dos primeiros inimigos, que a invadiſſem. Era vulg.

A eſte conſelho logo executado, como de taõ valido, ſe ſeguio a jornada de Juliaõ para Africa. Como a ſua Embaixada a Muça havia ir acompanhada de preſentes magnificos, que franqueiaõ as entradas, e diſpoem os animos para os Officios dos Miniſtros

le-

Era vulg. levarem attenções effectivas: ſendo tradiçaõ immemorial, e voz conſtante, que nos ferrolhados Palacios de Toledo haviaõ ꝛiquezas immenſas; mas que o Rei que os abriſſe para ſe aproveitar dellas perderia o Reino; dizem, que Rodrigo temerario, deſprezando eſtes agouros prudentes, que atemorizáraõ aos ſeus Predeceſſores, elle mandára arrombar as portas do encantado Palacio: que entrára nelle: que buſcando os theſouros, achára Inſcripçõeſ como as do Rei Balthaſſar de Babylonia nas paredes, eſcritas por maõ ſem corpo, e enunciativas da perda da ſua vida, e do Reino: que víra em muitos pannos pintadas as imagens dos Africanos armados de cimitarras, cobertos de turbantes, inſtrumentos do ſeu ultimo eſtrago: em fim, que lhe apparecêraõ outros phantaſmas nas idéas de alguns Hiſtoriadores taõ horrendos, que o Rei voltára atordoado, ſaindo do lugar dos theſouros mais pobre do que entrára, ou antes duas vezes pobre, huma de ouro, outra de eſpirito.

Os

Os modos de que elle ſe ſervio para o recobrar, foi deſenfrear na auſencia do Conde os tranſportes do appetite com ſua filha Cava, que ainda reſentida difficultava a condeſcendencia. Como porém ao amor com poder tudo he facil, Rodrigo como poderoſo conſeguio o fim, que naõ podera amante. Elle fez a Cava o ultraje ſenſivel, que o eſtimulo voluntario encobre, è a honra forçada naõ diſſimula. Repreſentou ella a ſeu Pai, por maneira delicada a nova offenſa, que por cair ſobre chaga ainda freſca, imprimio deſeſperaçaõ na que ſó devera ſer dor. Eſcreveo Cava a ſeu Pai, e acompanhou a carta de huma joia, que levava no meio hum diamante partido, dizendo-lhe: Que eſtando aquella joia ſobre hum bofete na ante-camara do Rei, caira ſobre ella o Eſtoque Real, e lhe partira o diamante de maior valor, que ella tinha: que naõ havendo em Heſpanha quem lhe reſtituiſſe tamanha perda, nem ſoldaſſe taõ feia rotura, lhe mandava a joia, para que com diligencia de Pai, ro-

Era vulg.

Era vulg. rotura, e perda tudo lhe fizeſſe reſtituir em Africa.

Entendeo Juliaõ a queixa da filha, e formou o depravado conceito, de que a rotura do diamante ſó ſe ſoldava com ſangue, e que o valor da perda o havia compenſar com o de toda Heſpanha. Muitos deſpiques em huma ſó obra entrou a traçar o Conde, o ſeu, o da filha, o dos parentes, e filhos de Witiſa, que tambem eraõ ſeus parentes. Com Muça, que entaõ governava a Mauritania, tratou elle logo o grande negocio de privar do Reino a Rodrigo, que era ſeu Rei, de lhe avaſſallar Heſpanha, que era a ſua Patria. Muça participou tudo ao Califa, e eſte deo inſtrucçõeſ ao Conde, e nellas lhe ordenava paſſaſſe ſem demora a Heſpanha para ſegurar partido, e ganhar vontades, empenho facil em hum valido, a quem o Rei fizera da ſua total entrega. Em Malaga concluio o Conde Juliaõ os abominaveis ajuſtes: voltou para Ceuta acompanhado de Cava, e deo principio ao enorme projecto para Heſpanha ſenſi-

sivel, a todas as idades futuras sempre escandaloso. Era vulg.

No anno 713 da Era Hespanhola passou o mar a vanguarda do exercito Africano, composta de 12$ homens, que eraõ mandados por Tarif Abensarca, e pelo Conde Juliaõ, que quiz vir ser executor, e testemunha da assolaçaõ da Patria. Como elles acháraõ o Reino sem Praças, os homens desarmados, os espiritos sem corage, os animos com a diuturna, e vergonhosa paz affeminados; elles talháraõ toda Andaluzia, roubáraõ o que quizeraõ, derramáraõ sangue a fartar-se, e cativáraõ gentes sem número. Via o Rei Rodrigo tanto mal dentro em casa, e ainda naõ podia crêr, que o Conde Juliaõ o promovia. Tanto se tem cegado alguns Reis com os Privados, que ainda vendo os verdugos, os estimavaõ como amigos. Com tudo Rodrigo acordou do seu lethargo por força do alto clamor do Povo, que lhe pedia olhasse por si, e por elle, ambos em grande perigo traçado por hum traidor infame. 713

Ro-

Era vulg. Rodeado de indecisões, acceleradó, e confuſo, o Rei entrou de repente a armar o Reino, e fez ſair ao campo hum exercito quaſi deſarmado. Era ſeu chéfe o inexperto D. Inigo, ou D. Sancho, que dizem ſer ſobrinho de Rodrigo, filho de ſeu irmaõ Acoſta. No primeiro repelaõ foi elle morto; as trópas ficáraõ desbaratadas; os Godos, até entaõ tidos no mundo por invenciveis, miſeravelmente derrotados pelos Barbaros Africanos, já conhecido o erro, quando para a queixa mortal ſenaõ atinava com remedio efficaz; para ella tudo violento, e conhecido o mal ſem cura. Entendeo o Rei, que o diminuiria apparecendo elle na campanha; que he certo tomar grande corage o eſpirito dos ſoldados com a preſença dos Soberanos mettidos com elles nos meſmos perigos das batalhas. Mas quando Rodrigo emprehendeo eſta jornada, já o Conde, e os Mouros haviaõ paſſado a Africa carregados das riquezas de Heſpanha, que lhe forneciaõ hum dos meios para voltarem mais poderoſos á ſua conquiſta.

No-

No anno ſeguinte em muitas Galez Genovezas, ſegundo ſe affirma, tornáraõ a paſſar o mar com exercito poderoſo o Conde Juliaõ, e Tarif Abenſarca a tempo, que o Rei Rodrigo por todos os ſeus Eſtados aliſtava gente, reparava as Praças, e ajuntava armas. Ainda tudo naõ eſtava prompto, e a neceſſidade o obrigou ſair a campo com forças maiores no número, que na qualidade; exercito diſciplinado com aquella acceleraçaõ, que coſtuma conceber monſtros, e parir abortos. Nas dilatadas campinas, que banha o rio Guadalete a cima da Cidade de Xeres, que eu vi, e notei bem proprias para ſe baterem, e fazer as neceſſarias evoluçõesmilitares dous grandes exercitos, ſe encontráraõ o dos Godos, e o dos Mouros, mandados por Chéfes eſtimulados, hum Soberano legitimo para defender o Eſtado, outro vaſſallo rebelde para vingar a honra. Oito dias durou o temeroſo combate, em que o valor, e a porfia, a obſtinaçaõ, e a corage apuráraõ os ultimos esforços: Batalha de decidir hum Rei dos Go-

Era vulg. 714

dos

Era vulg. dos a reputaçaõ de taes vaſſallos, e a conſervaçaõ da Monarquia; os Mouros, e o Conde Juliaõ empenhados os primeiros a ganhar nella a meſma Monarquia, o ſegundo em a perder para reſtituir o valor do diamante de Cava, e em derramar muito ſangue para com elle lhe ſoldar a rotura.

O Rei montado no cavallo Oreſia ſe fazia admirar dos ſeus, invejar des Mouros; elle hum objecto de contemplaçõ̃es iguaes a olhos differentes; aos amigos reſpeitavel, dos inimigos temido. Como a vexaçaõ̃ lhe reſtituio o entendimento, que lhe tinhaõ̃ tirado os vicios, ella lhe renovou a corage, que elles, acompanhados do ocio, lhe tinhaõ̃ enfraquecido. Muitas vezes teve ella vencida a batalha ſem deixarem declarar a victoria, ou o eſpirito furioſo do Conde Juliaõ̃, ou o ardor intrepido dos Mouros. Quando de huma, e outra parte ſe multiplicavaõ̃ as mortes, quanto mais ſangue ſe derramava, tanto maiores forças ſe mandavaõ̃ aos braços, e mais alentos aos animos. Mas como os Barbaros eraõ̃

os

os inſtrumentos da vingança Divina, ainda que foſſem mais fracos, elles ficáraõ vencedores no ultimo avance. Em hum dia fatal acabou a poderoſa Monarquia dos Godos tantos Seculos reſpeitada, e Rodrigo ficou ſem Mageſtade, ſem Reino, ſem vaſſallos, objecto laſtimoſo a quem ſe entoava a triſte Endexa: *Hontem foſte Rei de Heſpanha, hoje hum Caſtello naõ tendes.* Era vulg.

Vencida eſta batalha, que foi a que baſtou para o Conde conſummar a vingança, e para os Mouros ganharem tantos Reinos; o Rei conſternado, e afflicto, largou o campo, foi pelas margens do rio acima, e já em diſtancia do lugar do combate encontrou hum Paſtor, com o qual trocou os veſtidos, e deo o cavallo mal ferido, e fatigado, que foraõ os unicos finaes confirmados pelo Paſtor, que teve Heſpanha de haver o ſeu Rei eſcapado da batalha com vida. Neſta triſte figura disfarçada a Mageſtade, foi elle encaminhando a marcha para Mérida; buſcando aſylo occulto, aonde

Era vulg. paſſaſſe incognito o reſto do tempo, que já todo elle lhe parecia pouco para chorar os crimes de homem, e os peccados de Rei. Duas legoas antes de chegar a Mérida entrou elle na Igreja do Moſteiro de Cauliniana, aonde a ſua alma deſcobrindo nas exterioridades evidencias de dor vehemente, e demonſtraçõs de verdadeiramente contrita; no interior invocaria ao Pai das piedades, que tem a miſericordia por ſuperior a todas as ſuas obras, para que compadecido de tanta miſeria, a ſua juſtiça ſe deſſe por ſatisfeita; ſe o affligia o conſolaſſe; ſe o mortificava o ſoccorreſſe; ſe o tinha abyſmado até aos infernos o reſuſcitaſſe.

Reparou o Monge Romano na figura edificante do penitente deſconhecido, e tocado da caridade lhe perguntou quem era, e que mal o affligia. Pedio-lhe o Rei, que o confeſſaſſe, porque ſó debaixo do ſegredo do Sacramento lhe podia dizer quem era, e derramar aos ſeus pés todo o eſpirito occupado de huma deſſolaçaõ extrema. Deſcobre-ſe o Rei; compadece-

ſe

ſe o Monge ; promette naõ o deſam- Era vulg.
parar em todos os ſeus deſtinos , ſe-
guillo em qualquer das fortunas , e aſſo-
ciados ambos ſeguem a jornada para
a Luſitania. Pedindo a protecçaõ da
Senhora com o titulo de Nazareth ,
que trouxeraõ comſigo , e varias Reli-
quias de S. Bartholomeo , e de S. Braz,
elles foraõ parar junto á Villa da Pe-
derneira , no monte , que ſe chama de
S. Bartholomeo , junto á Senhora de
Nazareth. Neſta ſoledade venturoſa ,
aonde Deos lhes fallaria aos coraçõeſ ,
como coſtuma em taes lugares , col-
locáraõ elles as Reliquias , e Imagem.
Depoſito Sagrado , que o Ceo teve oc-
culto até ao tempo do Rei D. Affonſo
Henriques para entaõ illuſtrar Portugal
com hum Santuario reſpeitavel.

Os dous Anacoretas para occu-
parem todo o tempo nos ſeus exerci-
cios eſpirituaes , querendo Rodrigo ga-
nhar o Reino do Ceo , já que perdêra
o da terra ; elles ſe apartáraõ hum do
outro , cada qual em ſua cova , aon-
de o Monge Romano acabou os ſeus
dias com a morte precioſa de Juſto.

Era vulg. Rodrigo mais mortificado no deſampa-
ro de toda a humana companhia, di-
zem que penetrára a terra, deixando
no meſmo lugar as Santas Reliquias,
e que viera para huma Ermida da in-
vocaçaõ de S. Miguel, junto á Cidade
de Viſeo, aonde acabado de peniten-
cias, edificante, e arrependido, a
morte lhe pozéra termo aos trabalhos.
Aſſegura-ſe, que Seculos depois fora
achada huma campa com o Epitafio,
que dizia haver jazido debaixo della o
cadaver de Rodrigo, ultimo Rei dos
Godos, e que eſta era a próva eviden-
te delle haver fallecido junto a Viſeo.

CAPITULO II.

Os Mouros conquiſtaõ o Reino de Heſ-panha, e em breve reſumo ſe eſ-crevem os ſucceſſos deſta con-quiſta.

EM quanto o Rei Rodrigo, e o Monge Romano, em quem acabo de fallar, nas ſuas covas dos campos da Pederneira conquiſtávaõ o Ceo, os

Mou-

Mouros com rápida carreira hiaõ ſob- Era vulg.
mettendo Heſpanha. Unicamente em
Mérida defendida pelos Luſitanos, el-
les encontráraõ reſiſtencia, que pare-
ceſſe de ſoldados com valor. O Godo
Sacaru era o ſeu Commandante; mas
elle vendo, que a multidaõ o oppri-
mia; que a teima dos Mouros abafa-
va a corage, e que na generalidade do
eſtrago elle ſó naõ podia ſer feliz, re-
ſolveo-ſe a parlamentar. Rendido com 714
honra, elle, e toda a guarniçaõ da
Praça atraveſſáraõ Portugal, e ſe affir-
ma, que nas ſuas cóſtas maritimas em-
barcáraõ em demanda das Ilhas Cana-
rias. A plauſibilidade porém o repre-
ſenta errando o rumo, e o leva á de-
cantada Ilha encoberta, que ella fi-
gura povoada de Luſitanos, ennobre-
cida com ſete Cidades, illuſtrada por
hum Arcebiſpado; e ſeis Biſpados;
affirmando, que nella já abordára hu-
ma Náo de Portugal, ou de Genova,
e que a ſua tripulaçaõ dera noticia
dos ſegredos portentoſos, que Provi-
dencia particular occulta nella.

De

Era vulg.

De Mérida correo a innundaçaõ dos Mouros a cobrir todos os campos da Luſitania, entrou pelo Alem-Téjo, por entre o Téjo, e o Douro, e por entre o Douro e o Minho; levando os Barbaros ſobre a marcha o vaſto Paiz, que cuſtou aos aguerridos, e ſábios Romanos Seculos de diſputa, rios de ſangue, mortes ſem número, batalhas ſobre batalhas para o ſobmetterem, ë conquiſtárem: próva evidente, de que eſte golpe taõ furioſamente deſcarregado, antes foi effeito da indignaçaõ Divina, que acontecimento incluido na ordem das couſas humanas. Quaſi ſem reſiſtencia ſe rendêraõ as fortes Praças de Evora, de Béja, da Idanha, de Alcacere, de Portimaõ, e outras, cada huma dellas bem capazes de fazer parar qualquer exercito poderoſo todo o tempo de huma cam-
715 panha. Em dous annos conquiſtáraõ Muça, e Abenſarca a grande Peninſula de Heſpanha, que na triſte ſoledade dos ſeus moradores, naõ havendo olhos para ver os eſtragos, parece choravaõ as pedras as ruinas de edifi-

cios

cios magnificos, a atrocidade das mor- Era vulg.
tes em todo o genero de viventes, as
ſacrilegas profanações nos Monumen-
tos Sagrados da Religiaõ. Em fim, com
hum Diluvio de ſangue affogou Deos
em Heſpanha toda a carne, que cor-
rompêra com o veneno dos vicios o
caminho da probidade.

Naõ he do meu aſſumpto tratar ao largo os tragicos fins da Rainha Egilona, do Conde Juliaõ, de ſua filha Cava, de todos os Co-Reos da alta traiçaõ, que ſobre todos cahio ſem commiſeraçaõ o furor de Deos, e a raiva dos homens. Ainda que vicioſo Rodrigo, elle era Rei, hum dos Chriſtos do Senhor, que elle manda, que ninguem os toque; que elle o ſoffria, e deviaõ ſoffrello os vaſſallos; que elle conſervava no Reino, e haviaõ conſervallo os ſobditos; que ſe elle naõ o arrancava da terra, e lançava do Throno, menos o podiaõ lançar, e arrancar os homens. Como de inſtrumentos aptos, e diſpoſtos para punir Heſpanha ſe ſervio Deos daquelles traidores; mas elle os caſtigou como a re-

Era vulg. rebeldes : deixou-os na maõ do ſeu conſelho para obrarem a maldade , e deſcarregou ſobre elles com juſtiça o golpe , que a ſua maldade merecia.

716 As reliquias deſtroçadas dos Godos buſcavaõ nas cavernas dos montes, na eſpeſſura das matas , e no horror das brenhas aſylo com alguma ſegurança para as perſeguidas , e amadas vidas: deſejo taõ natural , que raras vezes as deixa fazer aborrecidas , ainda quando rodeadas das maiores calamidades. Sem moradores , deſertos os Povoados , as Cidades hermos , os campos medonhos , totalmente deſtruido o Reino dos Godos ; o Infante D. Pelaio , que governava Biſcaia , e antes do matrimonio foi fructo dos amores do Duque D. Favila , irmaõ de Theodofredo , e de ſua Sobrinha D. Luz , filha do meſmo Theodofredo , e irmã do Rei Rodrigo : elle ſe retirou para as altas montanhas de Oviedo nas Aſturias para eſcapar com as ſuas gentes á perſeguiçaõ furioſa dos Barbaros. Aqui o foraõ encontrar muitos dos vagos , e profugos moradores com os dous

deſ-

destinos de escaparem da morte, e lhe Era vulg. 1
fazerem Corte.

Elles com resoluçaõ unanime reconhecêraõ a Pelaio por seu Principe, de justiça herdeiro de Hespanha pelo sangue, digno delle pelas qualidades: e lhe offerecêraõ para a sua defensa o sangue, para darem pela Fé as vidas. Sómente nella pôz Pelaio firmes as suas esperanças, naõ tendo por possivel sem forças conseguir a menor vantagem, que naõ fosse attribuida a beneficio do Ceo. Os homens que o seguiaõ esperavaõ muitas, e firmavaõ a esperança na santidade do Principe, que em premio della naõ podia deixar de ter propicio nas expedições ao Deos das Batalhas: Esperanças mutuas do Principe em Deos, dos vassallos no Principe, felizmente conseguidas, como esperanças bem fundadas. Armado 717
pois das tres virtudes infusas, e Christãs, Fé viva, Esperança em Deos, Caridade para com o proximo opprimido, D. Pelaio se resolve baixar dos montes, vir ao campo, atacar as batalhas, e com tal armamento bem po-

dia

Era vulg. dia levar a certeza dos triunfos antes de entrar nos combates.

Formou elle o pequeno exercito de trezentos homens cobertos com armas como as ſuas, capazes de arroſtarem todos os perigos; homens, que ſabiaõ levantar os olhos aos montes, donde lhes havia vir o ſeu ſoccorro; todas as horas pôr, e esforçar as mãos para os ſacrificios de propiciaçaõ, e com elles deſceo das montanhas ao vale de Cangas. Nelle encontrou hum exercito de Mouros ſem número, que zombando da temeridade dos Chriſtãos, quando o terror da ſua viſta naõ baſtaſſe para os fazer retirar cortados, o pezo de huma parte da ſua vanguarda ſobraria para os deixar eſmagados. Tudo pelo contrario ſuccedeo aos Barbaros, que naõ atacavaõ o Rodrigo vicioſo, ſenaõ o Pelaio ſanto; que naõ eraõ inſtrumentos de caſtigar crimes, mas hum deſpojo das virtudes. Aos golpes de trezentos braços deſmaiáraõ as forças de muitos mil; das mãos lhes cahiaõ as armas, e foraõ os Mouros feitos em poſtas.

Di-

Dizem, que nem hum ſó delles ficara vivo; porque os que pertendêraõ ſalvar-ſe fugindo, ſobre elles correra huma montanha aballada pelas forças da Fé de Palaio, neſte caſo ſegundo Taumaturgo, e que ella ſepultára a todos debaixo de ſi. Eſta milagroſa victoria teve a reſulta de D. Pelaio dar principio ao eſtabelecimento do Reino de Leaõ, e ás ſuas Chronicas pertence tratar com a extençaõ neceſſaria o modo daquelle eſtabelecimento, os da reſtauraçaõ de Heſpanha, e a ſerie dos ſeus Reis, até ſer dado Portugal em dote ao Conde D. Henrique; que a mim ſómente me toca contrair eſta Hiſtoria quanto me for poſſivel ao que he reſpectivo á Luſitania. Direi com tudo em compendio, que a victoria de D. Pelaio fez tanto eſtrondo por toda Heſpanha, que muitos dos homens eſcondidos marcháraõ para Oviedo fazer brilhante a Corte do Principe, e corpo de guarda á Religiaõ dos Godos. Era vulg.

Como as novas gentes reforçáraõ o poder de D. Pelaio, elle naõ quiz

ter

Era vulg. ter ociosas armas, e com ellas ainda tintas no sangue dos Barbaros, tornou a baixar dos montes para lhes mostrar; que se se fiavaõ em si por muitos, que elle naõ os temia por valeroso. Nesta expediçaõ conquistou muitas terras, e a Cidade de Leaõ, primeiro Patrimonio dos Reis de Hespanha depois da ruina dos Godos. Verdadeiramente devemos estimar a D. Pelaio por Fundador do Reino de Oviedo, Leaõ, e Asturias, ainda que elle naõ tomou outro titulo senaõ o de Rei de Oviedo, e o de Leaõ os seus Successores. Delle nascêraõ dous filhos, que foraõ D. Favilla, que lhe succedeo no Reino, e morreo nas garras de hum urso, e Ormisinda, que casou com D. Affonso I., Successor de D. Favilla, e Principe do Sangue Real dos Godos, descendente do santo Rei Recaredo.

739 Succedeo D. Affonso a D. Favilla seu cunhado depois da sua desgraçada morte, sem obrar na vida acçaõ digna das memorias: Rei sem outro exercicio, que o da caça, aonde acabou a vida depois de deixar aos Mouros

avan-

avançar as conquiſtas por ſenaõ levantar do regaço do ocio. D. Affonſo porém, laſtimado da deſgraça dos Chriſtãos, e dos abatimentos da Religiaõ, elle ſe empenhou por ambos os motivos, que produziraõ effeitos correſpondentes á juſtiça da cauſa. Elle era filho de D. Pedro, Duque de Cantabria, e irmaõ de D. Truela, que o acompanhou na guerra dos Mouros, a quem tomou muitas terras em Heſpanha, e em Portugal as Praças de Braga, Viſeo, Agueda, e Chaves; triunfos, que naõ ſó lhe merecêraõ a gloria de primeiro Dominante dos Portuguezes depois da perda de Heſpanha; mas que o Papa S. Zacharias o deſtinguiſſe com o Titulo de Rei Catholico, de que até hoje uſaõ os ſeus Succeſſores, e que na morte foſſe ouvida a voz dos Anjos, que diziaõ: Eis-aqui como morre o Juſto, e ninguem o conſidera. Era vulg.

Por eſte tempo já os Alcaides das Cidades hiaõ ſacodindo o jugo dos Califas, e fazendo que os reconheceſſem Reis nos deſtrictos das ſuas juriſdicções. O primeiro que entre os Portu-

gue-

Era vulg. guezes uſurpou eſta authoridade, foi Alboacen Iben Alhamar, ſobrinho de Tarif, e Alcaide de Coimbra. Naõ impediaõ eſtes Regulos as noſſas gentes o livre exercicio da Religiaõ, nem aos noſſos Condes a authoridade, que antes tinhaõ nos que foraõ ſeus vaſſallos. Eſtes eraõ os unicos alivios dos animos na dureza do barbaro cativeiro com todas as apparencias ſem remedio para a reſtauraçaõ da amavel liberdade.

753 Era eſta a figura triſte da Luſitania, quando entrou a reinar D. Truela I., que herdou de ſeu Pai D. Affonſo o zelo para a Religiaõ, e o valor para as armas. Felices auſpicios do ſeu governo foraõ a grande victoria, que em Galliza ganhou ſobre Omar, filho de Abderramen, que ſe havia levantado com o Reino de Cordova, e a abolіçaõ da Lei de Witiſa, atégora tolerada, que permittia caſarem os clerigos, e elle abrogou com ſeveridade contra os muitos que goſtavaõ da ſua obſervancia. Depois de degollar 60ℳ Barbaros naquella batalha, D. Truela entrou por Portugal triunfante, reſolu-

to

to a conquiſtar Setuval. Aliaben Talif ſe oppôz ao ſeu deſignio; mas deſtroçado o exercito, as bandeiras de D. Truela tremoláraõ vencedoras por toda a Provincia, logo ſobre os muros de Setuval glorioſas. Era vugl.

Com huma nodoa muito feia manchou Truela, quanto as ſuas acçõeś tinhaõ de brilhantes. As muitas, e bellas qualidades, de que tambem ſe ornava ſeu Irmaõ o Infante Wimarano; as magnificas, e elegantes heroicidades, que obrava o fizeraõ taõ amado dos ſoldados, e dos Póvos, que Fruela temeo em Wimarano hum uſurpador, e pelos tranſportes da phantaſia depravada fez aſſaſſinar taõ bom Irmaõ, adquirio o odio dos ſeus, e até ficou mais aborrecido dos Mouros. Elles foraõ os primeiros verdugos, que caſtigáraõ o crime de Truela, recobrando Abderramen a maior parte das terras, que antes ganhára ſeu Pai, entre ellas em Portugal, Lisboa, Evora, Béja, Santarem, e quanto vai do Téjo ao Cabo de S. Vicente. Por outra parte o Infante Aurelio, que amava com ex-

Era vulg. extremo a ſeu irmaõ Wimarano, elle traçou o deſpique contra o irmaõ Rei, e lavou com o ſangue de huma morte do outro, adquirindo o Reino por meio de hum abominavel fratricidio.

759 No anno de 759 vieraõ parar ao Algarve quaſi milagroſamente as Reliquias do Martyr S. Vicente, com que havia tanto tempo ſe honrava a Cidade de Valença. Os ſeus moradores perſeguidos de Abderramen, mais ſenſiveis aos deſacatos, que ſe faziaõ aos lugares Santos, que ás oppreſsões, que elles toleravaõ, afflictos, de que as Reliquias do ſeu grande Martyr foſſem involvidas no geral eſtrago, de quanto era ſagrado, elles as recolhêraõ em hum pequeno barco, e vieraõ navegando á diſcriçaõ das ondas. Bem guiados porém pela Providencia, aportáraõ no Sacro Promontorio, que deſde entaõ ſe diz Cabo de S. Vicente, aonde collocaraõ as Reliquias do Santo, e elles como guarda ſua ſe eſtabelecêraõ na nova terra, que eſtava entaõ deſpovoada. Paſſados annos foraõ eſtes piedoſos Chriſtãos deſcobertos pelo Mouro

Abo-

Abolacem em huma caçada, que fez por aquellas terras, que ſe podiaõ chamar incognitas. Elle paſſou á eſpada a todos os ſeus moradores, excepto os mininos, que levou cativos para Féz, aonde elles, e os ſeus deſcendentes viveraõ obſervando o Chriſtianiſmo, e fazendo o Rei D. Affonſo Henriques priſioneiros a alguns na batalha do Campo de Ourique, como de pai a filho conſervavaõ a memoria do lugar, em que jaziaõ as Sagradas Reliquias; elles o indicáraõ ao Rei, que com grande trabalho, e diligencia as deſcobrio, e trasladou para Lisboa, aonde ſe conſerváraõ até ao dia do laſtimoſo incendio cauſado pelo Terremoto do primeiro de Novembro de 1755. Era vulg.

Aurelio, como fica dito, era irmaõ do Rei D. Fruella, filho, e naõ ſobrinho de D. Affonſo o catholico, como penſou o Doutor Fr. Bernardo de Brito, que teve por ſequaz da ſua opiniaõ a Manoel de Faria e Souſa; ſuccedeo no Reino a ſeu irmaõ, e delle ſó teve ſemelhanças em ſer fratricida. Nada fez elle em Heſpanha 768

Era vulg. digno de Rei ; Luſitania apenas lhe ſabe o nome, e delle naõ conſerva outra memoria , ſenaõ a de que ſe fez
774 tributario de Abderramen. Como naõ caſou, nem deixou filhos, nomeou o Reino no Principe Sarraceno, chamado Silo, que elle caſára com ſua irmã Adoſinha. Silo , foſſe Sarraceno, como querem alguns, ou Godo, como dizem outros ; elle foi muito valeroſo , domou os Gallegos rebeldes, e perſeguio aos Mouros por Portugal, pela Eſtremadura , e lhes conquiſtou Mérida.

No primeiro anno do ſeu Reinado teve principio o honroſo, e grande Titulo de Rico-Homem nas Heſpanhas, aonde ſe conſervou até o anno de 1516, em que ſe mudou no de Grandes. Elles ſe diſtinguiaõ das outras claſſes de Nobreza por poderem levar Pendaõ, e Caldeira nos exercitos, e confirmar juntamente com os Prelados os Privilegios, e Doações , que faziaõ os Reis; graça que naõ paſſou aos Grandes na mudança do Titulo. Deixou Silo hum filho chamado Aldegaſtro, que lhe

naõ

naõ ſuccedeo no Reino, nem D. Af- Era vulg.
fonſo, filho de D. Fruella; porque ſo- 783
bre ambos o uſurpou Mauregato, que foi fructo produzido de huma verdura de D. Affonſo o Catholico com huma eſcrava. Mauregato ſim ſobio ao Throno; mas para ſe ſuſtentar nelle ſeis annos, ſobre muitos trabalhos, teve de ſe ſugeitar ao tributo infame, que pagava aos Mouros de Cordova de cem donzellas Chriſtãs, victimas innocentes da ambiçaõ ſacrificadas com horror nos altares da torpeza. Só hum Tyranno abominavel como Mauregato ſe ſugeitaria a tributo taõ vil. Dizem, que algumas deſtas donzellas foraõ arrancadas das mãos dos Mouros por huns bizarros Cavalleiros, ou junto a Mondonhedo em Galliza, ou perto de Viſeo em Portugal, ſe he que naõ aconteceo o caſo com pouca variedade de circunſtancias em ambas as partes. Daquelles Cavalleiros ſe affirma, que traz a ſua origem a familia de Figueiredo, e Figueiroa em memoria delles desbaratarem aos Mouros com golpes de páos de figueira por haver no ſitio do com-

Era vulg. bate muitas deſtas arvores, e que delles tomáraõ o appellido, e armas.

789 Com a morte de Mauregato naõ acabou em Heſpanha eſte reconhecimento, que cuſtou ao Rei Bermudo I. huma grande batalha, em que derrotou as forças de Abderramen junto a Aledo. Bermudo he chamado o Monje por ter eſte eſtado já com ordens de Diacono, quando o chamáraõ para o Reino, de que ainda eſtava esbulhado ſeu primo D. Affonſo depois chamado o Caſto, a quem elle pertencia. Saõ muitas as opiniões a reſpeito da filiaçaõ do Rei D. Bermudo. Nós ſeguimos a de que era filho de D. Fruella, irmaõ do I. D. Affonſo o Catholico, e que com diſpenſa do Papa, ou ſem ella, ſe caſára com a Rainha Emilona, da qual lhe naſcêraõ ſeus filhos D. Ramiro, e D. Garcia, que reináraõ depois de D. Affonſo II. D. Bermudo conhecendo a injuſtiça, que Mauregato fizera a eſte Principe, e que elle tambem lhe fazia, naõ ſó o aſſociou comſigo ao Governo; mas abandonando mulher, e filhos, renunciando o mundo, recolhendo-ſe ao ama-

amavel retiro do Moſteiro, ainda que via laſtimar-ſe nos filhos a ſua meſma natureza, elle ſeguio as partes da juſtiça, e largou o Reino a D. Affonſo, filho de ſeu primo o Rei D. Fruella I. Era vulg.

Occupou D. Affonſo o Throno de ſeu Pai, e moſtrou que era digno delle pelo naõ querer para filhos ſeus. Elle era caſado com huma filha de Pepino, Rei de França, chamada Berta, ou Bertinalda, irmã do Imperador Carlos Magno; mas elle preferindo ás delicias do thalamo, e a ſucceſſaõ do Reino, a formoſura da continencia, viveo puro, naõ conheceo nem a mulher propria, e foi chamado o *Caſto*. Depois de Rei perſeguio com maior força os amores finos de ſua irmã D. Ximena com o Conde D. Sancho Dias de Saldenha; elle, que pagou o atrevimento com a perda da viſta, e priſaõ perpetua no Caſtello de Luna; ella a leviandade com os deſagrados, e recolhimento em hum Moſteiro. Pelo contrario o menino Bernardo del Carpio, precioſo fructo deſtes amores, que foi trazido para Palacio, aonde o 791

tra-

Era vulg. tratou o Rei com agrados como a filho, com honras como a Infante.

No terceiro anno deſte Reinado eſpirou a paz antes celebrada com os infieis, que renováraõ a pertençaõ de ſe lhes pagar o tributo das donzelas, em que já fallamos. D. Affonſo, todo dominado por eſpiritos catholicos, e honrados, elle intima forte, perſuade valente a Alihatan, Rei de Cordova, que naõ preſuma ter negociaçõeſ com D. Affonſo, intrepido, e legitimo Soberano, como as vís, e infames, que ſe tratáraõ com Mauregato, covarde, e intruſo Dominante; que a honra das donzelas do ſeu Reino elle a eſtimava tanto como a propria vida, e que primeiro lhe havia tirar eſta para gozar aquellas. Eſtimuláraõ-ſe os Mouros com a reſpoſta, de que ſe ſervíraõ para romperem a guerra, e entráraõ pelas Aſturias com forças formidaveis. D. Affonſo lhes poupou o caminho, adiantando-ſe a eſperallos no Lugar de Ledos, ou Lucos, aonde ſe atacou a batalha mais diſputada deſte Seculo. Perdêraõ as vidas 70ⱬ.

Bar-

Barbaros, recobrou o Rei os deſpojos dos ſeus vaſſallos, e tomou todos os do campo dos Mouros. Reſpirou Heſpanha com eſta grande victoria, e ella, com as mais, que por eſtes tempos ganhárão ſobre os meſmos inimigos em França, e Navarra os ſeus Soberanos, elles ficárão tão cortados, que tiverão de diſſimular as injurias por não poderem deſpicallas. Era vulg.

Entrou D. Affonſo por Luſitania, quando o Rei daquelle primeiro Reino, que era ſeu cunhado Carlos Magno, fazia o meſmo por Catalunha em ſeu favor. Como elle achou toda Heſpanha atemoriſada com o eſtrondo das armas de D. Affonſo, foi-lhe facil render Barcelona, e avançar as conquiſtas. Dizem, que forão felices os progreſſos de D. Affonſo na Luſitania, aonde affirmão, que tomára Lisboa aos Mouros; e he crivel foſſem elles dilatados pelos poderoſos ſoccorros do grande Carlos, que ſe aſſegura penetrára então toda Heſpanha para vir a Galliza adorar as Reliquias do Apoſtolo Sant-Iago, milagroſamente achadas neſte

Rei-

Era vulg. Reinado, e que D. Affonſo lhe fizera entaõ o preſente de hum Pavilhaõ precioſo de campanha, que tomou entre os muitos deſpojos de Lisboa.

795 A reſpeito do anno certo do deſcobrimento das Reliquias do Santo Apoſtolo, ſaõ muitas as opiniões; mas eu ſigo, que foi o de 795 pela ter por mais bem provada. Precedêraõ a eſta invençaõ milagroſa muitos prodigios, e affirmaõ que huma Eſtrella brilhante marcára o lugar do Sepulchro, pondo-ſe firme ſobre elle. A Povoaçaõ, que entaõ mandou fundar o Rei D. Affonſo no meſmo lugar, tomou deſta Eſtrella o nome de *Campo-Stellæ*, que ſe corrompeo no que hoje tem de Compoſtella. O Rei fez logo edificar no dito ſitio huma Igreja ſegundo os apertos do tempo, e a dotou com muitas terras immediatas, augmentando-ſe com o curſo das idades tudo a tanta grandeza, que hoje he a Igreja de Compoſtella o primeiro dos Santuarios das Heſpanhas.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Revoluções de Heſpanha no meſmo reinado de D. Affonſo II., e continuaçaõ da guerra dos Mouros.

801 HUMA grande inquietaçaõ dos eſpiritos, que hia ſendo cauſa do Rei D. Affonſo perder o Reino, o obrigou a ſuſpender por algum tempo o curſo das ſuas victorias ſobre os Barbaros depois da invaſaõ, que fez na Luſitania. Elle tratava com grande amizade a ſeu Cunhado o grande Carlos, e dizem, que convencionára com elle ceder-lhe a Coroa de Heſpanha para a ſua poſteridade, ſe o ajudaſſe a expulſar della os Mouros. Eſte Tratado ſecreto pode ſer penetrado por Bernardo del Carpio, que o indicou aos Heſpanhoes, e eſtes eſtimulados rompêraõ huma guerra civil, que o Rei, para lhe evitar as conſequencias, teve de a declarar a ſeu Cunhado, e marchar contra elle ajudado dos Navarros, e Mouros de Aragaõ, todos

ini-

Era vulg. inimigos do Grande Carlos. Eſtes colligados o atacáraõ na memoravel batalha de Ronces Valles, aonde o exercito Francez foi desbaratado, e morto o valeroſo Roldaõ, ſobrinho do Rei vencido.

Naõ baſtou eſta grande victoria
108 do Caſto Affonſo para ſocegar o ciume dos ſeus vaſſallos, que continuáraõ a guerra civil, formáraõ bandos temiveis, e o Reino dividido, já o contemplavaõ aſſollado. A bella politica de hum grande Senhor chamado Tehudio, conſeguio reduzir os animos á antiga concordia, a pôr em tranquillidade domeſtica ao ſeu Rei para fazer a guerra aos inimigos eſtranhos, zelar o Culto Divino, fabricar Templos, entre os
802 quaes he digno da lembrança o de S. Salvador em Oviedo, que logo fez ſagrar por ſete Biſpos. Depois da perda de Heſpanha, e de muitas fundações piedoſas, o Caſto D. Affonſo foi o primeiro, que naquella Cidade ſua Corte edificou Palacio para os Reis com tanta grandeza, que a metade del-

della em ſemelhantes tempos baſtava para merecer a deviſa de magnifica. Era vulg.

Para fazer mais vigoroſa a guerra dos Mouros, trocou as terras de Caſtella com as que tinha em Cantabria D. Rodrigo Frolas, filho de ſeu tio D. Tucela, Duque do meſmo Eſtado, para ter aſſim mais unidas as forças, e com as ditas terras lhe deo o Titulo de Conde, que foi origem da creaçaõ, e eſtabelecimento dos antigos Condes de Caſtella, obrigados pelo reconhecimento, valor, e neceſſidade da defenſa a fazerem contínua guerra aos Barbaros. Naõ ſe deſcuidavaõ eſtes da ſua parte em avançar os projectos, especialmente pelas partes de Galliza, aonde entráraõ com dous exercitos muito poderoſos. Mas por eſte tempo já o famoſo Bernardo del Carpio convidava com a elegancia das ſuas proezas as atenções de Heſpanha. Em quanto elle derrotava a Omar, Rei de Mérida, que foi morto pelas ſuas mãos na batalha de Benavente; Aliatan, Rei de Cordova, entrava pela Luſitania, aonde reconquiſtou muitas Praças,

que

Era vulg. que entregou a Alcama, Rei de Badajós, para como mais visinho as defender melhor.

Alcama com maior poder nas no-
812 vas conquistas marchou a sitiar Çamora; mas no caminho o esperou Bernardo del Carpio, que lhe impedio o passo com a morte, ao exercito a empreza com a derrota. Com dous exercitos formidaveis sahio Alihatan a campo para vingar esta injuria, hum que invadio Castella furioso, outro que entrou por Lusitania para investir Galliza. O primeiro foi hum despojo miseravel da valerosa espada do Rei D. Affonso no choque do rio Ornese, e o segundo
818 huma irrizaõ da corage de Bernardo na batalha de Val de Mouro. Este Principe, carregado de tantos, e tamanhos serviços, pedio ao Rei seu Tio a liberdade do Conde D. Sancho Dias de Saldanha seu Pai; e porque elle inexoravel naõ lhe concedeo a graça, Bernardo se retirou desgostado para a sua terra de Saldanha.

Como grande parte da Nobreza seguia os seus sentimentos, elle mos-

trou

trou os que tinha contra o Rei ſeu Tio, a quem fez viva guerra eſtimulado, e brioſo. Eſta demonſtraçaõ para o Caſto Affonſo taõ pezada, junta com a lembrança de ſer Bernardo a cauſa do rompimento com ſeu Cunhado Carlos Magno pela revelaçaõ do ſegredo, que elle fez aos Heſpanhoes, em que já fallei; em deſaggravo da Mageſtade, e em prejuizo de Bernardo, nomeou para ſucceder nos ſeus Reinos a D. Ramiro I. filho de D. Bermudo, remunerando no filho com obſequio ſemelhante o que lhe fizera ſeu Pai. Com outras acçõeſ famoſas, que naõ faõ do meu aſſumpto, D. Affonſo o Caſto pôz glorioſa Coroa aos 85 annos da ſua idade, e 52 de Reinado; deixando exaltada a Religiaõ com o ſeu exemplo, ampliado o Reino com as ſuas victorias, Era vulg.

Nos primeiros dias de Rei ſe encontrou D. Ramiro com muitos vaſſallos rebeldes, que ſe oppozeraõ tropeços para a ſua ſobida ao Throno. Para os que o ſeguiaõ ſim foi alegre preſagio a facilidade, com que deſſipou nas 843

Aſ-

Era vulg. Aſturias a rebelliaõ do Conde Nepociano, que apagou com a perda dos olhos, e da liberdade, e a do Conde Aldieto, e ſeus ſete filhos, que todos deixáraõ as vidas nas mãos dos algozes em premio da ſua ambiçaõ. Se D. Ramiro ſocegou as ſediçõeſ domeſticas, e entrou em novos cuidados com os movimentos dos Mouros. Abderramen, Rei de Cordova, eſtava muito mais poderoſo com as conquiſtas de Valença, e Barcelona, e renovou a pertençaõ do tributo das cem donzelas. Porque D. Ramiro o repugnou com as meſmas expreſsões do ſeu Predeceſſor; Abderramen inveſtio Heſpanha, innundou a Luſitania; mas os Barbaros na eſpada de Ramiro naõ ſó encontráraõ oppoſiçaõ intrepida, ſenaõ eſtrago ſenſivel.

Vadeadas as correntes do Douro, elle com rápido curſo foi conquiſtando Praças, até ſe moſtrar á de Coimbra com a viſeira baixa. Aqui o eſperava o ſeu Rei Alhamar reſoluto a ſegurar a Comarca, e a impedir-lhe os deſignios; mas vencidas todas as difſi-

ficuldades, D. Ramiro caſtigou a ſo- Era vulg.
berba do Mouro, calcou-lhe a alti-
vez, voltou para Oviedo victorioſo,
e deixou mais largas as enſanchas do
Dominio, apertados entre o medo, e
a miſeria os corações dos infieis. Se
nós houveſſemos de ſeguir neſte lugar
a opiniaõ de alguns Hiſtoriadores, di-
riamos, que a carreira de tantas vi-
ctorias de D. Ramiro I. a fizera parar a
chegada de Abderramen, e que eſte
perdêra a batalha de Clavijo; mas nós
naõ roubaremos eſta gloria a D. Rami- 846
ro II., a quem ella pertence. Naõ he
porém muito inferior a eſta, a que
Ramiro I. ganhou na invaſaõ dos Nor-
mandos, que já eſtabelecidos em Fran-
ça, invadiaõ as cóſtas de Heſpanha
com poderoſas Armadas. Elles entrá-
taõ por Galliza, e foraõ penetrando o
Paiz até chegar á Corunha, aonde por
terra, e mar os eſperava Ramiro, que
em ambos os elementos conſeguio triun-
fos completos deſta brava, e aguerri-
da Naçaõ. As reliquias deſtroçadas 847
buſcáraõ o amparo dos Mouros de Lis-
boa, e reforçadas pelos ſeus nacionaes,

no

Era vulg. no anno ſeguinte talárão a Andaluzia, e ſitiárão Sevilha, donde forão arrojados pelos Mouros com affronta da ſua corage.

848 Por eſtes tempos era celebrado na Luſitania o valor de Joaõ, Abbade de Lorvaõ, tio de D. Ramiro, que o encarregou do Governo de Monte-Mór o Velho. Deſta Villa ſahio elle contra os rebeldes Condes Alderedo, e Pinelo, que deixáraõ as vidas nos fios da ſua eſpada. Depois marchou ſobre Viſeo, aonde os Mouros a encontráraõ igualmente cortadora. Nas ruinas, que elle cauſou na Cidade ſe diz, que o Biſpo de Salamanca deſcobríra a ſepultura do ultimo Rei Godo D. Rodrigo, e que eſte fora o teſtemunho mais authentico, de que elle naõ morrera na batalha do Guadalete. Quando o Abbade Joaõ ſe occupava neſtas glorioſas expedições, hum apoſtata infame, miſeravel engeitado, que o Abbade creára em ſua caſa com o nome de Garcia Janhes, agora já chamado Zulema; elle tratava com o Rei de Cordova o cativeiro, e eſtrago da pro-

propria Patria, a prizaõ, ou a morte do Abbade, que o educára com amor de Pai, e inſtrucçaõ de Principe. Na frente de hum poderoſo exercito, de que era primeiro Chéfe, elle ſe apreſentou ſobre Monte-Mór; lugar, que devendo mover-lhe a ternura, lhe agitou o furor. O Abbade, e os ſeus Monges ſoffrêraõ o ſitio até a ultima extremidade do aperto da fome, que quando enfraquecia a carne, deſafiou os eſpiritos para darem do valor a ultima próva. Era vulg.

Todos eſtes homens ſe conjuráraõ para ſair a campo, brigar intrepidos, morrer honrados, antes que ſer cativos do vil Apoſtata. Para que elle na Praça naõ achaſſe priſioneiros, nem deſpojos, eſtes foraõ entregues ao fogo, os moradores todos degollados, ſendo o Abbade o primeiro que deo o exemplo na vida de ſua irmã, e ſobrinhos, os outros nas prendas mais ternas, como ſe dellas os deſataſſe a natureza, nem os prendeſſe o proprio ſangue. Aſſim provocáraõ elles mais a deſeſperaçaõ, que parece empenhou a

Era vulg. Omnipotencia para obrar milagres, e ſoltos de todos os vinculos humanos, ſahiraõ da Praça a matar, e a morrer. Contra toda a eſperança elles ganháraõ huma prodigioſa victoria, em que aſſeguraõ, que morreraõ 70$ Mouros, e entre elles o traidor Zulema ás mãos do meſmo Abbade; mas naõ podiaõ os animos celebrar por triunfo plauſivel eſte, que tivera proemios taõ infauſtos.

Entráraõ os vencedores na Praça chorando a ſua temeridade, ſem remedio o ſeu deſacordo, quando vinhaõ a lamentar os ſeus mortos, dizem que ſe encontráraõ com todos reſuſcitados, e que para marca do milagre, ſe diviſava nas ſuas gargantas hum ſubtil fio cor de ſangue; que até aos noſſos tempos ſe conſervava o meſmo teſtemunho do prodigio em huma Imagem da Senhora, e do Menino, que tinha nos braços, como quem ſe queria moſtrar participante do eſtrago, que fora feito na ſua preſença. O Santo Abbade paſſou o reſto da vida no lugar da batalha, e nelle eſteve o ſeu corpo até

ao

ao tempo do Rei D. Affonſo Henri- Era vulg.
ques, que alli fundou hum Moſteiro
da Ordem de Ciſter.

Glorioſo, triunfante, e recolhido
á Corte de Oviedo, o Rei ſentio com
extremo a morte de ſeu irmaõ D. Gar-
cia, que reinava juntamente com elle,
ſocio inſeparavel no Governo, aſſim
como lhe era conforme nas qualidades.
Parece, que a dor deſta perda junta
á dos eſtragos dos Normandos feitos
em Galliza, abbreviáraõ a vida de D. 850
Ramiro, que morreo cheio de mere-
cimentos, e de victorias, igualmente
Catholico, e Politico. Elle deixou por
Succeſſor a ſeu filho D. Ordonho,
Principe grande em Heſpanha, pouco
bem affortunado em Portugal. A ſua
condiçaõ era affavel, a condeſcenden-
cia benigna, os coſtumes ingenuos, a
modeſtia ſingular; qualidades, que o
fizeraõ amado de toda a claſſe de peſ-
ſoas, e amor, que ſería completo, ſe
Ordonho naõ foſſe facil em ouvir li-
ſongeiros, e acreditallos em materias
de conſequencia ſem exame, que he
nos Soberanos hum defeito, ordina-

Era vulg. riamente cauſa de mancharem a inteireza da juſtiça, que lhes fórma o caracter.

Aſſim ſuccedeo a D. Ordonho nos primeiros dias de Rei com o benemerito Biſpo de Compoſtella, malquiſtado por quatro inſolentes, que para o derrubarem da altura da eſtimaçaõ, em que o Soberano tinha as ſuas virtudes; o fizeraõ crer ſem averiguar, que o Biſpo Athaulfo cahia no peccado nefando. Mandou o Rei, que elle vieſſe á ſua preſença naõ para lhe ouvir as próvas de innocencia; mas para lhe caſtigar o crime imaginado. O inſtrumento do caſtigo havia ſer hum touro feroz, que deſpedaçaſſe o juſto Biſpo, quando entraſſe no pateo do Paço, e o Rei com os ſeus Fidalgos nas janellas para ſerem os Expectadores da tragedia. Soltáraõ o bruto indomito; parou intrepido, e humilde o ſanto Paſtor, chega-ſe a elle o touro como com meiguice, e acatamento; inclina cortez, e reverente a cabeça; o ſanto Prelado lhe pega das pontas, fica com ellas nas mãos, e o ani-

animal ſe retira deixando confuſos os homens. Era vulg.

Depois proſeguio D. Ordonho a guerra contra os Mouros, e lhes ganhou a Cidade de Coria, e aſſeguraõ, que obrigára a fazerem-ſe ſeus vaſſallos os Reis Mouros de Toledo, Saragoça, e Hueſca. Mahamet, Rei de Cordova, muito reforçado com groſſos ſoccorros de Africa, marchou a fazer parar a fortuna de Ordonho; talou parte de Heſpanha, e entrou por Portugal. Na Eſtremadura ſe encontráraõ os exercitos, que diſputáraõ com porfia as igualdades do valor, e ainda que Mahamet perdeo na batalha gente em dobro, elle ficou ſenhor do campo, e por Portugal avançou as conquiſtas com a tomada de Santarem, Leiria, e outras Praças, de que naõ temos noticia. Sería temor da corage de Ordonho, ou idéas de maiores progreſſos, Mahamet o deixou em paz, e foi empregar as armas no Reino de Navarra, logo contra os Mouros de Toledo. Entaõ gaſtou Ordonho todo o tempo em reparar as Praças arruinadas, a diſ- 854

ci-

Éra vulg. ciplinar as tropas, e a ſervir-ſe da paz para depois fazer com mais vigor a guerra.

862 Coroado dos louros de muitos triunfos, que naõ ſaõ do meu aſſumpto, illuſtre em merecimentos, D. Ordonho acabou a vida atacado da gota, e ficou-lhe no grande D. Affonſo III. hum filho, que naõ deixou ſentir a falta do Pai. Elle entaõ governava Galliza, habil em quatorze annos de idade para todos os empregos, nelle a graça com preferencia aos officios da natureza. Apenas chegou á Corte de Oviedo deſcobrio ao mundo os dous Pólos ſobre que havia firmar a felicidade eſtavel da Monarquia, e eraõ a caridade para com Deos, e os homens, e hum valor deſmedido contra os Barbaros. A primeira virtude elle a exercitava ardente repartindo theſouros, huns para os pobres, outros para os Templos, que reſpeitava como colunas incontraſtaveis para a conſervaçaõ dos Eſtados; por iſſo edificou muitos, e entre elles o de Sant-Iago, que ainda eſtava com a humildade do ſeu principio.

pio. Para dar a conhecer a ſegunda virtude, entrou a moſtrar coraçaõ intrepido, idéas altas, eſpirito magnanimo em idade verde. Era vulg. 863

Fiado nos poucos annos de D. Affonſo, entendeo D. Fruella, filho do Rei D. Bermudo, poderoſo Conde de Galliza, lhe ſeria facil fazer-ſe coroar Rei de Leaõ; mas os meſmos rebeldes, que o reconhecéraõ, o matáraõ, e recebeo da ambiçaõ os premios vulgares, que ella coſtuma repartir. No primeiro anno do ſeu Reinado ſocegou D. Affonſo eſta revolta, e tratou logo de fortificar as Praças mais importantes, e em Portugal as de Braga, Chaves, e Viſeo. Os Mouros, cioſos deſtes bons principios do Rei, vieraõ com grande poder ſitiar a Cidade de Leaõ; mas elle naõ ſatisfeito com os obrigar a levantar o cerco, e fazer em póſtas, chamou a ſi todos os ſeus eſpiritos para lhes caſtigar a ouſadia com golpes mais fundos. Elle contrahio alliançaſ com os Navarros, e Francezes, caſando na Caſa Real dos ultimos, e tratou ao famoſo Bernardo del Carpio

com

Era vulg. com honras devidas ao ſeu alto merecimento para a ſua mocidade ter nas longas experiencias de Bernardo hum firme apoio.

864 Com os ſeus alliados entrou D. Affonſo pelas terras dos Mouros, e naõ encontrando oppoſiçaõ, aſſolou Póvos, talou os campos, e todos ſe recolhêraõ ricos. Os Reis de Toledo, e de Cordova aggravados naõ deixáraõ, que o ſocego foſſe muito largo; o primeiro penetrando Portugal até ao Douro; o ſegundo ſeguindo-lhe a marcha pela retaguarda para ir recolhendo quanto nella lhe ficaſſe. Os Portuguezes ſe occupavaõ nas obras da fortificaçaõ de Viſeo, quando o Rei de Cordova foi primeiro ſentido, do que viſto; e ſe hum valor deſeſperado lhe conſeguio facilitar a victoria, elle, e a deſprevençaõ dos defenſores naõ impedíraõ a heroica reſiſtencia. O meſmo deſtino experimentou Salamanca, tenazes os Mouros em opprimir com a multidaõ o que naõ podiaõ conſeguir com a coragem. Ao eſtrondo de tantos golpes acodio D. Affonſo, que ſahio á campanha

nha com rugidos de Leaõ eſcandaliza- Era vugl.
do, elle muito para temer pelo valor, e pelas forças.

Na batalha do Douro ficou logo feito em peças o Exercito do Rei de Toledo. No do Rei de Cordova foi muito maior o eſtrago, reſtando apenas dez mil, que ſe acháraõ vivos, e cortados entre innumeraveis mortos. O Rei triunfante com huma corrente de furor fez tremer todo o Reino de Toledo, naõ havendo nelle lugar, por onde o deixaſſe de cortar a ſua eſpada, nem reſiſtencia, que lhe detiveſſe a acceleraçaõ da marcha. Com igual impulſo entrou por Portugal, aonde recobrou Viſeo, e levantou triunfantes as ſuas bandeiras ſobre os muros da ſoberba Coimbra. Ao ecco de tantas victorias emudecêraõ os Barbaros, calou-ſe a vaidade, e pedio tregoas a arrogancia.

Durâraõ ellas até ao anno de 867, 867
já tempos felices, em que D. Affonſo defendido do reſpeito, buſcando no campo inimigos, e naõ os encontrando, gaſtou no Culto Divino os annos

da

Era vulg. da tranquillidade. Entaõ fez muitas, e grandes Doações ás Igrejas de Sant-
875 Iago, e de Lugo: tirou do poder dos Mouros o reſpeitavel Moſteiro dos Santos Facundo, e Primitivo: reſtaurou junto a Leaõ o de S. Miguel da Eſcada: fez outras muitas fundações neſtes tempos, e nos annos que ſe ſeguiraõ, quaſi ſempre com as armas na maõ; que parece andavaõ em competencia com o Grande Affonſo quaes ſe haviaõ exceder no número, ſe as victorias ás fundações, ſe as fundações ás victorias.

877 No anno de 877 convocou em Oviedo, com approvaçaõ do Papa Joaõ VIII., hum Concilio compoſto de dezaſete Biſpos das Heſpanhas. Nelle ſe determinou, que o Biſpo de Oviedo foſſe Arcebiſpo, e nomeados homens benemeritos para as Dignidades, que duas vezes no anno ſe haviaõ ajuntar em Synodo para regularem quanto foſſe reſpectivo aos bons coſtumes, viſitas das Dioceſes, Parrochias, e Moſteiros. No meſmo anno fundou o Rei a Cathedral de Mondonhedo, a ma-

magnifica Sé de Sevilha, e a todas as antigas reſtituio por tal modo a mageſtade primeira, que de todas pode ſer eſtimado como Fundador. Das paredes ſagradas dos Templos paſſou D. Affonſo a continuar nas das fortificações das Praças, e reparou as de Portugal até ao Téjo. Era vulg.

Ora o Grande D. Affonſo III., taõ amado de Deos, taõ temido dos inimigos da ſua Fé, venerado das Nações, digno dos maiores reſpeitos, quando de todos os contrarios triunfava com gloria, a rebelliaõ dos proprios filhos o hiaõ reduzindo a perder o Reino com affronta, ſe a ſua magnanimidade naõ o preveniſſe para o fazer com honra delicada, e grandeza immortal de eſpirito. De ſua mulher D. Ximena teve elle filhos ao Infante D. Garcia, a D. Ordonho, a D. Bermudo, a D. Ramiro, e a D. Gonçalo. A Rainha, que com veleidade mulheril, paſſados muitos annos, ella entrou a aborrecer no Rei ſeu marido, ſenaõ a peſſoa, a velhice; perſuadio ao Infante D. Garcia tomaſſe as armas contra

ſeu

Eta vulg. ſeu Pai, e ſe levantaſſe com o Reino. Dado o demente conſelho, indigno de ſer ouvido, poſto em execuçaõ por D. Garcia, e eſte logo preſo em huma batalha por ſeu velho, mas intrepido Pai, tudo foraõ acçõeſ quaſi indiſtintas.

Mais eſtimulada a Rainha com a priſaõ de D. Garcia, inſta forte, perſuade activa, move os outros filhos, para que na peſſoa do Pai deſpiquem a injuria do irmaõ. Que oppoſtos a eſtes tranſportes barbaros da Rainha Ximena foraõ os illuſtres ſentimentos do Grande Rei Affonſo. Elle penſou ſério o que podia, e devia fazer para deſaggravar a Mageſtade, e quanto lhe influia, e inſpirava a Religiaõ para obrar com chriſtandade. Para o deſaggravo da Mageſtade ſabia elle muito bem as penas impoſtas pelas Leis, e que podia executallas com a ſeveridade, que eſtava pedindo huma conſpiraçaõ, e traiçaõ enormes dos filhos, e dos vaſſallos. Para obrar conforme á Religiaõ, parecer-lhe-hia, que a brandura do Chriſtianiſmo elle a faria

mui-

muito dura com a effuſaõ do proprio, Era vulg.
e alheio ſangue; com a ruina de muitas caſas, honras, fazendas, alteraçaõ dos ſeus Reinos; e ſobre tudo com o grande prejuizo das chriſtandades, que havia taõ pouco tempo arrancára das mãos, e poder dos Mouros ſeus inexoraveis inimigos.

Hum Rei ſabio, illuminado, va- 910
lente, moderado, e prudente, tomando bem o pezo a eſtas razões por huma, e outra parte; elle tantas vezes vencedor de poderoſos contrarios, agora ſe determina a ganhar a ſua maior victoria, triunfando de ſi meſmo. Depois de moſtrar em muitas acções a ſua magnanimidade: depois de fazer ver, que naõ ſe deſpica porque naõ quer; depois de deſcobrir o generoſo deſprezo, que a ſua prudencia coberta de cãs fazia de tudo, quanto o mundo eſtima; o Grande D. Affonſo, agora muito maior, a todos perdoa, chama os filhos; farta-lhes a ambiçaõ; dá a D. Garcia os Reinos de Oviedo, Leaõ, e Caſtella; a D. Ordonho Galliza, e Portugal, e elle fica o Grande

Era vulg. 912 de D. Affonſo. Depois de dous annos de vida retirada, com 48 de glorioſo, e feliz reinado, foi levado a gozar de melhor Imperio, aonde os juramentos ſe naõ rompem, nem a obediencia ſe eſtraga.

913 Vida, e felicidade tudo faltou a D. Garcia em menos de hum anno depois da morte de ſeu Pai: que parece reſervou o Ceo para ſi a vingança, que delle naõ quiz tomar o magnanimo Rei. Succedeo em todos os Reinos D. Ordonho II. Principe digno das lembranças, ſe elle naõ houvéra manchado a probidade, e as victorias com a feia nodoa de derramar o innocente ſangue dos Condes de Caſtella; nodoa na ſua Purpura, que até hoje naõ a tem podido apagar as idades. A Luſitania foi feliz no ſeu Reinado, e antes da morte de D. Garcia ganhou nella victorias, e conquiſtou Béja. Depois de Rei de Oviedo empregou as armas na conquiſta de Talaveira, que rendeo depois de derrotar hum exercito do Rei de Cordova; acçaõ primeira de D. Ordonho em Heſpanha, que encheo

cheo de terror o Reino de Toledo, Era vulg.
e de ſuſto ao de Cordova.

Em quanto eſtes Mouros conſ-
ternados pediaõ os ſoccorros de Africa
para reparar as ſuas perdas, voltou D.
Ordonho a Portugal, e como corrente
rápida, tudo levava diante até chegar
ao inacceſſivel Caſtello de Alhaje, que
pela ſua fortaleza guardava o Erario
dos Mouros. Elle o metteo no número
das ſuas conquiſtas, e ao eſtrondo
della tanto tremêraõ os Barbaros, eſ-
pecialmente os do Algarve, e Eſtrema-
dura, que ſe offerecêraõ tributarios ao
Rei. No meio deſtas vantagens chegá- 918
raõ a Cordova os ſoccorros de Africa,
que formáraõ dous exercitos podero-
ſos, que entráraõ pela Luſitania para
defender os Mouros, que foraõ obri-
gados pelo Rei Abderramen a romper
os ajuſtes pouco antes celebrados com
D. Ordonho.

Penetráraõ elles a terra até ás mar-
gens do Douro, aonde os eſperava eſ-
te Principe na teſta do ſeu exercito.
Com ardor, que ſe naõ concebe ata-
caraõ elles a memoravel batalha de San-

Era vulg. to Eſtevaõ de Gormaz, que durou hum dia inteiro ſem ſe declarar a victoria. No ſeguinte, entre os innumeraveis mortos, cahiraõ dous bravos Capitães, que eraõ a alma dos exercitos dos Mouros, e com a ſua perda elles ſe pozeraõ em vergonhoſa fugida. D. Ordonho os foi perſeguindo por toda Luſitania até ao Guadiana, aſſollando quanto lhes pertencia, eſpecialmente nos deſtrictos de Mérida, e Badajoz. Como huma victoria taõ completa promettia ao Rei tempo de ſocego; elle marchou á Cidade de Leaõ para a engrandecer conforme as idéas, que trazia concebido.

Fundado com grandeza hum Templo da invocaçaõ de Santa Maria, D. Ordonho por maõ do Biſpo Cixila ſe fez coroar nelle Rei de Leaõ, e foi o primeiro, que praticou eſta mignifica ceremonia, e que tomou o titulo de Rei de Leaõ. Os notaveis avances, e augmentos deſta Cidade, já nova Corte dos Reis, deminuio de ſórte as grandezas de Oviedo, que apenas conſerva veſtigios do que foi. Mas

quan-

quando D. Ordonho ſe occupava em tantas acçõẽs dignas da Mageſtade, Abderramen de Cordova ardia em furor pela quebra das ſuas armas, e reſolveo-ſe a arriſcar tudo para lhes reſtituir o credito, a ſi a reputaçaõ, como veremos no Capitulo ſeguinte. Era vulg. 919

CAPITULO IV.

Continua-ſe com a narraçaõ dos Succeſſos da Luſitania no Reinado de D. Ordonho, e de outros Reis de Leaõ ſeus Succeſſores.

ABDERRAMEN, Rei de Cordova, picado dos eſtimulos da Religiaõ, da honra, e das perdas, com as forças ſempre inteiras pelos muitos ſoccorros, que recebia de Africa; ajuntou hum exercito poderoſo, e entrando por Luſitania, atacou a Cidade do Porto com deſmedida corage. Como encontrou oppoſiçaõ igual no Conde Hermenegildo, que a defendia, foi talando os campos de Galliza até chegar a hum Povo chamado Rondonia, aonde ſe

Era vulg. eucontrou com o Rei D. Ordonho, que o eſperava. Elle lhe tomou contas todo hum dia do que acabára de obrar nas terras da Luſitania, e bem diſputada a batalha, ainda que ambos os campos ſe acclamáraõ vencedores, Abderramen deixou nelles mais mortos, muitas bandeiras, importantes deſpojos.

Por eſtes tempos era mui fervoroſa em Heſpanha a devoçaõ com o Apoſtolo Sant-Iago, que obrava muitos milagres, e com a fama delles attrahia a piedade dos Fieis para virem a Compoſtella das partes mais remotas da Europa. A meſma devoçaõ fez frequentar as viagens de Roma, ſendo Pontifice o Papa Joaõ X., que entaõ reformou o Miſſal Gotico, e algumas das Oraçõeſ no ſeu Canon com igual ſatisfaçaõ de Italia, e de Heſpanha. D. Ordonho ſe occupava entaõ na guerra com os Mouros por Navarra, e outras partes, ſempre vantajoſo, e feliz até ſe entregar ás deſordens da fantaſia contra os innocentes Condes de Caſtella; Cataſtrophe ſentido de toda a Heſpanha,

nha, para que já a Hiſtoria nos con- Era vulg.
vida.

Eraõ neſtes annos Condes, e gran- 923
des Senhores em Caſtella D. Diogo Porcelos, D. Nuno Fernandes, D. Fernando Anſures, Almondar Branco, e ſeu filho Diogo Almondares. Entre elles o Conde D. Nuno Fernandes havia caſado huma filha com o Rei D. Garcia, irmaõ, e predeceſſor de D. Ordonho, e por eſta razaõ lhe mandou poderoſos ſoccorros quando ſe levantou contra ſeu Pai D. Affonſo III. Preoccupou-ſe Ordonho das imaginações, e ſem mais fundamento que o de hum temor panico, aſſentou comſigo, que D. Nuno, e os mais Condes eraõ capazes de executar com elle as meſmas perniciоſas idéas. Para metter em obra quanto concebia o animo corrupto, fingio ſer-lhe neceſſario ajuntar Cortes; convoca todos os Condes; aſſinala-lhes tempo, e lugar; elles concorrem goſtoſos, e brilhantes; apenas chegaõ ſaõ levados preſos á Cidade de Leaõ, e ſem mais proceſſo, que a vontade do Rei injuſto, todos

Era vulg. perdem as cabeças, como dizem. Naõ ſe conſummou o anno, em que foi obrada eſta iniquidade, e Deos tirou á vida a D. Ordonho aos 40 annos de idade, e nove e meio de Reinado.

Caſtella juſtamente ſentida naõ quiz ſugeitar-ſe aos Reis de Leaõ, e para o ſeu Governo elegeo aos célebres Juizes Nuno Raſura, e Lain Calvo, eſte para o exercicio das armas, aquelle para a adminiſtraçaõ dos negocios civis; forma de governo, que durou em Caſtella até ao anno de 934. D. Fruella, irmaõ de D. Ordonho, ſem fazer caſo de ſeus ſobrinhos, que depois reináraõ, ſe levantou com o Reino, e teve de diſſimular a reſoluçaõ tomada pelos Caſtelhanos em prejuizo dos Reis de Leaõ. Nada digno de Rei, nem decente á Mageſtade obrou D. Fruella, que foi cruel com muitas peſſoas illuſtres, e no anno do ſeu máo Governo padeceo o Reino calamidades, que occupáraõ alguns tempos. Deſpreſado dos inimigos, e dos vaſſallos, ainda que temeroſos das ſuas atrocidades, elles o depozeraõ; mor-

reo

reo logo coberto de lepra, e ficáraõ Era vulg.
ſeus ſubſtitutos os Juizes de Caſtella,
que acabei de nomear.

Laſtimoſamente entráraõ a decair os negocios da Religiaõ, e do Eſtado nas deſordens precedentes, e nas que ſe ſeguíraõ pelas pertenções dos filhos de D. Ordonho. D. Affonſo que era Monje, deſgoſtado da vida religioſa, e ſeu irmaõ D. Ramiro, que tinha altos eſpiritos, ambos pertendêraõ occupar o Throno dos ſeus Maiores. Seis annos eſteve nelle D. Affonſo quaſi como huma eſtatua, Simulacro de independencias, e idolo de ocioſidade. De eſpirito em nada eſtavel, pretextando deſenganos do mundo por occaſiaõ da morte da mulher, mandou chamar ſeu irmaõ D. Ramiro; entregou- 931
lhe o Reino ſem fazer caſo de hum filho, que lhe ficára; tornou a fazerſe Monge no Moſteiro de Sahagum, e immediatemente arrependido do que acabava de obrar, quiz arrancar da cabeça do irmaõ a Coroa, que lhe renunciára. D. Ramiro fazendo-o priſioneiro em Leaõ, e havendo ás mãos

aos

Era vulg. aos inquietos filhos do intruſo D. Fruella, os fez cegar a fogo, e pôz a todos em priſaõ perpetua no Moſteiro de S. Juliaõ viſinho á ſua Corte.

Neſtes tempos eſtava pacifica a Luſitania governada por alguns Condes, entre elles memoraveis Hufo Hufes, e D. Guterre Arias: mas as deſavenças entre os filhos de D. Ordonho facilitáraõ aos Mouros a conquiſta das noſſas Praças mais importantes. No maior ardor deſtas revoltas ſuſtentava as redeas de Heſpanha com valor, e prudencia o Conde Fernaõ Gonçalves. D. Ramiro ſe via obrigado a diſſimular a ſua muita authoridade, e pouco depois com mais juſta cauſa, por haver Abderramen de Cordova entrado em Caſtella com grande poder. A neceſſidade da commua defenſa unio mais ao Rei, e ao Conde, que na batalha de Oſma ganháraõ ao Mouro huma importante victoria. Os deſpojos, que elle deixou no campo, podiaõ deſpertar a cobiça dos Diogenes, e Catões. Dizem, que o Ceo celebrára eſte triunfo com ſinaes eſpantoſos, que viſtos

por

por olhos differentes, huns os julgavaõ luminarias feſtivas, outros os entendiaõ Cometas funeſtos; eſtes, que indicavaõ deſgraças; aquellas, que prometiaõ felicidades. Era vulg.

Os Mouros interpretáraõ os raros phenomenos a favor do ſeu Imperio, e os Cacizes empenháraõ a Abderramen para outra nova guerra, que ſem dúvida lhe ſeria vantajoſa. Elle aliſta em Heſpanha o maior número de gente, e com a grande quantidade, della, que trouxe de Africa o Mouro Almançor, os eſpiritos ficaõ como extacticos, e os noſſos campos tremem com o pezo de hum exercito quaſi ſem número. Os Authores que ſuppoem vencedor da batalha de Clavijo a D. Ramiro I., da que agora vou a eſcrever dizem, que nella ſenaõ achára o Conde Fernaõ Gonçalves: que ella ſe chama a batalha de Simancas por ſer dada nos ſeus terrenos; e que na noite precedente á victoria foraõ os apparecimentos de Sant-Iago ao Rei, e o de S. Milhan ao Conde. Nós pelo contrario, ſeguindo melhores opiniões, 934

te-

Era vulg. temos a D. Ramiro II. por instrumento glorioso da grande victoria de Clavijo, que eu entro a referir, e que he audacia negalla.

Como os Barbaros traziaõ concebida a idéa de acabar por huma vez com o exterminio da Religiaõ de Hespanha, a crueldade inventou tormentos exquisitos para os Christãos, e entre elles era a morte o menor mal. Innumeraveis Martyres matizáraõ a sua Fé com o sangue nesta invasaõ de Abderramen, e depois della. O Rei D. Ramiro, e o Conde Fernaõ Gonçalves para lhe fazerem parar as correntes, ajuntáraõ as suas trópas; entrou a Lusitania com muitas, e todas eraõ taõ poucas, que se affirma havia para cada christaõ centos de Barbaros. Todos os Grandes concorrêraõ a ser Expectadores de huma Tragedia, que tinha pendente a salvaçaõ, ou a ruina de Hespanha. Ella se temeo no primeiro encontro, em que o exercito ficou cortado, e pouco menos que desfeito. D. Ramiro sem perder corage se retirou para a montanha de Clavijo a implo-

plorar os ſoccorros do Ceo, que coſ- Era vulg.
tuma derrotar as fortalezas do mundo com inſtrumentos fracos. Aqui lhe appareceo o Apoſtolo Sant-Iago coberto de mageſtade, e com vozes ternas lhe prometteo a victoria no ſeguinte dia. O meſmo favor recebeo o Conde de S. Milhan, e reforçados eſtes dous Chéfes com os auxilios Supremos, deſcêraõ ſobre os Mouros, que como vencedores eſtavaõ deſcuidados.

Renovou-ſe a batalha com ardor incrivel, Chriſtãos, e Mouros homens differentes, eſtes perdido o valor humano, aquelles reforçados com corage Divina. O Apoſtolo foi viſto ſobre hum cavallo branco fazendo bem os officios de ſoldado. Póde-ſe dizer delle, que com a ſua eſpada a cada golpe derrubava a hum lado mil inimigos, e dez mil ao outro lado. Naõ cabem os applauſos de taõ grande victoria na velocidade com que corre a minha penna. Parece que ſe revolviaõ as pedras neſte temeroſo conflicto, em que deixáraõ as vidas mais de 70ℬ Barbaros, e teve por conſequencia o rendimento

de

Era vulg. de Clavijo, e das mais Praças dos seus contornos. Então se empenhou toda Hespanha em votos ao Apostolo seu Protector, e o Rei lhe confirmou o Padroado della, que o Santo dissera lho havia dado Deos. O espanto que causou tamanha victoria, quando ella sublimava a reputaçaõ do valor dos Hespanhoes, e a gloria do seu Rei; elle abatteo de sorte a arrogancia do de Cordova, e a soberba dos Mouros, que pedíraõ tregoas, com condições ao arbitrio do vencedor.

Ramiro no meio de taõ venturosa paz se entregou aos negocios da Religiaõ, a fundar muitas Igrejas, e Mosteiros, e foi a Sant-Iago de Galliza dar as graças ao Santo Patrono por taõ assinalados beneficios. Dizem, que nestas partes ouvira elle nos brados da fama os encarecimentos da formosura de Zara, filha de Alboazar, senhor de Gaia, e que se namorára della pelo ouvido; que fizera toda a diligencia pela ver, e lhe entrára todo o veneno pelos olhos; que logo se resolvêra a repudiar a Rainha Urraca, e

pe-

pedir a Moura para mulher; que ſeu Pai lha negára com o fundamento de eſtar promettida ao Rei de Marrocos; mas que Ramiro pelas induſtrias de hum feiticeiro a roubára. Eſtimulou-ſe o Mouro de toda a manobra de Ramiro, e traçou hum deſpique, que foſſe ſó obra das ſuas mãos ſem o concurſo de outros inſtrumentos, e menos o de hum taõ vil, como o de que Ramiro ſe valêra. Era vulg. 1

Alboazar em peſſoa roubou a Rainha Urraca na pequena povoaçaõ de Milhor, e com a pena de Taliaõ, de honra por honra, ambos os ladrões ficáraõ bem caſtigados. Zara foi bautizada em Leaõ com o nome de Artida, e quando ella ſe recebia com Ramiro, Alboazar caſava com Urraca. De Artida teve Ramiro ao Infante Alboazar Ramires, tronco de alguinas familias, de quem diſſe hum Hiſtoriador noſſo, que faziaõ vaidade de deſcenderem de Rei, no tronco, ainda que lhe ficaſſe na raiz hum Mouro. Ramiro por hum lado atacado do amor, pelo outro combatido da honra, já ſa-

tis-

Era vulg. tisfeita a primeira paixaõ, para deſaffrontar a ſegunda, entra em Gaia desfarçado, e deixa trópas emboſcadas em parte, donde lhe acudaõ, ſe a neceſſidade o pedir. Urraca, que o conhece, o deſcobre ao Mouro, que logo quiz tirar-lhe a vida; duas vinganças em huma morte, pelas injurias feitas ao Alcoraõ, e á peſſoa.

Ramiro o ſuſpende, aſſegurandolhe, que os ſeus Confeſſores para expiar o peccado, que commettera, lhe ordenáraõ vieſſe á ſua preſença para morrer diante delle tocando até rebentar huma trombeta, que trazia, e era o ſinal para lhe acodirem os emboſcados em terra, e a embarcaçaõ eſcondida entre as rochas. Sobio Ramiro a huma coluna; tocou forte o inſtrumento; entráraõ em Gaia os ſoldados deſ-

946 temidos; Ramiro tirou da eſpada occulta, e levou a cabeça de Alboazar; arruina o Caſtello, e embarcado com Urraca ſe faz na volta do Reino. Leo o Rei no ſemblante de Urraca o pezar, que lhe cauſára a morte do Mouro, a dor de ſe ver arrancada dos ſeus

bra-

braços, mandou atalla a huma pedra, lançalla ao mar, e ficou livre do obſtaculo, que lhe fazia eſcrupuloſo o uſo do amor de Zara, ſe acaſo eſte conto he certo. Era vulg.

Depois deſte ſucceſſo ainda D. Ramiro ganhou muitas vantagens ſobre os Mouros, que naõ ſaõ do meu aſſumpto; fez edificar varios Póvos, reformar outros, nunca eſquecido de dar explendor brilhante aos Templos de Deos; tudo acçõeſ nos ultimos annos da vida, que juſtamente lhe merecêraõ o caracter de Rei grande entre os maiores de Heſpanha. Em huma jornada que fez para adorar as Santas Reliquias, que ſe guardavaõ em Oviedo, o aſſaltou a ultima enfermidade, e neſta Cidade pagou o tributo de mortal aos cinco de Janeiro do anno 950, deixando por Succeſſor do Reino a ſeu filho Ordonho III., chamado o Fero pelo ſeu muito valor: mas nos cinco annos que reinou, eſtando entaõ a maior parte da Luſitania em poder dos Mouros, delle ſómente ſabemos, que com grandes forças entrára nella talan- 950

do

Era vulg. do os campos até Lisboa, donde retrocedeo a marcha, sem nos constar fizesse conquistas, ou conseguisse vantagens de consideraçaõ para as nossas gentes.

955 Alguns Historiadores naõ mettem na série dos Reis de Leaõ a Ordonho IV. que outros dizem fora cruel, e que com hum anno de Governo fora

956 morto em huma batalha junto á Cidade de Cordova. Dom Sancho I. chamado o Gordo, e irmaõ de Ordonho III., he tido pelo seu Successor; Principe pouco feliz com os vassallos, que todos os onze annos de Rei passou inquieto com a rebelliaõ dos Condes, entre elles D. Gonçalo, senhor das terras da outra parte do Douro, na rebeldia o mais obstinado, e que depois da morte de D. Sancho, apagou com a vida no particular desafio, que teve com o Conde D. Fruela Vermuiz; mas havendo-a elle antes dado ao Rei em hum pomo recheado de veneno, remuneraçaõ de traidor, naõ só perdoados pelo mesmo Rei tantos crimes enormes de D. Gonçalo; mas elle admit-

mittido á ſua graça com honra, attenção, e amizade. Era vulg.

D. Ramiro III. por morte de ſeu Pai D. Sancho ficou de cinco annos em Reino ainda inquieto, agora mais perturbado pelas idéas mulheris, que tinhaõ nelle toda a authoridade, influidas por Siſnando, Biſpo que fora depoſto do Biſpado de Compoſtella pelo Rei precedente em juſta pena dos ſeus eſcandaloſos exceſſos. Naõ foi ſó cauſa das inquietações domeſticas a menoridade de Ramiro, ſenaõ que della ſe ſoubêraõ aproveitar os Mouros para reduzirem a Heſpanha, e Luſitania ao eſtado, em que a acháraõ os primeiros Reis, que começáraõ a reſtauralla. Ambos os Dominios ſoffrêraõ duas invasões laſtimoſas dos Mouros, que pareciaõ as ultimas. A de Luſitania foi movida por Alcoraxis, Rei de Sevilha, revolvendo-a de modo, que a gente abandonou os Povoados, e buſcou para aſylo das vidas o inacceſſivel das montanhas, o horror, e ſoledade das matas, e dos boſques. Penetráraõ os Barbaros até Galliza, e viſinhanças 967

de

Era vulg. de compoſtella, já deſeſperadas as gentes de remedio, quando o Apoſtolo Sant-Iago, para lhe naõ profanarem o ſeu Sepulcro, os ſacodio, affugentou, e os foi fuſtigando com o flagello de huma devaſtadora peſte.

A ſegunda invaſaõ por Heſpanha foi maquinada pelo traidor Conde D. Vela, que caſtigado pelo Conde Fernaõ Gonçalves, achou amparo em Alhaca, Rei de Cordova, e o fez capacitar das grandes vantagens, que tiraria da guerra, ſe rompeſſe a paz pouco antes ajuſtada com Leaõ, e Caſtella. Foi eſta a primeira inveſtida, aſſollada, e tomadas as ſuas melhores Praças por hum exercito poderoſo, que cahio ſobre a Potencia deſprevenida. Do meſmo modo achou o Reino de Leaõ, aonde ſe conduzio por maneira em tudo igual: deſgraças ambas taõ ſentidas pelo Conde Fernaõ
968 Gonçalves, que ſendo Principe de coraçaõ bem dilatado, naõ pode com ellas, e morreo atacado da profunda triſteza, que lhe cauſou o abatimento da Religiaõ, e do Eſtado.

Eſ-

Eſte foi o fim do Grande Conde Fernaõ Gonçalves, hum dos Principes mais valeroſos, que vio Heſpanha em todas as idades: Vencedor de quarenta e ſeis batalhas campaes: deſtro; e valente na guerra: prudente, e diſcreto na paz; temido dos inimigos, amado dos vaſſallos: attendido dos Principes, reſpeitado das Naçõeſ: Senhor brilhante, nas idéas magnanimo, na liberalidade jucundo: Catholico, e Religioſo taõ edificante, que na morte teſtemunháraõ vozes do Ceo as ſuas virtudes: Fundador, Dotador, e Reedificador de muitos Moſteiros, de Igrejas, e outras obras, que ſaõ Monumentos perpetuos, aonde a pezar da carreira dos tempos ſe conſervaraõ ſempre freſcas as ſuas memorias. Era vulg.

Creſciaõ de anno para anno as calamidades de Heſpanha, aſſim como a idade de D. Ramiro; Rei creado no regaço das Damas, influido por maximas de ſenhoras, elle de inclinaçõeſ eſtragadas, ſem algum valor, e depois de caſado hum executor indeffectivel das vontades da Rainha. Succeſ- 969

Era vulg. ſivamente Galliza, e Leaõ foraõ dous theatros do furor dos Normandos, e dos Mouros, cada Naçaõ avançando os ſeus intereſſes quaſi ſem oppoſiçaõ de hum Rei todo entregue ao ocio, e aos divertimentos, em que elle entendeo, que ſó conſiſtia o ſer Rei. Degenerãraõ aquelles, e outros vicios nos de ſoberba, e crueldade, de que irritados os Condes, e os Póvos, reconhecêraõ por ſeu Soberano a D. Bermu-
985 do II. o Gotoſo, filho de D. Ordonho; e Ramiro falleceo pouco depois em Leaõ com dezaſete annos de ſe chamar Rei.

Fallando no todo do Reinado de Bermudo, nós o podemos conſiderar pouco feliz, antes de Soberano pela guerra, que moveo a Ramiro para o privar do Reino, em que pereceo a flor da milicia Heſpanhola, neceſſaria para fazer ſemblante, e oppoſiçaõ á desbocada furia dos Mouros: depois de Rei pelo augmento dos eſpiritos deſtes Barbaros por cauſa da diſſipaçaõ das noſſas forças, que lhes fez creſcer o orgulho depois da morte de

Ra-

Ramiro. Bermudo vicioſo, em vez de ſe lhes opôr, ſó cuidava na ſatisfaçaõ dos appetites, que lhe manchâraõ a prudencia, e valor, de que era dotado. Foraõ muitas as ruinas, e os eſtragos, que o ſoberbo Almançor cauſou em Heſpanha no ſeu tempo, e naõ menos lamentaveis os de Portugal. Todo elle foi entaõ hum lago de ſangue, com colera indiſtinta profanados os Templos, violados os Seminarios das caſtas virgens, reduzidos os povoados a hermos, e parecia que até chorando as pedras, como ſe encareſſe nas guerras civis de Roma. Era vulg.

Entaõ ſe rendêraõ á força das armas dos infieis Coimbra, Braga, Viſeo, Lamego, Britonio, e as mais praças menos conſideraveis, antes ganhadas com gloria, agora perdidas naõ ſem vileza. Unicamente a conſtancia Chriſtã teve corage para ſe conſervar firme; mais faceis os Luſitanos em perder as vidas, que a Fé, e colunas incontraſtaveis, de que pendiaõ os triunfos, que a humildade da cruz conſeguia da jactancia do Inferno.

Era vulg. Além dos muitos Martyres, florecêraõ neſtes calamitoſos tempos com credito da noſſa Religiaõ S. Roſendo, Biſpo de Dume, de Mondonhedo, e de Compoſtella, filho do Conde D. Guterre Arias, e ſua parenta Santa Senhorinha, Abbadeça do Convento de S. Joaõ de Vieira, e filha do Conde Hufo Hufes. Ora feito eſte compendio, vamos em outro capitulo tratar alguns dos acontecimentos da vida de D. Bermudo dignos da Hiſtoria.

CAPITULO V.

Outros acontecimentos no Reinado de D. Bermudo II., e nos dos ſeus Succeſſores.

988 DEOS, que com a meſma maõ caſtiga, e conſola, quando a Chriſtandade, e ſocego de Portugal, e Heſpanha padeciaõ tantas calamidades, e perſeguições; elle ſuſcitou o eſpirito de Garcia Fernandes, Conde de Caſtella, filho do Grande Conde Fernaõ Gonçalves, para fazer parar o rápido en-

enxureo dos Mouros, que tambem alagava os ſeus Eſtados. O Conde os foi perſeguindo até Santo Eſtevaõ de Gormaz junto ás ribeiras do Douro, aonde ſe ataçáraõ os dous campos, ambos eſtimulados, o dos Chriſtãos para reſtaurar o explendor da Religiaõ, e a felicidade dos Póvos, o dos Mouros pelo credito das armas, e para conſervar as conquiſtas. Foraõ eſtes completamente derrotados, e a victoria attribuida a hum milagre, que ſe diz ſuccedêra neſta batalha. Era vulg.

Fernando Antolinez, Cavalleiro diſtinto, que ſervia no exercito, entre outras devoções, tinha a de ouvir Miſſa com frequencia. Elle ſe occupava neſte ſanto exercicio quando ſe rompeo a acçaõ, e faltou a ella pelo naõ deixar incompleto. Taõ agradavel foi nos olhos de Deos a pureza da ſua intençaõ, que no lugar de Fernando Antolinez poz a hum Anjo veſtido nas ſuas armas, obrando façanhas, que cauſavaõ eſpanto aos Chriſtãos, terror aos Mouros, elle o principal inſtrumento do triunfo. Conſummado el-

le

Era vulg. le vieraõ os primeiros Chéfes congratular-ſe com Antolinez, que eſtava coberto de confuſaõ pela ſua falta no campo, e nóta, que teria adquirido de covarde. Elle reſpira com o aperto dos abraços, com a officioſidade dos cumprimentos, no ſeu interior conhece, e adora ao Author da maravilha, ſaõ examinadas as ſuas armas tintas em ſangue, e creſce o eſtupor, quando as viraõ amaçadas a golpes, e o corpo de Antolinez illeſo ſem a mais leve offenſa.

993 Naõ participou o Reino de Leaõ das vantagens de Caſtella. D. Bermudo ſe deshouve com o ſeu Conde vencedor dos Barbaros, e foi eſta huma das ſuas infelicidades naõ pequena. Por outra parte o traidor Conde D. Vela perſuadio ao Rei Hiſſen de Cordova lhe declaraſſe a guerra, a que aſſiſtio em peſſoa o meſmo D. Vela, e foi ſummamente ventajoſa para os Mouros. D. Bermudo os atacou ſem conſideraçaõ na ribeira do Rio Eſtura perto da Cidade de Leaõ, e ficou totalmente desfeito com grande número de mortos,

tos, e cativos. Depois fitiáraõ a meſ- Era vulg.
ma Corte, havendo-ſe D. Bermudo
refugiado em Oviedo, e malogradas
todas as idéas de prudencia, e de co-
rage, com que a defendeo o Conde
Gillen Gonzales, ella foi entrada eſ-
pada em maõ, ſem que a cólera dos
Barbaros perdoaſſe a alma viva, ho-
mens, mulheres, e meninos tudo foi
paſſado aos fios della, a Cidade de
Leaõ ficou hum eſpectaculo triſte das
miſerias do mundo.

Os Mouros por victorioſos mais 994
ſoberbos, entráraõ por Caſtella a deſ-
picar furioſos a injuria paſſada, e fize-
raõ nella eſtragos ſemelhantes aos de
Leaõ. Quando para a commua defenſa
era mais neceſſaria a uniaõ dos eſpiri-
tos; entaõ os maiores Senhores de
Heſpanha, cégos das ſuas paixões,
preferíraõ os intereſſes particulares aos
geraes da Religiaõ, e da Patria. Eſ-
ta foi entre tantas, a ſua maior deſ-
graça, naõ perdoando a cólera ao
proprio ſangue, como ſuccedeo aos
ſete irmãos os Infantes de Lara, bem
memoraveis na Hiſtoria de Heſpanha,

mor-

Era vulg. mortos vil, e ?treiçoadamente por ſeu tio Ruy Velaſques. Mas Gonçalo Guſtio, pai dos deſgraçados Infantes, e pelos influxos do meſmo traidor preſo em poder do Rei de Cordova, gerou em huma irmã do meſmo Rei hum filho chamado Mudarra, Principe de tanto valor em annos verdes, que vingou a morte de ſeus irmãos tirando a vida a Ruy Velaſques.

Quando os Mouros em Heſpanha conſeguiaõ tantas vantagens, elles tinhaõ na Luſitania novos, e bravos inimigos, que combater. Elles eraõ os aguerridos Gaſcões, que nella haviaõ entrado no tempo do Rei D. Ramiro, e feito aſſento no porto de Gaya commandados por D. Moninho Viegas, Chéfe da familia de Monizes, e por ſeus irmãos D. Nonego, e D. Siſinando de Vandoma. Eſtes Capitães fizeraõ gentís obras de cavallaria, tomáraõ aos Mouros muitas terras em Heſpanha, nellas ſe eſtabelecêraõ, e reedificáraõ o Caſtello de Gaya, que eſtava na forma em que o deixou D. Ramiro, quando matou a Alboazar.

Naõ

Era vulg. 998

Naõ ceſſava o bravo Almançor de perſeguir os Chriſtãos por toda a parte, implacavel o odio, que naõ ſe fartava com o ſeu ſangue. Elle tornou a entrar em Luſitania, e acabou de arruinar as Praças, que na primeira invaſaõ naõ deſtruíra. O temor deſte grande General obrigou os Principes de Heſpanha a depôr os ſeus injuſtos reſentimentos, e a confederar-ſe D. Bermudo com o Rei de Navarra, e com o Conde de Caſtella, antes que elles entraſſem com os ſeus vaſſallos no exterminio geral intentado por Almançor. Eſte pouco aſſuſtado da liga, foi entrando por Galliza, aonde Sant-Iago defendeo o ſeu ſepulchro com outra peſte. O Conde Portuguez D. Forjaz Vermuiz, que era por eſtes tempos flagello formidavel dos Mouros, para deſaffrontar os Patricios das injurias, que acabavaõ de receber de Almançor; elle marchou com todas as ſuas gentes a unir-ſe com os tres Principes colligados, que eſtimariaõ em D. Forjaz a cabeça para os conſelhos, as mãos para as obras.

Per-

Era vulg. Perto de Oſma no lugar, que chamaõ Alcantanaçor, eſperáraõ os da liga a furia, com que Almançor muito reforçado vinha aterrando os eſpiritos, abatendo os campos, revolvendo os penhaſcos. Eſpantoſa foi a batalha, huma das mais diſputadas, que vio Heſpanha em Seculos, nenhum braço ocioſo, cada homem ſoldado, e General de ſi meſmo, que ſe davaõ as ordens, e as executavaõ, todas as dexteridades occupadas nos modos de matar, e morrer. O valor todo hum dia eſteve em diſputa com a multidaõ, renovada a peleija de huma parte pelo número, de outra pela conſtancia. Declarou-ſe a victoria já de noite, e eſta circunſtancia impedio ſer maior a perda dos Mouros, que deixáraõ no campo mórtos 70ⅅ homens de pé, e 40ⅅ de cavallo. Foi eſta a ultima acçaõ do Rei D. Bermudo II.,
999 e muito mais glorioſa a da penitencia, com que no fim da vida expiou os peccados de homem, que comettêra entre muitas virtudes de Rei. Almançor deſeſperado ſe deixou morrer de fome

em

em Toledo, e reſpiráraõ os Chriſtãos com a falta do ſeu perſeguidor. Era vulg.

Em idade de cinco annos ſuccedeo D. Affonſo V. a ſeu Pai D. Bermudo II., Principe Catholico, ſabio, e valeroſo; virtudes eſtas, e outras muitas, que deveo á ſabia direcçaõ, e conſummada experiencia dos ſeus Tutores, e depois ſeus ſogros D. Mem Gonçalves, e D. Maior, Senhores de grande parte de Galliza, e de Portugal. Neſta menoridade principiáraõ os Chriſtãos a dilatar os animos tantos annos opprimidos, a reparar as Praças havia muitos tempos arruinadas, e o Infante Alboazar Ramires a avançar conquiſtas, que até entaõ ſenaõ emprendiaõ. Em dous annos ſucceſſivos, acompanhado de ſeus valeroſos filhos D. Traſtamiro, e D. Hermigio Alboazar, dos quaes deſcendem as illuſtres familias dos Amaias, Cunhas, Tavoras, e Teives, ganhou elle as Provincias de Entre-Douro e Minho, e da Beira, com gloria immortal do ſeu nome, e terror dos Infieis. 1000

To-

Era vulg. 1012 Todos os annos, que corrêraõ até ao de 1012, D. Affonſo aproveitando-ſe do beneficio da paz, e da uniaõ que conſervava com Caſtella, e Navarra, tratou de reedificar as Cidades, e Póvos arruinados, eſpecialmente a ſua Corte de Leaõ, que os Mouros deixáraõ aſſolada. O meſmo fez a quantidade de Moſteiros, completando muitas obras grandes até ao 1020 anno de 1020. Naõ foi das menores as Cortes, que celebrou, em que foraõ reformadas as antigas Leis dos Godos, e feitas outras de novo, recopiladas depois, e involvidas nas das Sete Partidas pelo Rei D. Affonſo o Sabio. Ainda o Rei naõ ſahíra da menoridade, ou pouco depois de ter ſaido della, traçou a emulaçaõ pezadas diſcordias entre os ſeus Tutores, e o Conde D. Forjaz Vermuiz, fiel vaſſallo do ſeu Principe, e zelador da ſua honra, talvez para perturbar a deleitavel tranquillidade, que havia tantos annos gozava o Eſtado. Tomou a calumnia tanto corpo, que o Conde naõ teve corage para ſoffrer as im-

impoſturas callado, e conta-ſe o caſo ſeguinte. Era vulg.

Penſou elle nos modos com que havia qualificar a innocencia, e entendeo que outro algum lhe era decente ſenaõ o das armas. Deſcobrindo aos vaſſallos os ſeus ſentimentos, e achando-os conformes, ſahio com elles a campo, e no de Mafra desbaratou aos Condes inimigos com valor de Portuguez injuriado na honra. A victoria naõ diminuio a perturbaçaõ, antes cobráraõ novos eſpiritos as impoſturas, que no Conde alteráraõ a cólera para o arrojar a deſpiques mais ſenſiveis, ſe em algumas idades tolerados, nunca juſtos contra os Soberanos. Marchava El-Rei D. Affonſo com poderoſas forças a reprimir a rebelliaõ de Oviedo, quando o Conde, augmentando as ſuas, o foi ſeguindo cortez, e deſtemido, como aggravado affouto, como vaſſallo reportado. O Rei atacava a Cidade, e o Conde apparece no campo com ſemblante de atacar o Rei. Eſte ſuſpende a acçaõ, pára, diſcorre, e formando no ſeu interior al-

Era vulg. alto conceito das bizarrias do Conde, manda, que o Exercito lhe dê a retaguarda, volte caras á Praça, e continue no ataque, como senaõ tivera tal inimigo no campo.

O Conde com pensamentos naõ menos sublimes penetrou a idéa do Rei, e correspondeo-lhe com outra magnanimidade em nada inferior. Elle com resoluçaõ gentil, propria da Naçaõ, e marcha accelerada conforme ao aperto; baralha o seu exercito com o do Rei, atacaõ unidos a Praça, e no primeiro repelaõ a levaõ em preza. Proezas incriveis obrou aqui a bizarria estimulada, e quando todos começavaõ a olhar para o Conde como para hum monstro de fidelidade, e de valor, elle com o muito pó do campo ficou cego. Com lagrimas sentio o Rei esta perda em vassallo taõ fiel, de magnanimidade provada, digno das graças, que entaõ lhe foraõ feitas, com merecimentos, para que já naõ havia mercê grande.

D. Affonso pela grandeza do seu coraçaõ naõ necessitava de exemplos pa-

para obrar heroicidades; mas eſte do Conde D. Forjaz parece, que o eſtimulou mais para romper os reſentimentos da Mageſtade aggravada, executar huma das acçõẽs mais ſublimes, que o deſſem a conhecer ao mundo, quando magnifico Soberano de Vaſſallos, poderoſo Rei de ſi meſmo. Nós temos viſto as perfidias, e eſtratagemas com que o traidor Conde D. Vela retirado entre os Mouros de Cordova maquinava o deſtroço dos Reis de Leaõ, e dos Condes de Caſtella, juntamente com a ruina dos ſeus reſpectivos Eſtados. Seus tres filhos Rodrigo, Diogo, e Inigo, agora abandonados dos meſmos Mouros, ſem refugio em Heſpanha, ainda que reconheciaõ a D. Affonſo por filho do Rei D. Bermudo ſummamente injuriado pelo Conde ſeu Pai, ſendo nelles mais poderoſa a lembrança da grande alma de D. Affonſo, que o ſuſto de o contemplarem offendido; elles buſcaõ o ſeu amparo, pedem a ſua protecçaõ, e ſe entregaõ nas ſuas mãos. O magnanimo Rei as abre ambas para os encher Era vulg.

de

Era vulg. de liberalidades nos Eſtados, que lhes deo na falda das montanhas para paſſarem a vida com a decencia de Prlncipes; dilata todo o coraçaõ para lhes perdoar, e eſquecer crimes enormes, e os trata como amigos. Mas como ſeu Pai lhes transfundira no ſangue as qualidades de traidores, elles naõ tardáraõ em ſe eſquecer dos beneficios para ſerem imitadores da perfida ingratidaõ.

1026 Paſſáraõ alguns annos ſem ſucceſſos memoraveis na Luſitania até ao anno de 1026, em que naſceo de Diogo Laines, e de ſua mulher, que era filha de D. Rodrigo, Conde, Senhor de Gijon, e Governador das Aſturias, o famoſo D. Rui Dias de Bivar, vulgarmente conhecido pelo nome de *Cid*, Fidalgo de grande valor, e digno ornato da Hiſtoria. O anno ſeguinte foi

1027 fatal para Heſpanha pela perda do ſeu eſtimavel Rei D. Affonſo, que acabou na flor dos annos, havendo gravado nas acçõeſ precedentes o caracter das futuras ſe tiveſſe de ſer mais larga a ſua vida. A paz domeſtica, o poder

gran-

grande, o eſpirito marcial, tudo eſtimulou a D. Affonſo para entrar na Luſitania, e reconquiſtar as Praças, de que os Mouros ſe haviaõ apoderado. Sitiando Viſeo, foi deſarmado, e com pouca cautela examinar as fortificaçõ̃es da Praça, donde lhe diſparáraõ huma ſeta com ponto taõ fixo, que cahio atraveſſado, e morto aos 32 annos de ſua idade, e 27 de Reinado. O Exercito levantou o ſitio, e levou o cadaver do defunto Rei para ſe lhe fazerem as devidas honras na ſua Corte de Leaõ. E ra vulg.

De muito pouca idade ſuccedeo a ſeu Pai D. Bermudo III., Principe prudente, e generoſo; mas nas emprezas pouco affortunado. Pelo meſmo tempo morreo o Conde de Caſtella D. Sancho, e ficou de quatorze annos ſeu filho D. Garcia, moço infeliz, que a Providencia deſtinou para origem de triſtes acontecimentos em Leaõ, e Caſtella, e duas filhas ambas objectos recomendaveis, a ſaber, D. Elvira, que caſou com D. Sancho, Rei de Navarra, e D. Thereſa, que foi mu- 1028

Era vulg. lher de D. Bermudo III. de Leaõ, de quem tratamos. D. Sancha, irmã de D. Bermudo, caſou, e ſe recebeo na Corte de Leaõ com o novo Conde de Caſtella D. Garcia : funçaõ, que ſe fez com grande magnificencia, e aſſiſtencia de todos os Principes de Navarra, Leaõ, e Caſtella. Com o pretexto de ſe congraçarem com o novo Conde, de lhe beijarem a maõ, e de aſſiſtirem ao ſeu recebimento vieraõ a Leaõ brilhantes os tres filhos do Conde D. Vela, em que acabei de fallar.

Eſtes barbaros homens, imitadores das maldades de ſeu Pai, perdoados, e favorecidos do Rei D. Affonſo, Pai de D. Bermudo, obſervavaõ cautelloſos, e perfidos todos os movimentos do Conde, que nos tranſportes do prazer ſe divertia na Corte, aonde tudo ſuppunha ſegurança, muitas vezes acompanhado de poucos criados. Em huma deſtas ſahidas ao Templo de S. Salvador o eſperáraõ os tres traidores, e D. Rodrigo o mais velho, que era padrinho do Conde, e o elevára da

pia

pia bautiſmal, foi o primeiro, que lhe deſcarregou na cabeça huma grande cutilada. Acodíraõ os dous irmãos D. Diogo, e D. Inigo, e o acabáraõ de matar. Em cavallos ligeiros, que tinhaõ prevenidos, ſe refugiáraõ em Monçaõ; Praça do Conde Fernaõ Guterres, que ſe publicava offendido dos Principes de Navarra. Em hum inſtante ſe mudáraõ as cytharas em lutos, em Leaõ tudo confuſões, lagrimas, afflicçaõ, e dor. Ou foſſe porque o Conde entregaſſe eſtes Reos, ou porque os Principes lhos arrancaſſem do poder á força, elles abrazados vivos em huma fogueira pagáraõ tantos crimes commettidos contra Deos, contra os Reis, contra a Patria, contra a Religiaõ, e nas ſuas vidas acabou a poſteridade infame do Conde D. Vela. Era vulg.

Como o infeliz D. Garcia naõ deixou filhos, ſuccedeo nos Eſtados o Rei D. Sancho de Navarra por cabeça de ſua mulher D. Thereſa, irmã do defunto D. Garcia. Entaõ deixou Caſtella de ſer Condado, e ſe lhe deo o Titulo de Reino. Com elle mais

Era vulg. condecorado, e poderoſo ſe recolheo D. Sancho para Navarra; mas de caminho foi conquiſtando algumas Praças pertencentes ao Reino de Leaõ, ou foſſe para ſegurar melhor as fronteiras de Caſtella, ou por particulares eſtimulos contra D. Bermudo, que entrou a ſentir o maior poder do viſinho, que naõ podia deixar de lhe cauſar ciumes bem fundados nos primeiros paſſos, que elle deo logo depois de conhecido Rei de Caſtella. Naõ tardou muito tempo, que elles naõ produziſſem os ſeus vulgares effeitos, ſendo muito difficultoſo entre os Soberanos reconcentrar faiſcas de deſconfianças nos ambitos do coraçaõ, ſem que ſaiaõ fora delles a atear incendios.

Aſſim ſuccedeo aos dous Monarcas Bermudo de Leaõ, e Sancho de Navarra, e Caſtella, cada qual por ſua parte a pretextar motivos de juſtificar os ſeus reſentimentos, até que ſe declaráraõ ſanguinolenta guerra. Depois de muitas contendas, e de effectivas negociaçõeſ, ella veio a ter fim com

com o caſamento do Infante D. Fernando, filho de D. Sancho de Navarra, com D. Sancha, irmã de D. Bermudo de Leaõ; mas com as condiçõẽs, de que eſte havia dar a ſua irmã em dote as Praças, que D. Sancho lhe tinha tomado, e de mais a Provincia da Eſtremadura, que corria deſde o naſcimento do Rio Douro, junto a Agreda, até huma legoa abaixo de Tordeſilhas, aonde entra nelle hum pequeno Rio, que chamaõ Heban. Finalmente o Rei de Navarra D. Sancho falleceo no anno de 1032, e repartindo os Reinos, deo o de Navarra a D. Garcia, o de Caſtella a D. Fernando, ambos ſeus filhos, eſte o Grande D. Fernando, que logo veremos poderoſo Rei de Caſtella, e Leaõ, flagello dos Mouros, obrador de acçõẽs ſublimes. Era vulg. 1032

Por eſtes tempos faziaõ guerra aos Mouros de Portugal D. Thedom, e D. Rauſendo, filhos de D. Hermigio, e netos do Infante Alboazar Ramires. Entre outros he muito célebre o encontro, que elles tiveraõ com os Mouros

Era vulg. ros dia de S. Joaõ perto das margens do rio Tavora. Nelle ſe banhava grande cópia de Barbaros, a que fazia corpo de guarda hum exercito em terra. Ambos os córpos foraõ atacados pelos dous irmãos; D. Thedom ſe botou ſobre os do rio, e ſobre o da terra D. Rauſendo, ſem differença de fortuna na igualdade das victorias. Deſte illuſtre feito tomáraõ appellido, e armas os Senhores da Caſa de Tavora; Arvore, que no noſſo terreno foi muito frondoſa, de que ainda ſe conſervaõ ramos ſem mancha no explendor primitivo, que herdáraõ dos ſeus Maiores deſde a mais reſpeitavel antiguidade.

Mal ſoffria D. Bermudo a viſinhança de Caſtella com Reis da Caſa de Navarra, e naõ obſtante ſer D. Fernando marido de ſua irmã D Sancha, a viuva do Conde de Caſtella D. Garcia: Bermudo, ou porque os zelos, que teve da grandeza de D. Sancho de Navarra, Pai de D. Fernando, naõ os extinguio a morte do Rei, ou porque a alta reputaçaõ, que hia adquirindo o meſmo D. Fernando, o enchia

chia de novos cuidados, ou porque Era vulg. 1
penſou quanto era prejudicial ao ſeu Reino a deſmembraçaõ, que fizera nelle para dotar ſem a devida conſideraçaõ a ſua irmã D. Sancha com a Provincia da Eſtremadura, e mais Praças do Eſtado de Leaõ conquiſtadas por D. Sancho, Rei de Navarra: por algum deſtes motivos, ou por todos elles, D. Bermudo entrou a olhar circunſpecto, mais do que devêra, para ſeu Cunhado D. Fernando, rompeo com elle todo o trato, e ultimamente a guerra.

D. Fernando, que nada penſava 1037
menos, que ſemelhante rompimento, que deſatava as prisões do ſangue em alliança taõ eſtreita como era a de Leaõ, e Caſtella; vendo-ſe provocado, elle pede a ſeu irmaõ D. Garcia de Navarra o ſoccorra com as ſuas forças para reprimir em D. Bermudo a ambiçaõ, e injuſtiça, de que ſe deixava arraſtar. Arroſtáraõ-ſe os exercitos, diſputáraõ brioſos, e eſtimulados a célebre batalha de Lantade, aonde D. Bermudo foi morto do golpe

Era vulg. de huma lança aos vinte annos da ſua idade, e nove de reinado. Moço infeliz, Rei deſgraçado, que morreo antes do ſeu tempo, talvez que em muito menos da ametade dos ſeus dias, por ſe naõ ſatisfazer ambicioſo com a poſſe de hum Eſtado grande, em que podia gozar vantajoſas felicidades, ou por naõ querer reprimir os impetos de huma emulaçaõ imprudente, que tem arancado tantas Coroas das cabeças dos Principes. Como D. Bermudo naõ deixou filhos, o Rei vencedor por ſua mulher D. Sancha, irmã do defunto Bernardo, unio o Reino de Leaõ ao ſeu Dominio de Caſtella, juntamente com as Aſturias, intitulando-ſe logo Rei deſtes tres Eſtados, delles bem digno, menos pela ſucceſſaõ, e direito, que pelas virtudes, e qualidades.

LIVRO VII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das acções de D. Fernando o Grande

INCONTRASTAVEL Columna levantou Deos no Grande D. Fernando para ſuſtentar a Religiaõ de Heſpanha; flagello formidavel para caſtigar o orgulho dos Mouros; politico illuminado para fazer felices os ſeus Póvos; Principe eminente para ſervir de exemplar a muitos, e a todos os da ſua idade. Antes que elle entraſſe a reinar, e no tempo das perturbações referidas entre as Caſas de Leaõ, e Navarra, os Mouros tomáraõ corage, e invadíraõ Portugal. Como acháraõ o Paiz quaſi indefenſo, com hum rápido curſo de victorias ſe fizeraõ ſenhores das Praças mais importantes, que quiz a Providencia eſtiveſſemos no ſeu poder para de- Era vulg. 1037

Era vulg. depois ſervirem de brilhante preliminar das façanhas de D. Fernando ſobre os Barbaros.

Eſte grande Rei, pela propria peſſoa, e pela de ſua mulher D. Sancha, Senhor dos mais conſideraveis Reinos das Heſpanhas, entrou logo a moſtrar, que ſaberia regellos com maiores virtudes, que aquellas com que os adquiríra. As ſuas primeiras acções foraõ formar o eſcudo das Armas dos Reinos unidos, e inſtituir os Privilegios, que chamáraõ Rodados, célebres, e de muita eſtimaçaõ nos meſmos Rei-

1039 nos. Depois de compoſtos outros negocios domeſticos com ſatisfaçaõ dos vaſſallos, e vantagens da Coroa, reſolveo fazer guerra aos ſoberbos Mouros de Portugal, intoleraveis pelas paſſadas victorias, e conquiſtas, que coſtumaõ tranſportar os eſpiritos ſem moderaçaõ. A ſua primeira expediçaõ foi marchar a Sant-Iago de Galliza para implorar os auxilios do Ceo poſtrado diante do Sepulcro do Santo Apoſtolo; coſtume edificante dos Reis pios, que punhaõ no Senhor ſeu Deos aquel-

las

las eſperanças de vencer, que outros firmavaõ na força da ſua cavallaria, carroças militares, e numeroſa infantaria. Era vulg.

Com os confortos Supremos mais alentado, D. Fernardo entrou por Portugal á maneira do turbilhaõ violento, e rápido, que depois de levantar nuvens de pó, derruba as caſas, arranca as arvores, arrebata os homens, e até parece que move os penhaſcos. Aſſim, D. Fernando entrava por todas as Praças, e entre ellas, memoraveis as acceleradas conquiſtas, das de Bapajóz, Evora, Béja, Mérida, e Cea. Nada baſtante para encher a ſua grande alma em quanto naõ vingava nos Mouros de Viſeo a morte, que haviaõ dado ao Rei D. Affonſo V. Elle atacou a Cidade com aſſaltos temeroſos, e no ultimo a cólera eſtimulada com a lembrança do Principe infeliz, e com a obſtinaçaõ da reſiſtencia dos Mouros, naõ perdoou a culpado, e innocente, a ſenſivel, e inſenſivel, tudo foi eſtrago, ſangue, e morte. Com ella atroz pagou o homi-

ci-

Era vulg. cida de D. Affonſo o crime, para elle, e para a ſua Naçaõ glorioſo, do acerto com que apontou o Armatoſte, que deſpedio a ſeta, que o privou da vida. O meſmo fim com igual defenſa teve a Cidade de Lamego, de que era ſenhor Zadaõ Iben, poderoſo Regulo, reſpeitado das Comarcas viſinhas.

1040 Abater a arrogancia dos Mouros de Coimbra era hum empenho particular de D. Fernando, que com as armas ainda quentes, marchou a ſitiallos no anno ſeguinte. Sete mezes continuos diſputáraõ o triunfo o valor, e a obſtinaçaõ, tenazes os Mouros em defender, D. Fernando conſtante em atacar. Mas como a fome he hum dos inimigos do homem, que naõ tem reſiſtencia; opprimido della o campo Catholico, aſſim pela falta de viveres, como pela difficuldade dos tranſportes no rigor do Inverno, eſtava o Rei reſoluto a abandonar a empreza. Acodiraõ a eſte aperto o Abbade, e Monges de Lorvaõ, que naquelles tempos eraõ riquiſſimos; e depois de perſuadi-

di-

direm a D. Fernando com eloquencia viva, com rógos humildes, com piedade edificante naõ deſiſtiſſe de hum projecto, que além de levar involvido o augmento do Eſtado, era o mais intereſſante á Religiaõ de Portugal: elles ſe offerecêraõ a contribuir com a maior parte dos mantimentos neceſſarios para a ſuſtentaçaõ do campo, como prompta, zeloſa, e fielmente executáraõ. Era vulg.

O Rei animado com eſte ſoccorro apertou o ſitio, e na veſpera do rendimento de Coimbra, contaõ Authores nacionaes, e eſtrangeiros, que o Biſpo de Compoſtella Eſtiario, de Naçaõ Grego, ouvindo dizer aos peregrinos, que Sant-Iago era ſoldado de Heſpanha, que aſſiſtia aos Heſpanhoes nos combates; elle os reprehendêra aſperamente, lembrando-lhes que Sant-Iago com o officio de peſcador, naõ ſe embaraçava com os exercicios de ſoldado: Que neſſa meſma noite appareceêra o Apoſtolo ao Biſpo com humas chaves na maõ: Que trazendo-lhe hum cavallo, o Santo montára nelle, e voltan-

Era vulg. tando-ſe para o Prelado incredulo lhe diſſera : Eſtiario, para que naõ duvides, que ſou ſoldado, e Cavalleiro de Heſpanha, eu marcho com eſtas chaves para a manhã abrir as portas de Coimbra ao Rei D. Fernando, e ajudallo a render a Praça: Que referindo o Biſpo a viſaõ, ſe eſperára o ſucceſſo, que com effeito aconteceo no dia marcado das nove para as dez horas da manhã. Foi tomada Coimbra pelo Grande Fernando, que fez muitas mercês aos Mouros, que mais ſe haviaõ deſtinguido na defenſa, e dentro da Cidade armou Cavalleiro ao famoſo Cid, já digno deſta honra pelas ſuas memoraveis façanhas, e para que a elle nunca lhe eſqueceſſe Coimbra, até nos ſeus campos naſceo o ſeu célebre cavallo Baviéca, taõ decantado nos anexins antigos pelas ſuas raras habilidades.

Nomeou o Rei para Governador da Cidade, e Comarca de Coimbra ao nobre Varaõ Siſnando, deſtro, e experimentado nas armas, e na prudencia, que entrou a metter em uſo, para que ambas as qualidades o fizeſſem

reſ-

reſpeitado. O Rei grato ao ſeu Bemfeitor, marchou direito a Galliza para dar as graças ao Santo Apoſtolo, e de caminho, mais com o nome, que com as armas, rendeo os Caſtellos de S. Martinho, e de Taranſo, junto a Compoſtela. Sem conſentir, que os eſpiritos ſe esfriaſſem, nem as armas creaſſem ferrugem, naõ tendo ſocego em perſeguir os Mouros, lhes tomou a Santo Eſtevaõ de Gormaz, a Vado-Regio, a Aguilar, a Valeriana, hoje chamada Berlanga; metteo a fogo, e ſangue todo o territorio de Tarazona; os campos de Medina-Celi; reſolveo os de Toledo, naõ parando na rapidez da marcha até ſe aviſtar com a reſpeitavel Madrid. Parece que entaõ ſe achava nella o feroz, e ſoberbo Almenon, Rei de Toledo, que aterrado do temor das victorias, e conquiſtas de D. Fernando, depoſta a ſoberba, e ferocidade, aſſeguraõ ſahíra da Praça, ſe lançára aos ſeus pés, pedíra a paz offerecendo-ſe tributario: exemplo, que abraçáraõ os Regulos dominantes de Portugal, de Sevilha, e de Saragoça, Era vulg.

já

Era vulg. já reconhecidos vaſſallos os meſmos, que até entaõ davaõ Leis como Soberanos

He verdade, que alguns dos Mouros de Portugal, eſpecialmente Benalfagi, Senhor de muitas terras na Eſtremadura, naõ podéraõ ſoffrer callados a perda de Coimbra. Com gentes numeroſas, de que Benalfagi era Chéfe, vieraõ elles levantar os muros de Montemor o Velho, que era ſitio proporcionado para moleſtarem os defenſores de Coimbra com correrias, e inſultos continuos. O Rei D. Fernando acodio em peſſoa, acompanhado do Cid, a caſtigar a ouſadia dos Barbaros, render a nova fortificaçaõ, que naõ ſe entregou ſem ſangue, e para ſe conſeguir a empreza foi neceſſario ao Cid apurar a elegancia das ſuas gentilezas militares. Por coroa de tantos triunfos eſtimou D. Fernando ſer levado de Sevilha para Leaõ o corpo do Santo Doutor e Arcebiſpo Iſidoro, e o deſcobrimento em Avila dos Santos Martyres Eborenſes Vicente, Sabina, e Chriſteta, obrando Deos muitos

tos milagres para comprovar a verdade dos meſmos deſcobrimentos, havia tantos Seculos occultos no coraçaõ da terra. Era vulg.

Muitas, e muito ſublimes foraõ outras acçõés do Grande Rei D. Fernando, que naõ ſaõ do meu aſſumpto, ou ellas ſe procurem pelo exercicio das armas, em que gaſtou toda a vida; ou pelo zelo da Religiaõ, em que empregou os maiores deſvelos; ou pela fundaçaõ de Igrejas, e Moſteiros, em que deſpendeo theſouros; tudo conſeguido em dezanove annos do ſeu feliz Reinado, até o de 1065, em que falleceo. Dizem, que por eſte tempo ſitiava elle a Cidade de Valença, aonde affirmaõ lhe apparecêra Santo Iſidoro, Arcebiſpo de Sevilha, e diſſera diſpozeſſe dos negocios da ſua alma, por ſer chegado o tempo de pagar o tributo da mortalidade. Com eſte avizo, ſentindo-ſe elle já indiſpoſto, marchou logo para a Corte de Leaõ, aonde ſe fez conduzir para a Igreja de Santo Iſidoro, e proſtrado por terra diante do Sepulchro do Santo, diſſe a Deos com la- 1065

Era vulg. grimas de compunccçaõ, e ternura: Senhor, voſſo he o poder, e a honra, Vós o que dominais ſobre todos os Reis, Vós o Senhor dos Senhores: o Reino que recebi da voſſa maõ, eu vo-lo reſtituo; e ſómente peço a voſſa clemencia, para que a minha alma ſeja levada á voſſa eterna luz.

1067 Ditas eſtas palavras, elle tirou a Coroa, depoz as Inſignias Reaes, veſtio-ſe de cilicio, cobrio-ſe de cinza, pedio aos Biſpos a Extrema Unçaõ, encarou a morte com a meſma coragem da vida, e entregou o eſpirito ao Senhor. Deixou D. Fernando divididos os Reinos por ſeus tres filhos para ficar a eſtes irmãos hum fomento de abominaveis, e eſcandaloſas diſcordias. Em D. Sancho, que era o primogenito, nomeou o de Caſtella; em D. Affonſo o de Leaõ; em D. Garcia Portugal, e Galliza; em ſuas filhas D. Urraca, e D. Elvira as Cidades de Samora, e de Toro para ſeus alimentos. D. Sancho, moço, valente, ambicioſo, de eſpirito guerreiro, levou muito a mal eſta diviſaõ, e naõ cuidou lo-

logo em revendicar a propriedade da sua primogenitura, que julgava offendida, pelo embaraçar o respeito, que tinha á Rainha sua Mãi. Em quanto se naõ proporcionava a conjuntura para os seus intentos, por naõ estar ocioso se entreteve em muitos, e pezados negocios com D. Ramiro, Rei de Aragaõ, com D. Sancho de Navarra, com os Mouros Celtiberos, e os de Toledo, sem outra vantagem em tantos empenhos, que a de tirar a vida em huma batalha a seu Tio D. Ramiro de Aragaõ. Era vulg. 1067

Seu filho, e Successor D. Sancho Ramires, apertando a alliança com o Rei de Navarra, e com alguns dos Mouros para vingar a morte de seu Pai; elles depois de derrotarem a D. Sancho de Castella na grande batalha de Viana com lastimosa effusaõ de sangue dos Castelhanos, recobráraõ quantas Praças havia conquistado nos seus contornos o Grande Rei D. Fernando. 1068, até

Tantas perdas, e tantos inimigos fizeraõ a D. Sancho, senaõ reportado, temeroso; e como seus irmãos D. Af- 1071

 fon-

Era vulg. fonſo, e D. Garcia naõ tinhaõ entre ſi a uniaõ dos Reis de Aragaõ, e de Navarra; D. Sancho deixa eſtes contrarios em ſocego, e já morta a Rainha Mãi, inſoffrivel para elle a diviſaõ, que ſeu Pai fizera dos Reinos, tendo por infalliveis as victorias, volta as armas contra ſeus irmãos, deſembaraça-ſe ſem honra de huma guerra, e entra em outra com injuſtiça. As forças de ambos eraõ entaõ menores, que as da diſcordia entre elles: duas circunſtancias, que repreſentando a D. Sancho muito facil o ſeu empenho, elle ajuntou tanto poder, como ſe foſſe para emprehender o mais difficultoſo.

D. Affonſo, Rei de Leaõ, que ſoube tinha de ſer o primeiro atacado, alliſtou trópas, e pedio ſoccorros aos Reis de Aragaõ, e de Navarra; mas foi infeliz na primeira batalha junto ao lugar de Plantaca, donde ſe retirou derrotado para Leaõ: Reforçado o exercito, tornou a buſcar a ſeu irmaõ, que encontrou perto de Golpelara, e com corage mais eſtimulada de tal ſórte apertou a eſpada, que conſeguio

de

de ſeu irmaõ completa victoria. Com a confiança de vencedor, ſem muita circunſpecçaõ, deſcançava o exercito de D. Affonſo no campo recoſtado á ſombra do triunfo, quando appareceo nelle com a ſua gente o famoſo Cid Ruy Dias, que vinha a marchas forçadas ſoccorrer ao ſeu Rei. Achando-o vencido, e a D. Affonſo deſcuidado, cahio ſobre elle, talhou o exercito em poſtas, e o fez priſioneiro; moſtrando os ſucceſſos da guerra, ou os chamados Acaſos, que de inſtante para inſtante ſe lhe muda o ſemblante ſegundo a ordem da Suprema Providencia. Era vulg.

Foi D. Affonſo com toda a cautela remetido preſo para Burgos, aonde eſteve, até que a Infanta D. Urraca, irmã de ambos os Reis, conſeguio de D. Sancho faculdade para elle tomar o habito de Monge no Moſteiro de Sahagum. Com a vocaçaõ de eſperar tempo para melhorar de fortuna, D. Affonſo renunciou o eſtado Secular, e hum Rei em ſubſtancia no ſeu interior, appareceo com accidentes de

Mon-

Era vulg. Monje. Tomou D. Sancho poſſed o Reino de Leaõ, e ficou ſatisfeita a terceira parte da ſua ambiçaõ com eſperança de a encher toda com as duas, que lhe faltavaõ de D. Garcia, e das Infantas ſuas irmãs. Pouco depois da morte do Rei D. Fernando, D. Sancho ſe havia confederado com ſeu irmaõ D. Affonſo para dethronarem a D. Garcia, e repartirem os Reinos de Portugal, e Galliza. Agora que eſte alliado lhe era inutil, como hum pobre Monje, e elle eſtava ſenhor de todas as ſuas forças, com ellas, ſobre inteiras, victorioſas, D. Sancho ſe faz preſtes para ir dar a D. Garcia hum deſtino ſemelhante ao de D. Affonſo.

CAPITULO II.

D. Sancho de Caſtella uſurpa a ſeu irmaõ D. Garcia os Reinos de Portugal, e Galliza.

DOM Garcia, que com os exemplos taõ freſcos, devia ſer mais acautelado, e circunſpecto para cuidar nos meios,

meios, que facilitaõ aos Principes pru- Era vulg.
dentes a ſua conſervaçaõ ainda no meio das maiores perturbaçõeſ dos Eſtados; elle o fez tanto pelo contrario, que deo cauſa, para que os Reinos ſe dividiſſem em bandos; que ſem ella eſcandaliſava os homens; que carregava os Póvos de tributos immoderados, e ſobre tudo por traſplantar toda a authoridade no ſeu valido Verna, arrogante, e ſoberbo com os Senhores mais reſpeitaveis em qualidade, e merecimentos; Verna, hum Arbitriſta preſumido, que com as ſuas invenções deo infauſtos principios á guerra, muitos infortunios aos Grandes, e triſtes calamidades á Patria. Para a Nobreza era intoleravel eſta privança, que dava a hum homem todo o poder da Mageſtade, e que deixava a Mageſtade com huma ſimples apparencia de poder.

Ella ſe fez inſoffrivel ao Conde D. Rodrigo Forjaz, em tudo filho do grande D. Forjaz Vermuiz, taõ igual no valor ao Cid Rodrigo Dias de Bivar, que o Rei D. Fernando coſtumava dizer: Que outros Principes teriaõ

maio-

Era vulg. maiores Dominios, que os ſeus; mas que ſó elle era Rei de taes vaſſallos como os dous Rodrigos Portuguez, e Caſtelhano. Repreſentou o Conde ao Rei D. Garcia os prejuizos, que o valimento de Verna cauſava ao Reino, e que moderaſſe os exceſſos, antes que elles eſtragaſſem a obediencia. Porque a propoſta foi deſatendida, o Conde entrou no Paço de Coimbra, e á viſta do Rei matou o Privado: mas receando os tranſportes do Rei irado, elle, ſeus irmãos, e muitos dos grandes Senhores ſe retiráraõ com o deſignio de ir ſervir a França. A nova porém, que recebeo D. Garcia, de que ſeu irmaõ D. Sancho marchava contra elle, fez lembrar menos a morte de Verna, que a fugida de tantos vaſſallos neceſſarios para a guerra. Em Navarra os alcançou o avizo, que o Rei, preciſado a ſervir-ſe de tantas eſpadas de opiniaõ, mandava ao Conde D. Rodrigo, para que elle com todos os mais Fidalgos ſe reſtituiſſe ao Reino, lembrando, ou advertindo, que como ſeu irmaõ vinha acompanhado

do de D. Rodrigo Dias, elle naõ que- Era vulg.
ria ſair-lhe ao encontro ſem a compa-
nhia de D. Rodrigo Forjaz.

Voltou o Conde para Coimbra, quando chegavaõ aos ſeus campos com hum poderoſo deſtacamento os Condes Caſtelhanos D. Nuno de Lara, e D. Garcia de Cabras. Quiz D. Garcia ſair contra elles em peſſoa; mas D. Rodrigo o impedio com o honrado fundamento, de que a eſpada de hum Rei ſó com a de outro Rei ſe media; que elle, com ſeus irmãos D. Pedro, e D. Vermuiz tomava a ſua conta fazer retirar os Caſtelhanos da viſta de Coimbra com mais preſſa, do que trouxeraõ. Aſſim o executou generoſamente D. Rodrigo, que na batalha de Agua de Mayas, a troco do ſangue de muitas feridas, que levou, derramou o de todos os Grandes de Caſtella, que deixáraõ as vidas no leito da honra; taõ ſenſivel a perda de taes homens ao Rei D. Sancho, que determinou naõ lhe demorar a vingança, ainda que arriſcaſſe os Eſtados, e a reputaçaõ. Com exercito temivel pelo

nú-

Era vulg. número, pelo valor, e pelos estimulos, elle se apresentou á face dos muros de Coimbra, aonde já naõ achou a seu irmaõ D. Garcia, que se havia retirado para Santarem.

Nesta Praça o buscou D. Sancho, e D. Garcia, que lhe observava a marcha, e o poder, se assusta pela desproporçaõ das forças, naõ lhe parecendo bastante para a resistencia a igualdade, que suppunha no valor. D. Rodrigo o animou com a lembrança, de que a sua gente era Portugueza mais costumada a vencer pela opiniaõ, que pelo número, e que elle, ainda que pouco saõ das passadas feridas, se offerecia com seus irmãos, e sobrinhos para a vanguarda. Atacou-se a batalha nos campos de Santarem com tanta corage dos bizarros Portuguezes, que rompendo o exercito Castelhano, arrastáraõ a bandeira Real, e deraõ em terra com o Rei D. Sancho, que foi investido por D. Egas Gomes de Sousa com a lança enristada, e seguido pelo Conde D. Rodrigo Forjaz, que com as suas mãos o prendeo. D. Pedro,

ir-

irmaõ do Conde, aviſou a D. Garcia da certeza da victoria, da prizaõ de D. Sancho, e pedio que ſem demora vieſſe tomar entrega do preſo, e ſentir a morte do Conde ſeu irmaõ, que eſtava eſpirando roto em feridas novas ſobre as antigas mal curadas. Era vulg.

Quando chegou D. Garcia, aonde eſtava D. Rodrigo agonizante, eſte lhe fez entrega do Rei priſioneiro, e diſſe com vozes tremulas ſahidas de hum eſpirito inteiro: Eu ſenhor morro goſtoſo por vos deixar triunfante: tendes ſeguro o Reino com voſſo irmaõ ao voſſo arbitrio: eu para mim nada quero: recommendo-vos a lembrança deſtes Fidalgos Portuguezes, que ſe offerecêraõ á morte para vos livrarem de affronta: em todos os voſſos caſos ſegui os ſeus conſelhos, naõ errareis: aſſim elles, como os ſeus Predeceſſores eſtimáraõ tanto a verdade, que nenhum queria a vida, aonde ſe aventuráva a honra. Ditas eſtas palavras, o Conde ſe lançou ſobre o ſeu eſcudo, e beijando a cruz da eſpada, eſpirou o coraçaõ intrepido do Heróe magnanimo,

Era vulg. mo, que nunca conheceo o medo; e ſempre com o meſmo ſemblante affrontou ambas as ſórtes, e todos os perigos.

Juſtamente os Capitães prevenidos, que ſe eſcuſáraõ de dizer. *Naõ cuidei*, elles receavaõ, que no meſmo dia, e lugar ſe mudaſſem as ſcenas, e que o theatro das glorias paſſaſſe a cadafalſo de ignominias. Aſſim ſuccedeo a D. Garcia por naõ cuidar, e perdeo a confiança indiſcreta quanto ganhára a valentia denodada. Seu irmaõ preſo, que elle devia guardar em peſſoa, e pôr logo em ſegurança, entregou-o em outras mãos, ainda que confidentes, e naõ quiz perder a imaginada gloria de perſeguir os fugitivos mais deſmandado, que affouto. Em D. Garcia voltar as coſtas, e D. Sancho ſacodir de ſi os guardas naõ mediou tempo. Com carreira veloz, e promptidaõ de eſpirito elle ſe incorporou com os ſeus ſoldados a tempo taõ opportuno, que o Cid chegava ao campo com huma trópa de refreſco, que alentou os valentes, e fez parar os covardes, eſ-

tes

tes de envergonhados, os outros por brioſos. Era vulgo

Com eſte ſoccorro recobrou D. Sancho alentos novos; renovou-ſe a batalha, que os Caſtelhanos batêraõ antes com furor, que com corage. D. Sancho ſe botou ſobre o irmaõ, que por outro lado ſe retirava victorioſo, e com impulſo forte conſeguio desbaratallo. Nós podemos dizer, que ſaltaõ cabeças, pernas, braços ſem dono, e ſem ſentido, já palpitando as entranhas dos Portuguezes, quando viraõ aos irmãos, e ſobrinhos do Conde D. Rodrigo eſtendidos no campo, jarretados a golpes, e para complemento da deſgraça, taõ trocadas as ſórtes, que D. Garcia priſioneiro mais bem guardado de D. Sancho. Elle foi logo remetido para o Caſtello de Luna; das noſſas mãos cahíraõ as armas; da cabeça do Rei de Portugal a Coroa; ſubmetteo-ſe o Reino ao jugo do vencedor; tornou a unir-ſe ao de Caſtella, e já ſatisfeitas duas partes da ambiçaõ de D. Sancho, elle marcha contra ſuas irmãs a completar a ultima,

que

Era vulg. que lhe cuſta a vida, talvez por encher entaõ huma medida, que além della naõ ſe póde paſſar.

Soberbo D. Sancho com as ſuas aparentes felicidades, deſvanecido com o dominio de tantos Reinos, ainda a ſua cubiça naõ dizia, que baſtava, em quanto naõ tiraſſe do poder das Infantas duas Cidades, que ſeu Pai lhes deixára. Aquelle vicio, raiz de todos os males, o arraſtou a apreſentar-ſe com grande exercito na frente de Samora, e ſitiar a ſua irmã D. Urraca, depois que deſcançou das guerras de Leaõ, e Portugal. Já por eſte tempo D. Affonſo havia abandonado a violenta vida de Monje, e procurado em Toledo a protecçaõ do Rei Mouro Almenon, que o recebeo com agrado, e preparou caſa decente junto ao ſeu Palacio, aonde reſidia cortejado dos Mouros, que o entretinhaõ goſtoſo, humas vezes na guerra, outras na caça. Sua irmã D. Urraca mandou ao Conde de Peranzules, e a ſeus irmãos lhe foſſem aſſiſtir; e o Rei Almenon, ainda que muitas vezes foi ſugerido pe-

pelos interpretes dos futuros para lhe tirar a vida; elle delicado obſervante da hoſpitalidade, nunca o quiz fazer, guardando a Providencia no regaço dos Barbaros eſta precioſa reliquia do grande Rei D. Fernando para depois ſer o ſeu açoute, e hum dos mais luminoſos ornatos dos Faſtos de Heſpanha. Era vulg.

Em quanto D. Affonſo ſe entretinha entre os Mouros, a Infanta D. Urraca ſopportava o aperto do ſitio, em que a tinha poſto ſeu irmaõ D. Sancho. Bem penſavaõ os Fidalgos, que eſte Principe altivo naõ deſiſtiria do empenho de render a Praça, ſenaõ por meio de algum arrojo naõ vulgar. Hum delles chamado Velhido Dolfos, que em tal caſo todos teria por decentes, e honrados; elle o toma á ſua conta; ſahe da Praça, e buſca ao Rei; diz que tem de lhe communicar em ſegredo couſas importantes, e ambos em paſſo vagaroſo vaõ conferindo o rendimento, e gyrando o recinto da Cidade. Chegados a huma das pórtas, que Velhido tinha ſobre as ſuas guardas para ſegurança da retirada, parou para moſtrar

ao

Era vulg. ao Rei huma fraqueza da fortificaçaõ, por onde a Praça facilmente ſería en-
1073 trada. Quando o vio divertido no exame, vil, e atreiçoado, o atraveſſou com hum dardo, que levava, derrubou-o morto, e valendo-ſe dos pés entrou pela porta naõ ſó ſaõ, e ſalvo; mas como ſe elle foſſe coberto da gloria de algum dos honrados feitos da heroicidade. Os Portuguezes, e Gallegos, que aborreciaõ a D. Sancho, ſe recolhêraõ logo a ſuas caſas, os Caſtelhanos ſe entretivêraõ em deſafios com os da Praça, naõ reſultando delles couſa, que trouxeſſe para a Patria a menor vantagem.

Foi D. Affonſo aviſado em Toledo da tragedia de Samora, e deſpedindo-ſe grato, e officioſo do ſeu Rei com a promeſſa de o naõ inquietar a elle, nem a ſeu filho em quanto viveſſem, bem acompanhado de Mouros, e Chriſtãos, chegou a Leaõ, que o recebeo nos corações, e o acclamou logo por ſeu Rei. Os Portuguezes, e Gallegos duvidáraõ fazer o meſmo com o fundamento de ſer vivo o ſeu legi-

ti-

timo Rei D. Garcia; mas D. Affonſo ajuſtando-ſe com elle, e pondo-o em priſaõ mais larga, os dous póvos ſe ſubmettêraõ, e ſeguíraõ o exemplo de Leaõ. Os Grandes de Caſtella ſe ajuntáraõ em Burgos para deliberar-ſe, e reſolvêraõ naõ reconhecer Rei a D. Affonſo em quanto elle naõ juraſſe como naõ tivera parte na morte de ſeu irmaõ D. Sancho. Couveio elle no partido, e entrou em Burgos para jurar; mas os Fidalgos todos ſe temêraõ de tomar o juramento, e o negocio ſe hia reveſtindo de hum ſemblante critico. Cortou o Cid o nó das perplexidades, offerecendo-ſe para tomar nas ſuas mãos o juramento do Rei, que com effeito o deo exacratorio, entaõ com diſſimulaçaõ da peſſoa, depois com reſentimento da Mageſtade pelo deſembaraço de inculcar o Cid, que em nada conhecia o medo. Era vulg.

No primeiro anno de Rei as façanhas de D. Affonſo, e as do meſmo Cid, começáraõ a levar as attenções de Heſpanha, e as dos ſeguintes as admiraçõeſ da Europa. Naõ perdoavaõ 1074

Era vulg. as ſuas eſpadas aos Mouros em quanto naõ os rendiaõ tributarios, excepto os de Toledo, taõ agradecido D. Affonſo ao ſeu Rei Almenon, que o ajudou em peſſoa com muitas forças, a domar a ferocidade dos de Cordova, que o inquietavaõ. Porque o Cid, já condecorado com o titulo de Campeador a pezar da inveja, pelo proprio arbitrio invadio as ſuas terras até aviſtar os muros de Toledo, aquelle monſtro, que dominava em todos os Grandes, fez tambem os ſeus officios, que conſeguio do Rei deſterrar do Reino ao Cid, naõ ſó por ſatisfaçaõ a Almenon; mas pela audacia com que elle em Burgos lhe tomára o juramento, que fica referido. Retirou-ſe o Cid com as ſuas gentes, creaturas da ſua diſciplina, para o Caſtello de Alcozer em Aragaõ, donde fazia tantas vantajoſas entradas nas terras dos Mouros, que ſe enriqueciaõ com os deſpojos, e delles fazia o Cid participante ao ſeu Rei: Próva de fidelidade, que obrigava os Póvos a gritar contra os Grandes, e a acclamar o Cid

por

por Pai da Patria, coluna da Monar- Era vulg.
quia, defenſor da Chriſtandade.

Sendo neceſſario para atar o fio deſta Hiſtoria na ordem, e ſucceſſaõ dos noſſos Reis Portuguezes continuar com a narraçaõ das acçõẽs de D. Affonſo VI., ainda que ellas daqui em diante tenhaõ pouca relaçaõ com a noſſa Hiſtoria, excepto o caſamento de ſua filha D. Thereſa com o Conde D. Henrique, dando-lhe Portugal em dote com o titulo de Condado. Eu paſſo a dizer, que D. Affonſo, poderoſo com o dominio de tantos Reinos, rodeado de gloria, cheio de triunfos, igual, ou maior na felicidade, que ſeu grande Pai D. Fernando, elle tomou, ou lhe deraõ o nome de Imperador das Heſpanhas, e entrou a ſer mais amado dos vaſſallos, temido dos Mouros, reſpeitado das Naçõẽs. Para comple- 1077
mento da ſua fortuna, paſſados poucos annos morreo Almenon, Rei de Toledo, e o ſeu primogenito Hiſſen: mortes, que deſatáraõ a D. Affonſo do vinculo da palavra, que havia dado de naõ fazer a ambos a guerra durante as

Era vulg. ſuas vidas. Ainda foi maior a vantagem de D. Affonſo por ſucceder a Hiſſen ſeu irmaõ ſegundo Hiaia, Principe de inclinaçõeſ perverſas, de coſtumes depravados, froxo, e covarde para a guerra, como monſtro de luxuria ſempre recoſtado no regaço das meretrizes.

Quando os Mouros de Toledo pediaõ a D. Affonſo os livraſſe pela ſua intervençaõ, e reſpeito das tyrannias do novo Rei, os vaſſallos o inſtavaõ naõ perdeſſe conjunctura taõ favoravel para ſe fazer ſenhor do Reino de Toledo, eſpecialmente deſta Cidade, que devia ſer reputada o centro da Potencia dos Africanos em Heſpanha: Que para ſer juſta eſta conquiſta, de que naõ devia fazer eſcrupulo em razaõ da palavra dada a Almenon, lhe lembravaõ, que ella eſpirára com a morte deſte Rei, e de ſeu filho Hiſſen: Que os intereſſes da Religiaõ clamavaõ por ella com brado forte: Que os Mouros amigos, tyrannizados por Hiaia, a deſejavaõ; e que naõ obſtante as difficuldades, que ſe preveniaõ na empreza,

za, elles julgavaõ, que o meſmo ſe- Era vulg.
ría intentalla, que conſeguilla.

Menos perſuasões eraõ baſtantes para entrar em movimento, e aquecer-ſe o eſpirito de hum Rei bellicoſo, amante da gloria, zeloſo da Religiaõ, activo nas vantagens do Eſtado. Cuidou D. Affonſo em preparar-ſe, e o Rei Hiaia a temer-ſe. Elle chamou 1079
em ſeu ſoccorro aos Mouros de Badajoz, que ſe recolhêraõ covardes ſem outra acçaõ, que a de verem a ordem, com que o exercito Heſpanhol marchava para ſe moſtrar aos de Toledo. Neſta primeira jornada ſe ſatisfez com retirar os Mouros de Badajóz, talar os campos, cativar muitas almas, e enriquecer o exercito com deſpojos o bravo D. Affonſo, que reſervou para o anno ſeguinte a formalidade do ſitio de Toledo, mais difficultoſo na execuçaõ, que nas idéas; porque nelle ſe gaſtáraõ tres annos.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Das ultimas acçõẽs do Rei D. Affonſo VI. até dar Portugal em dote a ſua filha D. Thereſa para caſar com o Conde D. Henrique.

1080 NO anno de que entro a eſcrever os ſucceſſos, parece que eraõ emulos do valor, e da fortuna o Rei, e o vaſſallo, quero dizer, D. Affonſo em Toledo, e o Cid Campeador em Aragaõ, ambos empenhados em exterminar os Mouros dos ſeus contornos. D. Affonſo deo principio ao ſitio daquella Capital com a tomada de Canales, e Olmos viſinhos a ella, e que logo lhe moſtráraõ o aperto da fome, que a eſperava. O Cid triunfante, e grande conquiſtador em Aragaõ ainda deſterrado, foi chamado para a empreza de render o Caſtello de Grados, que os Mouros de Andaluzia haviaõ tomado a Ádofir, feudatario de D. Affonſo, commandados pelo bravo Almofala. Pedio Ádofir a D. Affonſo o ajudaſſe a re-

recobrar o ſeu Caſtello, e elle marchou em peſſoa; mas vendo, que a expediçaõ neceſſitava tempo, e lhe divertia as operações do ſitio de Toledo, chamou aõ Cid, e o encarregou della, como de empenho digno da ſua reputaçaõ, e corage. Elle deo taõ boa conta da ſua commiſſaõ, que rendeo o Caſtello, fez priſioneiro a Almofala, remetteo-o a D. Affonſo, e voltou para Aragaõ a continuar as ſuas gentilezas. Era vulg. 1081

Em quanto D. Affonſo ſe occupava neſtes grandes projectos, o Reino de Portugal era governado por varias peſſoas com differentes titulos, que o Rei lhes dava ao ſeu arbitrio. No meſmo tempo, em que o Reino ſentia a falta do ſeu Rei D. Garcia, D. Affonſo ſocegou nos ſuſtos, que lhe cauſava a ſua vida, que acabou com dez annos de preſo, e foi ſepultado com honras de Rei. Elle ordenou, que o enterraſſem com os grilhões, que lhe haviaõ poſto, como foi executado; lembrança illuſtre de hum Rei innocente ſem liberdade em poder dos culpados.

D.

Era vulg. D. Affonſo, dilatados os ambitos da ſua grande alma com tantas noticias favoraveis, elle continuou o ſitio de Toledo com eſpirito dobrado. Como ſe a fortuna andaſſe ao ſeu ſoldo, ou empenhado o deſtino em o fazer glorioſo, a ſua complacencia creſce ao eſtrondo da grande victoria, que o Cid ganhou ſobre Alfagio, Rei Mouro de Denia, e ſobre D. Ramiro, Rei de Aragaõ, que vinha unido com elle. O Mouro muito ſoberbo refez as forças, e entrou pela Mancha a deſaffrontar a injuria. D. Affonſo, ſem deſguarnecer as linhas de Toledo, marchou com o reſto das trópas, cortoulhe o exercito em poſtas, e Alfagio deveo a ſalvaçaõ á fugida: victoria célebre; mas para Heſpanha muito cára, por ficar morto no campo D. Diogo Rodrigues de Bivar, que em todas as qualidades era filho legitimo do Cid Rui Dias de Bivar. Alfagio, ſegunda vez vencido, ainda naõ perdendo a corage, com as reliquias dos ſeus eſtragos fez outra nova guerra. Elle talou os territorios de Caſtella até chegar

gar a Medina do Campo; mas encon- Era vulg. 1082
trando aqui a valeroſa eſpada de Alvaro Yanhes Minaya, parente do Cid, amolada na pedra da fortuna de D. Affonſo, o cortou com deſtroço completo, que acabou de abater a arrogancia.

Com tantas illuſtres victorias mais animado D. Affonſo, reſolveo eſtreitar a ſitio formal a empreza de Toledo, que até entaõ naõ paſſava de hum apertado bloqueio. Para iſſo ajuntou exercito muito copioſo, fez alliançás com os Reis de França, e Aragaõ, convocou outros Principes Eſtrangeiros, que entaõ vieraõ muitos ſervir debaixo das ſuas bandeiras, e achar nas filhas do Rei eſpoſas, nos ſeus Eſtados Dominios, com que de grandes ſe fizeraõ maiores. Feliz preſagio da importante conquiſta de Toledo foi o rendimento de Madrid, que o Rei fez Quartel-General para apertar mais os ſitiados, e ficar ſenhor da campanha. Naturaes, e Eſtrangeiros naõ ſe poupáraõ a arbitrar invectivas, máquinas de atacar, perigos que emprehender, esforços

que

Era vulg. que executar para obrigarem o Rei Hiaia, já valente pela neceſſidade, a render a Praça, que defendia intrepido. O muito trabalho fez enfraquecer as forças dos ſitiadores; as graves moleſtias lhes abatiaõ os eſpiritos, e a grande fome os hia reduzindo a abandonar a empreza.

1085 Aſſegura-ſe, que entaõ apparecera Santo Iſidoro, a Cypriano, Biſpo de Leaõ, e lhe ordenára foſſe dizer ao Rei, que naõ levantaſſe o ſitio de Toledo: que no eſpaço de quinze dias renderia a Praça, que Deos a tinha eſcolhido para hum dos aſſentos da ſua gloria na terra; e que aſſim o tiveſſe entendido. Os ſucceſſos parece que canonizáraõ a verdade da revelaçaõ; porque ao meſmo tempo, que D. Affonſo, e o ſeu exercito com a embaixada recobravaõ os eſpiritos, e ſe preveniaõ em hum dia marcado darem o aſſalto; o Rei Hiaia batia a chamada para parlamentar, e quando menos ſe eſperava, ſem effuſaõ de ſangue, entregou Toledo. Depois de 366 annos de poſſe deſamparáraõ os Mouros eſte ba-

baluarte das ſuas forças, que o era da Religiaõ de Heſpanha, agora renovada com luſtre, e explendor novo pelo Rei triunfante no Concilio, que mandou ajuntar para ſer nomeado Arcebiſpo, que reſuſcitaſſe em Toledo a gloria dos ſeus primitivos. Era vulg. 1086

Cahio a ſórte ſobre o honrado Francez D. Bernardo, Abbade de Sahagum, benemerito da eleiçaõ pelas virtudes, que naõ ſe eſcuſou logo ás pertençõeſ de illuſtrar o Arcebiſpado com o explendor da Primazia das Heſpanhas, nem o Rei de o enriquecer com a doaçaõ de muitas Villas, Lugares, e fazendas de grande lutaçaõ para apparecer logo luminoſa na ſua renovaçaõ a Igreja de Toledo, e os Miniſtros della ſuſtentarem brilhantes as ſuas Dignidades. O prazer piedoſo ſe augmentou com a invençaõ em Madrid da milagroſa Imagem da Senhora de Almudena, que o Rei buſcára annos antes, e agora foi achada em hum vaõ da muralha com grande conſolaçaõ dos Fieis: Imagem milagroſa, de que por tradiçaõ muito antiga, ſe con-

ſer-

Era vulg. ſervava a memoria de ſer o Apoſtolo Sant-Iago quem a trouxera a Heſpanha, que até hoje a venera com adoraçaõ profunda.

Da conquiſta de Toledo foi conſequencia o rendimento de grande número das Praças da ſua Comarca, que todas ſe entregáraõ temeroſas ao pavoroſo eſtrondo da queda da ſua Capital. D. Affonſo mandou fazer nella conſideraveis peças de fortificaçaõ, que a poſeſſem a coberto aſſim das invasões eſtranhas, como de alguma ſediçaõ dos muitos Mouros, que nella ficáraõ de miſtura com os Chriſtãos. Para ſeu Alcaide, ou Governador nomeou ao famoſo Cid Rui Dias, que igualmente a defenderia com o nome, e com a eſpada, ou que eſta teria menos que obrar em quanto o outro foſſe ouvido. Depois deſtas, e outras muitas acções de Rei prudente, de receber parabens de todos os Principes da Europa pela felicidade das ſuas armas, D. Affonſo ordenou ao Arcebiſpo D. Bernardo, que antes da ſua jornada para Roma, ſagraſſe a Igreja de Toledo, como fez com

com grande pompa no dia 25 de Outubro de 1087. Era vulg.

No anno ſeguinte partio o Arcebiſpo para Roma, aonde achou novamente eleito Papa a Urbano II., do qual conſeguio quanto intentou, eſpecialmente a declaraçaõ de Primaz de Heſpanha, e de parte da França chamada a Gallia Gotica, o uſo do Palleo, e outras graças Apoſtolicas. Logo que entrou em Heſpanha cuidou de abolir o Miſſal, e Breviario Gotico, que ainda eraõ nella muito uſados deſde o tempo dos Santos Iſidoro, e Ildefonſo. As controverſias que ſe levantáraõ ſobre eſte projecto, foraõ decididas por hum milagre a todos viſivel, qual foi lançar a huma fogueira ambos os Miſſaes com a fé viva, de que aquelle que ficaſſe illeſo das chamas, eſſe era o verdadeiro. O Romano ſaltou fora della intacto, e o Mozarabe ficou no meio do fogo ſem arder; ambos pelo prodigio bem qualificados. Entaõ reſolveo o Rei, que do Miſſal Romano ſe uſaſſe em toda Heſpanha, e o Mozarabe em varias Igrejas de Toledo. 1088

Sem-

Era vulg. 1091

Sempre zelosos pelos augmentos da Religiaõ o Rei, e o Arcebispo, elles vieraõ á Cidade de Leaõ, aonde convocáraõ hum Concilio, a que dizem assistíra o Cardeal Raynero, Legado do Papa Urbano II. Nelle se estabelecêraõ varios Decretos respectivos á reforma dos costumes dos Ecclesiasticos, e se mandou, que dalli em diante se usassem nas Escrituras públicas das letras Francezas, e naõ das Goticas, que em Hespanha havia introduzido Ulfilas, Bispo dos Godos, ainda antes dos mesmos Godos entrarem nella. Mas tantos avances da Religiaõ, elles estiveraõ nos termos de tornar para os das calamidades passadas por effeito de huma mal pensada desordem do Rei D. Affonso, se providencia particular naõ atalhára os damnos depois de muitos trabalhos.

Elle, que estava viuvo de quatro Senhoras, contrahio quintas vodas com a Moura Zaida, filha de Aben-Aber, Rei de Sevilha, da qual lhe nasceo unico filho Varaõ, que teve, o Infante D. Sancho, que sería o Rei de

Hes-

Heſpanha ſenaõ morreſſe na flor dos annos na batalha de Veles, peleijando contra os Mouros. O Mouro de Sevilha deſejoſo de dilatar os Eſtados com conquiſtas ſobre os dominios dos outros Mouros; elle ſe valeo da filha, para que conſeguiſſe de ſeu marido D. Affonſo cartas dirigidas a Joſeph, Rei dos Almoravides de Africa, pedindo-lhe paſſaſſe a Heſpanha com as ſuas grandes forças para o ajudar na premeditada conquiſta. O grande homem D. Affonſo, que havia reſiſtido a tantas eſpadas valentes, naõ teve reſiſtencia ás fracas perſuasões de huma mulher, e antepondo o goſto della á previſaõ, que naõ podia deixar de ter a reſpeito do perigo a que expunha os Eſtados proprios, e a Chriſtandade de Heſpanha, mettendo em caſa mais inimigos; elle deo as cartas com todas as formalidades inſinuantes, que a Moura lhe ſugerio. Era vulg.

Com eſta pertençaõ traçou o Rei Mouro de Sevilha a ſua total ruina, e D. Affonſo huma grande parte da ſua, naõ tardando Deos a caſtigar no primei-

Era vulg. meiro a ambiçaõ, no ſegundo a temeridade. O Rei Africano Joſeph naõ ſó facil; mas goſtoſo condeſcendeo com os rógos de D. Affonſo, e mandou a Heſpanha gentes numeroſas commandadas por Hali, hum dos ſeus melhores Generaes, e na ſua companhia a Abdlá, que era deſtro entre os mais inſignes. Podemos dizer, que o inſtante da chegada deſtes Mouros foi o meſmo do ſeu rompimento com os de Sevilha, que atacáraõ em pezado choque, aonde ás mãos de Abdlá perdeo a vida o Rei Aben-Aber, ſogro de D. Affonſo. O Mouro tranſportado com o prazer da victoria, ſe declarou rebelde a ſeu Senhor, e tomou o titulo de Miramolim dos Mauritanos em Heſpanha, que foraõ obrigados a reconhecello com os meſmos tributos, que pagavaõ aos Reis de Caſtella. Depois de dar eſte grande paſſo, o Miramolim Hali declarou a guerra aos Chriſtãos, e entrou a fogo, e ſangue pelo territorio de Toledo, fazendo conquiſtas, talando os campos, degolando os homens.

En-

Entaõ meditou D. Affonſo mais ſério no perigo da ſua Peſſoa, e Reinos, preparado pelos hoſpedes, que mettêra em caſa. Para lhes ſuſpender a barbara carreira mandou elle com exercito numeroſo aos Condes D. Garcia ſeu cunhado, e a D. Rodrigo, ambos na batalha de Roa huma irriſaõ da eſpada de Hali, que totalmente os derrotou. D. Affonſo que com eſta quebra conheceo maior o perigo, ajuntou mais forças, e foi em demanda dos Mouros, que devaſtavaõ os campos de Badajoz. Com eſtranheza da ſua fortuna teve no encontro o meſmo ſucceſſo dos Condes, e dos ſeus ſoldados eſcapáraõ da morte os que ſouberaõ fugir. Em ambas as ſórtes naõ perdia D. Affonſo a corage, e a preſença de eſpirito, como ſe vio neſta occaſiaõ, em que a maior deſgraça o eſtimulou a fazer maiores eſforços para buſcar ao Miramolim Hali, que entaõ ſitiava Cordova. Já nas viſinhanças deſta praça derrotou D. Affonſo hum conſideravel corpo mandado por Abdlá, que ficou cativo. Or- Era vulga-

Era vulg. denou o Rei, que á viſta do campo de Hali, e da praça foſſe Abdlá talhado em poſtas, e eſtas queimadas por caſtigo da morte, que dera a ſeu Sogro Aben-Aber. Hali circunſpecto, ou temeroſo, ſe rendeo á diſcriçaõ comprando a liberdade por groſſas ſommas; levantou o ſitio, e ſe recolheo tributario de D. Affonſo.

Mais animado com eſtes bons ſucceſſos, elle marchou para tomar contas aos rebeldes Mouros de Aragaõ, que ſe haviaõ levantado com os tributos, e em Saragoça os pôz em apertado cerco. Quando eſtava nos termos de render a Praça, naõ querendo outra vez tributarios aos Mouros, como elles ſe offereciaõ; ſoube D. Affonſo, que o Africano Joſeph paſſava o mar com todas as forças dos ſeus Eſtados para caſtigar em Hali o atrevimento de ſe intitular Miramolim, e uſurpar authoridade Soberana ſobre os Mouros de Heſpanha. Eſta novidade, que promettia conſequencias funeſtas, obrigou o Rei a abandonar a empreza de Saragoça, e acodir a inter-

terpôr o reparo, aonde temia maior o damno. Elle recrutou o exercito com o maior número de gente, que póde; contraio alliança com D. Sancho, Rei de Aragaõ, e convocou muitos Principes Eſtrangeiros como para huma guerra de Religiaõ. Era vulg.

He opiniaõ de alguns Hiſtoriadores, que eſta fora a conjuntura, em que vieraõ ſervir a D. Affonſo com ſoldados ſeus D. Raymundo, irmaõ do Conde de Borgonha; ſeu parente o noſſo Conde D. Henrique; e outro Raymundo, chamado Conde de Toloſa, que fizeraõ a Heſpanha ſerviços relevantes, bem merecedores dos premios, que lhe correſpondêraõ. Com exercito taõ luzido marchou D. Affonſo a buſcar os Africanos, firme na eſperança da victoria pela competencia de tantos Principes, e Naçõeſ, emulos do valor, ambicioſos da gloria. Na Andaluzia junto ao Lugar de Alagueto ſe aviſtáraõ os dous campos, o dos Mouros temivel pelo número, o dos Chriſtãos reſpeitavel pela ordem. Tanto ſe aſſuſtou o Rei Joſeph de a ver, 1093

Era vulg. que ſe retirou ſem ſer cortado, deixando a D. Affonſo huma victoria ſem ſangue, ſe menos glorioſa, mais ſegura.

Eſte grande Monarca ſe deo por ſatisfeito com a reputaçaõ das ſuas armas, com os ricos deſpojos, que pagáraõ os gaſtos da jornada, e grato com os Principes Eſtrangeiros, que queria prender em ligaduras de amor para os ter no ſeu ſerviço mais ſeguros, reſolveo caſallos com ſuas filhas, como fez. A D. Urraca, filha legitima, e preſumptiva herdeira, deo por marido a Raymundo, Conde de Borgonha, dando-lhe em dote o Governo de Galliza, o titulo de Conde, e a eſperança de lhe ſucceder nos Reinos: caſou a D. Thereſa com D. Henrique, tronco illuſtre dos Reis de Portugal, e o dotou com as terras, que poſſuia neſte Reino, e as mais, que conquiſtaſſe aos Mouros até aos Rios Téjo, e Guadiana com o titulo de Conde: D. Elvira foi dada ao Conde de Toloſa com o Senhorio deſta Cidade, que entaõ era dependente do dominio de

Heſ-

Heſpanha : deo D. Sancha ao Conde D. Rodrigo, dos quaes deſcende a illuſtre familia dos Girões em Caſtella, fecunda de Varões memoraveis nas idades ſeguintes. Ora ſendo nós chegados ao ponto luminoſo da noſſa Hiſtoria no eſtabelecimento da Monarquia de Portugal, que teve origem neſte caſamento do noſſo Conde D. Henrique com D. Thereſa : depois de dar-mos huma breve noticia da Religiaõ, e eſtado Eccleſiaſtico do meſmo Reino depois da invaſaõ dos Mouros até eſte anno do caſamento do Conde D. Henrique, paſſaremos a tratar em outro Livro dos ſucceſſos da ſua heroica vida. Era vulg.

CAPITULO IV.

Progreſſos da Religiaõ, e do Eſtado Eccleſiaſtico de Portugal depois da invaſaõ dos Mouros até ao tempo do Conde D. Henrique.

DEPOIS que a força dos Concilios, e o zelo dos Principes abafou nas Heſpanhas a obſtinaçaõ dos Arrianos, priſci-

Era vulg. cilianiſtas, e outros Hereges, que nellas ſe haviaõ inſinuado; ficou dominante a Religiaõ Catholica, que brilhava em Portugal com o candor das primitivas idades. Aſſim ſe conſervou ella ſempre pura, incontaminada, edificante nos Cultos a Deos, na fundaçaõ de Igrejas magnificas, de grandes Moſteiros, na erecçaõ de Biſpados, e eleiçaõ de dignos Miniſtros do Altar, que a conſervaraõ luminoſa até ao tempo da fatal invaſaõ dos Mouros, que perverteo toda a noſſa ordem aſſim religioſa, como politica: invaſaõ fatal, que obrigou os Sectarios da meſma Religiaõ ſanta a eſcondella nas brenhas, enterrallas nas cavernas, deſapparecerem os Biſpos, ſumirem-ſe as Igrejas, os eſpiritos fracos a apoſtarem, os valentes a dar a vida pela Fé, tudo deſordem, confuſaõ, laſtima, e perſeguiçaõ.

O longo tempo que eſta durou, he certo, que o Ceo, e o Inferno cantaraõ triunfos em continuada alternativa, conforme os impreſcrutaveis decretos da inſondavel preſciencia de Deos.

Deos. O Ceo ſe enchia de prazer pelo numeroſo eſquadraõ de Martyres, que marchavaõ das Heſpanhas a encher as ſuas ruinas: o Inferno ardia em tormentoſa complacencia pelo avance do ſeu reino das trévas, que ſe hia povoando das eſcuras ſombras, que abandonavaõ temeroſas a regiaõ da luz para ſe abraçarem com ellas. Mas em fim, como os Mouros, depoſto o primeiro furor, foraõ conhecendo, que eſtando elles reſolutos a eſtabelecer-ſe nos noſſos terrenos, naõ podiaõ deixar de viver miſturados: elles ſe comportáraõ politicos, e conduzíraõ humanos, naõ ſó em nos permitirem as noſſas regalias, e governo politico, que antes tinhamos; mas conſentindo o exercicio público da noſſa Religiaõ, que era o maior deſejo dos noſſos conſternados Póvos. Era vulg.

Naõ ha dúvida, que entaõ nos faltáraõ muitos Biſpos, que naõ tornáraõ a apparecer ſenaõ quando Portugal teve Reis: que ſe arruináraõ quantidade de Igrejas, que naõ reſtauráraõ o explendor paſſados Seculos; que ſe re-

Era vulg. relaxou o Eſtado Eccleſiaſtico em vicios enormes, eſpecialmente na tenacidade dos Clerigos, que para caſarem conforme a graça para elles eſtimavel, que lhes fizera com eſcandalo o Rei Witiſa, elles queriaõ ſempre em pé, e em todo o ſeu vigor eſta Lei, que naõ cuſtou aos Reis de Leaõ pouco trabalho, e repetidos Concilios para a abolirem: em fim, que as caſtas virgens eraõ laſtimoſamente profanadas nos infames lupanares dos Sequazes de Mafoma, aonde ardiaõ victimas da ſenſualidade inſaciavel; naõ eſquecendo neſtas triſtes tragedias o vil tributo das cem donzellas Chriſtãs, que o Rei Mauregato, para ſe conſervar na intruſaõ do Reino, pagava annualmente aos Barbaros, até hoje com eſcandalo univerſal das Naçõeſ civilizadas.

Por outra parte os brilhantes Moſteiros, que deſde a introducçaõ do Chriſtianiſmo nas Heſpanhas, foraõ edificados com pompa, e dotados com grandeza pelos Principes para columnas da Religiaõ: paredes Sagradas, que

reſ-

reſpiravaõ o ſuave cheiro de Jeſu Chriſ- Era vulg.
to por eſconderem varões eminentes em ſantidade, que eraõ ornato luminoſo da Igreja de Heſpanha; huns ſe choravaõ totalmente arruinados; outros huns hermos, cobertos de herva os ſeus Santuarios, e os ſantos Monges eſcondidos nas cavernas. Mas como Deos com a meſma maõ caſtiga, e conſola; ainda que as pedras de edificaçaõ humas andavaõ eſpalhadas, algumas partidas, outras reprovadas, a ſua piedade conſervou muitas reliquias intactas, que naõ conſentiſſem, que o noſſo eſtrago foſſe ſemelhante na generalidade ao de Sodoma, e Gomorra, nem que a coroa, ainda que caida das noſſas cabeças, ſe deſpedaçaſſe.

No breve reſumo da Hiſtoria até aqui tratada neſte Tomo, nós temos viſto, que boa parte dos Reis Godos, e quaſi todos os de Leaõ foraõ Catholicos delicados, propugnadores zeloſos do Culto Divino, zeladores da Igreja, e fiſcaes dos bons coſtumes dos Póvos. Elles ſe empenháraõ em

guer-

Era vulg. guerras arriſcadas por defender a Religiaõ; ganháraõ victorias glorioſas ſobre os inimigos della; promulgáraõ Leis proveitoſas, e illuminadas na ignorancia, e eſcuridade dos ſeus Seculos; edificáraõ obras ſumptuoſas ſagradas, e profanas; fizeraõ grandes mercês ás Igrejas, Moſteiros, e vaſſallos: em fim foraõ Pais da Patria nos Seculos da calamidade, quando ella gemia opprimida debaixo do pezo dos ferros da eſcravidaõ a que os Mouros a haviaõ reduzido.

Por outra parte os Biſpos das poucas Igrejas de Portugal, que ficáraõ livres da ruina cauſada pelos dos adverſarios da Fé Santa, elles naõ ſe poupavaõ a trabalho para conſervarem na pureza della as reliquias, que reſtáraõ da perſeguiçaõ inexhoravel de tantos tyrannos. Eu paſſo a nomear os que florecêraõ neſta Época, e por naõ perturbar a ſua ordem, naõ repetirei os nomes dos que regêraõ nella as Igrejas de Braga, Porto, Coimbra, e Viſeo, porque já diſſemos quem elles foraõ nos Capitulos precedenden-

dentes até á deſtruiçaõ do Reino dos Godos. Aqui advirto, que na Igreja de Lisboa, depois do Biſpo Landerico, ultimo Prelado della no tempo dos Mouros; ella naõ os teve em todo o decurſo do ſeu dominio: mas logo que o Rei D. Affonſo Henriques tirou a Cidade do ſeu poder, elle lhe reſtaurou, e erigio o Biſpado no anno de 1147, ſendo Papa Eugenio III., e nomeou para ſeu Biſpo ao Inglez Gilberto, que o havia ajudado na reſtauraçaõ da meſma Cidade. Era vulg.

Tambem no dominio dos Mouros ficáraõ acefalas a Igreja de Lamego; a da Idanha, que depois da ſua expulſaõ paſſou para a Cidade da Guarda; a de Eminio; a de Evora até a ſua reſtauraçaõ nos dias de D. Affonſo Henriques, que nomeou a D. Sueiro em 1166; e a de Oſſonoba no Algarve, que em todo o tempo dos Mouros naõ teve Biſpos, e a ſua Cadeira foi transferida para a Cidade de Sylves, quando foi conquiſtada pelo Rei D. Sancho I., que no anno de 1188 nomeou para ſeu primero Prelado a D.

Ni-

Era vulg. Nicoláo, Conego Regular de Santo Agoſtinho. Pelo que reſpeita á Igreja da Idanha, depois do Biſpo Theodemiro, que florecia pelos annos de 899, em que havia mais de Seculo e meio, que os Mouros eraõ ſenhores de Heſpanha, ſim lhe nomeiaõ outros Biſpos; mas todos duvidoſos; huns que naõ tem mais prova, que eſtarem os ſeus nomes eſtampados no Chronicon de Hauberto de Heſpanha; outros apoiados ſobre huma tradiçaõ, a que naõ faremos injuria ſe lhe chamar-mos corrupta.

Eſtes Biſpos duvidoſos da Idanha, que ſe diz governáraõ a ſua Igreja do dito anno de 899 na fugeiçaõ dos Africanos até 1199, em que D. Sancho I., depois de fundar a Cidade da Guarda, nomeou por ſeu Prelado a D. Martinho Paes, Conego Regrante de Santo Agoſtinho: elles foraõ Sylvato, Gregorio, Egica, Gregorio II. Lucerio II., Athanaſio, Joaõ, Ageſindo, Conſtantino, e Walumboſo, que ſaõ os declarados no citado Chronicon; e os de tradiçaõ Pamerio, que ſubſcre-

veo

veo em hum Concilio Bracarenſe; Audencio, que aſſiſtio a outro em Lugo; S. Fulgencio, que era irmaõ de S. Leandro; Gregorio, que ſubſcreveo no Concilio VIII. de Toledo; e Ageſindo, que dizem aſſiſtira no Concilio Toletano XIV. Era vulg.

Nos Capitulos III., e IV. do Livro II. deſte Tomo deixo eſcritos os nomes, e feito memoria dos illuſtres Prelados, que naõ lhes impedio a ſugeiçaõ, e frequentes invasões dos Mouros a applicaçaõ aos ſeus miniſterios, e obras de zelo catholico nas Igrejas de Braga, Porto, Coimbra, Viſeo, e por iſſo me poupo á repetiçaõ. Poucos eraõ entaõ eſtes homens; ainda que zeloſos, e ardentes, para apaſcentarem as Ovelhas do rebanho de Jeſus Chriſto com doutrinas sãs em Seculos taõ corruptos, em que ſó eraõ eſtimaveis nos corpos as mãos para as armas, nos eſpiritos a ferocidade para os combates. Mas elles tinhaõ Coadjutores zeloſos em muitos Monges dos noſſos Moſteiros, e no fervor de varios Fidalgos da primeira grandeza,

que

Era vulg. que tinhaõ a conſervaçaõ, e augmentos da Religiaõ pelo principal ponto de viſta das ſuas attenções, e dexteridades. Eſpecialmente nos tempos viſinhos á felicidade de Portugal ſer governado pelo Conde D. Henrique, nas duas claſſes de gente, que deixo nomeadas, ſe palpava o ſeu zelo mais fervoroſo, e ſe viaõ os progreſſos da Religiaõ mais vantajoſos.

Até hoje ſe conſerva a memoria de illuſtres Eccleſiaſticos daquelles tempos, firmes columnas da Fé nas noſſas Provincias, como foraõ, na Eſtremadura Martinho, Vigario de Soure; no Alem-Tejo o celebre, e velho Hermitaõ, que aviſou a D. Affonſo Henriques para a batalha do Campo de Ourique; na Beira, depois dos cinco Varões inſignes em ſantidade, a ſaber, Giraldo, Arcebiſpo de Braga, S. Theotonio de Coimbra, Joaõ Cerita, Salvador, e D. Tello; nunca eſquecêraõ entre nós Joaõ Peculiar, depois Arcebiſpo de Braga, Odorio, Biſpo de Viſeo, e Seſnando, Prelado de Monte-Mór, além de muitos filhos

lhos do grande Padre Santo Agoſtinho, que por aquelles tempos já derramavaõ por Portugal as ſaudaveis doutrinas, que corrèraõ manancial perene da pureza daquella fonte. Era vulg.

Depois deſtes, e outros muitos Eccleſiaſticos ſabios, e Santos que entaõ illuſtraraõ a Igreja Luſitana, na claſſe da Nobreza ſe moſtraraõ Catholicos delicados, entre outros Grandes, os Condes D. Vermuis, e D. Forjaz Vermuis, os Condes D. Siſnando, e D. Raymundo, o Alferes Mor D. Fafes Luz, os Condes Hufo Hufes, e D. Guterre Arias, Egas Moniz, e e Martim Moniz, D. Rodrigo Forjaz, Egas Gomes de Souſa, D. Aniaõ de Eſtrada, D. Gonçalo Traſtamires da Maya, D. Egas Gozende de Riba de Douro, D. Mendo Alaõ de Bragança, D. Diogo Gonçalves Belmir, D. Payo Guterres de Tuichâes, D. Suciro Guedes, D. Affonſo Ermiges, D. Moninho Viegas, D. Vermuis Paes, D. Rodrigo Forjaz de Traſtamara, D. Alvaro Fernandes, e outros muitos, para que ſeria neceſſario longos catalo-

Era vulg. logos, e que com o valor, e as armas faziaõ á Religiaõ naõ menores ſerviços, que os Eccleſiaſticos com a ſantidade, e a doutrina.

CAPITULO V.

Trata-ſe da vinda do Conde D. Henrique a Heſpanha, e o que nella obrou até ao anno de 1093, em que Portugal lhe foi dado em dote pelo ſeu caſamento com D. Thereſa.

EU deixo dito como fora opiniaõ de alguns Eſcritores, que o Conde D. Henrique viera a Heſpanha, quando Joſeph, Rei dos Almoravides de Africa, a atacou com as ſuas foças para fazer contra elle a guerra nos exercitos de D. Affonſo VI. no anno de 1093, que foi o do ſeu caſamento com D. Thereſa, filha do meſmo D. Affonſo, que lhe deo em dote o Reino de Portugal. Eſta opiniaõ he hum dos erros mais evidentes da Hiſtoria, naõ ſendo neceſſario, que eu trate ao largo as muitas razões, que aſſim moſtraõ, quan-

quando baſta a averiguaçaõ exacta, Era vulg.
que ſe fez na idade viſinha, e depois
nas poſteriores com critica judicioſa,
que a derrotou ſem lhe deixar refu-
gio. Outra dúvida ſe levanta a reſpei-
to dos motivos, que trouxeraõ a Heſ-
panha ao dito Conde, e aos dous Rai-
mundos de Borgonha, e de Toloſa.
Querem alguns, que foſſe huma ro-
maria a Sant-Iago de Galliza, movidos
da devoçaõ, e attrahidos dá fama dos
muitos milagres, que Deos obrava pe-
los merecimentos do Santo Apoſtolo:
que vendo ao meſmo tempo a Heſpa-
nha taõ opprimida pelos Mouros, e
que a continua guerra com elles lhes
proporcionava occaſiões de ſe fazerem
famoſos pelas armas; obſervando tam-
bem a grandeza da alma de D. Affon-
ſo VI., chamado Imperador das Heſ-
panhas, o das mãos furadas pela ſua
grande liberalidade, e ſobre tudo a ſua
conſummada inſtrucçaõ na arte da guer-
ra: elles ſe reſolvêraõ a ficar em Heſ-
panha participantes da ſua profuſaõ, crea-
turas da ſua diſciplina, e camaradas inſe-
paraveis das ſuas cotinuadas aventuras.

Era vulg. Outros pertendem, que a vinda dos trez Principes foi em huma das occaſiões dos ſoccorros, que D. Affonſo pedio a França, quando ſe via mais apertado dos Mouros, e que o ſeu deſignio fora logo o de exercitar as armas ſem outro algum fóra delle: que vendo-ſe mettidos em tantos lances de ganhar honra, naõ quizeraõ perdellos: e que moſtrando-ſe gratos ás officioſidades de D. Affonſo, determináraõ naõ lhe largar o lado, nem deſamparar a Peſſoa. Como quer que iſto ſeja, outra dúvida de diſſoluçaõ naõ ſó difficultoſa; mas poſſivel he a do tempo certo, e fixo da vinda do Conde. Que elle eſtava encarregado do Governo de Portugal no anno de 1073, iſſo conſta de algumas Eſcrituras deſſe tempo, e ha veſtigios, de que já ſervia em Heſpanha quando morreo o Grande D. Fernando, que foi no anno de 1067. Se elle veio alguns annos antes deſte, e no de 1073 já ſe faz memoria ſua governando Portugal, podia nelles ter feito ſerviços, que mereceſſem o governo, em que tal-

talvez ſuccederia ao Conde D. Nuno Era vulg.
Mendes, ſenhor da terra de Entre-Douro e Minho, que entaõ compunha aquelle governo, e que no anno precedente de 1072 foi morto em huma batalha, que deo entre Braga, e o rio Cadavo.

Que foſſe o eſtylo daquellas idades governarem os grandes homens as Comarcas de Portugal, iſſo he conſtante em todas as noſſas Hiſtorias. Entre outros ſabemos, que governou Coimbra o Conde Siſnando; e Arouca Egas Hermigio, Odorio Telles, Gravino Froilas, Monio Viegas, Alvaro-Telles, e ſegundo eſta práctica o Conde D. Henrique ſería tambem nomeado Governador das terras, que entaõ poſſuiaõ em Portugal os Reis de Caſtella. Dizem, que D. Henrique depois da morte do Rei D. Fernando acompanhára a D. Affonſo ſeu filho em todos os trabalhos, depois que ſeu irmaõ D. Sancho o esbulhou da poſſe, e dominio do Reino de Leaõ. D. Affonſo ficou entaõ hum ſimulacro de independencias, elle taõ dependente de to-

Era vulg. dos, que até lhe foi neceſſario valer-ſe da protecçaõ de hum Mouro para eſtar a coberto da ira do irmaõ injuſto. Se entaõ D. Henrique por hum amor puro, ſem as fezes de intereſſe, ſeguio, com milagre politico, hum Principe, que naõ tinha que dar, e chegou á ſituaçaõ de haver de pedir: o Governo de Portugal, que lhe foi conferido por D. Affonſo depois de Rei rico, e poderoſo, elle bem podia ſer como principio de premio da ſua paſmoſa fidelidade, para que D. Affonſo no ſeu interior teria guardados outros maiores.

Taõ alto lugar ſe tinha feito D. Henrique na eſtimaçaõ do Rei D. Affonſo, que elle era o canal, por onde corriaõ os mais importantes negocios da Monarquia. Com experiencias largas, e juizo ponderoſo tinha o Rei fondado o fundo dos merecimentos de D. Henrique, que o julgou prudente pelo executor mais habil para a vaſtidaõ dos ſeus projectos. Tres annos depois de governar Portugal, determinou D. Affonſo, que o Conde, acompa-

panhado do Conde de Toloſa D. Rai- Era vulg.
mundo, foſſe a França conduzir a ſua tia D. Conſtança, que elegêra para terceira mulher. Ha quem preſuma, que na volta deſta jornada, e anno de 1076, entaõ viera com D. Henrique para Heſpanha ſeu primo com irmaõ D. Raimundo de Borgonha, contra o ſentir commum, que ſuppoem chegarem a ella juntos eſte D. Raimundo, o de Toloſa, e D. Henrique. O ſerviço deſta conducçaõ, a alliança do ſangue, os merecimentos precedentes acabáraõ de eſtreitar os laços da amizade entre o Rei D. Affonſo, e o Conde D. Henrique, já olhado em Heſpanha com o reſpeito de parente, e as atenções de valido.

Em todas as guerras, que precederaõ ao ſitio de Toledo, elle acompanhou ao Rei; mas as ſuas gentilezas obradas, a heroicidade do ſeu valor tudo ficou abafado, naõ tanto por ſerem acçõeſ de hum eſtrangeiro, que rara vez ſahem das vozes da emulaçaõ, e naõ muitas da ſinceridade do animo; mas pela ignorancia, e deſcuido de hu-

Era vulg. humas idades, em que as naçõẽs de Heſpanha tinhaõ por gloria obrar calladas, naõ querendo o bronze para fundir clarins da fama, ſenaõ para forjar trombetas bellicas. Aſſim nos laſtimamos ſem remedio, que depois de tantas acçõẽs famoſas, igualmente ſe enterraſſem nos noſſos campos cadaveres, e memorias.

O meſmo ſilencio guardáraõ os Hiſtoriadores Heſpanhoes, e naõ ſabem os Portuguezes as grandes façanhas, que elle obraria no ſitio de Toledo, nos muitos combates no campo, aſſaltos dos Muros, tomadas de Praças, que precedêraõ, e ſe ſeguiraõ ao rendimento da reſpeitavel Cidade, e em todas eſtas occaſiões D. Henrique taõ inſeparavel de D. Affonſo, como ſe foſſe a ſombra do ſeu corpo. Ora ſe lhe eſcondêraõ eſta gloria, ella ficou ſubſtituida com a lembrança da honra, que lhe concedêraõ na occaſiaõ, em que o famoſo Cid Campeador deſafiou aos Condes de Carrion, ſe acaſo foi certo eſte deſafio, de que fazem memoria os Hiſtoriadores Heſpanhoes

mo-

modernos, e eu naõ tenho visto em algum dos antigos. Havia D. Affonso promettido ser elle quem em pessoa sustentasse o campo. Porque sobrevieraõ circunstancias, que lhe impedíraõ cumprir a promessa, ordenou que o Conde D. Henrique na testa de hum consideravel corpo de trópas lhe substituisse o lugar: substituto digno do Rei grande o Principe, que a Providencia guardava para tronco, e origem dos maiores Reis. Era vulg.

Bem ponderava D. Affonso nestas, e nas mais acçõẽs de D. Henrique, que para ellas naõ havia já premio, que se podesse chamar grande, e que só o poderia ser dar-lhe para ornato huma das pedras mais preciosas da sua Coroa. Em quanto assim o naõ executava, para naõ parecer a Magestade ingrata na tardança, o foi remunerando com alguns Lugares pelo Reino de Leaõ, especial entre todos a Cidade de Astorga com o titulo de Condado: mercê, e titulo, que depois foraõ origens da guerra, e rompimentos, que D. Henrique teve com

os

Era vulg. os Leonezes. Á nova liberalidade do Rei correſpondeo logo outra nova gratidaõ do Conde nos eſmeros do valor com que concorreo para o Rei tirar glorias de Heróe na meſma perda da batalha de Cazalla junto a Badajóz, e que chamaõ de Sagulias, aonde nós acabamos de ver, que os Mouros vencêraõ as invenciveis armas de D. Affonſo: armas invenciveis, que entaõ naõ perdêraõ eſta qualidade por vencidas, naõ havendo o Rei perdido na batalha mais que homens, quando lhe era incomparavelmente vantajoſa a ſua gloria pelas deſtrezas, e bizarrias militares ſuas, e dos ſeus Cabos, que moſtráraõ bem como ſenaõ derrotaõ os merecimentos da dexteridade, e do valor com os proveitos, e ganancias de quem ſó vence por deſtino.

Em fim, chegou o anno de 1093, em que o Rei D. Affonſo ſe reſolveo a remunerar os grandes, e amontoados ſerviços de D. Henrique com o ultimo premio, que officioſo, ou politico trazia premeditado. Elle o caſou com ſua filha D. Thereſa havida na illuſtre Se-

nhora D. Ximena Nunes de Guſmaõ, Era vulg.
que huns dizem fora ſua ligitima mulher, outros ſua Concubina, e lhe deo em dote a Soberania de Portugal, ou a parte que poſſuia neſte Reino, que ſe dilatava além do Douro e Minho, a Cidade do Porto, e a ſua comarca com as mais terras, que conquiſtaſſe aos Mouros até ao Téjo, e Guadiana. Sempre ſe ſuſtentáraõ firmes os Hiſtoriadores Heſpanhoes em perſuadir ao mundo, que eſte dote fora dado pelo ſeu Rei com certo tributo, além delle o de 300 lanças, e a obrigaçaõ de D. Henrique, e os ſeus Succeſſores acodirem ás Cortes de Leaõ, quando para ellas foſſem chamados.

O tal tributo pertendido elles naõ o ſuſtentavaõ com mais próvas, que as de vozes de eſtrondo, diſcurſos eſtirados, conjecturas delicadas, ſem até agora nos moſtrarem Eſcritura, ou Documento authentico, que era impoſſivel, a havello, deixar de ſer bem guardado nos Archivos de Leaõ, e Caſtella, aonde ſe conſervaõ outros de muito maior antiguidade, e de materias

Era vulg. rias menos importantes. A circunſtancia das 300 lanças naõ pode deixar de ſer reputada quiméra por quem reflectir, que de hum punhado de terra, que formou o dote de D. Henrique, ſempre calcado pelos Mouros, ſe poderſe tirar aquelle número de homens, armas, e cavallos cada vez, que os Reis de Caſtella os pediſſem. A reflexaõ, e lembrança, que intimaõ por hum impoſſivel dotar a ſua filha com hum Eſtado ſem lhe impôr algum tributo; iſſo he outra quiméra, quando a Hiſtoria nos enſina, que muitos Soberanos doáraõ a ſeus filhos Dominios livres, ſem ſujeiçaõ, nem encargo, e na meſma Heſpanha temos o exemplo.

Nós vimos nos noſſos dias, que o Rei D. Filippe V. conquiſtou o Reino de Napoles, e que ſem tributo algum o deo a ſeu filho ſegundo D. Carlos, hoje III. do nome, e reinante em Caſtella: Que Filippe II. para caſar a ſua filha a Infanta D. Iſabel Clara Eugenia com o Archiduque, a dotou com os vaſtos Dominios do Paiz Baixo livres, e iſentos: Que D. Fernan-

nando o Grande quando repartio por seus filhos D. Affonso, e D. Garcia os Reinos de Leaõ, Portugal, e Galliza o fez sem encargo, ou onus algum para seu irmaõ mais velho D. Sancho, Rei de Castella. Pois com este exemplo taõ fresco de seu memoravel Pai, qual he a impossibilidade que se descobre em elle ser imitado por D. Affonso seu filho, e este dotar sua filha D. Theresa com o Reino de Portugal, tambem livre, sem feudo, ou tributo algum? Ora deixando nós a estes Principes casados, e indo tomar posse, e assistir no seu novo Dominio, antes de continuar com a sua Historia no Livro seguinte, concluio este dizendo: Que na Historia dos primeiros Reis de Portugal se encontraõ absurdos innumeraveis, e que nos embaraços da confusaõ, a cada passo tropeça a diligencia. Nós naõ podemos valer-nos da authoridade, e soccorro das Chronicas, que daquellas idades naõ as temos. Nellas, seja pela sinceridade, ou seja pela ignorancia, os Portuguezes só queriaõ, que as suas façanhas fossem ou- Era vulg.

vi-

Era vulg. vidas pelo eſtrondo; que a meſma magnificencia ruidoſa das acçõẽs ſerviſſe de pregaõ immortal a todo o mundo, communicadas de Pai a filho, como em livro ſucceſſivo, na prepetua eſcritura das tradiçõẽs.

Em quanto ás Chronicas, as mais antigas de Portugal ſaõ a de Fernaõ Lopes, a de Ruy de Pina, e as de Duarte Galvaõ: as ultimas eſcritas no Reinado de D. Manoel, e a primeira em tempo de D. Affonſo V., centos de annos depois do Conde D. Henrique, e dos ſeus primeiros Succeſſores já Reis de Portugal. Os nomeados Authores elles eſcrevêraõ com bem pouca liçaõ dos Monumentos, e Eſcrituras antigas, naõ ſeguindo outra luz, ſenaõ a das tradiçõẽs falſas, ou viciadas pelo Povo ignorante, inculcando merecimento no affectado eſtylo, e genero de palavras, que moſtraſſem as ſuas compoſiçõẽs deſpidas de ornatos, que preſumiriaõ lhes podiaõ desfigurar a pureza da verdade, ſe elles o naõ fizeraõ com induſtria na intelligencia,

de

de que aſſim attrahiriaõ o bom goſto dos Leitores do ſeu tempo. Era vulg.

O certo he, que elles com a authoridade da plebe, inxerida nos ſeus Livros deraõ neſtas fontes a beber muitos tragos mentiroſos, que hoje nauzeaõ o delicado goſto da verdade. Muitas occultas, e mal entendidas tem deſcoberto o tempo; que eſte, ainda que o gaſtador das couſas, aſſim como he o melhor interprete das profecias, tambem o eſtimamos pelo mais exacto indagador da Hiſtoria; ſendo bem certo, que ſempre deſcobre mais quem vai diante, e que as viſtas de hoje alcançaõ objectos, que naõ víraõ os olhos de hontem. Eu porém para o illuſtre aſſumpto, que tomo de eſcrever daqui em diante a ſucceſſaõ dos noſſos Reis Portuguezes, os ſeus heroicos feitos, e acçõeſ, deſejo fazer eleiçaõ por bom principio de huma facilidade naõ uſada por alguns dos noſſos Hiſtoriadores; evitando dúvidas, preludios, debates de opiniões, que ſervem de fatigar os juizos, e baralhar a narraçaõ. Em quanto poder, eu irei ſeguindo nos pontos

até

Era vulg. até agora duvidoſos hum fio ſem encalho preſo a huma grande liçaõ precedente, e dando paſſos continuados movidos pela critica, que me parecer mais ſegura, para evitar os tropeços, e naõ me perder nos labiryntos da Hiſtoria Portugueza, que em tudo quero conforme a verdade, e veroſimilidade, que ſaõ a alma de todas as Hiſtorias.

Porque a vida, qualidade, e mais circunſtancias de D. Henrique depois de Conde Soberano, e Senhor de Portugal ſaõ o Chéfe de obra, que deve authorizar o grande, e volumoſo corpo da minha Hiſtoria Portugueza; para melhor percepçaõ das ditas circunſtancias, qualidade, e vida, eu tratarei com ſeparaçaõ dos pontos até agora duvidoſos: repetindo o que já diſſe, que o Conde D. Henrique, com outros Principes da ſua caſa, veio a Heſpanha attrahido dos deſejos de ſe fazer recommendavel pelas armas: que entaõ reinava D. Fernando o Grande: que quando eſte repartio os Reinos por ſeus tres filhos, o Conde na adver-

versa, e prosperа fortuna, seguio sem- Era vulg.
pre a D. Affonso VI.: que o acompanhou nas guerras mais arriscadas, que teve com os Mouros: que obrou gentilezas em armas merecedoras do premio de hum Reino famoso, e o matrimonio de huma alta Princeza.

LIVRO VIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Conde D. Henrique, depois de Soberano de Portugal, vem para eſte Reino com ſua mulher, e ſe trata das qualidades deſtes Principes.

Era vulg. 1093

CORRIA o anno de 1093, quando o Rei D. Affonſo VI. deſaſſombrado do terror, que cauſou em Heſpanha a vinda das poderoſas armas de Joſeph, Rei dos Almoravides de Africa, e retiradas ellas dos campos de Alagueto, em Andaluzia rodeadas do temor, que lhe cauſára a viſta, e ordem do exercito do meſmo D. Affonſo: Eſte, em remuneraçaõ dos ſerviços, que antes lhe tinhaõ feito, e entaõ acabavaõ de lhe fazer os dous Principes de Borgonha Raimundo, e Henrique, e o Conde do Toloſa Raimundo, os caſou com tres filhas ſuas, e lhes deo os do-

dotes, que eu deixo dito no Capitulo III. do Livro precedente. D. Henrique, como no meſmo lugar ſe declára, recebeo a D. Thereſa, e foi dotado com as terras que Caſtella poſſuia em Portugal, e as mais que conquiſtaſſe aos Mouros até ao Téjo, e Guadiana com o titulo de Conde Soberano, ſem encargo, obrigaçaõ, ou tributo, que tambem naõ nos conſta foſſe impoſto aos outros dous Principes. Era vulg.

Depois de celebradas as vodas, D. Affonſo licenciou ao Conde, para que com ſua mulher vieſſe deſcançar das ſuas longas fadigas militares, e tomar o goſto ás delicias do novo Dominio, já como Principe independente. Elle foi recebido nos coraçõeſ de Portugal, com prazer, e alegria da gente, que deſde a ſua origem nada deſejava tanto, como ver no Throno huma Mageſtade natural unicamente ſua. Se os homens de entaõ ſouberaõ quem era o ſeu novo Soberano, os que ſe ſeguíraõ depois no largo tranſcurſo de 500 annos, totalmente o ignoráraõ. Que vergonhoſa, ou eſtupida igno-

Era vulg. rancia em ponto de taõ alto, e importante caracter! Ella em todos os cinco Seculos naõ ſó comprehendeo Portugal; mas a Heſpanha, ambos os Eſtados involvidos no meſmo tenebroſo cáhos das dúvidas mais groſſeiras. Os ſeus reſpectivos Hiſtoriadores cada qual ao proprio arbitrio ſe engolfava no mar procelloſo de conjecturas, e davaõ ao Conde D. Henrique os Pais, e a Patria, que cada qual penſava. A grandeza do ſeu naſcimento todos a ſabiaõ; a origem delle todos a ignoravaõ.

Neſte tropel de confuſões já faziaõ ao Conde de Naçaõ Hungaro, deſcendente dos Reis de Hungria, já Grego da caſa dos Imperadores de Conſtantinopla, já Flamengo originario de Limburgo, e já Lorenez da grande familia dos Duques de Lorena ſem lhe nomearem Pais. Aſſim andáraõ ás apalpadellas todos os Eſcritores antigos, e entre elles Duarte Nunes de Leaõ, que ſe acertou com a Caſa, donde o Conde deſcendia, errou inteiramente os Pais de quem naſcêra. Hoje pelos do-

documentos irrefragaveis, que ſe tem deſcoberto, alguns do meſmo tempo da vida do Conde; ſabemos, que elle era natural do Ducado de Borgonha, filho de Henrique, Duque de Borgonha, e da Duqueza Sybilla, filha de Renato, Conde de Borgonha: neto de Roberto I. de França, Duque de Borgonha: biſneto de Roberto, Rei de França: terceiro neto de Hugo Capeto, Chéfe, e tronco dos Reis chamados na meſma França Capetingios. Na ordem do naſcimento precedêraõ ao Conde ſeus irmãos Hugo I., Guido I., ambos Duques de Borgonha, e Roberto, Biſpo de Langres. Com o ſangue de taõ altos Principes he grande o noſſo D. Henrique, e foi muito maior pelas virtudes proprias. Era vulg.

Outra dúvida impertinente, que dura até hoje, ſe levantou a reſpeito da legitimidade, ou baſtardia de D. Thereſa, mulher do Conde, como ſe Portugal, ou a ſua gloria ſe desfiguraſſe ſe ella foſſe baſtarda, ou ſe mais reſplandeceſſe a ſer legitima. Pertender illuſtrar a Patria com apparencias,

Era vulg. e accidentes val tanto como querer qualificar as cores pelas viſtas de hum cégo. Nem Portugal ſe disfigurou, nem a nós nos deve fazer eſpecie, que hum Principe Eſtrangeiro, filho quarto, por iſſo pobre, caſaſſe com a baſtarda de hum Rei grande dotada com hum Reino, quando depois naõ ſe deſluſtrou Portugal porque D. Affonſo III. caſou com a baſtarda de outro Rei de Caſtella, da qual deſcendem tantos Reis. Depois diſto as baſtardias tanto naõ deſluſtráraõ, e desfiguráraõ os Reinos, que antes illuſtráraõ e fizeraõ mais brilhantes as Coroas D. Joaõ I. baſtardo em Portugal, e Henrique o Magnifico baſtardo em Caſtella.

He verdade, que eu no VI. Tomo da minha Aula da Nobreza Luſitana, em que eſerevi hum reſumo da Hiſtoria de Portugal, contra o ſentir commum dos Hiſtoriadores Portuguezes, e Heſpanhoes, ſegui que D. Thereſa era filha legitima do Rei D. Affonſo VI., fundado nos argumentos, com que aſſim o perſuadem Duarte

Nu-

Nunes de Leaõ, e D. Joſé Barboſa no Catalago das Rainhas de Portugal. A materia na verdade he de difficultoſa deciſaõ, nem eu quero encarregar-me della. Sómente direi pela parte da baſtardia, que o maior número de Eſcritores das duas Naçõeſ ſeguem eſte rumo, e eu naõ lhe diſputo ſe elles tomáraõ bem a altura. Pela da legitimidade devo dizer, que o Rei D. Affonſo teve ſeis, ou ſete mulheres, e ha quem aſſegure, que D. Ximena Nunes de Guſmaõ, Mãi de D. Thereſa, foſſe huma dellas, e que o Arcebiſpo D. Rodrigo, por deſafeiçoado aos Portuguezes, a dera a conhecer naõ por mulher; mas por concubina do dito Rei. Era vulg.

Naõ ha dúvida, que Duarte Nunes abraçou eſte parecer do Arcebiſpo; mas elle ſe retratou, logo que o ſeu coutemporaneo André de Reſende lhe moſtrou o original das Antiguidades Luſitanas, aonde ſe fazia menção de huma Chronica Caſtelhana, que elle tinha em ſeu poder, ſetenta annos mais antiga, que o Arcebiſpo D. Rodrigo, eſcrita, como ſe deve

en-

Era vulg. entender, no anno de 1175, em que ainda reinava D. Affonſo Henriques. Ao Author do Catalogo das Rainhas ſe fez incrivel, que huma ſenhora taõ chegada ao ſangue Real, como era D. Ximena, neta do Infante D. Ordonho, ella houveſſe de ſer concubina de hum Rei, que naõ ſó recebeo mulheres filhas dos ſeus vaſſallos; mas que até caſou com a Moura Zaida, depois chamada Iſabel, filha de Alen-Aber, ou Hamet, Rei de Sevilha. Elle pondéra, que o antigo uſo de Heſpanha naõ permitia, que ſe intitulaſſem Rainhas, e Infantas as filhas dos Reis, que naõ foſſem legitimas, e porque D. Thereſa o era, por eſſa razaõ ſe encontra nomeada com ambos os titulos em muitas Doaçõeſ, e Eſcrituras do ſeu tempo. Elle avança o projecto, e diſcorre naõ ſer veroſimil, que levando ella o maior dos dotes, que ſeu Pai deo ás filhas ſegundas, ſem contradiçaõ dos Póvos de Heſpanha, que ſe deſmembravaõ, nem dos de Portugal, que entravaõ em novo dominio; elle o houveſſe de fazer a huma filha baſ-

baſtarda, ficando as legitimas prejudi- Era vulg.
cadas, e de inferior condiçaõ.

Ora ſeja D. Thereſa filha legitima, ou baſtarda de D. Affonſo VI., que ella baſtarda naõ desfigura a Portugal, nem legitima o illuſtra, naõ ſó porque a eſſencia das Monarquias em ſi meſma he luminoſa; mas porque os filhos illegitimos dos Soberanos naõ devem ſer notados com defeito igual ao dos baſtardos dos homens particulares, nem correr com elles iguaes parelhas: idéa verdadeira, que ſe firma nos exemplos da Eſcritura Santa, aonde ſomos inſtruidos na eleiçaõ, que Deos fez de homens illegitimos para firmes columnas do ſeu Povo, e para executores diligentes dos ſeus deſignios. Nós juſtamente devemos crêr deſignadas, e eſcolhidas pelo meſmo Deos as peſſoas, que occupaõ os Thronos; e naõ póde faltar a ellas a gloria humana por hum defeito da natureza, quando elle fica ſuperabundantemente glorioſo pela eleiçaõ divina.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Se D. Henrique, e ſua mulher D. Thereſa haõ de ſer eſtimados ſó por Condes Soberanos, ou reconhecidos legitimos Reis de Portugal.

A LEMBRANÇA que dá materia para eſte Capitulo naõ he minha; mas acaſo encontrada em hum erudito Eſcritor Italiano inclinado a Portugal, que preſumiria derramar-lhe nella hum ſuave aroma, ou derreter-lhe hum incenſo cheiroſo. Eu bem ſei, que eſta opiniaõ parecerá irriſoria naõ ſó áquelles, que a qualquer diſcurſo naõ vulgar daõ o nome de novidade; mas a todos nós, que ſabemos muito bem naõ haver D. Henrique tomado já mais o titulo de Rei, nem uſar das inſignias Reaes, e que nós nunca o reconhecemos ſenaõ como hum Conde Soberano. Bem póde ſer, que eſtimaſſem, e ſeguiſſem a opiniaõ Italiana os que diſcorrêraõ: Que D. Affonſo VI. como ſabia avaliar merecimentos, pagára os

de

de D. Henrique com o Governo de Portugal, dando-lhe depois o dominio: reſoluçaõ, que elle tomaria para ſatisfazer os Portuguezes, e lhes diminuir, ou fazer perder a memoria do ſeu proprio Rei D. Garcia com a authoridade, e virtudes de hum Principe, como D. Henrique: Que elle no fundo do ſeu eſpirito guardaria os intentos de deixar voluntariamente aos meſmos Portuguezes o Eſtado, que temia podeſſem elles arrancar do ſeu poder com a força: Que D. Affonſo havia penſar bem, como elles, ainda que opprimidos pelos Mouros, naõ tinhaõ perdido as inclinaçõeſ, e ſe lembravaõ, de que Portugal deſde a ſua origem ſempre fora Reino: Que os ſeus Principes em todas as idades tinhaõ ſido eleitos pelos ſeus Póvos, e que os de Caſtella ſeus dominantes ſem eſta circunſtancia da eleiçaõ livre, elles naõ podiaõ deixar de os olhar como a intruſos. Era vulg.

Ora para liſongear eſtes genios delicados, que aſſim penſaõ, e divertir os meus Leitores, deixando-os preve-

Era vulg. venidos, de que D. Henrique ſó foi Conde Soberano ſem tomar o titulo de Rei, nem uſar das inſignias Reaes: eu exponho os fundamentos, que me lembrarem, ſobre os quaes o erudito Italiano quer perſuadir, que D. Henrique, e ſua mulher D. Thereſa foraõ verdadeiros, e legitimos Reis de Portugal.

Elle principia pelo direito da liberdade dos Portuguezes, natural em todas as Naçõeſ, e que elles ſempre tiveraõ de eleger hum Rei, que os governaſſe deſde a primeira Povoaçaõ da Luſitania atégora. Elle a deſcreve invadida pelos Gregos, Tyros, Celtas, Carthaginezes, e os ſeus moradores entaõ da ſua liberdade taõ zelooſos, que ſem embargo das muitas guerras com eſtas Naçõeſ, elles inſiſtiraõ ſempre proteſtando a violencia, com que a maior força lhes opprimia o Livre Arbitrio. Depois de vencidos os Carthaginezes, elle os moſtra ſubſtituidos pelos Romanos, que com o pezo das ſuas armas quizeraõ ſugeitar a ferocidade dos eſpiritos Luſitanos; mas que

eſ-

eſtes em innumeraveis encontros aba- Era vulg.
têraõ a reputaçaõ eſtrondoſa dos Romanos, e que para ſacodirem o ſeu violento jugo, elles elegeraõ os Apimanos, os Canchenos, os Viriatos, os Sertorios, e outros Chéfes, aos quaes obedeciaõ voluntarios, porque os elegiaõ livres.

Continúa o diſcurſo dizendo, que os Imperadores Romanos ultimamente dominaraõ a maior parte do mundo conhecido, e que iſſo naõ obſtante, era evidente em todas as Hiſtorias o grande, e continuo cuidado, que ſobre a generoſa corage dos Luſitanos tinhaõ aquelles Dominantes do Univerſo: Que aos meſmos Luſitanos ſó faltava eleger hum Rei na face dos Imperadores, e que eſtes, ſem a eſſencia do dominio, por conta do caracter da reputaçaõ, ſe ſatisfaziaõ, com que a Luſitania foſſe chamada Provincia do Imperio: Que com melhor fortuna vieraõ depois a ella os Alanos, e os Suevos, que juntamente com as armas, traziaõ ſugeitos taõ conformes aos genios Luſitanos, que todos ſe lhes entregáraõ,

e

Era vulg. e de acordo commum convieraõ na eleiçaõ de Reis Suevos, e Alanos, conferindo-lhes o dominio das terras, e das vontades, só porque á satisfaçaõ dellas se faziaõ as eleições: Que seguindo-se a estas Nações a dos Godos, sendo senhores de Hespanha, elles tinhaõ por mais gloriosa a sugeiçaõ da Lusitania; e que ainda que ella muitas vezes recaisse no seu poder por alliançcas, a eleiçaõ dos Reis sempre era dos Póvos, que por fazerem obsequio aos Principes, esqueciaõ a instituiçaõ do Reino para naõ negarem a propriedade aos benemeritos: Que por varios accidentes, que traz comsigo o lapso do tempo, se mudáraõ os limites da Lusitania, já ampliando-se, já occupando outros Reinos parte das terras, que antes lhe pertenciaõ, conforme prevaleciaõ as forças: Que entre todas as confusões, Lusitania sempre ficára Reino separado, menor que o de Leaõ na grandeza; mas muito superior no esforço:

Que o dominio dos Mouros sim parece, que fizera esquecer nos Lusi-

ta-

tanos o antigo valor, que havia tantos Seculos era a admiraçaõ das gentes, conſervando-ſe largo tempo ſem Rei, que os animaſſe para ſacodir o jugo, e romper os ferros da eſcravidaõ dos Barbaros: Que deſpertando-os da profundidade do ſeu ſono o eſtrondo das façanhas dos Leonezes, elles ſe levantáraõ eſtendendo os membros com força igual á primeira: Que ſe uníraõ aos Reis de Leaõ unicamente movidos dos deſejos da liberdade, e que com as qualidades dos ſeus eſpiritos, augmentando as forças Leonezas, ſe empregáraõ em conquiſtas de importancia notavel: Que ſim era verdade intitularem-ſe os Reis de Leaõ ſenhores das terras, que hiaõ ganhando as eſpadas Luſitanas; mas que os homens, que as manejavaõ, como naõ haviaõ entre ſi eleito Soberano, pela natural competencia das Naçoes, antes quizeraõ com contumacia generoſa, que os Leonezes ficaſſem ſenhores das conquiſtas, que elles faziaõ, do que pôr em practica a partilha igual dos fructos das ſuas victorias: Que conquiſtado quaſi Era vulg.

to-

Era vulg. todo o Reino de Portugal, os Reis de Leaõ ſe arrogáraõ huma authoridade deſpotica para o darem arbitrariamente humas vezes a ſeus filhos, outras pondo nelle Governadores com os titulos de Condes, Principes, Vigarios, e Conſules, ſem que por eſte como deſpotiſmo elle perdeſſe já mais o nome, e as regalias de Reino:

Que aſſim fora correndo o tempo, até que pela morte do Grande D. Fernando, os Portuguezes ſe ſugeitáraõ goſtoſos a hum Rei particularmente ſeu, que foi D. Garcia, e que com eſte Dominio ſeparado do de Leaõ, e Caſtella ſe exaltára novamente a ſua corage, já movidos os eſpiritos para obrarem heroicidades: Que tornando a unir-ſe os Reinos de Heſpanha em D. Affonſo VI., os Portuguezes deraõ as mais ternas demonſtraçõeſ de ſentimento, porque lhe arrancáraõ do Throno com tanta violencia a D. Garcia, que vivia com elles dentro dos limites do ſeu Eſtado: Que D. Affonſo conhecera muito bem a dor dos Portuguezes, que ſe deixava palpar; lembrando-ſe,

de

de que a oppreſſaõ naõ muda as incli- Era vulg.
nações dos Póvos, que ſugeitos com violencia, neceſſariamente haõ de prorromper em forças: Que para evitar eſte contingente deſaire ao credito Real, elle caſára ſua filha D. Thereſa, e lhe dera em dote o Reino de Portugal com o titulo de Condado, como ſe elle tiveſſe authoridade para o privar da dignidade, e eſſencia de Reino: Que naõ obſtava poder-ſe dizer, que chamando-ſe D. Affonſo Imperador das Heſpanhas, elle reſervaria ſobre Portugal aquella authoridade propria dos Imperadores nos Eſtados, de que daõ a inveſtidura, ou que o nomeaſſe em D. Henrique com algum tributo; que ainda no caſo negado de ſe poderem verificar eſtas circunſtancias, D. Affonſo naõ devia ſuſtentar a violencia, que fazia aos Portuguezes em os obrigar a reconhecer Rei eſtranho; e que para ſuſtentar a Soberania, que ſuppunha arriſcada, elle arrancára da ſua Coroa a precioſa pedra de Portugal, e a dera com ſua filha, livre, e independente, a D. Henrique.

De

Era vulg. De tudo quanto até aqui tem diſcorrido o Sabio Italiano, próva elle, que Portugal, ſempre com independencia, e liberdade, nomeando-o D. Affonſo em D. Henrique com qualidade de dote, naõ o podia fazer debaixo de outro titulo, ſenaõ daquelle, que a Portugal pertencia por direito: que como elle em todas as idades ſempre fora Reino, e dotado como Reino a D. Henrique, tambem por direito deve elle ſer eſtimado, e reconhecido legitimo Rei deſſe Reino em razaõ do dote. Aſſeguraõ outros eſpeculativos, que ſe póde entender ſem eſcrupulo, que D. Henrique dera algumas evidencias da juſtiça, que no ſeu interior guardava, e conhecia; que para iſſo dá fundamento ſaber-ſe, que quando elle governava Portugal antes de caſar, ſe aſſinava unicamente Conde, ou porque já o ſería de Aſtorga, ou porque D. Affonſo lhe daria o Governo com eſte titulo: mas depois de caſado, vendo elle a ſua mulher tratada como Rainha, o que conſta ſem dúvida de muitas memorias antigas, e

das

das Cortes de Lamego, começou o Conde a assinar-se só Henrique; e a Rainha, pela qual lhe viera o Reino, para se igualar a seu marido, se assinava unicamente Theresa. Os sectarios da opiniaõ tiraõ por consequencia destes antecedentes, que sendo D. Theresa huma infanta legitima de Hespanha, como elles pertendem, naõ deve juizo algum capacitar-se, que havendo de se lhe dar hum titulo para casar, fosse com abatimento da grandeza, e que passasse de Infanta a Condeça a Senhora que devia sobir á dignidade de Rainha, que lhe competia, e por necessaria resulta a de Rei a seu marido, em razaõ, e por força do dote, que com ella recebeo para si, e para os seus Successores. Era vulg.

Avança o Italiano instruindo o seu discurso, e diz: que a intrusaõ dos Mouros naõ destruio em Portugal a prerogativa de Reino, nem o Rei D. Affonso o podia privar della, quando para se aniquilar direito taõ importante, era necessario, que o Reino sendo vassallo, ou herança legitima, e tendo

Era vulg. jurado preito, e homenagem, cometteſſe crime de leza Mageſtade: que ainda neſte caſo devia preceder conhecimento juridico, e as ſolemnidades, que o direito requer, para depois de ſentença definitiva, o Reino ſer reduzido a Provincia. Ora iſto ſuppoſto, nós eſtamos inſtruidos, em que Portugal naõ era herança legitima, nem vaſſallo do Rei de Leaõ, nem taõ pouco lhe fizera preito, e homenagem: mas no caſo, de que tudo houveſſe, elle naõ cometteo crime, nem foi julgado traidor, e ſentenceado Réo. Elle tambem naõ foi conquiſta do Rei D. Affonſo; mas huma uſurpaçaõ feita a ſeu irmaõ D. Garcia, já aceito, e reconhecido Rei pelos Póvos. De tudo iſto infere elle, que havendo D. Affonſo de deixar o Reino, naõ o podia fazer ſenaõ com o titulo, com que o tirou a ſeu irmaõ, e com que elle depois o poſſuio; e que dado em dote a D. Henrique, eſte ficára ſendo ſeu legitimo Rei.

Em quanto á dúvida deſte Principe nunca cingir a Coroa, naõ uſar

das

das insignias Reaes, nem tomar o titulo de Monarca; circunstancias, que parece o privaõ do direito para ser tido, e chamado Rei: a isto respondem com duas razões; huma porque D. Affonso naõ o determinaria, e D. Henriqne sem reconhecimento expresso da sua vontade naõ quereria em seu obsequio intitular-se Rei, nem usar das devisas Reaes: a segunda mais forçosa, dizem que sería, porque os Portuguezes naõ quereriaõ reconhecer logo huma investidura, que vinha das mãos, e arbitrio do Rei de Castella, e pertenderiaõ conservar independente no Reino o direito da eleiçaõ dos Principes, conformes com a razaõ natural, divina, e das gentes, commua a todas as Nações; naõ querendo obrigar-se a si, e aos seus Successores por actos positivos, e solemnidade dos juramentos a receber a succesaõ dos seus Soberanos por hum modo hereditario. Era vulg.

Naõ consideraõ os apaixonados desta honra verdadeiramente positiva, com que elles entendem, que honraõ, e illustraõ a Portugal, tenha força al-

Era vulg. guma poder-ſe dizer , que os Portuguezes por naõ repugnarem receber eſte Principe de maõ alheia , os privou a elles da liberdade da eleiçaõ , e a D. Henrique da dignidade de Rei : Que ſe deve advertir , que os Portuguezes eſtavaõ nas idades em que ſe elegiaõ para Reis aos melhores homens ; e que como a qualidade do ſangue , a grandeza do valor , a probidade da vida eraõ em D. Henrique huns como attributos da alta magnificencia , elles os moviaõ a moſtrar-ſe goſtoſos no ſeu prudente , e animoſo Governo.

Conſidera-ſe , que entaõ o principal projecto dos Portuguezes , o ſeu unico ponto de viſta era livrar-ſe da ſugeiçaõ dos Mouros : Que vendo elles como a eſpada de D. Henrique aſſim o executava , ſoffrêraõ calados a ſuavidade do ſeu dominio , ſem procurarem , nem moverem nelle novidades : Que morto D. Henrique , deixando elle no filho hum exemplar das ſuas virtudes , obſervâraõ nelle as meſmas igualdades de valor , de idéas , de magna-

gnanimidade; e como ſe os corações Era vulg.
naõ lhes coubeſſem nos peitos, nem os ſeus Principes eſtiveſſem ſem o público reconhecimento da Mageſtade, que lhes era devido, elles o acclamáraõ Rei nas campanhas de Ourique ao ſom das caixas, ao ruido dos inſtrumentos bellicos, como nas idades antigas o praticavaõ os ſeus Predeceſſores.

Ora eſtas ſaõ as razões, com que ſe pertende imprimir em D. Henrique o caracter de legitimo Rei de Portugal: Rei em potencia, e os actos ſó de Conde Soberano no Dominio, que lhe foi dado em dote com ſua mulher. Em fim, a variedade dos ſentimentos, e da critica eſtime a D. Henrique Conde, ou Rei; elle gozou o Eſtado livre, e independente aſſim como o tem poſſuido os ſeus Succeſſores até agora. Sem embargo do que deixo dito a reſpeito deſta liberdade do Reino, ſempre devo aqui advertir, que ambas as Nações Portugueza, e Caſtelhana defendêraõ o ſeu partido: os Portuguezes moſtrando, que a ſua Monar-

Era vulg. narquia em todas as idades fora livre; os Caſtelhanos, que lhe tinha ſido ſugeita. Eſtes tiveraõ de ſe calar, quando ſahio a público o terceiro Tomo da Monàrquia Luſitana, aonde o Doutor Brandaõ fez evidente a primitiva liberdade de Portugal.

Renovou-ſe a contenda no tempo da Acclamaçaõ do Rei D. Joaõ o IV., e entaõ ſe ſoltáraõ as pennas Caſtelhanas, eſcrevendo com mais audacia, que juſtiça, com mais inſolencia, que verdade. Além do ſabio Joaõ Caramuel, e outros varios, D. Nicoláo Fernandes de Caſtro vibrou a ſua como ſeta deſpedida do arco, e com a força das injurias pertendeo dar firmeza ao direito de Heſpanha. A ſeta porem ſe voltou contra a cabeça do ſagitario, quando o inſigne Velaſco de Gouvea lhe deſtruio na reſpoſta os fundamentos, abateo a ſoberba, e fez callar a arrogancia.

Confirmaçaõ do titulo ſó ao Papa ſe pedio entaõ: tributo ſó por piedade Portugal o impoz a ſi meſmo para o pagar á Santa Sede Apoſtolica,

ca, e á Senhora de Claraval, ſe he que alguma occaſiaõ o ſatisfez. O Papa confirmou o titulo em D. Affonſo Henriques ſem alguma dependencia de Caſtella. Nas Cortes de Lamego perguntou o Procurador do Rei aos Eſtados; ſe queriaõ, que o ſeu Rei foſſe ás Cortes do de Leaõ, e lhe pagaſſe tributo, ou a outro Soberano, que naõ foſſe o Pontifice por devoçaõ, e agradecimento de lhe haver confirmado o titulo? Que ouvida eſta propoſta, intoleravel para os eſpiritos Portuguezes, elles deſembainháraõ as eſpadas, e reſpondêraõ: Que elles eraõ livres, e livre o ſeu Rei; que ſe alguem em tal conſentiſſe, morreſſe; e que ſe foſſe Rei, ſebre elles naõ governaſſe. Ora deſta propoſta do Procurador ſe infere com bem evidencia, que os Portuguezes até entaõ naõ pagavaõ tributo algum a Caſtella, e que Caſtella entaõ o pertenderia. Mas a reſoluçaõ Portugueza, já com Rei proprio na ſua teſta, bem capaz naquelle tempo de negar tributos, ſe na realidade os pagaſſe, mal ſe ſugei- Era vulg.

taria

Era vulg. taria ella a ſatisfazer o que nunca deveo. Pois como Portugal ſempre foi Reino, e ſempre livre, ſeja D. Henrique eſtimado com imaginações de Rei, ou attendido com realidades de Conde, elle foi Soberano de Portugal livre, e independente da ſugeiçaõ de Caſtella.

CAPITULO III.

Trata-ſe a duvidoſa paſſagem hiſtorica da jornada do Conde D. Henrique á Paleſtina em huma das Cruzadas.

MUITO diſputaõ entre ſi os noſſos Hiſtoriadores a pertendida jornada do noſſo Conde D. Henrique á Paleſtina, como hum dos Chéfes nomeados para a conquiſta da Terra Santa, que huns concedem, outros negaõ, e he eſta jornada hum dos problemas da noſſa Hiſtoria. Os ſequazes da opiniaõ affirmativa dizem, que no anno de 1094, ligando-ſe D. Affonſo VI. com os mais Principes Chriſtãos para a expediçaõ da Paleſtina debaixo do Commandamento

to de Godofredo de Bulhaõ, elle man- Era vulg.
dára hum importante ſoccorro, e por General delle ao Conde D. Henrique, por ſer parenre muito chegado da maior parte dos Principes, que tinhaõ abraçado a Cruzada, e marchavaõ no exercito com Godofredo. Sem paſſar adiante, logo aqui me lembro, que os ſequazes deſta opiniaõ naõ advertíraõ, que neſte tempo era impoſſivel a D. Afonſo VI. divertir hum ſó homem dos ſeus Reinos, quando elles eſtavaõ atacados por todo o poder dos Almoravides: Que a meſma impoſſibilidade tinha o Conde D. Henrique para ſer o General do imaginado ſoccorro havendo apenas hum anno, talvez naõ completo, que era caſado, e havia tomado poſſe de Portugal, hum Eſtado, que naſcia, já orfaõ do pai apenas em mantilhas.

Ninguem acompanhou ao Conde na jornada mais inſeparavel da ſua peſſoa, que Manoel de Faria e Souſa. Elle ſoube, que D. Henrique adorára edificante os Lugares Sagrados de Jeruſalem: que obrára façanhas taõ fóra

da

Era vulg. da ordem vulgar, que admirárão as Nações congregadas, e aos seus Chéfes mais aguerridos: que merecêra ao novo Rei da mesma Jerusalem Godofredo as mais distintas honras, e hum sentimento extremo da sua partida: que elle trouxera comsigo o ferro da lança, que abrira o Lado de Jesu Christo; parte da Coroa de espinhos, hum Çapato da Senhora, huma touca da Magdalena, hum braço do Evangelista S. Lucas, e que no anno de 1099 se recolhêra a Portugal coberto de mais brilhantes glorias.

A multidaõ de opiniões, o tropel de dúvidas sobre a pertendida jornada do Conde, seja no tempo, e anno da sua partida, seja sobre em qual das Cruzadas elle se incorporou, seja sobre se elle na realidade foi, ou deixou de ir; isso occupou Seculos de estudos, levou idades em disputas, e ainda hoje naõ deixa de enredar alguns espiritos em controversias, quando çom ambas as mãos se palpaõ as razões mais sólidas, que mostraõ, senaõ impossivel, muito difficultosa se-

me-

melhante viagem. Pondo de parte a Era vulg.
que eu acabo de expender no primeiro paragrafo deſte Capitulo, que he bem forte, naõ parece juſto entender-mos nós da circunſpecçaõ do Conde D. Henrique, que foſſe elle o que abriſſe em Portugal o exemplo para o Rei D. Sebaſtiaõ paſſar o mar a empenharſe temerario em huma guerra arriſcada ſem ter ſegura a ſucceſſaõ da Monarquia.

Os que tem por certa a jornada do Conde no anno de 1094, dizem que quando fora a ella, já D. Affonſo Henriques era naſcido, e por conſequencia ſuas irmãs, que todas foraõ mais velhas, que elle. O Pai tinha caſado no anno antecedente de 1093. No de 1094 poderia ſer naſcida a primogenita D. Sancha. Os mais partos das outras duas Infantas foraõ nos annos ſeguintes, naõ conſtando, que ellas naſceſſem gemeas, e o de D. Affonſo Henriques foi no anno de 1109, como ſe próva do irrefragavel teſtemunho do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, tres annos antes da morte

do

Era vulg. do Conde ſeu Pai. De ſórte, que ſe eſte foſſe á Paleſtina o faria com menos de hum anno de caſado, ſem filho algum, ou deixando a Rainha pejada, ou a Infanta D. Sancha naſcida de pouco: mas a D. Affonſo Henriques de modo algum naſcido, nem concebido.

Depois diſto, o dote de Portugal, que o Conde obtivera com ſua mulher, naõ era tanto o que era, como o que havia ſer. O que era ſe contraia ás terras de Entre Douro e Minho: o que havia ſer comprehendia as Provincias, que correm até aos Rios Téjo, e Guadiana, deſtinadas para comporem o Eſtado de Portugal dotado ao Conde, e aos ſeus Succeſſores. Quando eſte caſou, todas ellas eſtavaõ em poder dos Mouros, e delle haviaõ ſer arrancadas naõ por negociaçõeſ, ſenaõ pela força. Juizo algum prudente ſe deve capacitar, de que o Conde, hum Principe taõ illuminado, houveſſe de ir empenhar-ſe a mil legoas de diſtancia, em huma guerra eſtranha, ainda que chamada de Religiaõ; deixando deſembaraçados, para cometterem

rem maiores inſultos, aos inimigos uſurpadores da caſa, que era ſua, e donde os havia expulſar com armas, que levadas á Paleſtina poderiaõ dar-lhe gloria; mas naõ intereſſe algum ao ſeu novo Dominio, Era vulg.

Que D. Affonſo no tempo que ſe diz naõ podia mandar ſoccorros ao Oriente, os ſeus meſmos Succeſſos o comprovaõ. Depois de caſados os tres Principes com ſuas filhas no anno de 1093; depois delle fazer retirar dos campos de Andaluzia a Joſeph, Rei dos Almoravides; eſte paſſou a Africa, e juſtamente receou D. Affonſo, que elle foſſe refazer as forças para voltar a Heſpanha, deſaffrontar as injurias. Elle o temeo tanto, que na meſma Heſpanha naõ ſoava mais que guerra, ſó ſe via alliſtar gente, reparar Praças, e contrair allianças para a ſegurança commua. Naõ era logo poſſivel, que D. Affonſo fazendo tantas prevenções para a defenſa dos ſeus Reinos, neceſſitando de armas, e de gente, pedindo ſoccorros alheios, elle os mandaſſe das forças proprias enfraquecendo, e

pon-

Era vulg. pondo o Eſtado nos termos de tornar a ſer preza dos Africanos.

Tambem he huma demonſtraçaõ, que o Conde D. Henrique nos annos marcados da Cruzada, em que o imaginaõ ſervindo na Paleſtina, elle eſtava em Heſpanha no ſerviço de ſeu Sogro. Depois que eſte perdeo a batalha de Cazalla, ou de Sagulias, donde ſe retirou naõ ſem gloria, e que depois della o caſou com ſua filha, ſuccedeo o deſafio do Cid Ruy Dias com ſeus genros os Infantes Condes de Carrion, e nelle dizem foi o Conde D. Henrique o Mantenedor do campo. Eu referirei eſta paſſagem da Hiſtoria ſuccedida nos annos da pertendida jornada do Conde. O Cid havia caſado a ſuas filhas D. Elvira, e D. Sol com aquelles dous Principes, que eraõ dous extremos de covardia; e na Cidade de Valença, depois de conquiſtada por ſeu Sogro, déraõ elles próvas públicas, e vergonhoſas da ſua fraqueza com inexplicavel ſentimento do Cid, monſtro de valor. Aconſelhados por ſeu tio D. Suero para ſe retirarem com

as

as eſpoſas da ſua face, e recolher-ſe ás ſuas terras, lhe pediraõ licença, que elle lhes concedeo goſtoſo, e os acompanhou até a fronteira de Caſtella. Era vulg.

Na jornada, já paſſado o Douro, e deſertos de Berlanga, lugar a propoſito para o ſeu inſulto inaudito, os Condes deſpediraõ parte da familia a deligencias affectadas, e com os atrevidos da ſua facçaõ levaraõ as Princezas para o mais intrincado do boſque, deſpiraõ-nas, açoutaraõ-as, feriraõ-nas, e lhes fizeraõ os mais inſolentes deſprezos, valentes com as Damas os dous maiores covardes entre os homens. Deixando-as ao deſamparo, continuáraõ a jornada, e ellas devêraõ a vida, e o remedio das feridas a hum Fidalgo chamado D. Ordonho, que acaſo paſſára, e as fizera curar em huma Aldea. O Cid, incapaz de ſoffrer huma injuria taõ enorme, deſafiou os Condes, a que D. Affonſo mandou lhe reſpondeſſem; bateo-ſe com elles; venceo-os; aſſiſtiraõ o Conde D. Henrique, e ſeu primo D. Raymundo de

Bor-

Era vulg. Borgonha, como Juizes ao combate; e logo depois as Princezas tornáraõ a caſar, huma que foi a D. Elvira, com D. Ramiro, filho do Rei D. Sancho de Navarra, outra, que era D. Sol, com D. Pedro, filho do Rei de Aragaõ do meſmo nome. Logo he impoſſivel, que o Conde D. Henrique eſtiveſſe ao meſmo tempo aſſiſtindo em Heſpanha ao deſafio do Cid, e ſervindo na Paleſtina no exercito dos Cruzados, ſe acaſo eſte deſafio foi verdadeiro.

Sem me fazer a menor eſpecie a fabula da conquiſta de Lisboa pelo Rei D. Affonſo no meſmo anno de 1093, em que o Conde caſou, por naõ ter havido tal conquiſta, que ſervia de hum dos augmentos mais fortes, de que ſe valiaõ os que negavaõ a paſſagem do Conde á Paleſtina, ſem que atégora algum Hiſtoriador ſe valeſſe das ſolidas razões, que eu acabo de expender, naõ ſei ſe por ignorancia, ſe por falta de indagaçaõ, e calculo dos tempos: eu vou a concluir eſta materia dizendo, que em todos os an-

nos

nos que corrêraõ, ou seja do de 1094, ou do de 1096, em que principiáraõ as Cruzadas á Terra Santa, até ao de 1112, em que falleceo o Conde D. Henrique; se achaõ nos nossos Archivos em todos esses annos, com bem pouca interpolaçaõ de tempo, muitas doações feitas, e assinadas pela propria maõ do Conde, naõ por procurações mandadas da Palestina nos seis annos, em que o representaõ nella residente. Era vulg.

Em fim, quando eu na minha Aula da Nobreza escrevi a Historia das Cruzadas, vi muitos Authores que as tiveraõ por particular assumpto das suas composições. Sei de outros, que no mesmo tempo das infelices Cruzadas, de que á Religiaõ naõ resultaraõ mais interesses, que perder a Europa milhões de homens, atear a emulaçaõ incendios de discordias entre os Principes, soffrerem os Latinos immensas injurias, e perfidias dos Imperadores de Constantinopla: nem hum só daquelles Authores faz memoria de hum Principe taõ alto, parente conjunto dos

Era vulg. maiores, que ſe acháraõ nas meſmas Cruzadas, qual era o Conde D. Henrique; iſto ſendo elles na narraçaõ taõ exactos, que nomeiaõ individualmente naõ ſó todos os ditos Principes; mas a todos os Capitães, que ſerviraõ naquella chamada guerra de Religiaõ na Paleſtina. Semelhante ſilencio naõ he para ſe imaginar ſem injuria, que elle foſſe affectado para o Conde, genro, e Chéfe do ſoccorro de hum Rei taõ grande, como D. Affonſo VI., intitulado Imperador das Heſpanhas, e parente chegado do meſmo Godofredo de Bulhraõ, Rei de Jeruſalem; Cunhado dos Condes de Flandres, de Borgonha, de Toloſa, e de outros Principes, que ſervíraõ nas Cruzadas: Silencio, que nos convence elegante, como D. Henrique depois de Senhor de Portugal, nem foi a alguma dellas, nem já mais ſahio das Heſpanhas, aonde ſó ſervio ao Rei D. Affonſo VI. ſeu Sogro, ſem lhe ir fazer ſerviços á Paleſtina.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Das acçõẽs do Conde D. Henrique depois que foi ſenhor do Reino de Portugal.

AS heroicas acçõẽs, que naõ podia deixar de obrar o grande valor de D. Henrique depois de reconhecido Conde Soberano de Portugal, mettido elle em tantas occaſiões, rodeado de Mouros, e para haver de ampliar os confins do Dominio eſtipulados no ſeu dote: humas tem toda a certeza, outras naõ paſſaõ de conjecturas pela falta de Monumentos originada, ſenaõ da ignorancia, do deſcuido. Dezanove annos foi o Conde ſenhor de Portugal, deſde o de 1093, em que caſou, até o de 1112, em que morreo, e ſempre trouxe na maõ as armas, já na conquiſta das Praças de Portugal, já ajudando a ſeu Sogro na guerra de Heſpanha, naõ lhe ſervindo o lugar, que podia ſer de deſcanço, ſenaõ de ſe enſaiar nelle para maiores, e mais glorioſas fadigas.

Era vulg. 1100

Já o Rei D. Affonſo contava igualmente muitos annos, e muitas victorias; já os pezos da velhice, e das armas lhe enfraqueciaõ os membros; já a experiencia lhe moſtrava, que aos oitenta annos dos Potentados ſe ſeguem trabalhos, afflicçaõ, e dor: quando Joſeph, Rei dos Almoravides, acabava a vida em Africa, e nos Eſtados della lhe ſuccedia, juntamente com os de Heſpanha, o arrogante Mouro Hali, que eſtabelecia a ſublimidade do caracter em ſe dar a conhecer por inimigo implacavel dos Chriſtãos. Eſte Principe, apenas ſe vio Rei, ajuntou forças monſtruoſas para com ellas paſſar a Heſpanha, e cortar nella de hum golpe todas as gargantas. Os Mouros mais bravos do noſſo continente ſe lhe incorporáraõ, e com elles Almançor, reſpeitado entre os ſeus por hum raio na guerra, na realidade terror de algumas das noſſas gentes, que lhe experimentáraõ a corage.

A eſte aperto das Heſpanhas acodio o Conde D. Henrique, mais fortemente movido da conſideraçaõ dos an-

annos, e achaques de ſeu Sogro, que o impoſſibilitavaõ para ſahir a campo, e ſer a ſua preſença, como antes, a alma dos ſoldados. Elle achou o exercito prompto, e a expediçaõ encarregada ao Infante D. Sancho, de idade de doze annos, unico Principe varaõ naſcido da Moura Zaida, ou Iſabel, que havia ſucceder a ſeu Pai, e nomeado director do meſmo Infante para as expedições militares ao experimentado, e aguerrido Chéfe D. Garcia, Conde de Cabra, que era ſeu Aio. Nos campos de Uclés ſe encontráraõ os dous exercitos: elles mutuamente ſe olharaõ com reſpeito; mas nenhum ſe eſcuſou á batalha. Ella foi das mais ſanguinolentas, bem diſputada, e o ſucceſſo deo a conhecer a falta, que nella fazia o braço, ou a fortuna de D. Affonſo. Tudo abatêraõ os Mouros; rompêraõ o eſquadraõ, em que hia o Infante; atropeláraõ-no; o Conde D. Henrique ſe lançou ſobre elle para o defender, recebendo muitas feridas, naõ póde impedir, que lhe tiraſſem a vida; morreo o Conde de Cabra com ou- Era vulg.

Era vulg. outros ſete Condes, e foi geral a derrota, o eſtrago, e inconſolavel a dor em D. Affonſo, como dizem Authores Heſpanhoes, e Portuguezes.

Dous grandes eſtimulos cauſou a batalha de Uclés nos dilatados animos do vencedor, e do vencido: hum em Hali, e Almançor procurando outra occaſiaõ ſemelhante, que lhes afiançava o dominio de toda Heſpanha; o
1101 outro em D. Affonſo, que velho, cançado, e enfermo, ſe preparou intrepido, e poderoſo para lhe vingar a affronta. Qual raio deſpedido da nuvem, que aonde encontra mais forte a reſiſtencia, ahi emprega com maior impulſo o tiro; aſſim D. Affonſo, ſaindo com rapidez de Toledo, talou toda Andaluzia, pilhou os campos, rendeo Praças, e plantou os ſeus arraiaes ſobre a reſpeitavel Cordova. Aqui o buſcáraõ os Mouros, e o meſmo foi ſerem deſcobertos, que enveſtidos. Entráraõ a ſaltar no campo cabeças, e turbantes, braços ſem largarem as eſpadas, pernas que ſe deixavaõ cortar para naõ fugir; e o noſſo Conde *D.* Hen-

Henrique vendo a Almançor, foi a el- Era vulg
le com a lança enriſtada para pagar com a ſua vida a morte, que dera em Uclés ao Infante D. Sancho; do primeiro bote tirou com Almançor a terra; poz-ſe em cima delle, e quando hia a cortar-lhe a cabeça, ſe lembrou, que ſeu Sogro mais eſtimaria o preſente deſte homem vivo para elle o ver morrer.

O noſſo Conde entregou a Almançor preſo ao valeroſo Diogo Ordonez para o apreſentar ao Rei D. Affonſo, que logo o mandou fazer em pedaços. Foi o Conde proſeguindo a victoria na teſta de hum eſquadraõ da ſua gente, bem imitadora da corage do Chéfe; rompeo a frente das eſquadras dos Mouros até lhes ſair pela retaguarda, donde outra vez carregou ſobre elles, e já pelo ſeu lado naõ ſe viaõ ſenaõ Mouros mortos, Mouros cortados, Mouros fugindo. Com eſta victoria taõ completa ſe deſpicou Heſpanha, foi vingada a morte do Infante D. Sancho, as armas vencedoras renderaõ Cordova, marcharaõ a ſitiar Sevilha;

D.

Era vulg. D. Affonſo obrigou os Almoravides a recolher-ſe apreſſados para Africa; elle foi recolher as palmas dos triunfos em Toledo, e o Conde D. Henrique voltou para deſcançar em novas guerras a Portugal.

Ainda que elle tinha no ſeu dominio as Cidades do Porto, Coimbra, e Viſeo, na vinda para o Reino aſſentou a Corte na Villa de Guimarães, donde ſahia a dilatar as conquiſtas, e a invadir as terras dos Barbaros, que foraõ vencidos em dezaſete batalhas campaes, além de outros muitos choques. Os feitos em armas, que ſeríaõ obrados em tantas occaſiões, fique á ponderaçaõ dos inſtruidos, já que o empenho que os Portuguezes tinhaõ de obrar calados, nos roubou as memorias do paſſado, a elles a gloria do futuro. A viſta do Principe na face do Eſtado, e na teſta das tropas, he certo fez mudar o ſemblante aos negocios de Portugal, melhorar de fortuna, e avançar a reputaçaõ; que nada inflamma os eſpiritos para obrarem heroicidades como a viſta dos Soberanos

ſem

sem accidentes de delicadeza, que lhe sacramentem a Mageſtade. Era vulg.

Havia entaõ em Lamego hum Rei poderoſo chamado Hecha, feudatario de D. Henrique, que parece eſperava a ſua volta a Portugal para ſe naõ moſtrar covarde ſe executaſſe a rebelliaõ intentada com elle auſente. 1103
Com exercito numeroſo talou o Mouro as terras do Conde, em que fez conſideraveis prezas, que conduzia ſatisfeito, quando eſte lhe ſahia ao encontro, acompanhado de Egas Moniz, que depois foi Aio ſempre lembrado de ſeu filho o Rei D. Affonſo Henriques, para lhe pedir a reſtituiçaõ da preza, e tomar contas da divida da rebelliaõ. Em huma batalha no cume, e nas faldas da Serra Secca pagou elle tudo de contado, até com a entrega da liberdade, e da da Rainha Axa Anzures ſua mulher, que encontráraõ a fortuna na deſgraça, abraçando o Chriſtianiſmo pelas catholicas perſuasões do Conde.

Os vaſſallos ſe eſcandaliſáraõ da mudança de Religiaõ do ſeu Rei Hecha,

Era vulg. cha, e naõ quizeraõ recebello na Corte; mas elle paſſando á de Guimarães, e pedindo a protecçaõ de D. Henrique, eſte Principe em lha conceder ao meſmo tempo augmentou a gloria das armas, e fez lançar á Chriſtandade naquellas terras mais fundas as raizes. Bem caſtigados os revoltoſos, ſe convencionáraõ o Conde, e o Rei, rogando eſte ao ſeu bemfeitor, que para o deixar na ſua auſencia a coberto dos inſultos dos vaſſallos perfidos, encarregaſſe a guarda de todos os Póvos a Fidalgos Portuguezes. Condeſcendeo o Conde em tudo quanto Hecha pertendêra, e deixou por Chéfes das Comarcas a homens de tanta importancia, e de tal caracter, como eraõ Egas Moniz, D. Garcia Rodrigues, e D. Paio Rodrigues ſeu irmaõ: Eſtes Fidalgos hum freio tanto de firmar a desbocada ſoltura dos Barbaros, que o Rei manejava ſem receio as redeas do governo, e elles tiveraõ de parar a carreira da revolta.

1106 Em quanto o Conde ſe entretinha neſtas, e outras acçõ̃es dignas del-

delle, e dos vaſſallos, que commandava; o Rei D. Affonſo ſeu ſogro occupava a velhice veneranda nos cultos da Religiaõ, em horiſontar bem as cartas de todas as virtudes para naõ errar o porto na viagem da Eternidade, com edificar em Toledo, e outras partes de Heſpanha Moſteiros, e Conventos de grande fábrica, que até hoje ſervem de immortaes padrões á ſua memoria. Naõ menos attento á ſucceſſaõ do Reino, que perdêra a varonia na immatura morte do Infante D. Sancho; elle quizera nomear logo Succeſſor a ſeu neto D. Affonſo, filho de D. Urraca já viuva de Raimundo de Borgonha; mas deſconſolava-o a idade muito tenra deſte menino, quando o Eſtado de Heſpanha pedia hum Rei com mãos fortes para as armas, cheio de luzes para a penetraçaõ dos negocios, com cabeça prudente para o acerto das reſoluções, e dos conſelhos. Era vulg.

Neſtas perplexidades, e porque ſua filha D. Urraca, Senhora do Reino, naõ ſe conduzia na viuvez com

Era vulg. a honeſtidade correſpondente á gravidade do eſtado, e caracter da peſſoa; D. Affonſo determinou caſalla ſegunda vez com Principe, que tiveſſe braços para lhe prender as ſolturas, e hombros para ſuſtentar na vida della o pezo da Monarquia. Entendiaõ os Grandes, que haviaõ ambas as qualidades no Conde de Candeſpina, hum dos Senhores mais poderoſos de Heſpanha; iſto com o deſignio, de que Principe Eſtrangeiro, por marido de D. Urraca, naõ os governaſſe em quanto ella viveſſe. Longe deſtes ſentimentos D. Affonſo, elle fez o caſamento com D. Affonſo I., Rei de Aragaõ chamado o Batalhador: Deviſa, que dava a conhecer, que era o Principe, de que Heſpanha neceſſitava para Regente da mulher, e do Reino.

1107 Os Mouros naõ davaõ ao noſſo Conde inſtante de ſocego. Ali Haben Joſeph, que era hum dos ſeus Reis mais poderoſos, ſitiou Coimbra com eſquadrões numeroſos. Ás vozes do aperto, em que a Praça ſe achava, acodio o Conde em peſſoa reſoluto a

ſal-

ſalvalla, ou a fazer completo o triun- Era vulg.
fo dos Mouros com a ſua ruina. Outra tinha de ſer a ſórte, naõ valendo aos Barbaros o número, e a corage para deixarem de juncar de cadaveres os campos de Coimbra, de fugirem ſem acordo, de enriquecerem os Chriſtãos com cativos, e deſpojos. Aproveitáraõ-ſe da diverſaõ de Coimbra os Mouros de Cintra, e de outros lugares viſinhos para ſacodirem o jugo, e naõ pagar os tributos. O Conde os reduzio ao ſeu dever; mas elles tendo outra occaſiaõ de ſe revoltar, conſervãraõ a liberdade até ao tempo do Rei D. Affonſo Henriques.

Em novos empenhos tinha de ſe 1109
metter o noſſo Conde na falta de ſeu Sogro D. Affonſo, que naõ promettia duraçaõ. Quando eſte Soberano ſe occupava com o maior deſvelo em reparar as fortificações de Salamanca, e de Segovia muito arruinadas nas ultimas guerras com os Mouros, o aſſaltou a morte em Toledo aos 79 annos da ſua idade, e 43 de Reinado: Principe pio, e Catholico, modeſto nas

proſ-

Era vulg. proſperidades, conſtante nas deſgraças, juſto em obrar, ſabio em prover, remunerador das virtudes, inflexivel em caſtigar os vicios. Quando Heſpanha ſentia a incomparavel perda do ſeu Rei Heróe roubado pela morte, Portugal ſe enchia de prazer no naſcimento do ſeu Principe D. Affonſo Henriques, unico Varaõ, que tinha de ſer ſeu primeiro Rei, e Progenitor de muitos Heróes Reis.

1110 Pelo dominio que o Conde D. Henrique tinha em Aſtorga com titulo de Condado, como fica dito, e por Galliza até ao Caſtello de Labeira, hum anno depois da morte de D. Affonſo elle ſe deshouve com os Leonezes, e Gallegos, chegando a deſconfiança a público rompimento de guerra. Ganhou o Conde em Leaõ algumas terras, e em Galliza a Cidade de Tuy com a ſua Comarca. Se elle teve eſtas vantagens, e reduzio a Cidade de Leaõ a tal aperto, que o Rei D. Affonſo de Aragaõ, e Navarra o Batalhador, convinha ſe lhe entregaſſe, ſe no eſpaço de quatro mezes naõ foſſe ſoccorrida:

da: os Mouros ſe aproveitáraõ da au- Era vulg.
ſencia do Conde, e tomáraõ Santa-
rem, que fizeraõ Praça de armas reſ- XIII
peitavel até ao tempo de D. Affonſo
Henriques, que a reconquiſtou antes
por força das orações de S. Bernardo,
que pelo valor das ſuas armas.

Como o noſſo Conde eſtava em Aſtorga Soberano, e os Grandes de Heſpanha naõ goſtáraõ do caſamento da Rainha D. Urraca com D. Affonſo o Batalhador; a reſpeito da Tutoria do menino Affonſo, filho da meſma Rainha, e de ſeu primeiro marido D. Raimundo de Borgonha: os eſpiritos ſe deshouveraõ, e o Conde tomou partido contra as idéas do Batalhador. Varias vezes foraõ as ſuas armas vencidas pelas do Conde, que ſe encarregou do Pupillo; mas deſgoſtado das contínuas deſordens, e inconſtancias intoleraveis da Rainha, que ſe declarou formalmente contra ſeu meſmo marido; o Conde, como ſabio, mudou de conſelho, e ſeguio as partes do Batalhador, ajudando-o a derrotar as armas de outros Principes, que ſe ha-

Era vulg. haviaõ deſembainhado a favor da meſma Rainha.

1112 Eſtes empenhos do Conde em tantos negocios facilitáraõ aos Leonezes a reſtauraçaõ de quanto tinhaõ perdido, quando eſteve auſente de Aſtorga, que tambem ſe levantou contra elle. Marchou o Conde a recobralla; mas a morte lhe impedio o logro da empreza, e pôz termo a huma vida igual nas glorias, e nos trabalhos. Os vaſſallos, que o amavaõ, ficáraõ com os coraçõeſ partidos, mais ſenſiveis, tanto pela falta do ſeu valor para as occaſiões, quanto pela tenra idade do Infante, que na de tres annos, inhabil para os negocios de hum Eſtado novo, apenas ſervia de meio alivio á ſaudade. O ſeu cadaver foi trazido á Cidade de Braga, e collocado na Capella dos Reis, aonde eſteve até ao anno de 1513, em que o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa o trasladou com os oſſos da Rainha D. Thereſa ſua mulher para a ſoberba ſepultura, que lhes mandou lavrar na Capela mor da Sé.

O

O Conde D. Henrique foi hum Principe intrepido, cheio de magnanimidade, rodeado de prudencia, acautelado em diſpôr, affouto em executar, ſabio em prevenir, o meſmo homem em ambas as fortunas, grato a ſeu Sogro, que o enriqueceo, reconhecido a Deos, que o fez grande, nas expedições militares audaz, nos cultos da Religiaõ piedoſo. Elle teve quatro filhos legitimos, que foraõ, a Infanta D. Sancha, mulher do Conde D. Fernaõ Mendes; a Infanta D. Urraca, que caſou com o Conde D. Bermudo Peres de Trava; a Infanta D. Thereſa, mulher de D. Sancho Nunes Barboſa, grande Senhor em Galliza; e o Infante D. Affonſo ſeu Succeſſor, que naſceo em Guimaraães a 25 de Julho de 1109, como conſta do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, que tirou todas as dúvidas taõ debatidas ſobre o anno certo do naſcimento deſte Principe. Era vulg.

Fora do matrimonio, e em mulher de qualidade teve o Conde D. Henrique filho a D. Pedro Affonſo, que os

Era vulg. primeiros annos da ſua idade os gaſtou acompanhando a ſeu irmaõ nas guerras de Portugal, aonde foi o primeiro Meſtre de Aviz, e ſe diſtinguio com eſpecialidade no eſcalamento de Santarem. Em França, aonde foi hum dos Pares, travou amizade particular com S. Bernardo, e o reſto da vida o empregou na Religiaõ inſtituida pelo meſmo Santo, recolhido no Moſteiro de Alcobaça, aonde deſcançaõ as ſuas cinzas. Teve D. Pedro eſtatura, e forças de gigante, que empregou em muitas occaſiões de honra tanto em França, como em Portugal, até hoje com memoria reſpeitavel nas tradições, e nos eſcritos. Toda a vida praticou as doutrinas, com que o educára ſeu eſtimavel Aio D. Fuas Roupinho, e movido por huma viſaõ de S. Bernardo depois de glorioſo no Ceo, ſantamente viveo treze annos, e morreo ſeu Religioſo em Alcobaça depois de fazer tremer aos Mouros valente.

O zelo Catholico do Conde D. Henrique naõ ſe ſatisfazia ſó com arrazar Meſquitas, ſem que ao meſmo tem-

tempo levantaſſe Igrejas conſagradas ao verdadeiro Deos, que ornava de Prelados dignos, e enriquecia com maõ liberal. Bem abonavaõ eſta verdade as de Braga, de Coimbra, de Lamego, de Viſeo, e do Porto, aonde reſplandecia a piedade, aſſim como nas obras públicas a grandeza; humas, e outras padrões de immortal gloria para o ſeu magnifico Fundador. Viveo o Conde 77 annos; foi ſenhor de Portugal mais de dezanove, e poucos menos ſeu Governador. Alguns o reconhecem Rei; mas em potencia, que quanto aos actos elles ſó foraõ executados debaixo do titulo de Conde Soberano. Teve eſtatura grande, grande alma, grande coraçaõ, forças grandes, preſença formoſa, agrado ſem affectaçaõ, e circunſpecçaõ natural. Foi Pai da Patria, e como tal chorado pelos vaſſallos na occaſiaõ da morte, quando elles neceſſitavaõ mais da ſua vida. Era vulg.

Deſde o tempo de S. Pedro de Rates, Diſcipulo de Sant-Iago, e primeiro Arcebiſpo de Braga, ſe conſer-

Era vulg. vavaõ em Portugal veſtigios da vida Eremitica na peſſoa de Felix, que viveo embrenhado nas montanhas de Rates junto á meſma Cidade. Agora, na vida do Conde, ſe vio ella renovada nas eſpeſſuras da Serra de Oſſa, em cuja altura pozeraõ os pés Varões, ou Gigantes taõ eminentes, que davaõ com a cabeça no Ceo. Ainda hoje nos edificaõ neſta reſpeitavel ſoledade os benemeritos filhos do grande Eremita S. Paulo, que com os ſeus ſantos exercicios ſaõ columnas da Igreja Luſitana.

Finalmente o Conde D. Henrique, que ſendo Principe de taõ alta linhagem podia uſar das Armas da ſua caſa de Borgonha, elle naõ quiz apparecer em Heſpanha ſenaõ com as que mereceſſe o ſeu valor. Depois de obradas muitas façanhas; certo, em que cada homem ſó deve ter por ſeu aquillo que obra, porque o que nós naõ fazemos, e ſómente o herdamos, apenas lhe podemos chamar noſſo: elle entaõ formou o ſeu Eſcudo com huma Cruz azul de duas faxas atraveſſadas;

a Cruz como marca do ſeu Chriſtianiſmo, piedade, e religiaõ; a côr como deviſa em obſequio, reſpeito, e lembrança á ſua caſa de Borgonha, que ſempre uſára das bandas azuis, que era a côr do campo das Armas de França, donde a de Borgonha deſcendia. Era vulg.

CAPITULO V.

A Rainha D. Thereſa governa o Reino de Portugal, de que era ſenhora, depois da morte do Conde D. Henrique ſeu marido, e na menoridade de ſeu filho o Infante D. Affonſo Henriques.

AS Fabulas, que eſcrevêraõ, e as quimeras, que organiſáraõ os Hiſtoriadores Portuguezes, reſpectivas ás altas peſſoas da Rainha D. Thereſa, e de ſeu filho o Infante D. Affonſo Henriques, ambas nos raſgos das ſuas pennas taõ desfiguradas: eu as devo tratar ao largo, confutallas, convencellas, deſcobrir a ſua falſidade, e moſtrar co-

Era vulg. como aquelles Eſcritores os precipitou a pouca exacçaõ, ou a muita authoridade, que para com elles tiveraõ as erradas vozes populares, e poder entrar na narracaõ da vida do Rei D. Affonſo Henriques, em outro Tomo, livre dos tropeços, em que elles cahiraõ, e fizeraõ cahir a muitos: natureza do erro, que ſempre ſe propaga, e encontra ſectarios applicados para lhe introduzirem com ſofiſmas algumas aparencias de verdade.

Deve-ſe pois ſaber, que a Rainha D. Thereſa ſobreviveo dezoito annos ao Conde ſeu marido, e governou a Portugal dezaſeis, largando-o a ſeu filho D. Affonſo Henriques dous annos antes da morte, contando elle dezanove de idade. Elle tinha tres quando faltou ſeu Pai, e entaõ era Governador de Coimbra D. Fernando Peres de Trava, Conde de Traſtamara, irmaõ de D. Bermudo Peres de Trava, que havia caſado com a Infanta D. Urraca. A eſte Conde imagináraõ os noſſos Hiſtoriadores caſado com a Rainha D. Thereſa logo depois da morte

de

de ſeu marido D. Henrique, entre to- Era vulg.
dos com eſpecialidade Manoel de Faria e Souſa, de paſſagem no ſeu Epitome, e Europa Portugueza, e muito de aſſento nas Notas ao Conde D. Pedro, aonde o naõ ſentencea menos, que por infallivel. Ora eſte pertendido caſamento, elle he huma das paſſagens mais principal, e importante da vida de D. Affonſo Henriques; elle a origem de tantas fabulas, e erros: elle a nuvem, que eſcurecia o Sol das virtudes de hum Rei juſto, e de huma Rainha piedoſa: elle em fim convencido de falſo deſterra na hiſtoria de ambos os Principes os abſurdos, e eſcandalos, que lhe introduzio a ignorancia, e imprudente credulidade. Em ſe fazendo certo, como na realidade o he, que naõ houve tal caſamento, por conſequencia legitima ficaõ evidentes todas as outras falſidades de ſer a Rainha preſa em ferros por ſeu filho; a guerra, que elle lhe fez, e ao padraſto; os ſoccorros, que lhe trouxe ſeu ſobrinho o Rei de Leaõ, a novella do Biſpo negro, que o Rei D. Affonſo

ſa-

Era vulg. ſagrou, e obrigou a dizer-lhe Miſſa ſem ordens; o conto do Cardeal, que veio de Roma enſinar-lhe a doutrina Chriſtã, e elle quiz matar; o ouro, e prata, que lhe roubou na retirada para Roma; a jornada de Egas Moniz a Toledo para ſe apreſentar ao Rei, a ſua mulher, e filhos nûs, e com cordas ao peſcoço para o ſatisfazerem, e pagar com as vidas, naõ querer D. Affonſo Henriques convir na tregoa, que elle em ſeu nome lhe promettera, com outras patranhas deſta gerarquia.

Se eſtes caſos todos, ou algumas partes delles na realidade acontecêraõ, e variáraõ pouco na eſſencia, e accidentes, ha quem penſe, que elles ſuccedêraõ em Caſtella, e que o povo os corrompêra, e imputára a Portugal pela identidade dos nomes das peſſoas, que nelles fizeraõ figura; pela ſemelhança dos empregos, que ellas tiveraõ, e pela formalidade das circunſtancias, de que ſe reveſtíraõ. Em quanto ao caſamento da Rainha com o Conde de Traſtamara, fonte de todos os outros erros, a ſua inſubſiſtencia foi

bem

bem convencida pela ſeveridade do Doutor Brandaõ no terceiro Tomo da Monarquia Luſitana, pelos nervoſos argumentos de Duarte Nunes de Leaõ, e pelas razões concludentes de D. Joſé Barboſa no Catalogo das Rainhas de Portugal. Elles citando documentos incontraſtaveis, argumentando com ſolidez, e dando próvas de convicçaõ, deſtruíraõ a authoridade de Manoel de Faria, e dos precedentes Authores, que elle ſeguio. Ora eu naõ defraudarei aos meus Leitores na inſtrucçaõ, aſſim das calumnias imputadas á Rainha D. Thereſa, e a ſeu filho D. Affonſo Henriques, como na narraçaõ, e próvas da ſua falſidade para ficarem logo ſabendo, que D. Affonſo ſempre reſpeitou, e venerou a D. Thereſa como ſeu filho, e que D. Thereſa em todos os annos de viuva attendeo, e amou a D. Affonſo como ſua Mãi. Era vulg.

Pozeraõ pois na face do mundo as pennas dos Hiſtoriadores o pompoſo ornato do caſamento da Rainha com as plauſiveis circunſtancias, de que apenas fallecêra o Conde D. Henrique, el-

Era vulg. ella ſe caſára com D. Bermudo Peres de Trava, irmaõ do Conde de Traſtamara D. Fernando Peres de Trava, que eſtando-lhe inclinado, a tirára a ſeu irmaõ, e ſe caſára com ella: Que o D. Bermudo entaõ recebêra por eſpoſa a Infanta D. Sancha ſua enteada, filha da meſma Rainha: peccado, que elle entendeo expiar com a fundaçaõ do Moſteiro de Sobrado em Galliza.

Ora depois de taõ mal repreſentada eſta loa para convidar as attenções; ſahe a campo fazer a ſua primeira jornada o Infante D. Affonſo Henriques na idade de tres annos, parecendo na teſta dos exercitos para fulminar raios de furor contra ſua Mãi, e padraſto, que lhe haviaõ uſurpado
1113 o Reino, taõ feliz na primeira expediçaõ militar, que rendêra ſobre a marcha as Praças de Neyva, e da Feira em terra de Santa Maria: conquiſtas, que elle elegeo para Praças de armas, donde continuamente atacava a ſeu Padraſto ſem lhe dar deſcanço. Com pouco intervallo de tempo nos figuraõ aos tres Principes, Mãi, Padraſto, e filho,

lho, congregados em Guimarães, lugar, que elles elegêraõ para as conferencias, e ajuſtes; mas que naõ convindo, D. Affonſo, que entaõ teria pouco mais de quatro annos, deſafiára a todo o mundo, que lhe foſſe contrario. Certamente que ſe os noſſos Hiſtoriadores, que eſcrevêraõ até ao fim do Seculo paſſado, ſoubeſſem, como nós ſabemos no preſente, o anno, em que naſceo D. Affonſo Henriques, e os que elle contava quando fingem o ſegundo caſamento de ſua Mãi; elles naõ enxovalhariaõ a reſpeitavel memoria de dous Principes com tantas impoſturas. Era vulg.

Das viſtas de Guimarães ſe aſſegura ficára a Rainha taõ eſcandaliſada, que traçou com ſeu marido o modo de prender o filho; que eſte ſe prevenira, e atacara as armas de ſua Mãi, que o vencêraõ: que retirando-ſe cortado, antes de chegar a Guimarães encontrára o ſeu Aio Egas Moniz, que o reprehendeo por haver dado a batalha ſem o ſoccorro das ſuas esforçadas cãs: que o fizera voltar para novo empenho, em que foi taõ feliz, que

de-

Era vulg. depois de ganhar huma victoria, prendêra a ſua Mãi, e ao Padraſto, ambos em ferros: que o Conde preſo, e temeroſo da morte, promettêra a D. Affonſo com juramento de naõ voltar mais a Portugal ſe o deixaſſe recolher ſolto para os ſeus Eſtados, como lhe fora cencedido.

Á auſencia do Conde apparecêraõ logo as demonſtraçõeſ da ſaudade da Rainha nas maldições, que deitou ao filho; tranſporte de mulher afflicta, preza, esbulhada do patrimonio, que ſeu Pai lhe déra, e ſem o marido, que amava. Ella foi huma maldiçaõ tida nos effeitos naõ ſó por hum dos caſtigos viſiveis, com que Deos na terra coſtuma punir os filhos deſobedientes; mas huma profecia da Rainha inſpirada pela vehemencia da dor. Foi maldiçaõ, que pedio a Deos quebraſſe as pernas de ſeu filho, aſſim como elle lhe tinha as ſuas opprimidas com ferros: petiçaõ bem deſpachada na guerra, que muitos annos depois teve D. Affonſo Henriques com ſeu genro o Rei de Leaõ, em que com effeito

que-

quebrou as pernas no ferrolho da porta de Badajóz, quando ſahia por ella galopeando para acodir á batalha, que ſe dava no campo. Era vulg.

Mas como a Rainha com pragas, maldiçõ̃es, e conjuros naõ̃ ſe recobrava a liberdade, nem reſtituia o Eſtado, que o filho lhe uſurpára: aqui a repreſentaõ̃ fazendo officios humiliantes com ſeu ſobrinho o Rei D. Affonſo de Leaõ̃, e Caſtella, entaõ̃ hum menino, que dahi a muitos annos naõ̃ tomou poſſe dos Reinos, nem foi Rei, tudo por direito, e na adminiſtraçaõ̃ da Rainha D. Urraca ſua Mãi, e elle debaixo de tutorias: pedindo-lhe nos meſmos officios a ſoccorreſſe com as ſuas forças contra hum filho inſolente, que a havia opprimido com ferros: que ella o tinha por indigno de lhe ſucceder no Reino, que cedia em ſeu favor, e logo marchaſſe a tomar poſſe delle, a polla em liberdade, caſtigar o filho, vingar as injúrias.

Agora nos poem á viſta dous meninos pouco menos que de peito, ambos na teſta dos ſeus exercitos em peſ-

ſoa,

Era vulg. ſoa, atacando-ſe na decantada batalha de Valdevez, aonde os noſſos Hiſtoriadores parece que víraõ a D. Affonſo Henriques obrar tantas gentilezas em armas, que fez em póſtas o numeroſo exercito do Rei de Leaõ, e Caſtella; ſahir eſte ferido de duas lançadas em huma perna, e deixar priſioneiros no campo ſete Condes: titulo entaõ raro, que ſe póde duvidar chegaſſem todos os de Caſtella naquelle tempo a encher o número de ſete. O Rei vencido, elle, ainda que muito moço, he retratado hum Heróe taõ ſentido da ſua quebra, que ajuntando forças dobradas, o fazem apparecer ſobre Guimarães vomitando chammas, e reduzindo D. Affonſo Henriques ao triſte eſtado da ultima calamidade.

Eſte aperto penſado do Principe foi o que eſtimulou a fidelidade do ſeu Aio Egas Moniz a ſair da Praça ſem lhe dar parte; vir ao campo do Rei de Leaõ; perguntar-lhe os motivos da guerra contra ſeu primo com irmaõ, e inſtruillo, em que elle tinha a Praça taõ baſtecida, nella homens de tal va-

valor, que o Principe, que intentaſſe vencello, em vez de gloria, ſó encontraria affronta. A eſta demanda de Egas Moniz ſe dizia reſpondêra o Rei: Que elle fazia a guerra a ſeu primo, porque naõ reconhecia a vaſſallagem, de que lhe era devedor, nem hia aſſiſtir ás ſuas Cortes, como eſtava obrigado. Egas Moniz depois de hum diſcurſo igualmente politico, e magnanimo, que em ſi meſmo tocou ao Rei de Caſtella, elle lhe prometteo em nome do ſeu Principe o que pertendia delle, como que era juſto, e que logo levantaſſe o cerco, como fez. Era vulg.

Viſta por D. Affonſo Henriques a repentina novidade do levantamento do ſitio, diziaõ, que perguntára a Egas Moniz a cauſa della: que eſte lhe declarára entaõ, quanto havia convencionado em ſeu nome com o Rei de Caſtella pelo naõ ver entregue nas mãos da infelicidade: que D. Affonſo ſe enchêra de horror, ſe lhe exaltára a cólera, todo abandonado á ira ao ouvir huma promeſſa feita debaixo da ſua palavra, taõ indigna da ſua Peſ-

ſoa,

Era vulg. ſoa, quanto injurioſa ao ſeu Eſtado: que Egas Moniz o ſocegára com a promeſſa, de que aſſim como elle dera aquelle paſſo para o arrancar do poder da anguſtia, e do perigo, que logo daria outro, que o livraſſe da affronta, e da deshonra.

Completo o tempo, em que D. Affonſo Henriques havia ir ás Cortes de Leaõ, conforme a palavra dada por Egas Moniz, ſe fingio, e organiſou a quimera, de que elle partíra para Toledo com ſua mulher, e filhos: que no dia deſtinado para a audiencia, elle, e os filhos em camiſa, e a mulher com ornato vil, todos deſcalços, e com córdas ao peſcoço, entráraõ á preſença do Rei, que era neceſſario eſquecer-ſe do caracter para conſentir na ſua face eſte entremez repreſentado por taes peſſoas: que Egas Moniz, terno, chorando, naõ ſendo elle o que fallava, ſenaõ a natureza, e os ſentimentos, com lingua de vaſſallo fiel, e vozes de Heróe intrepido, lhe diſſera: como elle pelo muito amor ao ſeu Principe D. Affonſo,

ſo, de quem tinha a honra de ſer Aio, pelo livrar do grande perigo, em que o víra ſitiado em Guimarães, lhe fizera aquella aparente homenagem, ſem que ſeu Amo o ſoubeſſe, e como conhecia enorme o crime de enganar hum Rei, vinha pôr-ſe nas ſuas mãos com a ſua familia, para que em todos o caſtigaſſe com a ſeveridade, que elle merecia, ou que a todos o perdoaſſe para deixar aos mais ſoberanos futuros hum raro exemplo de clemencia, que elles ficaſſem conhecendo, e eſtimando pelo eſmalte mais eſpecioſo das Coroas, como huma emanaçaõ do ſer Divino, que tem por propriedade o compadecer-ſe, e perdoar ſempre. Era vulg.

A eſta oraçaõ pathetica, e inſinuante de Egas Moniz, á viſta das imagens da fidelidade, e humiliaçaõ, ſe deſcreve ao Rei de Caſtella já abalado da cólera, já movido da compaixaõ, já pegando nos inſtrumentos da vingança para caſtigar, já levantando as mãos para abſolver; duvidoſo neſte paſſo, qual elle deſejaria ſer, ſe o Rei de Caſtella, e Leaõ, ſe Egas Moniz,

Era vulg. Aio de D. Affonſo Henriques. Em fim, que prevalecêra a piedade ao furor; que o Rei naõ perdoára a Egas Moniz; mas o deſpedíra favorecido com mercês para contar em Portugal, como encontrára em Caſtella hum Sobe-rano, que até nos vaſſallos alheios ſabia attender, e remunerar a fidelidade.

Naõ ſe ſatisfizeraõ os propugnadores do ſegundo caſamento da Rainha preza com a figurarem pedindo a protecçaõ do Rei de Caſtella, ſem tambem a repreſentarem chorando as ſuas laſtimas aos pés do Papa; rogando-lhe, que fulminaſſe ſobre ſeu filho o horror eſpantoſo dos anathemas, ſe elle logo a naõ ſoltaſſe: Que fora encarregado da commiſſaõ o Biſpo de Coimbra, que entaõ ſe acha em Roma; e que vindo a Portugal, nada conſeguindo do Principe o excommungára, e immediatamente partíra a dar de tudo parte ao Papa. Ora D. Affonſo em annos verdes diſſeraõ tomára tal fogo, que entrando pela Sé de Coimbra mandára precipitado aos Conegos elegeſſem outro Biſpo, e que

naõ

naõ querendo elles fazello, o Rei vendo hum Clerigo negro, ainda naõ Presbytero, de ſeu moto proprio o nomeára, e ſagrára Biſpo, ordenára-lhe diſſeſſe logo Miſſa; que ſenaõ o fizeſſe lhe cortaria a cabeça; e que o Clerigo aterrado de medo ſe pozera no Altar, e celebrára. Era vulg.

Quando pelo Biſpo de Coimbra ſe ſoubêraõ em Roma eſtes raros acontecimentos, nunca viſtos, nem penſados, no meſmo inſtante foi o Principe reſpeitado por hum herege, e nomeado hum Cardeal para vir em peſſoa emendar-lhe os erros, e inſtruillo nos Myſterios da Fé, que talvez entaõ os andaſſe aprendendo, como menino, que era. Entrou o ſonhado Cardeal á preſença de D. Affonſo naõ muito affouto, póde ſer que inſtruido, de que he difficultoſo a hum Principe mettido em cólera fazer reflexões, conhecer embaraços, e guardar reſpeitos. O cumprimento com que D. Affonſo recebeo o Cardeal he mui célebre, e bem talhado para o caracter de hum Principe Portuguez. Affirmaõ, que el-

Era vulg. le lhe perguntára : Cardeal , a que vindes aqui ? Trazeis-me de Roma riqueza para eſtas guerras ? Se as trazeis , dai-mas já , e ſenaõ as trazeis , ſegui o voſſo caminho. Á pergunta feróz dizem que reſpondêra tremulo o Cardeal : Senhor , eu venho da parte do Santo Padre enſinar-vos a Doutrina Chriſtã , por lhe conſtar , que naõ a ſabeis : Que a eſta audacia , D. Affonſo , naõ ſe ſabe ſe ſério , ſe jocojo , repetíra os Myſterios da Fé , e concluíra : Ora ide , dizei ao Papa , que nós temos Livros , que nos enſinaõ naõ a doutrina , e naõ neceſſitamos cá de Cardeaes para nos inſtruirem no que ſabemos.

Com todo o ſegredo ſe aſſegura, que o Cardeal excommungára ao Principe na preſença do Clero , que chamou á pouſada , e partíra antes da manhã , deixando o Reino interdicto , já mais cuidadoſo em ſalvar a peſſoa , que em dar á execuçaõ a Embaixada. D. Affonſo aviſado de tudo , foi nos ſeus alcances até ao lugar da Vimeira , aonde ſe lhe moſtrou terrivel no aſpecto ,

cto, e nas acçõẽs, com huma maõ pegada na garganta, outra na eſpada para lha levar no primeiro golpe. Os Fidalgos o ſuſpendêraõ com a promeſſa, de que o Cardeal lhe levantava a excommunhaõ, e o interdicto ao Reino, como logo praticou deixando em pena de confiança no poder de D. Affonſo todo o ouro, e prata, que levava, e em refens, de que o Papa approvaria quanto elle obrava, hum ſobrinho do meſmo Cardeal. Todo eſte ſucceſſo era contado pelos pais aos filhos com geſto de admiraçaõ nos tempos da facil credulidade; e as reſultas delle, com que eu já vou a concluir a impertinente narraçaõ deſta taõ mal tecida Novella. Era vulg.

Dizia entaõ a vaidade dos que repreſentavaõ a Naçaõ Portugueza rodeada de arrogancia, que eſtranhando o Papa ao Cardeal naõ haver executado a ſua commiſſaõ como devêra, fazer promeſſas poſitivas em materias, que naõ dependiaõ delle Cardeal, ſenaõ da Santa Sé Apoſtolica, elle lhe reſpondêra: Ah, Senhor, naõ ſó prometmet-

Era vulg. metter Breves, abſolver Excommunhões, levantar Interditos, dar refens, e deixar levar ouro, e prata; mas a meſma Cadeira de S. Pedro, ſe foſſe minha, eu a abandonára á deſcriçaõ do eſpirito furioſo, que me atacava: Ora ſe vós viſſes lançar-ſe ſobre vós hum Cavalleiro valente, forte de membros, hum gigante no corpo, eſpantoſo á viſta, na imaginaçaõ offendido, que eſtas ſaõ as circunſtancias do Principe de Portugal, que me ſahio ao caminho: Elle já com huma das mãos apertando-vos a garganta, na outra hum cutello para vos cortar a cabeça, e o ſeu cavallo taõ ſoberbo batendo, e cavando a terra, tambem com huma das mãos, como ſe vos eſtivera abrindo a ſepultura: Eu fico bem certo, que vós tudo lhe concederieis, tudo lhe darieis, até a meſma Dignidade Pontificia, ſe elle a quizeſſe.

Na verdade que a ter havido na Igreja de Deos Pontifices de tanta conſtancia, como o Cardeal entendia, que a tinha eſſe imaginado Papa, e ſe deſſem muitos Cardeas de tanta firmeza

de

de eſpirito como a ſua ; que poucos dos ſeus nomes ſe encontrariaõ no Catalago dos Martyres , aonde lemos tantos. Sem conſideraçaõ os noſſos Eſcritores, ou a noſſa plebe , donde elles bebêraõ as falſas tradiçõ̃es , pela bocca do pertendido Cardeal fizeraõ elles , e proferíraõ contra a alta peſſoa de D. Affonſo Henriques as mais enormes injurias. Eu deixo todas á ponderaçaõ dos criticos judicioſos , naõ ſe eſquecendo da avareza ſobre a prata , e o ouro : avareza , que he pintada arraſtando hum Principe a arrancar das mãos de ſeu dono aquelle ouro , e aquella prata , ou como roubo feito em eſtrada pública , ou como deſpojo da guerra declarada a hum Clerigo ſem armas na campanha. Eſtas plauſiveis hiſtorias todas ſaõ reſultas do imaginado caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara D. Fernando Peres de Trava , e he certo , como dizem Leaõ , Barboſa , e Brandaõ já citados , que convencido de falſo o dito caſamento , neceſſariamente ſaõ menos verdadeiras as ſuas conſe- Era vulg.

Era vulg. ſequencias. Eu porém naõ ſó para divertir os meus Leitores ; mas para lhes deixar logo o paſſo franco livre de tropeços na entrada da narraçaõ da vida, e acçõẽs do Rei D. Affonſo Henriques, farei evidente a impoſtura naquella cauſa, e ſeus effeitos, iſto he, no caſamento da Rainha, e ſuas reſultas.

CAPITULO VI.

Moſtra-ſe ſer falſo o caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara ; as reſultas que delle ſe fingiraõ , e ſe concluem os ſucceſſos da ſua vida até largar o Reino a ſeu filho D. Affonſo Henriques.

OS grandes acontecimentos referidos na Hiſtoria, ou na Tradiçaõ, que ſejaõ relativos á honra dos Principes, reputaçaõ dos Eſtados, e credito das grandes Peſſoas; elles naõ devem ſugeitar-ſe a huma facil credulidade, ſer involvidos na ordem das couſas vulgares , nem affirmar conſtante a ſua certeza ſem as próvas mais cathegoricas ,

cas, e deciſivas. Saõ objectos de cara- Era vulg.
cter muito alto a honra dos Principes, a reputaçaõ dos Eſtados Soberanos, e o credito das Peſſoas de merecimento nas Monarquias para ſervirem de aſſumpto as converſações da plebe, aos anexins populares, e ás idéas mal concebidas dos ignorantes. Contraindo nós eſta verdade aos primeiros ſucceſſos de Portugal, quando elle principiava a ſer eſtabelecido Reino no meio das eſtrondoſas façanhas do ſeu Fundador, logo ao ſegundo paſſo do meſmo eſtabelecimento nos encontramos nas erradas vozes populares, e eſcritos ſem diſcernimento com Principes offendidos na honra, com Eſtados abatidos na reputaçaõ, com grandes peſſoas injuriadas no credito.

Muito ſenſivelmente foi offendida a honra dos altos Principes D. Affonſo Henriques, de ſua Mãi D. Thereſa, e do Papa, que governava a Igreja, quando o vulgo inſenſato organiſou o monſtro do ſegundo caſamento da Rainha com tantas cabeças. Amolgou-ſe entaõ com golpes bem puchados

Era vulg. dos a reputaçaõ dos Eſtados de Portugal, e de Heſpanha com as impoſturas, e injuſtiças, de que os ſoppozeraõ executores. Desfez-ſe em pedaços o credito de Peſſoas taes, como a de hum Cardeal, a do Conde de Traſtamara D. Fernando Peres, a de ſeu irmaõ D. Bermudo Peres, e a de Egas Moniz, huns maculados com as manchas na politica, outros tiſnados com as nodoas mais feias na Religiaõ. Todas eſtas infelicidades naſcêraõ de ſe acreditarem hiſtorias ſem as examinar a critica, e em ſe julgarem verdadeiras tradiçõeſ ſem lhes averiguarem as origens. Tradiçõeſ, e hiſtorias na materia, que trato, pertendo eu convencer de falſas para reſtituir ás Peſſoas o credito, aos Eſtados a reputaçaõ, aos Principes a honra.

Naõ ha duvida, como pondéraõ os noſſos Modernos, que do ſegundo caſamento penſado da Rainha D. Thereſa depende todo o tropel de patranhas, que foraõ conſequencias ſuas. Se ella naõ caſou, D. Affonſo Henriques naõ teve de que ſe deſgoſtar;

naõ

naõ lhe fez a guerra ; naõ a prendeo , naõ deſterrou o Padraſto , que naõ teve ; naõ veio contra elle o Rei de Leaõ , nem perdeo a batalha de Valdevez ; naõ foi Egas Moniz a Toledo nú com huma corda ao peſcoço ſatisfazer ao meſmo Rei de Leaõ pelo haver enganado ; naõ mandou o Papa eſcommungar a D. Affonſo pelo Biſpo de Coimbra ; naõ elegeo eſte , nem ſagrou , e mandou dizer-lhe Miſſa pelo Biſpo negro D. Soleima ; naõ veio o Cardeal de Roma a Portugal enſinar-lhe a doutrina ; naõ excommungou a D. Affonſo , nem pôz o Reino interdicto ; naõ foi inſultado , nem roubado no caminho pelo meſmo D. Affonſo ; em fim , naõ ha verdade em nada ſendo o caſamento da Rainha falſo , como o he na realidade. Era vulg.

Iſto naõ obſtante , eu entro naõ ſó a confutar o chamado caſamento ; mas cada huma das ſuas conſequencias com próvas , e razões , que poſſo dizer naõ foraõ tratadas até agora por algum dos noſſos Eſcritores. Para ſervir de fundamento a quanto vou a dizer ,

Era vulg. zer, repito, que D. Affonſo Henriques naõ naſceo no anno de 1094, como penſou Manoel de Faria e Souſa, nem nos annos imaginados por outros Hiſtoriadores; mas no de 1109, como fica dito: que ſeu Pai o Conde D. Henrique morreo em 1112: que D. Affonſo VII. de Leaõ, e Caſtella, filho da Rainha D. Urraca, irmã da Rainha D. Thereſa, naſceo em 1106, era tres annos mais velho, que ſeu Primo D. Affonſo Henriques, e que entrou a reinar pela renuncia, que ſua Mãi lhe fez dos Reinos, de que era herdeira, em 1123, ſendo elle de idade de dezaſete annos, e D. Affonſo Henriques de quatorſe: idade em que Manoel de Faria o repreſenta ſervindo valeroſo com ſeu Pai D. Henrique, quando elle naõ tinha mais que hum anno de naſcido, ligado nas faxas ainda em mantilhas, naõ na campanha coberto com o morriaõ, veſtido de ferro.

Tambem devo prevenir aos Leitores, como os ſucceſſos contados, todos, ou a maior parte delles ſuccedê-

dêraõ em Caſtella com pouca differença nas circunſtancias, e que pela ſua uniformidade, e empregos das peſſoas, o Povo ignorante os foi apropriando a Portugal, e entaõ appareceo a hydra de tantas cabeças ſem encontrar algum Hercules, que as cortaſſe. Eu devo referir eſtes ſucceſſos na verdade acontecidos em Caſtella para depois confutar a applicaçaõ, que delles ſe fez a Portugal. Era vulg.

Quando a Rainha D. Urraca eſtava viuva do Principe D. Raimundo de Borgonha goſtou tanto do Campo de Eſpina, de que era Senhor D. Gomez, por iſſo chamado Conde de Candeſpina, que delle colheo hum fruto, tronco da Familia dos Furtados, que tomáraõ eſte apellido, porque o fructo ſe colheo furtado. D. Affonſo VI., Pai de D. Urraca, pertendeo caſalla ſegunda vez com Principe, que lhe refreaſſe as deſordens, e queriaõ os Grandes cahiſſe a ſorte no meſmo Conde de Candeſpina por ter já ſido marido antes do matrimonio. Naõ conveio niſſo D. Affonſo VI., e a caſou com

D.

Era vulg. D. Affonſo o Batalhador, Rei de Aragaõ. Ora aqui temos o ſegundo caſamento verdadeiro da Rainha de Caſtella imputado falſamente a D. Thereſa, que podemos chamar Rainha viuva de Portugal, e desfigurada a pureza de toda a vida com as leviandades de ſua irmã quaſi toda a vida impura.

Ainda vivia o Rei D. Affonſo VI., e já ſua filha D. Urraca em Aragaõ tinha pezadas diſcordias com ſeu marido originadas das meſmas incorregiveis leviandades. Depois da morte daquelle Rei tomáraõ ellas tanto corpo, que o de Aragaõ, foſſe para evitar a affronta, foſſe para emendar a Rainha, ou foſſe para ter acçaõ mais livre nos Eſtados de Caſtella, de que era ſenhora, elle a prendeo na Torre de Caſtellar. Por conſelho, e com ajuda do Conde de Peranzules, pode ella eſcarpar-ſe, vir a Caſtella, e receber a homenagem dos Póvos por inducçaõ do meſmo Peranzules, que a havia jurado ao Rei de Aragaõ quando o encarregára do governo de Caſtella, que entaõ tinha em ſeu nome. Mal remunera-

ra-

radas pela Rainha as finezas de Peran- Era vulg.
zules, elle para applacar ao Rei de
Aragaõ offendido da ſua perfidia, veſ-
tido pobremente, e com huma corda
na maõ, inſtrumento que levava pre-
parado para o caſtigo, entrou á ſua
preſença, e para elle lhe offereceo a
corda, ſe a ſua clemencia naõ quizeſ-
ſe perdoar-lhe. Eis-aqui o original por
onde retratáraõ a Egas Moniz nú,
com cordas ao peſcoço, pedindo per-
daõ a D. Affonſo VII. de Caſtella pelo
haver enganado em Guimarães.

No anno de 1111, quando D.
Affonſo de Aragaõ veio a Caſtella, e
nada fez de vantajoſo ao Eſtado, nem
que refreaſſe as demaſias da Rainha,
novamente entretida com o Conde D.
Pedro de Lara, ſubſtituto no goſto do
Conde de Candeſpina; os Grandes em
Galliza tinhaõ comſigo ao menino D.
Affonſo VII., futuro Rei de Caſtella,
que ſe criava em caſa de ſeu Aio o
Conde D. Pedro Fernandes de Trava.
Laſtimados os Gallegos das deſordens
dos Reis de Aragaõ, das perturbações
dos Povos de Caſtella, animados com

Era vulg. a preſença do futuro Succeſſor, elles ſe reſolvêraõ a ſacodir o jugo dos Aragonezes, e para iſſo fizeraõ liga com o Conde D. Henrique de Portugal, que ſó viveo hum anno depois, e com alguns dos Caſtelhanos: reſoluçaõ tomada a tempo, em que o Rei de Aragaõ ſoltava a Rainha D. Urraca do Caſtello de Soria, aonde ſegunda vez a prendêraõ, e ella voltava a Caſtella para receber nova homenagem dos ſeus Póvos, de que outra vez ſe irritou o Rei ſeu marido.

Os dous Condes de Candeſpina, e de Lara, eſte porque era, aquelle porque tinha ſido objecto das attenções da Rainha, elles ſe offerecêraõ com as ſuas forças para obrigarem o Rei de Aragaõ a comportar-ſe com ella por differente eſtylo. No meſmo campo da Eſpina ſe encontráraõ os exercitos do Rei de Aragaõ mandado por elle, e o dos Caſtelhanos coberto pelos Condes de Portugal, de Lara, e de Candeſpina. A vanguarda deſtes, que governava o de Lara, naõ pode ſoffrer o pezo dos Aragonezes, e o Lara fugindo entrou

trou á preſença da Rainha, que eſta- Era vulg.
va em Burgos: o Candeſpina brigou
valente até largar a vida no campo:
o de Portugal naõ podendo ſoffrer as
inconſtancias da Rainha ſua cunhada,
e envergonhado dos ſeus exceſſos, ſe-
guio o partido do Rei de Aragaõ, e fi-
cáraõ os negocios de Caſtella reduzidos
a eſtado miſeravel.

No anno ſeguinte de 1112, de- 1112
pois de varias revoltas, e da morte do
Conde D. Henrique em Aſtorga, to-
das as ſcenas ſe mudáraõ, melancoli-
cas as viſtas para a Rainha D. Urraca,
e para ſeu marido o Rei de Aragaõ.
Nove annos duráraõ as inquietações,
até o de 1123, em que os Reinos de 1123
Leaõ, e Caſtella já cançados de ſoffrer
aquelles dous Principes, ſe reſolvêraõ
acclamar Rei a ſeu legitimo ſenhor D.
Affonſo VII.: reſoluçaõ taõ ſentida da
Rainha D. Urraca ſua Mãi, que para
conſervar o decóro da Mageſtade a pre-
juizo do filho, ſe retirou para o Caſ-
tello de Leaõ com o deſignio de tra-
çar novas máquinas. Entaõ D. Affon-
ſo VII. com conſideraveis forças, bons

Era vulg. Generaes, e bons Conſelheiros, columnas ſobre que ſe firmava a ſua idade verde; elle forçou o Padraſto, que foi obrigado a recolher-ſe ao ſeu Reino, ſitiou a ſua Mãi no meſmo Caſtello de Leaõ, e nelle a prendeo, obrigando-a a renunciar-lhe o direito, que tinha ao Reino: Aqui temos o Rei filho, que ſitiou, e prendeo a Mãi: que venceo, e deſterrou o Padraſto; que esbulhou do Reino a meſma Mãi, e eſte acontecimento Caſtelhano, he o que maſcaráraõ Portuguez.

1124 Ultimamente, como o Rei de Aragaõ foi informado da prizaõ da Rainha D. Urraca ſua mulher, de D. Affonſo haver ſido acclamado Rei, arrancando-lhe do poder o Reino, de que ella era ſenhora em quanto viveſſe: naõ obſtante eſtar já dirimido o matrimonio pela nullidade delle; como o meſmo Rei de Aragaõ, ſem algum direito, tinha em ſeu poder as principaes Cidades, e Fortalezas de Caſtella; elle renovou com mais vigor a guerra contra D. Affonſo, ou foſſe com o pretexto de livrar a ſua Mãi da pri-

priſaõ, em que elle a tinha, ou para ſe conſervar no dominio das terras, que lhe uſurpava. Ora aqui temos ao Rei de Aragaõ, ſoccorrendo a Rainha preza D. Urraca, equivocado com ſeu Enteado o Rei de Caſtella dando ſoccorro á Rainha preza D. Thereſa. O Papa Calixto II., que entaõ governava a Igreja, e era Tio de D. Affonſo VII. de Caſtella, irmaõ de ſeu Pai o Principe D. Raimundo de Borgonha, laſtimado dos eſtragos, que havia tantos annos aſſolavaõ Heſpanha, e da inquietaçaõ, e uſurpaçõeſ, que o Rei de Aragaõ fazia a ſeu Sobrinhõ, lhe mandou hum Legado para os pacificar, e reduzir aos ſeus deveres, a hum pelo que reſpeitava á paz, ao outro pelo que fazia relaçaõ a ſua Mãi. Eis-aqui eſte Legado tido, e havido pelo Cardeal, que veio de Roma mandado pelo Papa, que provavelmente já ſeria Calixto, enſinar a doutrina a D. Affonſo Henriques. Era vulg.

Todas eſtas hiſtorias na realidade ſuccedidas em Caſtella, a plebe, ou por erro, ou pela corrupçaõ das Tra-

Era vulg. dições as apropriou a Portugal. A maior infelicidade foi haverem Escritores, não sem illuminaçaõ, que ignorantes da critica, ou esquecidos de fazer os necessarios exames, elles bebêraõ nas fontes viciadas os mesmos tragos da corrupçaõ, e do erro: isto pela semelhança dos successos, pela identidade das pessoas, que nelles fizeraõ figura; dando a tudo causa o segundo imaginado casamento da Rainha D. Theresa com o Conde de Trastamara, que eu já vou a convencer de falso.

Morto o Conde D. Henrique no anno de 1112, como fica dito, logo, sem perda de tempo, no mesmo instante fazem casada a Rainha com o de Trastamara, pouco, ou nada sensivel á dor na perda de tal marido, sem amor a quatro filhos meninos, que lhe ficáraõ, o Successor apenas de tres annos, para nos persuadirem assim com mais esforço, que na Rainha prevaleciaõ os estimulos do appetite aos officios mais ternos da natureza. Impossivel parece, que nella dominasse tanto semelhante vicio, quando temos

mui-

muitas memorias, que próvaõ ſem diſputa a ſua honeſtidade, religiaõ, e piedade, baſtando entre todas a do modo com que ſe conduzio, quando mandou dizer a S. Theotonio eſperaſſe por ella para dizer Miſſa, e o Santo, dando razões de Santo, o naõ fez. Huma Princeza pois de tantas virtudes, viuva de dias, ou de ſemanas, com hum filho menino de tres annos para crear, com tres Infantas de idade verde para inſtruir, naõ he crivel, que taõ accelerada, e indecentemente cuidaſſe em caſar. Era vulg.

Com bem evidencia o provaõ o ſeu teſtamento, e doaçaõ, que ella, já no tempo em que a dizem caſada, porque no anno de 1120, oito annos depois da morte do Conde D. Henrique, e aos onze da idade de ſeu filho D. Affonſo, ella fez de todo o direito, que tinha na Cidade do Porto, ao Biſpo D. Hugo: Doaçaõ, que ſe conclue neſtes preciſos termos: E foi confirmada, e aſſinada no ſanto dia de Paſcoa, aos dezoito dias do mez de Abril, aos quinze dias da Lua, no anno da Encar-

na-

Era vulg. naçaõ de Noſſo Senhor 1120, na Indiçaõ ſegunda na corrente de quatro Biſpados, nella no ſexto anno do Pontificado de D. Hugo, Biſpo da dita Igreja: Eu a Rainha D. Thereſa, filha do glorioſo Imperador Affonſo, aſſino, e confirmo eſta Carta com minhas proprias mãos, juntamente com conſentimento de meu filho Affonſo, e de minhas filhas Urraca, e Sancha: Teſtemunhas, que preſentes foraõ, e ouviraõ, Gomes Nunes, Mendo Viegas, Pero Paes, Pelayo Payo, Egas Gondeſendes, Mendo, Bufino Vidamino: E eu Affonſo, filho da Rainha Thereſa, aſſino, e approvo: E eu Sancha, filha da Rainha Thereſa, o aſſino, e approvo: E eu Urraca, filha da Rainha Thereſa, o aſſino, e approvo: D. Hugo, Biſpo da dita Igreja da Sé do Porto, o aſſino.

Ora á viſta deſte Documento taõ terminante naõ fica bem claro, que a Rainha oito annos depois do Conde D. Henrique, morto, e aos onze da idade de ſeu filho, governava o Eſtado, de que era Senhora, ſem embaraço,

ção, com tranquilidade, e paz domeſ- Era vulg.
tica? Naõ ſe eduz delle a uniaõ, em
que vivia com os ſeus filhos, que aſ-
ſinavaõ, e confirmavaõ o que ella obra-
va, e que cada hum delles ſe honrava
de ſe declarar filho da Rainha D. The-
reſa; que certamente o naõ fariaõ,
nem confirmariaõ, nem aſſinariaõ as
ſuas doaçõẽs, ſe ella com tanto deſ-
prazer ſeu eſtiveſſe caſada com o Con-
de de Traſtamara? Se eſte era entaõ
marido da Rainha, como he poſſivel,
que deixaſſe de aſſinar com ella a doa-
çaõ? Se as Infantas D. Sancha, e D.
Urraca, ainda meninas, eſtavaõ no
poder, e tutoria de ſua Mãi, como
D. Urraca tinha já ſido caſada com D.
Bermudo Peres de Trava; como lha
tirou, e ſe caſou com ella ſeu irmaõ
o Conde de Traſtamara; como eſte a
repudiou depois, e ſe caſou com ſua
Mãi a Rainha D. Thereſa? Em quan-
to á Infanta D. Sancha, como ella,
taõ menina, era já viuva do Conde
D. Fernaõ Mendes, e como ſe tinha
caſado com ella D. Bermudo Peres de
Trava em deſpique de ſeu irmaõ o

Con-

Era vulg. Conde de Traſtamara lhe ter tirado a primeira mulher D. Urraca, irmã da meſma D. Sancha? Ora ſemelhantes inceſtos, torpezas, e deshoneſtidades nem ſaõ para penſados em huma Familia, ſobre Catholica, Real. Ora tudo foi falſo, porque falſo foi o caſamento do Conde de Traſtamara com a Rainha viuva D. Thereſa.

Ainda eſtas monſtruoſidades eraõ de maior vulto na imaginaçaõ daquelles, que entendéraõ, que logo depois da morte do Conde D. Henrique, a Rainha com quem ſe caſára, fora com D. Bermudo Peres de Trava; que como ſeu irmaõ o Conde de Traſtamara D. Fernando Peres de Trava tinha muita inclinaçaõ á meſma Rainha, a tirára do ſeu poder, e ſe caſára com ella. Na verdade, que quem fez de tres Princezas de Portugal caſtas, graves, e honeſtas, hum jogo vil de immodeſtias, de torpezas, de infamias, merece o juſto furor da Naçaõ, e que os ſeus nomes ſejaõ arrancados da terra dos noſſos vivos, iſto he dos noſſos Por-

Portuguezes, para que nella naõ lem- Era vulg.
brem mais ſemelhantes nomes.

Naõ era poſſivel, nem correſpondente ao Decóro de hum Principe taõ juſto, e magnanimo como D. Affonſo Henriques, que ſe ſua Mãi taõ indecentemente, tanto a ſeu deſprazer houveſſe caſado com o Conde de Traſtamara, elle em toda a ſua vida, naõ fizeſſe Eſcritura, Doaçaõ, ou Mercê, ſem que nellas, como por huma eſpecie de vaidade, ſe aſſinaſſe, ſenaõ Affonſo, filho da Rainha D. Thereſa, nem elle poria em duas filhas ſuas eſte nome ſe lhe foſſe taõ eſcandaloſo como ſe penſa. Além diſſo, eu tenho viſto muitas Chronicas de Caſtella, e a reſpeito do pertendido caſamento, ſó encontrei algumas ſempre com a reſalva, de que ſe dizia, e as mais o calavaõ. Se o tal caſamento foſſe certo, naõ ſería hum dos mudos o Arcebiſpo D. Rodrigo, oppoſitor declarado dos Portuguezes, que o metteo no eſcuro, quando com bem claridade poem á luz do Sol as deſenvolturas da ſua Rainha D. Urraca, irmã da noſſa D.

The-

Era vulg. Thereſa, que naõ lhe eſcaparia á critica ſe ſe tiveſſe conduzido como ella em pontos de honeſtidade. Dos noſſos Portuguezes já ha mais de dous Seculos ſó ſe laſtimáraõ das impoſturas Duarte Nunes de Leaõ, e aînda mais o noſſo inſigne Joaõ de Barros, que nas ſuas Decadas ſe tranſporta contra as linguas mordazes, que ſe atrevêraõ a coſpir infamias na face da Mageſtade de huma Rainha. Convencido aſſim de falſo o ſeu caſamento com o Conde de Traſtamara, paſſemos a fazer o meſmo ás ſuas reſultas em outro Capitulo.

CAPITULO VII.

Moſtra-ſe a falſidade das reſultas do caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara.

TAõ vehemente, e inſoffrivel nos repreſentaõ o ſentimento de D. Affonſo Henriques pelo caſamento de ſua Mãi com o Conde de Traſtamara, que ſem de-

demora o poem em campo armado contra ella, desbaratalla, prendella, desterar o Padrasto de Portugal, e fazer-se Senhor do Reino. Todas estas invenções naõ podiaõ ser praticadas por D. Affonso Henriques, ainda no caso do casamento ser verdadeiro. Os Escritores, que o crêraõ certo, e Manoel de Faria, que o teve por infallivel, o persuadem consummado logo, e com pouco intervallo de tempo depois da morte do Conde D. Henrique. Já vimos, que o Conde morreo no anno de 1112; que D. Affonso Henriques nasceo em 1109; que por morte de seu Pai tinha tres annos de idade, e isto podemos nós dizer melhor que Manoel de Faria, que he infallivel. Pois hum menino de tres annos deo huma batalha ao exercito de sua Mãi, prendeo-a em ferros, usurpou-lhe o Reino, e desterrou o Padrasto? Era vulg.

Aquelles Escritores suppoem todas estas acções obradas pela propria Pessoa de D. Affonso, que a haver nascido em 1094, como entendeo o Faria, tinha entaõ dezoito annos, idade já ca-

Era vulg. capaz de o conſtituir guerreiro. Mas nós, que ſabemos naõ exedia a de tres, ainda que queiramos imaginar, que aquellas acçõẽs podiaõ ſer praticadas pelos vaſſallos do menino Affonſo, he neceſſario, que os reputemos groſſeiros, e muito máos politicos: groſſeiros por tratarem a ſua Rainha com tanta indecencia, que carregando-a de ferros mettida em huma priſaõ, e privando-a do Reino: máos politicos naõ prevenindo os futuros, expondo-ſe ás contingencias, de que depois ſe ſentiſſe D. Affonſo dos ultrajes feitos a ſua Mãi, que podia caſtigar nelles com a ſeveridade de Principe taõ juſto como elle veio a ſer. Naõ ſendo iſto de preſumir em vaſſallos obedientes, e illuminados, naõ o podendo executar D. Affonſo pelos ſeus annos tenros, evidente fica, que a batalha dada á Rainha, a ſua priſaõ em ferros, o deſterro do Conde de Traſtamara, tudo foi taõ falſo como o ſeu caſamento.

Do meſmo caracter ſe reveſte a ſonhada vinda de D. Affonſo VII. de

Caſ-

Caſtella a Portugal em ſoccorro da Rai- Era vulg.
nha preza ſua tia; a perda da batalha de Valdevez; ſahir ferido della, e deixar mortos no campo ſete Condes, tudo acontecido, como ſe dizia no meſmo anno de 1112, em que falleceo D. Henrique. D. Affonſo VII. naſceo em 1106, e tinha entaõ ſeis annos, tenra conſtituiçaõ para ſe bater na campanha, e apanhar duas lançadas. Demais, elle naõ entrou a reinar ſenaõ em 1123, onze annos depois da pertendida jornada a Portugal, e ſe elle entaõ naõ era Rei, como dava ſoccorros, e marchava como tal na teſta dos exercitos? Em todo aquelle tempo os ſeus Dominios andavaõ occupados na guerra, que lhe fazia ſeu Padraſto o Rei de Aragaõ, que o obrigou a refugiar-ſe em Galliza entregue á tutoria dos Grandes, e reſidente na caſa do ſeu Aio, como acabamos de ver.

Pelas meſmas ponderadas razões he impoſſivel, que no anno ſeguinte de 1113, o Rei que ainda naõ era de Caſtella, eſtimulado da ſua quebra em Valdevez, elle voltaſſe a Portugal

pa-

Era vulg. para a deſaffrontar ; que ſitiaſſe a ſeu Primo D. Affonſo Henriques em Guimarães , que o reduziſſe ao ultimo aperto ; que Egas Moniz , para o livrar delle , ſahiſſe ao campo ſem D. Affonſo o ſaber , e enganaſſe ao Caſtelhano com promeſſa em nome de ſeu Amo , de que lhe pagaria tributo nas Cortes de Leaõ , quando para ellas foſſe chamado ; que Egas Moniz foſſe com ſua mulher , e filhos , huns nûs , outros mal veſtidos com cordas ao peſcoço ſatisfazer o Rei por naõ querer D. Affonſo cumprir a palavra , que lhe déra em ſeu nome : Porque todos eſtes effeitos ceſſaõ faltando a ſua cauſa. O meſmo dizemos da excommunhaõ fulminada pelo Biſpo de Coimbra de ordem do Papa , que tambem he conſequencia das meſmas premiſſas , ellas , e a deducçaõ tudo falſo.

Nada ha de mais faceto , nem , que mereça ſer entranhado no centro do ridiculo como o mal repreſentado entremez do Biſpo negro , que anda em letra redonda , como ſe explica o

noſ-

noſſo Povo, e que D. Affonſo rebautizou, ordenou, ſagrou Biſpo, e forçou a celebrar a Miſſa. Rebautizou-o, ordenando-lhe, que em lugar do nome de Martinho, tomaſſe o de Soleima, que o Papa diſſe era o de ſeu Pai, talvez algum Mouro, como parece pelo nome: ordenou-o, dando-lhe o poder de Presbytero, que naõ tinha; ſagrou-o Biſpo ſem mais ceremonia, que dizer-lhe: Tu es biſpo: forçou-o a celebrar Miſſa naõ reſada de Clerigo ſimples; mas de Pontifical de Biſpo com bella aſſiſtencia de Conegos, e Clerigos, havendo D. Affonſo lançado a todos fóra da Igreja. Ora nós podemos deixar de ter por de mentecaptos, ou de inſolentes os juizos, em que couberaõ, e as pennas, que eſcrevêraõ ſemelhantes atrevimentos, infamias, ridicularias, deſprezos da Religiaõ, tudo imputado á Sagrada Peſſoa de hum Principe pio, religioſo, edificante, que veneramos ſanto? Iſto naõ foi injuriar enormemente a Mageſtade, e fazer huma irriſaõ atrevida á Naçaõ Portugueza, como ſe na vaſ- Era vulg.

ti-

Era vulg. tidaõ dos talentos dos homens illuminados houveſſe de caber huma multidaõ de demencias deſcompaſſadas?

Vamos a concluir com o Cardeal, que veio de Roma enſinar a Doutrina Chriſtã ao noſſo Principe; com a pergunta, que lhe fez na ſua chegada; com o roubo da ſua prata, e do ſeu ouro depois de lhe perdoar a vida; em fim com as circunſtancias, de que elle reveſtio a deſculpa, que deo ao Papa quando eſtranhou fazer elle a D. Affonſo promeſſas, e conceder indultos muito além da juriſdiçaõ, e authoridade, de que elle o reveſtíra. Logo aqui advertimos, que nos annos deſtes acontecimentos, os chamados Cardeaes naõ paſſavaõ de ſer huns Parrochos das Freguefias de Roma, homens de notoria probidade, e conhecida virtude, ſem a dignidade, e riquezas, que agora poſſuem, eſcolhidos para a ſua particular funçaõ, que era votarem nas eleiçoes dos Papas, e ſe evitarem pelo menor número de vogaes as deſordens, que vulgarmente aconteciaõ, quando votava todo o

Cle-

Clero de Roma. O augmento da Dignidade, a mudança da cor do veſtido para a encarnada, a permiſſaõ de terem rendas, e dominios, quem concedeo tudo mais amplamente aos Cardeaes foi o Papa Innocencio IV., hum Seculo depois de D. Affonſo Henriques, quando elles largáraõ as ſuas Parrochias. Era vulg.

A pergunta que ſe dizia fizera D. Affonſo ao Cardeal foi eſta: Cardeal, a que vindes aqui? Se me trazeis ouro, ou prata para eſtas guerras, daima já. He laſtima, que os vaſſallos Portuguezes authores da Tradiçaõ, e dos Eſcritos, aſſim punhaõ ao ſeu Principe na face do mundo, reduzido a tal eſtado de mendicidade, que logo de boa chegada pedio eſmóla a hum dos pobres Cardeaes de Roma, que entaõ mal tinhaõ o neceſſario para a paſſagem da vida. Pedio eſmóla querendo-a logo, e com tal preſſa, que ſe a trazia, havia dar-lha já, e ſem demora. Com eſta expreſſaõ nos deixáraõ aquelles homens a vergonhoſa memoria, de que o ſeu Principe eſtava re-

Era vulg. reduzido a eſtado extremo de miſeria, neceſſitado hum pobre de receber huma eſmóla de outro pobre. Se os ditos homens viveſſem hoje, bem póde ſer déſſem á pergunta de D. Affonſo o nome de ironia: mas nós lhes reſponderiamos, que ſempre injuriavaõ o Principe, por ſer muito alheio do ſeu decóro moſtrar, que zombava do Cardeal, quando elle vinha tratar materias taõ circumſpectas, e ſe o reſalvaſſem da mancha da pobreza, ſempre lhe deitavaõ em cima a nodoa da eſcuridade.

Concedamos que o Cardeal trouxeſſe ouro, e prata, como querem os meſmos homens, e ſejaõ ſó elles os que digaõ, que hum Principe como D. Affonſo Henriques, enriquecido de hum coraçaõ magnifico, lha roubára na eſtrada pública. Elle teve ao Cardeal na ſua Corte, e ſe pelo haver eſcandaliſado, mandaſſe nella fazer aprehenſaõ, poderia entender-ſe, que era huma repreſalia, em quanto o Cardeal naõ o ſatisfazia. Mas depois deſte ſair da Corte, ainda que fugindo; depois

de

de D. Affonſo, que pegou delle para o matar, lhe conceder a vida; depois do Cardeal o abſolver da excommunhaõ, e levantar o interdicto ao Reino; depois de lhe deixar ſeu ſobrinho em refens da certeza, de que o Papa lhe concederia quanto delle pertendeſſe: Perſuadirem-nos, que entaõ D. Affonſo naõ ſó lhe roubára o ouro, e prata; mas todas as cavalgaduras, deixando-lhe ſó tres para a jornada de Guimarães até Roma; nós que diremos, ſenaõ que aquelles temerarios homens, origens da infame Novella, concebêraõ ao ſeu Principe capaz de ſer ſalteador por avarento, ou a bom livrar, por pobre, e miſeravel. Era vulg.

As circunſtancias da imaginada deſculpa, que o Cardeal deo ao Papa por lhe eſtranhar o mal, que cumpríra os ſeus deveres, ſaõ concebidas neſtes precioſos termos, que já ficaõ eſcritos: Se vós viſſes lançar-ſe ſobre vós hum Cavalleiro valente, forte de membros, hum gigante no corpo, eſpantoſo á viſta, na imaginaçaõ offendido, que eſtas ſaõ as circunſtancias do Prin-

Era vulg. cipe de Portugal, que me ſahio ao caminho: elle já com huma das mãos apertando-vos a ganganta, na outra hum cutello para vos cortar a cabeça, e o ſeu cavallo taõ ſoberbo batendo, e cavando a terra, tambem com huma das mãos, como ſe vos eſtivera abrindo a ſepultura, eu fico bem certo, que vós tudo lhe concederieis, tudo lhe darieis, até a meſma dignidade Pontificia, ſe elle a quizeſſe. Ora notem-ſe eſtas circunſtancias evidentemente falſas, como o ſaõ a vinda do Cardeal, as excommunhões, os reſentimentos do Papa, e todo o tecido deſta reſpoſta naõ concebida por algum Cardeal; mas organiſada nos cerebros dos ſeus compoſitores.

Diſſe o Cardeal, que D. Affonſo Henriques era hum Cavalleiro valente. Eu duvido, que elle no meditado tempo já montaſſe a cavallo; mas ſe o fazia, como podia ſer eſtimado por Cavalleiro valente, ſe apenas teria cinco, ou ſeis annos; idade, em que ainda a natureza naõ fórma valentes? Elle na verdade foi muito valente Ca-

val-

valleiro; mas no tempo proprio de ſaber ſer Cavalleiro, e de poder ſer valente. Era forte de membros. Os membros nos córpos dos meninos naõ tem fortaleza, nem robuſtez, que eſſa ſó a deſcobrio a Fabula em Hercules, repreſentado ainda no berço, e já affogando nas mãos as ſerpentes, que cruel lhe arrojou a Deoſa Juno. Nós como do noſſo grande Principe naõ eſcrevemos fabulas, tambem naõ cremos, que diſſeſſe delle o Cardeal, que na idade de cinco, ou ſeis annos era forte de membros. Depois de homem foi elle de membros forte, e muito forte: em quanto menino os teve fracos como os outros da ſua idade. Era vulg.

Continuou o pertendido Cardeal, que era D. Affonſo hum gigante no corpo. Se elle já tinha os onze palmos de altura, com que o debuxaõ, e ſendo taõ proporcionado como o pintaõ, entaõ ſería forte de membros, e teria corpo naõ de gigante; mas de monſtro, que ſó por monſtro deve ſer reputado o corpo humano aos cinco, ou ſeis annos de naſcido com onze pal-

Era vulg. palmos de altura, e membros á proporçaõ. Os authores da Novella supponho quizeraõ encarecer, que o Cardeal, quando o Principe encarou com elle, concebeo tal medo, que se lhe representou forte de membros, e hum gigante no corpo; que esta he a propriedade do pavor representar de grande vulto até as pequenas sombras.

Que era espantoso na vista, prosegue o Cardeal na pintura de D. Affonso Henriques. Isto val tanto, como se elle retratasse a imagem de hum Polifemo, Anteaõ, ou Cyclópe, que ainda no caso de vir a ser algum dia espantoso na vista, nos annos em que a natureza imprime mais especiosidade nos semblantes, que saõ os da idade infantil, na qual estava entaõ D. Affonso Henriques, elle naõ podia na vista ser espantoso, como qualquer daquelles monstros. Ao contrario os nossos Historiadores, dizem delle nos tempos da mocidade, que era mui formoso na sua pessoa, bem talhado, com huma serenidade composta, que indicava o valor do espirito. Outros,

que

Era vulg.

que referem as ſuas exterioridades depois de homem, affirmaõ que tivera onze palmos de altura com membros á proporçaõ, o cabello louro eſcuro, bocca grande, roſto comprido, olhos reſgados, e vivos, naõ ſe notando nelle couſa, que naõ indicaſſe Mageſtade, e Soberania. Os ſeus retratos, que aſſim o repreſentaõ, o manifeſtaõ depois de homem reſpeitavel, e naõ eſpantoſo á viſta, que teria muito de agradavel quando mancebo. Elle foi filho de milagre, promettido a ſeu Pai pelo veneravel Monge Joaõ Cerita como prenda dada do Ceo, tambem milagroſamente curado pela Senhora de Carquere da moleſtia das pernas, com que naſcêra; e hum objecto merecedor da protecçaõ da Senhora, e das attenções do Ceo, naõ havia ſer nas monſtruoſidades eſpantoſo á viſta.

Convencido pois de falſo o caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara, e todas as ſuas conſequencias indignas de ſerem ouvidas, deixando já eſta impertinente materia, vamos a concluir com o Gover-

Era vulg. no da meſma Rainha na menoridade de ſeu filho D. Affonſo Henriques até renunciar nelle o Reino no anno de 1128, dous annos antes da ſua morte, tendo D. Affonſo dezanove de idade. Sendo pois certo, e indiſputavel, que elle eſtimou, e reſpeitou ſempre a Rainha ſua Mãi, como bom, e obediente filho: ella ſe occupava na adminiſtraçaõ dos negocios civís, e D. Affonſo de doze annos principiou a empregar-ſe no exercicio das armas, que o Pai lhe deixára por herança, e elle amava por inclinaçaõ. Como os Eſtados de Portugal eſtavaõ rodeados de Mouros, que naõ deixariaõ perder as occaſiões, que lhes offereciaõ as contínuas deſordens de Leaõ, Aragaõ, e Caſtella, o Governo de huma viuva em Portugal com o Succeſſor no berço; os Capitães da Rainha ſe conſervâraõ na defenſiva, eſperando os annos futuros do Principe para dilatar as conquiſtas, que tocavaõ á ſua repartiçaõ.

1119 A primeira empreza, em que o ſeu valor moſtrou aos dez annos de vida o que tinha de ſer ao diante,

foi

foi a defenſa de Coimbra no prolixo cerco, que lhe pôz o Mouro Eujuni, dizem que com trezentos mil homens. Animados os Chéfes, e os ſoldados com a preſença do Principe, que já lhes fazia ver como os impulſos da natureza o enſinavaõ a affrontar os perigos; elles fizeraõ huma defenſa taõ paſmoſa, que encheo de admiraçaõ o ſeu Seculo. Os Mouros, que viaõ prolongar o cerco mais do que elles penſáraõ: que por eſta cauſa lhe faltavaõ mantimentos; que os aſſolava huma devaſtadora péſte; que os ſitiados a cada inſtante lhe multiplicavaõ as mortes: elles levantáraõ o ſitio precipitados, deixando ás ſabias diſpoſiçõeſ da Rainha, e aos tyrocinios da corage do Principe huma gloria brilhante por deſpojo da victoria. Era vulg.

Creſcia D. Affonſo Henriques em annos, que já contava doze, em eſpiritos, que herdára com o ſangue, em forças, de que o dotou a natureza, e ſendo os primeiros taõ poucos, os ſegundos eraõ grandes, e as ultimas foraõ tamanhas, que nunca deſcarregá-

Era vulg. gáraõ golpe menos que mortal, e na ſua vida deo muitos. Para naõ paſſar a mocidade ocioſo, depois do cerco de Coimbra lhe permitio a Rainha ſahiſſe a campo com as criaturas da diſciplina de ſeu Pai o Conde D. Henrique, e ſe moſtraſſe huma imagem ſua aos Mouros de Leiria. Elle os fez atacar; a Praça depois de grande reſiſtencia ſe rendeo, e elle, com approvaçaõ da Rainha, a doou a S. Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, a quem tinha muita inclinaçaõ, para que o Moſteiro tiveſſe nella ambas as juriſdições eſpiritual, e temporal. Como D. Affonſo ſempre attribuío ao Ceo as ſuas victorias, eſta, que era as primicias dellas, a conſagrou a Deos para o ter propicio como ſenhor dos Exercitos, Deos das Batalhas. S. Theotonio pôz nella por Governador a Paio Guterres, homem esforçado, e pio, que ſaberia conſervar a primeira conquiſta do ſeu Principe, e a vantagem do Moſteiro.

Antes de ſe recolher á ſua Corte de Coimbra, D. Affonſo foi a Torres-

No-

Novas, e como ſe naõ baſtaſſe já ſenaõ a ſua viſta para conquiſtar Praças, na paſſagem ſe lhe entregou a de Torres-Novas. Das mais acçõẽs do Principe, e do governo de ſua Mãi até ao anno de 1128, em que ella lhe largou o Reino, nada ſabemos, ſepultando o ſilencio, ou o deſcuido a gloria dos Varões, que foraõ o ornato da Patria, o explendor do Reino, que naſcia, e a illuminaçaõ da Coroa do Principe, que principiava a ſer Soberano. A Rainha, em fim, ou por opprimida dos annos, e pezo do Governo, ou por querer paſſar em deſcanço, e dar ſó a Deos o reſto da vida, no anno de 1128, em que ſeu filho, como já diſſemos contava dezanove de idade; ella lhe renunciou, e fez entrega do Reino com as formalidades, que entaõ ſe praticavaõ. Era vulg. 1128

Entaõ a Rainha deſatada do vinculo dos cuidados, recolhida no ſeu interior, ſem lembrança do mundo, toda empregada em Deos, ſe entregou á direcçaõ de dous Pilotos deſtros para naõ errar a viagem da Eternidade, os

quaes

Era vulg. quaes foraõ S. Theotonio, e o Veneravel D. Tello, Luminares brilhantes do Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra. Dous annos depois da renuncia dos Eſtados viveo a Rainha em exercicios
1130 de piedade, que naõ ſe desfiguraõ com as inconſideradas impoſturas com que intentáraõ macular a ſua eſpecioſa memoria linguas atrevidas, ſordidas ignorancias, ou paixões temerarias. Ella acabou a carreira da vida no anno de 1130, e o ſeu nome ſempre deve ſer reſpeitavel entre os Portuguezes como illuſtre origem da liberdade do ſeu Reino, da reſtituiçaõ á ſua antiga dignidade, de o tirar do poder dos Reis de Leaõ, da ſugeiçaõ dos eſtranhos, ſempre Senhora grande para nós, como filha do grande Imperador das Heſpanhas D. Affonſo VI. . como eſpoſa do magnifico Conde D. Henrique, fructo precioſo da fecunda caſa de Borgonha, como Mãi do magnanimo Heróe D. Affonſo Henriques, primeiro Rei de Portugal, ornamento mais brilhante dos Faſtos Luſitanos, e aſſumpto immortal nas cem boccas dos clarins da Fama.

FIM. IN-

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO IV.

CAP. I. *Succeſſos da Luſitania no primeiro Seculo depois de Jeſu Chriſto.* 3
- - II. *Succeſſos da Luſitania até a entrada das Nações Barbaras no ſeu Continente.* 21
- - III. *Succeſſos da Luſitania até a entrada dos Godos em Heſpanha.* 34
- - IV. *Principio das invasões dos Godos na Europa até ſe fazerem ſenhores de Heſpanha.* 47
- - V. *Do que ſuccedeo na Luſitania depois da diviſaõ entre os Reis eleitos Maſdra, e Franta.* . . 62

LIVRO V.

CAP. I. *Continuaçaõ do Reinado dos Godos, contraido a Heſpanha, deſde Agila até ao Catholico Rei Recaredo.* 76
- - II. *Trata-ſe da ſucceſſaõ dos Reis Godos depois de Recaredo I., em que dominaráraõ toda Heſpanha.* . 88

CAP.

CAP. III. *Eſtado da Igreja Luſitana, e Prelados, que nella floreceraõ depois do ſeu eſtabelecimento até a invaſaõ, e dominio dos Mouros em Heſpanha.* 101

- - IV. *Proſegue-ſe a meſma materia do eſtado da Igreja Luſitana no tempo dos Reis Godos.* 118

- - V. *Continuaçaõ do Reinado dos Godos depois da morte do religioſo Tulga, e da do ſeu Succeſſor Chindaſuindo.* 129

LIVRO VI.

CAP. I. *Do Governo de Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e invaſaõ dos Mouros em Heſpanha.* . . . 147

- - II. *Os Mouros conquiſtaõ o Reino de Heſpanha, e em breve reſumo ſe eſcrevem os ſucceſſos deſta conquiſta.* 164

- - III. *Revoluções de Heſpanha no meſmo reinado de D. Affonſo II., e continuaçaõ da guerra dos Mouros.* 185

- - IV. *Continua-ſe com a narraçaõ dos Succeſſos da Luſitania no Reinado de D. Ordonho, e de outros Reis de Leaõ ſeus Succeſſores.* 209

- - V. *Outros acontecimentos no Reinado*

do de D. Bermudo II., e nos dos ſeus Succeſſores. 228

LIVRO VII.

CAP. I. *Das acções de D. Fernando o Grande.* 249
- - II. *D. Sancho de Caſtella uſurpa a ſeu irmaõ D. Garcia os Reinos de Portugal, e Galliza.* . . 262
- - III. *Das ultimas acções do Rei D. Affonſo VI. até dar Portugal em dote a ſua filha D. Thereſa para caſar com o Conde D. Henrique.* . . 278
- - IV. *Progreſſos da Religiaõ, e do Eſtado Eccleſiaſtico de Portugal depois da invaſaõ dos Mouros até ao tempo do Conde D. Henrique.* . . . 293
- - V. *Trata-ſe da vinda do Conde D. Henrique a Heſpanha, e o que nella obrou até ao anno de 1093, em que Portugal lhe foi dado em dote pelo ſeu caſamento com D. Thereſa.* . 304

LIVRO VIII.

CAP. I. *O Conde D Henrique, depois de Soberano de Portugal, vem para eſte Rei-*

Reino com ſua mulher, e ſe trata das qualidades deſtes Principes. . 320
- - II. *Se D. Henrique, e ſua mulher D. Thereſa haõ de ſer eſtimados ſó por Condes Soberanos, ou reconhecidos legitimos Reis de Portugal.* . . 328
- - III. *Trata-ſe a duvidoſa paſſagem hiſtorica da jornada do Conde D. Henrique á Paleſtina em huma das Cruzadas.* 344
- - IV. *Das acçõeſ do Conde D. Henrique depois que foi ſenhor do Reino de Portugal.* 355
- - V. *A Rainha D. Thereſa governa o Reino de Portugal, de que era ſenhora, depois da morte do Conde D. Henrique ſeu marido, e na menoridade de ſeu filho o Infante D. Affonſo Henriques.* 373
- - VI. *Moſtra-ſe ſer falſo o caſamento de D. Thereſa com o Conde de Traſtamara, as reſultas, que delle ſe ſeguiraõ, e ſe concluem os ſucceſſos da ſua vida até largar o Reino a ſeu filho D. Affonſo Henriques.* 392
- - VII. *Moſtra-ſe a falſidade das reſultas do caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara.* 410